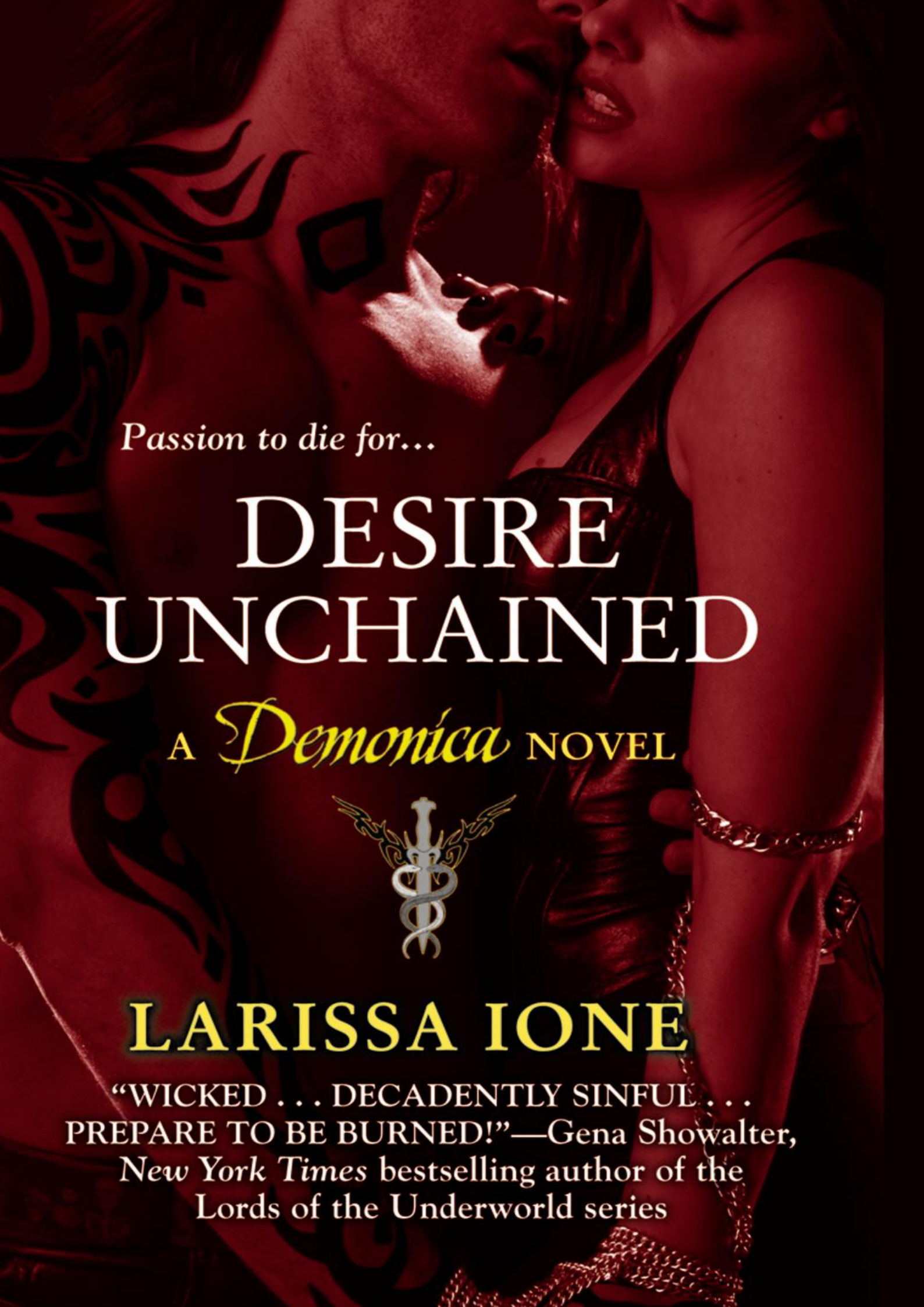




Passion to die for...

DESIRE UNCHAINED

A *Demonica* NOVEL



LARISSA IONE

"WICKED . . . DECADENTLY SINFUL . . .
PREPARE TO BE BURNED!"—Gena Showalter,
New York Times bestselling author of the
Lords of the Underworld series





DESIRE UNCHAINED

A *Demonica* NOVEL



LARISSA IONE

Runa Wagner nunca pretendeu apaixonar-se pelo estranho sexy que parecia saber seus desejos mais profundos. Mas não pôde resistir à incrível paixão que os consumiu, uma paixão que morreu quando descobriu a traição dele e se encontrou mudada para sempre. Agora, determinada a fazer Shade pagar pela transformação que a assombra, Runa o procura e acaba prisioneira do pior inimigo dele.

Um demônio Seminus com uma maldição de amor que o ameaça a um tormento eterno, Shade esperava ter deixado Runa e seu charme irresistível para trás. Mas quando acorda em uma masmorra escura acorrentado perto de uma raivosa e misteriosamente poderosa Runa, ele percebe que o efeito que ela exerce sobre ele está mais perigoso do que nunca. Quando o sequestrador deles lança um feitiço que os força a ser companheiros, Shade e Runa têm que lutar pelas suas vidas e seus corações – ou sucumbir aos planos malignos de um louco.



AFTER DARK



Agradecimentos

A escrita pode ser um processo bastante solitário, mas para fazer um livro, tantas pessoas são envolvidas.

Obrigado ao maravilhoso departamento de arte, no Grand Central Publishing, que são verdadeiramente surpreendentes.

E um enorme agradecimento a minha maravilhosa agente, Roberta Brown, por fazer este livro possível, e idem para a minha brilhante editora, Amy Pierpont, sua orientação foi inestimável. Eu tenho muita sorte de ter tanto de vocês.

Eu também sou abençoada com amigos que largam tudo para dar uma lida rápida ou crítica, então eu preciso dar os meus mais profundos agradecimentos a Lara Adrian e Tyler Stephanie. Devo a vocês!





Glossário

O Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Veja: Guardiões, regente, Sigil.

Carceris – Os carcereiros do submundo. Todas as espécies de demônios enviam representantes para servir no Carceris. Os membros do Carceris são responsáveis pela apreensão de demônios acusados de violar a lei dos demônios e por atuar como guardas nas prisões dos Carceris.

Conselho – Todas as espécies e raças de demônios são regidas por um Conselho, que faz as leis e aplica a punição para cada membro de sua espécie ou raça.

Dresdiin – O equivalente a demônio dos anjos.

Guardiões – Guerreiros para o Aegis, treinados em técnicas de combate, armas, magia. Após a introdução no Aegis, todos os Guardiões são presenteados com um pedaço encantado de jóias contendo o escudo Aegis, que, entre outras coisas, permite a visão noturna e capacidade de ver através do encantamento de invisibilidade demoníaca.

Harrowgate – Portais verticais, invisível para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais na Terra e Sheoul.

Infadre – A fêmea de qualquer espécie de demônio, que tem sido fecundada por um demônio Seminus.

Maleconcio – Mais alto nível de regras de demônio, servido por um representante de cada uma das espécies do Conselho. Como as Nações Unidas, do mundo dos demônios.

Orgesu – A escrava sexual demônio, muitas vezes tomada de raças criadas especificamente para a finalidade de fornecer sexo.

Regente – Chefe de uma célula Aegis local.



S'genesis – Ciclo de maturação final de demônios Seminus. Ocorre com cem anos de idade. Os machos S'genesis são capazes de procriar e possuem a habilidade de mudar de forma para qualquer espécie de demônio masculino.

Sheoul – Reino Demoníaco. Localizado nas entranhas da terra, acessível somente por Harrowgates.

Sheoulic – Língua universal dos demônios, falada por todos, embora muitas espécies falem sua própria língua.

Sigil – Junta de doze humanos conhecidos como Anciães, que servem como os líderes supremos do Aegis. Com sede em Berlim, supervisionam todas as células Aegis por todo o mundo.

Ter'taceo – Demônios que podem se passar por humanos, porque sua espécie tem a aparência naturalmente humana, ou também porque eles podem se transformar na forma humana.

Therionidryō – Termo que uma besta usa para uma pessoa que ele/ela mordeu e se transformou em outra besta.

Therionidrysi – Qualquer sobrevivente de um ataque de uma besta. Termo usado para explicar a relação entre o pai e seu therionidryō.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e todos os humanos do mal podem ser categorizados em cinco Tiers, com o Quinto Tier composto pelo pior dos perversos.

Classificação dos demônios, enumeradas por Baradoc, demônio Umber, utilizando a raça demônio, Seminus, como exemplo:

Reino: Animalia

Classe: Demônio

Família: Demônio Sexual

Gênero: Terrestre

Espécie: Incubus

Raça: Seminus



Prólogo

Três anos atrás...

— Ele se foi. Vamos anunciar.

Shade ignorou seu parceiro e triturou outra série de compressões no peito do metamorfo. Sob as palmas das mãos, as costelas quebradas ralavam a cada curso descendente.

Um-mil, pressione. Dois-mil, pressione. O próprio coração de Shade estava batendo, bombeando sangue suficiente por minuto para abastecer o gerador térmico do Hospital Geral do Submundo, mas o coração do paciente não fazia mais do que faiscar. Três- mil, pressione.

Os músculos da coxa de Shade gritavam de dor, câibras após Deus sabe quanto tempo ajoelhado no sangue ao lado do paciente. Quatro-mil, pressione. Um formigamento se espalhou pela dermoire¹ que envolvia seu braço e seu ombro direito para a mão, quando ele usou seu especializado dom para forçar o coração do paciente a bater.

— Shade. Pare. — Skulk, a meia irmã e parceira paramédica de Shade, colocou a delicada mão em seu braço cinza. — Fizemos tudo que podíamos.

Saber que Skulk estava certa não fez ser mais fácil ele desistir e Shade não tinha fôlego suficiente em seus pulmões para amaldiçoar isso. Ofegante, ele deixou o CPR e sentou-se sobre os calcanhares no chão, sujeira espalhada pela cervejaria abandonada. Seus braços tremiam pelo esforço e seu estetoscópio estava pendurado pesadamente em volta do pescoço.

Ele rangeu os dentes quando olhou dentro dos olhos vítreos do seu paciente falecido. A vítima era apenas um garoto. Quatorze anos, talvez. Ele provavelmente só recentemente aprendeu como mudar de sua forma humana para qualquer espécie que sua família pertencesse. A

¹ Tatuagem.





denunciante marca de nascença de um verdadeiro Shifter, uma marca vermelha e em forma de estrela atrás da orelha esquerda, mal formada.

— Isso é besteira, — Shade murmurou, ficando de pé. Perto dali, os dois Falsos Anjos que ligaram para reportar ao hospital se levantaram, suas aparências doces e virginais desmentidas pelo brilho sinistro nos olhos.

— Você não viu quem o deixou aqui? — Ele perguntou.

Um dos anjos impostores balançou a cabeça, seus cabelos dourados balançando contra o seu vestido branco. — Ele só estava lá deitado. Pacífico.

— Ele parecia estar em paz com metade de seus órgãos faltando?

O outro falso anjo sorriu. — Irritado, irritado. — Ela arrastou os dedos sugestivamente ao longo do decote do vestido que nenhum anjo verdadeiro usaria. — Que tal nós o ajudarmos a relaxar, incubus?

— Sim, — a outra rugiu. — Eu sempre amei um homem de uniforme.

O primeiro Falso Anjo assentiu. — Veragoth desfruta de assombrar as delegacias de polícia.

— Mmm... — A fêmea chamada Veragoth rodou um fio de cabelo em torno de um dedo e varreu seu olhar faminto do rosto para os pés. — Mas eu estou começando a achar que eu deveria estar saindo com paramédicos.

Sim, seu uniforme médico preto em estilo militar deixava todas do sexo feminino excitadas, mesmo quando ele não estava atirando os feromônios foda-me que vinham como padrão para os demônios Seminus... Mas dessa vez, Shade não tinha vontade de ficar nu, com duas belas mulheres. Ele estava exausto, irritado e condenadamente cansado da mais recente onda de mutilações de demônios. Pior, ninguém estava preocupado por alguém estar cortando demônios e suas partes sendo vendidas no mercado negro do submundo. Isso vinha acontecendo desde que o tempo começou, mas poucos se preocupavam.

Shade se importava.

Ele era o imbecil que era chamado para cenas em que raramente fazia a diferença ou não se a vítima morreu. A maioria estava longe demais. Ou estava morta.

Skulk guardou seu rádio e procurou na bolsa de paramédicos um novo par de luvas.



— Desde que shifters não se desintegram na superfície, Dr. E. quer o corpo. Vamos recolhê-lo. Terminamos aqui.

Terminamos aqui. Muitas chamadas terminavam assim ultimamente.

Amaldiçoando, Shade ajudou Skulk a carregar o corpo do garoto em uma maca e levá-lo para a plataforma. A ambulância preta, uma das duas a serviço do Hospital Geral do Submundo, era protegida por um feitiço que a tornava imperceptível para os seres humanos, mas aqui, a capa não era necessária. Eles estavam numa zona calma da cidade de Nova York, uma área anteriormente industrializada que tinha sido abandonada durante a Lei Seca e só agora começaram a construir de novo como um bairro residencial.

— Vamos nessa — Shade disse, e fechou as portas traseiras da sonda.

Era a vez de Skulk conduzir, de forma que Shade subiu no banco do passageiro, jogou um chiclete na boca e se concentrou no preenchimento da folha de operações.

Principal queixa do paciente? *Amortecimento devido à remoção de órgãos.*

Resposta do paciente ao tratamento? *Ainda malditamente morto.*

— Filho da puta. — Shade tirou a caneta no travessão. — Isso é uma bosta — Ele cortou, de repente, sacudido por um estrondo dentro dele, um terremoto em sua própria alma. Dor rolou a partir do epicentro, se espalhando por seu corpo até que o tsunami de agonia bateu-o para trás em seu assento.

— Shade? O que é isso? *Shade?* — Skulk sacudiu seu ombro, mas ele mal notou. Ele abriu a porta, agradecido que não tinham saído ainda e caiu do veículo.

Seus joelhos bateram no pavimento com um estalo que ouviu através do rugido de sangue em seus ouvidos. Dobrado, ele passou os braços ao redor de seu intestino. Escuridão envolveu sua visão, o seu cérebro. Um de seus irmãos foi morto. Quem? Deus, quem?

Ele alcançou sua mente para manter contato com Wraith, o irmão que não podia ser mais o seu oposto, mas com quem Shade tinha uma conexão exclusiva. Nada. Ele não conseguia sentir Wraith. Lutando por cada respiração, ele alcançou a fraca conexão com Eidolon, mas, novamente, nada. Ele não podia sentir Roag, tampouco.



No fundo, ele ouviu Skulk falando em seu telefone celular com Solice, a enfermeira de triagem de plantão no hospital. — Onde estão os irmãos de Shade? Eu preciso saber. Agora!

— Skulk... — ele engasgou.

Ela se ajoelhou ao lado dele. — Aguenta. — Ela ouviu o telefone por um momento. — Ok, Solice diz que Roag foi para Brimstone. Ela está um pouco brava, porque ele não a levaria com ele, mas está se preparando para ir para lá agora. Ela não sabe onde está E. e Wraith. Eles se recusaram a ir com Roag.

Não é um choque. Nenhum Seminus no seu perfeito juízo iria pisar num bar onde demônios femininos da luxúria poderiam o manter prisioneiro por dias, ou pior, enviá-lo para a morte nas garras de um homem ciumento. Mas então, Roag nunca tinha estado com sua mente direita.

Shade gemeu, engoliu sentindo-se doente. Gradualmente, um pontinho de luz atravessou a escuridão.

Wraith. Ele podia sentir a força de vida de Wraith. Graças aos deuses. Alívio fez seus ombros caírem, mas apenas por um segundo. Ele não podia sentir Eidolon. Cegamente, ele estendeu a mão como se ele pudesse tocar seu irmão. Skulk pegou seu braço, os dedos entrelaçados através dele.

— Respire, Paleshadow — ela sussurrou, usando o apelido de infância que ela lhe dera a mais de oitenta anos atrás. — Nós vamos passar por isso.

Não se E. estiver morto. Merda, ele era o irmão que mantinha todos os níveis, que manteve Roag na linha e Wraith vivo.

Consciência penetrou através dele. Eidolon. Ele estava seguro.

A dor desapareceu, mas um atroz e doente vazio perfurou mais um buraco na alma de Shade. Demônios Seminus estavam ligados a todos os seus irmãos e, quando um morria, ele tirava um pedaço de seus irmãos sobreviventes com ele. Trinta e sete mortes mais tarde, Shade sentia-se como um coador.

— Quem foi? — Skulk perguntou suavemente.

— Roag. — Ele respirou profundamente, estremeando. — Foi Roag.

— Sinto muito.





— Eu também — ele disse, mas foi uma resposta automática. Por mais que odiasse admití-lo, o mundo era agora um lugar melhor.





Capítulo Um

Ao andar pelo “vale das sombras”, lembre-se, uma sombra é projetada por uma Luz.

—Austin O'Malley

Tinha se passado, pelo menos, duas décadas desde que Shade havia despertado em um chão estranho, de ressaca e sem uma pista sobre o seu paradeiro. O peso de uma algema em torno de seu pulso e o som de uma corrente ruidosa o fez sorrir. Tinha se passado ainda mais tempo desde que esteve nessa situação e acorrentado.

Legal.

Claro, ele preferia que as fêmeas fossem acorrentadas ao invés dele, mas ele tinha que lidar com isso.

— Shade.

A voz feminina soou familiar, mas ele não conseguia identificá-la através do toque em seus ouvidos. Ele não conseguia abrir os olhos, tampouco.

— Shade. Acorde. — Uma mão balançou seu ombro, não gentilmente, como seria de esperar uma fêmea fazer depois de passar uma noite com ele. Inferno, ela deveria estar acordando-o com sua boca na dele — Shade, caramba, acorde!

Gemendo, ele rolou de costas, encolhendo-se na dor surda batendo contra a parte de trás de seu crânio. — Estou acordado, baby. Estou acordado. Levantando. Eu vou chegar lá.

— Obrigada, vou passar. Mas me chame de baby novamente e eu vou arrancar seus lábios.

Shade abriu os olhos. Piscou para o rosto borrado olhando para ele.

Piscou novamente.





— Runa?

— Você se lembra do meu nome? Perdoe-me enquanto eu desmaio de choque.

O sarcasmo não era necessário, mas sim, ele lembrava o nome dela. Ela tinha sido a humana mais quente que ele já trouxe para sua cama. Cabelos longos e castanhos caramelados, que pareciam a seda mais macia em seu peito, abdômen, coxas, enquanto ela beijava seu caminho para baixo no corpo dele. Completa, lábios sensuais que tinham curvas em sorrisos perversos dignos de seus sonhos mais selvagens, pálidos olhos champanhe que complementavam a pele suave e dourada que tinha derretido como açúcar mascavo debaixo de sua língua. Mas ele não a tinha visto em quase um ano. Não desde a noite que ela fugiu e caiu sobre a face da terra.

— Porque você está aqui? Porque eu estou aqui? — Ele apertou os olhos na escuridão nebulosa. — Onde é aqui? — Seu primeiro pensamento foi que talvez O Aegis o houvesse capturado, mas este lugar era muito assustador, mesmo para aqueles bastardos assassinos de demônios.

— Você pode se sentar? — Runa o ajudou a subir, muito rapidamente e sua cabeça girou. Ela o empurrou contra uma parede com mais força do que ele esperava. Ele não resistiu, grato pela pedra fria e úmida, que facilitou sua náusea.

— Responda minha pergunta — ele disse, porque já suspeitava que isso não era uma ressaca sexual, o que significava que não poderia haver uma boa razão para ser acorrentado e se sentir como uma merda com uma mulher que provavelmente queria lhe causar algum dano.

Runa bufou. — Você ainda é um arrogante idiota.

— Chocada, hein?

— Na verdade, não — Sua mão desceu sobre a testa dele, como se verificando febre, mas como uma humana, ela não tinha idéia de que sua temperatura normal era alta e ele a empurrou para longe. Além disso, o toque dela fez sua temperatura levantar ainda mais, algo que ele definitivamente não precisava.

— Bem? Onde nós estamos? — eles pareciam estar em algum tipo de cela dentro de um recinto maior, talvez uma masmorra. Algo escorria incessantemente, palha cobria o chão e velas queimavam em castiçais de ferro nas paredes de pedra.

Sinos do inferno, ele tinha sido escalado para um filme de terror de baixa qualidade.





— Eu não sei onde estamos. Parece que temos quatro captores... Pelo menos, quatro demônios diferentes têm vindo aqui para nos alimentar. Eles se chamam de Keepers.

Sim, isso era definitivamente ruim. — Nós?

— Estive aqui por uma semana. Existem alguns outros em celas. Os Keepers tiram alguns e trazem outros.

Pela primeira vez, Shade olhou para si mesmo, viu as correntes pesadas ligadas ao seu pulso esquerdo e tornozelo. Runa foi fixada à parede oposta com uma algema em seu tornozelo direito. Ela usava jeans e um suéter apertado, sem mangas, que ele teria apreciado se não fosse pelo fato de que ele estava sendo mantido prisioneiro. Ela parecia diferente do que ele se lembrava, também. Quando eles tinham namorado – se enroscarem-se como coelhos pudesse ser chamado de namoro – ela fora tímida, carente e fácil de controlar, o que tinha alimentado sua necessidade de dominar, mas que em última análise se tornou chato.

Sob as vestimentas conservadoras e calças largas que ela usava, ela estivera um pouco arredondada, macia, até. Mas agora... *Sagrada gostosa*. Ela ganhara músculos e ele jurava que ela ficara mais alta.

Seu jeans bem-vestido caía como uma luva e o suéter preto esticado nos seios que estavam definitivamente menores do que tinham sido, perfeitos para suas mãos. Sua boca.

E esta linha de pensamento não estava fazendo nada além de o deixar duro em uma situação extremamente inapropriada.

Então de novo, como um demônio Seminus, ele era sempre muito duro.

— Quando eu fui trazido para cá?

— Na noite passada.

Ele balançou a cabeça, tentando soltar o congestionamento que tinha atolado seus pensamentos e memórias. Noite passada... Noite passada... O que ele estivera fazendo? Espera... Ele estava usando seu uniforme de paramédico. Ele se lembrava de ter ido ao trabalho, se apresentado a Eidolon e entrado em uma briga com Wraith. Seu mais novo médico, um humano chamado Kynan, tinha acabado com a briga regando ambos com um saco de soro fisiológico.



O mesmo velho, mesmo velho na primeira e única unidade de tratamento médico para demônios. Shade e Skulk tinham saído em uma chamada, um vampiro ferido em uma unidade de embalagem de carnes de Nova York. Eles tinham entrado no prédio, mas a partir daí, sua memória tirou uma licença de ausência.

— Mais alguém foi trazido comigo? Uma fêmea?

— A demônio Umber?

Seu coração trovejou como uma britadeira. — Uma Umber veio comigo? — Runa assentiu e ele não parou para pensar como ela sequer sabia o que era um demônio Umber.

— Onde ela está?

— Você está dormindo com ela? — Seu tom afiado rachou no ar úmido.

— Ela é minha irmã e eu não tenho tempo para o seu ciúme.

— Parece-me que você não tem nada, a não ser tempo — Runa disse, mas sua voz tinha amolecido. — Desculpe-me. Eu não sei o que eles fizeram com a sua irmã. Eles a levaram embora há pouco tempo atrás. — Ela mudou para longe dele e ele percebeu que ela estava bem no fim de sua corrente.

— Você não se parece com ela.

Ele não ofereceu uma explicação para o fato de que ele e sua irmã eram de espécies diferentes e ela não perguntou. Ao invés disso, ela observou-o enquanto ele olhava para as barras na porta da cela deles e se perguntava o quão resistentes elas eram. Então novamente, elas poderiam ser de papel o que não serviria de nada se ele não pudesse quebrar as correntes que o amarravam na parede.

— Nossa melhor chance de escapar não acontecerá até que eles venham para nós — ela disse.

— Você disse que eles a alimentam.

— Sim, mas eles empurram a comida e a água com uma vara. Eles não vão chegar perto.

— Quem são eles?

— Eu acho... Eu acho que eles são o que vocês demônios se referem como Ghouls.



A pressão sanguínea de Shade foi ao fundo do poço. — O quê? Como você sabe?

— Foi assim que alguém em uma outra cela o chamou.

Ghouls. Não o tipo que os humanos temiam, os comedores de carne do conhecimento. Não, Ghouls são o que os demônios temiam – bem, depois dos assassinos Aegis, de qualquer maneira. Ghoul era um nome dado a qualquer um – demônios ou humanos – que sequestravam vampiros, metamorfos e demônios para ceifar as partes do corpo para venda no mercado negro do submundo. Os Ghouls sempre foram perversos, mas suas operações tinham tomado um rumo ainda mais sinistro no último par de anos. Agora, ao invés de simplesmente tomar partes do corpo, eles faziam isso enquanto a vítima estava viva.

Ano passado, Shade e seus irmãos tinham prejudicado a operação. A companheira de Eidolon, uma mestiça chamada Tayla, ajudou a extirpar os humanos que estiveram secretamente trabalhando com os demônios na posição de colhedores de órgão no círculo.

A população de demônios tinha apreciado alguns meses de espaço para respirar e, em seguida, de repente, um par de meses atrás, os desaparecimentos e mutilações tinham começado novamente, tão sangrentos como sempre.

A porta no final do corredor escuro explodiu aberta e o som de passos ecoou pela masmorra. Shade se preparou para uma luta, mas os invasores pararam antes de chegar à cela onde ele e Runa sentavam-se quietamente. Esperando.

Não foi até que os gritos começaram que Shade realmente percebeu o problema em que estava.



Runa Wagner sentou-se em seu pequeno monte de palha, ouvindo os gritos de alguma mulher quando os Keepers arrastavam-na para longe para o que provavelmente seria uma morte horrível.

Shade estava austero, sua expressão não revelava como ele se sentia a respeito do que estava acontecendo ao redor deles e ela cuidadosamente instruiu sua própria expressão a mudar.





Exceto por não haver nenhuma maneira que ela pudesse fazer seus olhos serem tão lisos e frios como os olhos negros dele podiam, de nenhum jeito ela poderia fazer sua mandíbula fazer aquela chiadeira, coisa rígida que o fez parecer como se estivesse afiando os dentes nos ossos.

Ameaça irradiava dele, tão palpável quanto o perigo que os cercava. Ele puxou suas correntes, mas descobriu, como ela, que eles foram designados para ter uma punição mais severa do que qualquer um deles poderia repartir.

Ele virou para ela e, embora sua leitura corporal não tivesse nada sexual, ela sentiu uma agitação em lugares que acreditava estarem mortos. Morto, porque ele matara-os.

— Eles machucaram você?

— Não desde que me trouxeram para cá — Ela calculou que ostentava um olho roxo da pancada no rosto que tinha levado, mas além de alguns arranhões e contusões, ela estava bem.

— Você tem certeza? — ele mudou os joelhos e agarrou a panturrilha dela com a mão livre. Runa recuou, mas ele a segurou facilmente.

— Não me toque.

— Calma, querida. Estou apenas fazendo uma verificação do sistema. — Sua voz era áspera e ressonante, sensual sem sequer tentar. — Você costumava gostar quando eu te tocava.

— Sim, bem, isso foi antes de eu pegar você na cama com duas vampiras. Oh, e antes de eu descobrir que você era um demônio.

— Apenas uma era vampira.

Ela chupou em uma respiração raivosa. — Isso é tudo o que você tem a dizer de si mesmo?

— Eu não sou do tipo falador.

— Inacreditável — ela murmurou. — Você me iluiu, me enganou e você não pode sequer se incomodar com um Desculpe-me?

Ele tirou sua mão e sentou-se em seu quadril, uma perna dobrada debaixo dele, a outra na vertical em seu joelho. Ele olhou para a parede, seu cabelo preto na altura dos ombros caindo para frente para esconder sua expressão. — Desculpe-me se você pensou que eu era humano. Eu nunca disse que era.





— Me chame de louca, mas isso é realmente algo que eu deveria ter pensado em perguntar?
— ela cuspiu. — Eu acho que deveria ter, porque eu poderia não ter ficado tão chocada ao ver uma vampira real e uma... o que quer que seja que estava em sua cama.

— Você não deveria vir para minha casa naquela noite. Você disse que estava ocupada.

— Eu queria fazer uma surpresa.

E ela fizera isso, tudo bem. Ela entrou em seu apartamento, com os braços cheios de ingredientes para uma refeição romântica. Assim que ela entrou pela porta, ela ouviu os barulhos vindos de seu quarto. Seu estômago rolando com mau pressentimento, ela se arrastou pelo corredor até a porta aberta.

Shade estava de costas, de lado na cama, as pernas balançando sobre a borda. Uma mulher nua o montou, cavalgando-o devagar, o rosto enterrado em sua garganta. Runa deve ter feito um som, porque ele virou a cabeça e olhou para ela com olhos brilhando em ouro. Loucamente, a primeira coisa que veio a mente foi que ela nunca tinha visto seus olhos enquanto eles estavam fazendo amor. Ele sempre os fechava, enterrava o rosto no pescoço dela, ou a levava por trás.

— Junta-se a nós? — ele perguntou e foi quando Runa notou a outra mulher ajoelhada no chão, com o rosto entre as pernas dele.

A mulher em cima dele levantou a cabeça. Sangue escorria pelo seu queixo e, quando ela sorriu, suas presas brilharam. Uma coleira de couro com pontas de ferro rodeava seu pescoço, a corrente ligada a ela terminando no punho de Shade.

Enquanto Runa estava lá em estado de choque e horror, a mulher curvada pegou com a língua os mamilos dele e pegou seu ritmo. Shade gemeu, segurou o quadril da mulher e se arqueou para ela. Runa tinha fugido. Soluçando, ela tinha corrido – de um pesadelo para outro.

— Você disse que estava ocupada — Shade repetiu, fixando-a com um olhar penetrante. — Eu não estava esperando você.

— Então isso torna certo o que você fez? Quando você começou a foder com outras por aí?

Ele apoiou o cotovelo no joelho, de alguma forma conseguindo parecer casual, como se fosse capturado por Ghouls todo o tempo e talvez estivesse aproveitando isso um pouco. — Não faça perguntas que você não quer saber as respostas.



— Oh, eu quero saber.

— Não acho que você queira.

— Você é um imbecil.

— Me diga algo que eu não saiba.

— Eu estava apaixonada por você — O silêncio caiu como um machado do carrasco. Oh, Deus. Ela tinha dito isso? Em voz alta? Se a forma como o sangue correu do rosto dele fosse qualquer indicação, então sim, ela abriu seu grande falatório e fez a si mesma de boba.

— Não se preocupe, — ela disse rapidamente, — eu superei isso. Superei você.

Ele se inclinou para frente. — Ótimo. Você sabe o que eu sou? O que eu realmente sou?

— Você é um demônio Seminus — Ela olhou para as marcas pretas que corriam dos dedos da mão direita dele todo o caminho até o pescoço, tatuagens que ela tinha pensado que eram somente isso, tatuagens. Mas ela já aprendeu que eram algo com que ele tinha nascido, uma história de sua paternidade voltado a dezenas de gerações. O símbolo do topo, um olho cego logo abaixo do queixo, era sua marca pessoal, que teria surgido na sequência da sua primeira fase de amadurecimento com a idade de vinte anos.

— E?

Ela sorriu com força. — Eu passei meses pesquisando a sua espécie depois daquela noite — Não que muita informação estivesse disponível. Oh, incubus tinham sido meticulosamente documentados, mas a sua raça em particular, Seminus, era tão rara que ela desenterrou apenas detalhes incompletos.

— Então você conhece a minha natureza...

— Sua natureza? — A raiva a inundou, raiva que ela pensou ter enterrado. — Eu entendo que você praticamente vive em um estado de excitação perpétua. Eu entendo que a sua necessidade de sexo é quase incontrolável. Mas você sabe o quê? Eu não dou a mínima. Você me enganou para ter sexo com você. Usou seus truques e feromônios incubus. Você mentiu para mim, me fez pensar que era humano. — Ela poderia ir além, sobre como traída e enojada ela tinha sido quando ela soube a verdade, mas ao final, o que aconteceu depois que ela fugiu de seu apartamento era o que importava. — Você arruinou a minha vida — ela estalou.



Bem, ela mesma tinha feito isso muito antes de Shade entrar em seu café, mas ele definitivamente tinha feito as coisas piores.

— Merda — ele murmurou. — Veja, é por isso que eu faço disso uma regra de não dormir com uma humana mais de uma vez. Suas fêmeas são grudentas.

Ela olhou. Cuspiu. — Você está brincando comigo? Você acha que a minha vida foi arruinada porque você me seduziu e então quebrou meu coração?

— Bem, sim — ele disse, encolhendo os ombros largos.

Que. Idiota.

Rosnando, ela saltou para agachar agressivamente tão rápido que ele recuou. Suas correntes sacudiram enquanto ela tremia com a força de sua raiva. Sua pele arrepiou, apertando, sua gengiva doía e ela sabia que estava perigosamente perto de deixar sair sua fera interior.

— Seu filho da puta arrogante. — Ela bateu com a palma da mão em seu peito, ficou excitada ao ouvi-lo grunhir. — Eu fiquei chateada aquela noite, mas eu teria superado isso. Pena que eu nunca tive a chance. Veja, depois que eu deixei seu apartamento, eu fui atacada, rasgada e deixada para morrer. Você poderia ter sabido se não tivesse alguma vampira vagabunda fedorenta gritando seu nome. Você poderia ter me ouvido gritar.

O olhar de Shade aguçou sobre ela, pontos de pedra meia-noite. — Alguém machucou você?

— Eu tenho que acreditar que você se importa?

A mão dele subiu para enrolar na dela. — Acredite ou não, eu não sou um monstro.

Ela riu, um som duro, amargo. — Não, mas eu sou. — Ela chegou em seu rosto. — Por sua causa, eu sou um monstro, Shade. Eu sou uma maldita lobisomem.





Capítulo Dois

Uma lobisomem? *Não era bom.*

Shade fechou seus olhos, esperando que quando os abrisse, acordaria em sua própria cama e Runa teria partido.

— Bem?

Era querer demais. Este pesadelo não iria embora. Ele abriu seus olhos. Desejou que não tivesse. Runa o estava encarando, seus olhos pálidos faiscando. Deuses, ele apostava que ela era linda em forma animal... pelo brilhante e caramelo, ardentes olhos creme-claros. Ela deve ser grande; provavelmente seria mais alta que ele. E agora o fato de que ela parecia mais alta e mais magra fazia sentido. Aqueles mordidos por lobisomens, ou wargs, como eles normalmente chamam a si mesmos, acumulam músculo e crescem uma polegada extra ou duas em forma humana.

Agora que sua cabeça estava limpa, ele podia cheirá-la também. Seu aroma não era mais florido e doce. Não, ela cheirava terrestre, como uma tardia chuva de verão na floresta. Oh, e ela também cheirava realmente, realmente irritada.

— A lua cheia não virá em dois dias?

Seus olhos estreitados. — Por quê? Você acha que eu tenho um furioso caso de TPL?

— Ocorreu a mim. — Lobisomens podem brincar sobre Tensão Pré-Lua, mas aqueles que não eram criaturas metaformas não achavam nada engraçado seus temperamentos serem ativados por mudanças de humor e compulsões sexuais fora de controle.

— Oh, certo. Minha raiva não teria nada a ver com o fato de que das duas pessoas que eu mais odeio no mundo, estou encadeada em uma cela com uma e em dois dias quando me transformar, eu provavelmente serei esfolada viva pela minha pele, que aparentemente vale uma fortuna no





mercado negro do submundo. — Ela arrancou sua mão da dele com um grunhido. — Então me desculpe por estar um pouco irritada.

— Um pouco?

Ela empurrou sua corrente como se esperasse que quebrasse assim ela poderia lançar-se nele. — Eu devia morder você.

— Os demônios são imunes a infecção lincantrópica.

— Ainda machucará. — Ela mostrou seus dentes e ele não teve dúvida que ela o rasgaria se pudesse. — Eu planejei caçar você e lhe dar alguma séria dor, sabe. Infelizmente, os Ghouls me pegaram antes de eu poder fazer isto.

— Como eles pegaram você?

Ela puxou seus joelhos até o peito e envolveu seus braços ao redor deles. — “Eu voltei para o lugar onde o lobisomem me atacou. Era um chute, mas eu estava esperando encontrar algumas pistas. Como era perto da sua casa, fui para o seu apartamento mais tarde. Você não estava lá, mas um homem me abordou na rua quando eu estava partindo. Ele perguntou se eu conhecia você. Fez perguntas demais. Eu fiquei desconfiada e tentei partir, mas ele me picou com uma agulha. Eu acordei aqui.

Shade franziu a testa. — Como eles saberiam que você é uma warg?

— Eles não sabiam até que outro warg veio para me interrogar — ela disse, o que fez sentido. Normalmente precisava de um lobisomem ou metamorfo para reconhecer outro.

— Sobre o que eles questionaram você?

— Você, Shade. Eles continuavam perguntando o que eu estava fazendo na sua casa e como conhecia você.

Oh, foda. Ela não foi tirada das ruas por sua pele. Ela foi levada porque o conhecia. Mas por quê?

Runa ainda o encarava, suas sobrancelhas delicadas anguladas em uma linha severa. Ele inalou novamente, assimilou o penetrante aroma de sua raiva e o mais suave e feminino odor que batia em seus instintos protetores. Esse não era o lugar dela, presa com demônios em um calabouço que cheirava a mofo, urina e camadas sobre camadas de desespero.





Nem a irmã dele e o conhecimento que tanto Skulk quanto Runa estavam aqui por sua causa lançou uma sensação de enjoo no buraco de seu estômago.

Sua trajetória registrada de proteger fêmeas era o material de pesadelos.

Um áspero barulho rangedor acompanhou uma corrente de ar frio quando a porta de ferro da cela deles abriu. Runa se amontoou perto de Shade. Um demônio Nightlash entrou, sua aparência humanoide interrompida por pés com garras e dentes afiados. Dois diabinhos — um macho e uma fêmea — seguiram, olhos e bocas desproporcionalmente grandes para suas cabeças pequenas e redondas. Eles carregaram correntes, uma clava e um bastão de bambu.

— Levem-no — o Nightlash disse.

Shade se lançou nos diabinhos. O Nightlash puxou uma de duas alavancas na parede. Imediatamente, o ranger de rodas girando invadiu a cela, as correntes de Shade se encurtaram, arrastando-o até que ele estava pendurado lateralmente, fixado na parede.

Ele friccionou seus dentes contra a dor contorcendo por seu ombro e quadril. Um dos diabinhos apertou uma coleira de metal ao redor de seu pescoço enquanto o outro instalou grilhões. Suas maldições ecoavam das paredes úmidas, mas por elas, ele ouviu Runa suplicando para o Nightlash deixá-lo em paz. Surpreso, Shade lançou um olhar a ela quando os diabinhos o abaixaram para o chão.

Ira reluzia nos olhos dela e talvez ela não o odiasse tanto quanto disse. Então novamente, talvez ela quisesse que os Guardiões o deixassem em paz assim ela mesma poderia matá-lo.

— Aonde você está me levando? — Shade debateu-se contra suas amarras, o que lhe rendeu um golpe na nuca pelo diabinho com a clava.

O Nightlash não respondeu, meramente curvando seus lábios em um sorriso sórdido e enrolou a corrente conectada a coleira ao redor de seu punho, puxando Shade a seus pés. Os diabinhos torceram seus braços atrás de suas costas e atiraram com força algemas em seus pulsos.

Eles o arrastaram em direção à porta. Quando ele lutou na soleira, o bastão em seus tendões o fez cair de joelhos. Uma brisa fresca acariciou as costas de suas pernas — o bastão tinha rasgado suas calças. Sua carne seria a próxima.





Atrás dele, Runa cuspiam maldições e ameaças que eram tão criativas quanto ineficazes. Ele não podia imaginar a Runa com quem ele dormiu dizendo aquelas coisas, não a criatura tímida que ela fora. Parecia que a pequena humana realmente deixou crescer garras e dentes.

Bizarramente sensual.

Ou teria sido se ele não estivesse sendo arrastado em direção a um de três postes de chicoteamento. Claro, Shade podia apreciar um bom chicote tanto quanto qualquer sujeito, mas ele tinha uma suspeita furtiva que não estava entrando em um bom momento. Ainda assim, melhor o poste que a roda de água, a prateleira no canto, ou os ganchos de carne pendurados no teto. E estes eram as peças mais inofensivas do equipamento de tortura que bagunçavam o espaço cavernoso.

Na parte de trás do calabouço, uma abertura curvada em uma câmara pequena revelou uma visão que mandou lâminas de gelo direto em sua espinha. Equipamento médico enchia a sala — ferramentas cortantes, uma mesa de autópsia, uma serra de osso e um afastador torácico. Sangue fresco e seco manchava o chão.

Deuses, isto era além de doentio.

Os demônios o amarraram em pé, de frente, suas mãos estiradas apertadas separadamente e acima dele, suas pernas forçadas abertas por uma barra afastadora e fixada nos tornozelos. Um diabinho acariciou sua coxa, fazendo seu caminho para cima e ele rapidamente começou a montar um plano para seduzi-la para deixá-lo partir... até que o Nightlash a esbofeteou na cabeça. Porém, o fato que alguns dos Guardiões eram fêmeas era algo para manter em mente.

— Onde está a fêmea Umber? — ele perguntou.

— Coopere e você a verá.

Shade não tinha esperado uma resposta, então a voz profunda e empedrada o chocou. Ele pensou que detectou um toque de um sotaque... irlandês talvez, mas não podia estar certo. Uma figura grosseira ocultada em túnicas pretas saiu das sombras, sua risada tão fria quanto o ar.

— E o que eu tenho que fazer para cooperar?

— Sofrer.

Um tremor glacial rastejou através da superfície da pele de Shade. — Talvez você pudesse ser um pouco mais específico.



Movimento relampejou em sua vista periférica. Algo o atingiu no tórax e sangue espirrou no poste de madeira próximo a ele. O Nightlash permaneceu ali segurando um mangual espinhoso, parecendo todo orgulhoso de si mesmo.

— Isto foi específico o suficiente?

— Funcionou para mim — Shade disse sem hesitação, embora o tenha feito por dentes friccionados. — Seria mais eficaz se você removesse minha camisa, entretanto.

— E todo mundo diz que o Wraith é o espertalhão da família.

A mente de Shade gritou. Como este filho da puta sabe sobre Wraith?

— Isto é uma concepção erradamente comum. Idiota.

O insulto lhe rendeu um sofrimento mais específico. Sangue correu livremente peito abaixo pelos restos cortados de sua camisa de médico. Seu único consolo era o conhecimento de que eles estando ocupados o torturando, estavam deixando Runa em paz.

— Remova suas roupas — o idiota disse, — e vá buscar a estimuladora.

Estimuladora? Um dos diabinhos partiu rapidamente enquanto o Nightlash cortava o uniforme de Shade e o despia de suas botas.

— Sabe, não é justo que eu tenha que ser despido e você esteja nesta túnica de rainha do drama.

O Homem da Túnica moveu adiante, só um pouco, mas o suficiente para Shade sentir a vibração do macho em sua pele. Era familiar, como um odor que trazia uma memória de volta, mas não podia ser identificada exatamente. A vibração parecia diluída, ou talvez mascarada. Um feitiço, talvez, tenha sido usado para cobri-la. Mas por quê? Assim ele não seria reconhecido?

— Você está próximo da s 'genesis — o Homem da Túnica disse. — A Mudança. Eu posso senti-la. Você está pronto? Ou você planeja lutar contra ela, como Eidolon fez?

Inferno, não, ele não iria prolongar o processo de maturação final, o que o permitiria se transformar e fecundar fêmeas, entre outras coisas menos agradáveis. Mas como este otário sabia o que E. fez para tentar protelar A Mudança?

— Se estiver tentando conseguir com que eu pergunte como você sabe sobre meus irmãos e sobre minha espécie, não funcionará, otário. Você tem algo a dizer, então diga, porra.



— Ainda não. — O Homem de Túnica o circulou, seu rosto escondido em seu capuz, mas o modo como ele se moveu... novamente, muito familiar. Ele parou atrás de Shade e então a cócega de um dedo se arrastando abaixo de sua espinha. Shade lutou contra o desejo de estremecer. — Então? Você vai lutar contra ela? Ou tomar uma companheira? Oh, isso mesmo, você não pode tomar uma companheira vinculada porque poderia se apaixonar e consumir sua maldição. — Uma quente respiração fétida aqueceu a orelha de Shade quando a criatura se debruçou mais perto. — Indiscrições juvenis sempre voltam para lhe morder no traseiro, não é?

O filho da puta sabia sobre a Maluncoeur, uma maldição que prometia que se ele se apaixonasse, lentamente sumiria até que ele se tornasse invisível para todo mundo. Ele viveria para sempre, destruído por punhaladas de dor excruciante, sede debilitante e desejo sexual insuportável por toda eternidade.

Shade fechou seus olhos e tentou compreender quem poderia saber tais detalhes íntimos sobre sua vida. A lista era pequena e aqueles não falariam.

A menos que tenham sido torturados.

Skulk.

— Novamente — o Homem da Túnica disse. — Coxa interna.

Shade mal teve tempo para se firmar antes do mangual do Nightlash rasgar por sua carne.

O Homem da Túnica riu. — Isto não parece um pouco como karma, dado quantas fêmeas você amarrou assim?

Shade não se incomodou em discutir que isto era diferente, porque às vezes a linha entre prazer e dor borrava demais para o conforto de Shade.

— Mais.

O mangual cortou a coxa interna de Shade. Suor brotou de sua fronte, sua vista escurecida e, *maldição*, isto machucava. Como E. podia suportar passar por isto uma vez por mês quando pagava pelos pecados de Wraith?

— Você está se perguntando como Eidolon lida com isto toda vez que Wraith passa de seu limite de mortes humanas.





A cabeça de Shade estalou para cima e ao redor, mas o Homem da Túnica retrocedeu para as sombras. — Eu tive o suficiente de suas merdas — ele rugiu. — Quem infernos é você?

Uma gargalhada sinistra ecoou pelo calabouço. — Eu sou o demônio que vai lhe fazer implorar pela morte. Começando agora.

— Oi, Shade. — A voz feminina que Shade conhecia bem trouxe seu olhar de volta para frente e para o centro.

— Solice? — Ele encarou a morena enfermeira vampira que tinha trabalhado no UG por anos e de repente tudo fez sentido. Skulk não tinha falado, Solice o fez. — Sua cadela.

Seu sorriso abafado revelou longas presas enquanto ela se debruçava e lambeu seu peito acima em um açoite morno e molhado. Sua língua áspera passando por carne cortada. Dor se lançou por ele, mas ele sofreu pior enquanto brincava com suas companheiras de cama mais rudes.

— Eu quis saborear você por tanto tempo — ela murmurou contra seu mamilo. — Mas você nunca nem mesmo olhou para mim.

— Isto é porque depois de anos fodendo meu irmão — ele rosnou, — você era mercadoria danificada.

Ela continuou a passar a língua em seu peito, até chupando levemente em seu pingente caduceu e ele se perguntou apenas quando a tortura começaria, porque tudo que isso estava fazendo era excitá-lo. Sim, era confuso, mas merda, ele era um incubus, capaz de levantar sob as piores das circunstâncias e a fêmea na frente dele estava lançando estimulação como se estivesse no cio.

— Nós veremos quem é o danificado — Ela caiu de joelhos, examinando o sangue em sua coxa. E ele soube. Oh, merda, ele soube exatamente como seu sofrimento afundaria.



Cada barulho que filtrava pela madeira e porta de ferro fazia Runa vacilar. Ela devia se regozijar do conhecimento de que Shade estava sendo torturado. Ela devia se voluntariar para ajudar. Mas maldito seja seu coração, ela queria salvá-lo.



Assim podia matá-lo ela mesma.

Exceto, ela não voltou para Nova York para matar Shade. Ela retornou a sua cidade natal com ordens militares para juntar informações sobre um hospital de demônios e localizar um ex-soldado e Guardião da Aegis de quem não tinham ouvido desde que ele reportou a existência do hospital. O Exército temia que ele pudesse ter se tornado um traidor não apenas dos Estados Unidos, mas de toda a raça humana. E quando o regimento Raider-X do Exército dos Estados Unidos emitia uma ordem, você seguia — e não apenas porque eles plantaram um microdetonador em seu cérebro. Não, a unidade militar super secreta inspirava lealdade dando a “humanos especiais” um propósito e uma sensação de pertencer a um mundo que os rejeitou.

Ela não tinha sido rejeitada, mas sua situação garantiu isto, sem ajuda, a Aegis a teria matado, mas provavelmente não antes dela sacrificar incontáveis humanos inocentes. Felizmente, seu irmão, um oficial de alto escalão do R-XR, soube exatamente o que fazer na noite que a encontrou sangrando até a morte na ruela onde ela foi atacada. O Exército salvou sua vida, até tentou prevenir o vírus licantrópico de assumir o controle. Eles falharam, mas os efeitos colaterais de seu tratamento experimental acabaram sendo administráveis.

Ela ainda se transformava em um besta gigante e babante durante três noites todo mês — uma besta sem controle sobre suas ações e muito pouca memória do que aconteceu enquanto ela estava em forma animal. Mas graças ao Exército, também podia se transformar na besta em qualquer hora que quisesse. Melhor ainda, quando mudava de forma intencionalmente, ela retinha sua humanidade e podia controlar suas ações e lembrar-se de tudo uma vez que retornasse a sua forma humana.

Riso borbulhou de em algum lugar, riso feminino, seguido por um barulho longo e prolongado. Um rosnado erótico. O rosnado de Shade. Ela conheceria aquele som em qualquer lugar. Então o quê? Eles estavam o torturando com sexo?

Aquele bastardo. Ela o odiava. Mas ela estava quase certa que logo antes do ataque do lobisomem, ele salvou a vida do irmão dela. E, verdade seja dita, provavelmente a dela também.

Runa o tinha conhecido quando estava no ponto mais baixo em sua vida. Vinte e cinco anos de idade, sentindo o dobro disso, ainda não tinha se recuperado da morte de sua mãe quatro anos antes — como ela poderia quando sua mãe morreu sozinha e miserável, graças a Runa? Mas mais recentemente, sua melhor amiga tinha se mudado para a Austrália com seu novo marido, a loja de café de Runa estava a apenas dias do fechamento e seu irmão estava morrendo. Arik, de fato,





estivera morrendo em sua casa e a única razão de ela não estar com ele era que ele insistiu que ela cuidasse de sua loja e empregados, que logo estariam desempregados.

Um de seus empregados, uma garota de piercing e cabelo verde que chamava a si mesma de Aspic, estava provocando Runa sobre nunca correr riscos, que era provavelmente porque seus negócios tinham falhado em primeiro lugar. Nenhum risco no amor, nos negócios, ou na vida. E onde isso a tinha levado?

Arik podia ter estado morrendo, mas ele viveu. Ela devia ser atingida por uma doença misteriosa que a matasse a passos lentos, ela saberia a satisfação de ter verdadeiramente vivido a vida ao máximo?

A resposta para aquilo tinha sido dolorosamente óbvia, especialmente porque culpa a estava matando tão seguramente quanto o que tivesse atingido Arik. Ela se negava qualquer coisa que até mesmo se assemelhasse a prazer com a crueldade de um fanático religioso. Como ela podia permitir a si mesma experimentar o que negou a sua mãe?

Nenhum dia se passava em que ela não pensasse sobre como arruinou o casamento de seus pais e lançou sua mãe em uma espiral descendente de depressão. Não importava quantas vezes Arik tentasse lhe dizer que ela precisava se perdoar por dizer a mãe deles sobre encontrar o pai deles com outra mulher, ela não podia. Porque Arik não sabia seu segredo—aquele profundo, Runa temia que não tivesse feito isto por preocupação com sua mãe.

Ela o fez para machucar o pai deles.

O dia que Shade entrou em sua vida tinha sido o dia em que ela se perguntou, pela primeira vez, se teria alguma coisa por que viver uma vez que Arik se fosse.

Ele passeou em sua loja de café, enorme, impossivelmente magnífico, botas de motociclista pretas batendo no chão, suas calças de couro e jaqueta fazendo aquela suave raspagem, o brinco de pirata em seu lóbulo esquerdo refletindo na luz. Sua mão direita tinha sido tatuada, como também o lado direito de sua garganta e ela se perguntou se tatoos em seu braço conectavam as duas.

Todos os olhos femininos se fincaram nele. Todos os olhos masculinos o evitaram.

— Oh, me foda — Aspic sussurrou. — A. Noite. Toda.

Não havia como desviar o olhar dele quando moveu-se para o balcão, seu olhar preso no de Runa.



Aspic começou a ofegar, ofego juro-por-Deus. — Aqui está seu risco, Runa. Tome-o. Faça um movimento ou juro que eu irei.

Ele parou na frente de Runa. — Café — A palavra rolou de sua língua como se ele dissesse, “eu gostaria de lhe dar um orgasmo.”

— Sim — ela sussurrou, porque ele podia lhe dar... oh, certo. Café. Ela limpou a garganta. Duas vezes. — Médio, pequeno ou grande?

— Seja qual for seu maior tamanho.

— Você tem uma infusão preferida?

— Forte e quente.

— Leite? Soja ou leiteria? Creme?

— Malditos sinos do inferno. — Ele plantou suas palmas no balcão e se debruçou. — Somente. Café. — Seu olhar intenso vagou sobre a imagem dela em uma avaliação descarada que devia a ter enfurecido, mas apenas fez seu coração bater mais rápido. — Embora eu possa ser tentado a tentar algo mais doce.

Aspic a cutucou com um cotovelo e então avançou. — Runa é um pouco tímida. Você tem uma motocicleta? Porque ela ama motocicletas. Aposto que ela adoraria vê-la.

— Aspic! — As bochechas de Runa queimaram com mortificação.

— Runa — o homem de couro disse suavemente, como se testando a sensação do nome em sua língua. — Você gostaria de dar um passeio?

— Ela adoraria — Aspic disse e estatelou o café na frente dele.

Runa agitou sua cabeça. — Eu não acho...

— Bom — ele disse, enquanto descia uma nota de dez dólares. — Fique com o troco. Vamos.

Antes que ela pudesse articular um protesto, ele agarrou seu café, veio ao redor do balcão, tomou sua mão e a levou em direção à porta de trás. Ela plantou seus pés na soleira. — Olhe, Sr. ...

— Shade.





Nome estranho. Então novamente, ela trabalhava com uma garota que chamava a si mesma de Aspic. — Sr. Shade.

— Apenas Shade.

— Shade, então. Temo que não possa ir a lugar algum com você.

Ele arqueou uma sobrancelha preta e abriu a porta. — Quem disse qualquer coisa sobre ir a algum lugar?

— Mas, você disse passeio.

Sua saia florida girou ao redor de suas panturrilhas quando ele a puxou rapidamente para a travessa e em direção à ruela. — Sim.

Pânico se alastrou. Este homem podia ser um assassino em série ou um estuprador e aqui ela estava, metade de seu tamanho, saltitando em uma ruela com ele. — Eu não posso...

De repente, ela se achou contra a parede do edifício, o corpo dele fincando o seu, sua boca contra a orelha dela. Ambas as mãos dele estavam em seus ombros... o que ele tinha feito com o café?

— Eu posso cheirar seu desejo, Runa — ele murmurou em um tom persuasivo e sedutor. — Você está florescendo para mim como uma flor.

Ele balançou seus quadris nos dela. A ereção atrás do zíper de suas calças massageava a barriga dela, prometendo uma experiência que ela nunca esqueceria. O homem era sexo ambulante, uma massa opressiva de músculo, testosterona e sensualidade para o qual ela não tinha defesa. Nada a tinha preparado para algo como isto. Ela duvidava que qualquer mulher pudesse estar preparada para Shade. Pelo menos não mentalmente. Seu corpo estava se preparando sem o seu aval.

Seus seios formigavam e apertavam, seu coração batia freneticamente contra sua caixa torácica e uma fúria de líquido umedecia sua calcinha. Ela apertou suas coxas juntas para aliviar a dor entre elas, mas isto apenas tornou as coisas piores.

A situação estava rapidamente saindo de controle e quando a língua dele varreu ao longo de seu pescoço e as mãos acariciaram seus quadris, ela descobriu que não podia se importar.

Ele agarrou sua saia e puxou até seus quadris. — Você quer isto? — Ele aninhou sua garganta e apertou uma coxa espessa entre suas pernas, criando a pressão mais deliciosa. — Diga-me para parar e eu irei.





Isto era sua saída. Sua chance de cair fora dele. De voltar para dentro de sua loja falida e então para casa para seu irmão agonizante. No caminho para casa ela podia ser roubada e levar um tiro. Atropelada por um táxi. Apunhalada em uma estação de metrô.

E ela morreria sabendo que devia ter tomado um risco por uma vez em sua vida.

Os dedos de Shade deslizaram entre eles, acariciando seu núcleo sobre o tecido molhado de sua calcinha. — Bem?

— Não pare. Por favor, não pare.

Um estrondo baixo e sensual veio do fundo da garganta dele enquanto a beijava. Não um beijo adequado, mas uma lambida através de seus lábios e então um profundo e quente encontro de línguas que a deixou ofegante e agarrada à jaqueta dele como se ela nunca fosse soltá-lo.

O rasgo de tecido foi registrado em seus ouvidos, ao lado do zumbir de veículos passando, o riso de alguém na calçada. Nada disso importava, nem mesmo o agitar de sua calcinha contra suas pernas enquanto eles caíam para o pavimento.

Deus, isto era maluco. Sexo com um estranho em uma ruela. No meio do dia.

Um momento de clareza perfurou sua névoa sexual enquanto ele abria o zíper de suas calças. Ela o parou com um aperto firme em seu pulso. — Por que eu? — Ela raspou. — Existiam outras mulheres lá, mais bonitas, mais sensuais...

— Eu senti sua necessidade.

Era uma resposta estranha, mas então ele estava empurrando contra sua entrada apesar de seu aperto imobilizador e ela não se importou por que este vendaval tinha acontecido. Instinto assumiu o comando e ela envolveu suas pernas ao redor da cintura dele e gemeu enquanto ele deslizava a ponta de sua ereção para dentro.

— Oh, homem — ele respirou. — Você é tão apertada. — Ele recuou um pouco e então empurrado para dentro novamente, apenas a cabeça. Uma suave sensação de estiramento aliviou em um vislumbre de prazer quando a coroa de seu pênis agia sobre o anel de nervos da entrada.

— Uau. — Ela arqueou suas costas e ele deslizou seu antebraço atrás dela, amortecendo sua espinha. — Mais. Eu quero mais.





Como se ele tivesse esperando por permissão, ele empurrou fundo, destruindo seu prazer com uma onda de dor. Ele congelou, sua expressão apertada. — Você está bem?

— Tudo bem, — ela administrou, enquanto a dor enfraquecia. — Apenas se passou muito tempo. — Anos, de fato. Ela perdeu sua virgindade em seu último ano do segundo grau com um menino que jurava que a amava, mas dois dias depois ele amava outra pessoa da mesma maneira.

— Você devia ter me dito — ele rosnou. — Eu podia ter sido mais gentil.

— Apenas termine — ela disse e com uma maldição severa, ele começou a se mover dentro dela.

Não houve acúmulo lento como ela esperava. Nenhuma ligeiramente agradável agitação de sensação. Nenhum aquecimento gradual.

Houve um despedaçar instantâneo, uma explosão que a teria feito gritar se ele não tivesse colocado uma mão sobre sua boca. Suas poderosas investidas a batiam no edifício, mas ela não se importava, não podia se importar, porque estava gozando novamente e ele estava estremecendo, gemendo, se contorcendo em uma poderosa liberação.

Quando ambos podiam respirar novamente, ela se abaixou para seus pés e ele se retirou, dobrando-se rapidamente de volta em suas calças. Fluido quente e latejante gotejava sua perna abaixo, lançando-a de volta a realidade.

— Oh, meu Deus. Você não usou um preservativo.

— Eu sou estéril e eu não sou um portador de doenças.

— Ainda assim—

Ele a silenciou com um beijo. Quando ele recuou, ela se sentia atordoada. Ele tomou sua mão e a levou em direção à entrada traseira da loja. Logo antes dela alcançar a porta, um cintilar de raio chiou por suas veias.

— Oh! — Ela ofegou quando outro orgasmo balançou seu corpo. Shade a segurou, seu corpo volumoso tomando o choque de seus espasmos.

— Isso vai acontecer mais algumas vezes. Você pode querer se esconder em um escritório ou sala de descanso por alguns minutos. — Ele esperou até que ela ficasse firme em seus pés, e então saiu. Na esquina, ele olhou para trás sobre seu ombro. — A propósito, eu dirijo uma Harley.





Franzindo, ela entrou no edifício. Aspic sorriu. — Então? Que tipo de moto ele tem?

Runa riu. — Uma Harley. Ele tinha uma Harley.

Shade a contatou mais tarde e eles saíram por algumas semanas. Então a condição médica de seu irmão piorou. Shade foi a sua casa, passou alguns minutos com Arik e dentro de dias seu irmão teve uma recuperação completa.

Foi apenas dias depois disso que ela foi atacada pelo lobisomem e Arik a levou para o R-XR para cuidados que salvaram sua vida.

A instalação militar secreta tinha sido um choque — ela pensava que seu irmão era um militar normal, apenas outro soldado. Mas ele tem trabalhado para o R-XR por anos, junto com um grupo seleta de cerca de cem outros, alguns em serviço ativo, alguns civis. E um punhado era até mesmo wargs — membros militares que sobreviveram a ataques e tinham sido tirados de suas unidades regulares para trabalhar para o R-XR.

Por causa de sua licanthropia, eles se sentiram isolados de seus colegas soldados e eles formaram uma matilha quando seus novos instintos exigiram. Eles a permitiram em seu círculo interno, mas sem um passado militar, ela ainda se sentia como uma estranha não importava com que frequência eles a convidavam para seus churrascos de quintal e saídas noturnas ao bar da base.

Arik *não* ficou feliz sobre nada disto. Ele estava seguro que o alfa, um macho chauvinista gostoso-demaís-para-seu-próprio-bem chamado Brendan, tinha em sua mira fazê-la sua fêmea alfa, entretanto Arik sempre se preocupou com ela. Do tempo em que eles eram crianças, ele tem sido seu cão de guarda, arrastando-a para longe dos punhos de seu pai. Então mais tarde, quando Arik ganhou sua tutela, ele garantiu que cada namorado do ensino médio entendesse as consequências de magoá-la.

Um barulho ragedor arrancou Runa de seus pensamentos. A porta da cela se abriu e o Nightlash e os dois diabinhos arrastaram Shade do lado de dentro. Ele estava nu, seus braços e pernas presos, seu peito e coxas cobertos com sangue seco.

Seus olhos, ardendo ouro, fixos nela. Um instantâneo e incontrolável desejo de ir até ele a fez puxar contra suas correntes. Ele berrou, lutou contra seus capturadores enquanto brigava para chegar até ela e, embora não soubesse por que ele a queria tanto, ela podia sentir o desespero dele completamente pelo modo que seu corpo aqueceu em resposta.

O Nightlash bateu um porrete espesso no crânio de Shade. Um forte estalo ecoou pela cela como um tiro. Shade grunhiu e se acalmou, mas seus olhos ainda brilhavam e ele ainda a observava...

Observava-a com a intensidade obsessiva de um macho excitado que queria uma coisa.

E a queria agora.



Capítulo Três

— Fale comigo, Shade.

Runa se esticou até o fim da corrente. Os captores deles o tinham deixado seguro na parede com um colar em volta do pescoço e fora do alcance dela. Ele havia enlouquecido no começo, se lançando para ela como se estivesse possuído por algo, dando a ela uma visão do demônio sob a aparência humana. Por fim, quando a garganta dele começava a sangrar por causa do esforço, ele se enrolava numa posição fetal e ficava lá, arfando e gemendo, pelo que parecia meia hora. Sua vulnerabilidade quebrava através da barreira de raiva que ela sentia por ele, até os dedos dela tirarem seus cabelos do rosto, onde o suor tinha escorrido em sua sobrancelha.

Idiota. O homem... criatura... o que seja... tinha a jogado fora como lixo. Ela não dava a mínima para sua conversinha “você conhece a minha natureza”. Pela primeira vez na vida dela, ela arriscara, acreditara que talvez fosse hora de por o passado de lado e se deixar ser feliz.

Sua raiva rugiu de volta, e ela a saudou como uma velha amiga.

— O que eles fizeram com você? — ela perguntou, a voz dura como aço.

— Preciso... — ele parou com um arrepio. — Dor.

— Eu sei que dói. O que eu posso fazer?

— Dor. Me... machuca.

— Sim, eles te machucaram...

— Não — o rosto dele torceu num rosto agonizado enquanto ele esticava os dedos para tocar os dedos dela, até um ponto que ele chiou. — Preciso de você... para me causar dor. Faça isso... machuque.

— O quê? Não — ela se afastou dele. — Eu estive morrendo de vontade de fazer isso por muito tempo, mas se você quer, isso meio que tira o prazer.

— Por favor — ele abriu os olhos. Sombras escuras passaram por eles e o dourado tinha sumido, substituído pelo negro que sempre a atraía.

Ela ficou olhando para os pés dele, se perguntando o que ela poderia fazer. Na havia nada ao seu alcance que ela pudesse acertar nele. Mas talvez... não, se ela se transformasse em um lobisomem, as algemas em seus tornozelos iriam machucá-la muito com o tamanho dobrado.





— Runa — ele tremeu tão forte que as correntes fizeram barulho. — Eu vou morrer... se você não fizer isso.

Oh, droga. Não importa quão nervosa ela esteja com ele, ela não podia deixá-lo morrer. Ele caiu enquanto ela tirava a camisa, apesar de saber que ela iria ajudá-lo. Ela tirou os jeans, mas teve que deixá-los pendurados em volta dos tornozelos.

Apertando-se, ela se transformou. A pele esticou. O osso pulou. Dor excruciante irrompeu em seu rosto enquanto seu queixo se estendia e os dentes cresciam. Bastante certa, as algemas nos tornozelos comprimiram como uma morsa, mandando intensas ondas de agonia em sua perna até sua visão borrar. Shade observava de olhos arregalados ela se lançando para a ponta da corrente. O tamanho dela e o focinho canino deram a ela a força extra que ela precisava para alcançar o pé de Shade com a boca.

Ele uivou, um breve grito de dor antes de sufocar o som com um gemido. Entre os dentes, ela sentia os ossos cederem sem quebrar. A pele dele não aguentou tanto e ela sentiu o gosto de sangue.

— Chega — Shade gritou e ela o soltou.

A perna dela latejava ao mesmo tempo em que ela se transformava de volta à forma humana. Ela se deitou no chão, exausta com a transformação, se sentindo gasta e esperando que ninguém a tivesse visto. Se os captores deles soubessem que ela podia voluntariamente se transformar em warg, eles poderiam não esperar até a lua cheia para acabar com ela.

Ela teve ânsias com o gosto de cobre do sangue em sua boca e cuspiu no chão.

— Obrigado — ele disse rouco e se ela não soubesse, ela acharia que a voz picotada dele era resultado de horas de gritaria. Mas ele suportara a tortura e o sofrimento em silêncio. Ele se sentou, ficando de pé cautelosamente, mas parecia bem melhor apesar da quantidade de dor que a ferida deve ter causado. — Por que você pode mudar quando quiser?

Fracamente, ela o encarou, seu olhar descendo para o seu corpo nu antes que ela pudesse se conter. Mesmo estando lá, acorrentado e machucado, ele radiava poder masculino. Ela subiu o olhar para o pingente de caduceu. Ela reconhecera isso como um símbolo médico quando eles estavam ficando, mas agora que ela sabia onde ele trabalhava e o que era, o estranho design fazia mais sentido. O bastão comum fora substituído por um punhal cercado por duas víboras sinistras e as asas acima das cabeças delas eram de morcego e tribais.

— Você primeiro — ela disse, enquanto vestia o jeans. — Por que você se sente melhor mesmo eu tendo acabado de te roer como um brinquedinho de morder de um Rottweiler? O que eles fizeram com você?

Ele jogou a cabeça contra a parede e olhou para o teto.

— Eles forçaram uma fêmea em mim. É uma maldição de minha espécie que quando nós somos provocados além de certo ponto, nós precisamos de liberação, ou a dor vem incapacitante. Se isso continua por muito tempo, nós morremos.





— Oh. Então a fêmea... — ela parou, sem querer saber o que a fêmea havia feito a ele.

— Ela me deu prazer com a boca até eu enlouquecer de luxúria e então ela parou.

— Então... o fato de você estar numa câmara de horrores não põe um abafador na sua libido?

— Minha mente não queria, mas meu corpo respondeu — ele a perfurou com um olhar. — Sou um incubus e ela estava com tanto desejo quanto eu. Não pude evitar.

Certo. Sua natureza novamente.

— Então se você sente o desejo, você tem que responder? — Quando ele concordou, ela mordeu o lábio, pensando. — No dia em que nos conhecemos, você disse que sentiu a minha necessidade. Era isso que você queria dizer?

Ele concordou novamente.

— É por isso que eu geralmente evito lugares públicos. Uma boate, especialmente uma boate de demônios, pode ser o inferno. Sem trocadilhos.

Isso explicava por que eles nunca saíram durante o mês que eles ficaram. O relacionamento inteiro girava em torno da casa dele ou um hotel, sexo e comida. Uma vez, eles deram uma volta no parque – à noite, quando a área estava deserta. Àquele momento, ela achava romântico. Agora ela sabia direito.

— Então, não importa onde você esteja, você tem que ficar se você sentir necessidade? Você não pode ir embora?

— Não se uma mulher solteira quiser sexo. Estou obrigado a encontrá-la. Se ela estiver com outro macho, o resultado pode ser violento.

— Por que simplesmente, hmm —

— A liberação não pode vir pela minha própria mão.

E isso era o motivo de ele ter tentado chegar nela quando o trouxeram para dentro. Ele havia estado frenético com dor e luxúria, precisando de liberação, e ela era a única fêmea à vista. Eles o acorrentaram fora de alcance para torturá-lo. Idiotas nojentos.

— E você precisava que eu te machucasse, por quê?

— Era uma esperança. Esperava que a dor dominasse a agonia de desejo — ele estudou os pés e aplicou pressão na ferida aberta que sangrava bastante. — Sua vez. Por que você pode se transformar à sua vontade? Wargs só se transformam durante a lua cheia. E metamorfos se transformam em animais, não bestas.

— Não tenho certeza — ela mentiu. — Esperava que talvez seu hospital pudesse me ajudar a descobrir.



Ele levantou uma sobrancelha.

— Como sabe do hospital?

— Estive procurando meu criador, o que significa que conheci alguns não humanos. E seu uniforme te denunciou — mais mentiras, mas a verdade não era uma opção. Ele não podia saber que R-XR sabia sobre o hospital e que um dos motivos de ela estar procurando Shade era descobrir mais sobre isso.

Shade havia lhe dito que era paramédico, mas só quando R-XR ganhou um pingente de caduceu tirado de um doutor metamorfo que o Aegis matou foi que ela percebeu que Shade devia trabalhar no hospital. O pingente do metamorfo era idêntico ao dele.

Normalmente, seu trabalho com R-XR era literalmente farejar outras criaturas. As forças armadas então as etiquetariam secretamente e suas informações seriam adicionadas a um gigante banco de dados, permitindo monitoramento.

Mas a familiaridade de Runa com a cidade de Nova York, assim como sua associação passada com Shade, havia lhe valido essa atribuição.

— Você não deveria andar com não humanos — ele grunhiu. — Você não está pronta.

— Eu não te pedi permissão.

— Você é um bebê em meu mundo, Runa. Fique longe disso.

Ela balançou o braço em um gesto amplo.

— Olhe em volta, Shade. Não posso ir muito longe. Certamente eu não tenho escolha — ela estreitou os olhos para ele. — É culpa sua eu estar nesse mundo.

— Você percebe que, sendo uma warg, seu tempo é quadruplicado, certo? Então você devia me agradecer.

— Considerando que eu não morra nos próximos dias. Ou seja morta pelo Aegis. Ou por outros wargs — ela se irritou. — Se você está esperando gratidão, vai esperar por muito tempo. Não que a gente tenha muito tempo.

— Você vai ficar bem.

— E como você sabe disso?

— Meu irmão pode me sentir. Ele nos achará.

Azar que o irmão dela não pudesse senti-la. Droga, nem ele nem R-XR saberiam que ela estava desaparecida até depois da lua cheia quando ela deveria aparecer. Ela observava Shade checar o pé que sangrava e voltava a pressionar a ferida. Ele não hesitava, seus movimentos eram precisos e friamente eficientes.





— Quantos irmãos e irmãs você tem? — Ela havia perguntado isso a ele há muito tempo atrás, mas a resposta fora vaga – alguns – e então ele mudara de assunto como um político.

— Uma irmã – a Umber. Dois irmãos, Wraith e Eidolon.

— Eles são demônios Umber também?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Eles são Seminus como eu.

— Como você tem uma irmã Umber?

— Temos a mãe em comum. Com meus irmãos eu divido o pai, mas nossas mães são todas de diferentes espécies.

— Então... vocês são mestiços?

— Não. Todos os demônios Seminus são sangue-puros e machos. Não existem fêmeas Seminus, então depois do s'genesis, nós engravidamos fêmeas de outras espécies. Os primogênitos nascem demônios Seminus sangues-puros, embora todos herdem traços menores de sua mãe.

Interessante.

— Por que essas outras espécies se voluntariam a ter filhos Seminus?

— Elas não se voluntariam. Demônios Seminus sexualmente maduros ganham a habilidade de se transformar em machos de outras espécies. Então basicamente, nós as enganamos para fazer sexo com a gente. Se isso não funcionar, estupro funciona.

— Legal.

Shade virou os olhos.

— Nós somos demônios. Mas se te faz se sentir melhor, a maioria de nós tem nojo de nosso destino até passarmos pelo s'genesis. Então não damos mais a mínima.

— Então você se importa?

— Agora sim. A ideia de decepcionar ou estuprar alguma fêmea para derrubá-la me enoja. Assim como a realidade do que acontece às crianças.

— Qual é?

— A maioria delas é abatida no nascimento. Poucos demônios têm vontade de criar um demônio de outra espécie, deixam sozinhos aqueles que foram concebidos por trapaça ou estupro.

— Então acredito que os pais não têm nada a ver com os filhos.

— A maioria de nós nunca conheceu o macho que nos gerou. Tudo que sabemos é a família que nos criou, apesar de podermos sentir nossos irmãos.



— Então você nunca conheceu seu pai? — Ela mudou para ficar mais confortável, tremendo com a dor lenta no tornozelo.

— Tudo que sei dele são histórias de segunda mão.

— Todos os demônios sexuais reproduzem assim?

— Não. Grande parte dos incubus e succubus usam humanos para a reprodução, mas Seminus não podem. Engravidar humanos resulta em cambions.

— Cambions?

— Mestiços estéreis — o jeito como ele disse isso, com um ligeiro esgar, lhe disse o que ele achava de reproduzir com humanas.

Aparentemente, transar com elas não tinha problema, contudo. Ela tentou manter a amargura longe da voz quando perguntou.

— Então sua mãe é uma Umber, certo?

Shade meneou a cabeça. Runa não sabia tanto sobre as espécies que moravam em cavernas, só tinha a informação que ela encontrara enquanto pesquisava demônios para identificar a cria de Shade. Aparentemente, eles tinham a pele cinza e eram humanóides, mas evitavam contato com humanos. Eles eram extremamente sociais entre as famílias, mas eram isolados dentro do mundo demônio – provavelmente porque eles eram presas naturais de algumas das espécies mais viciosas de demônios.

— E seus irmãos? — Ela se inclinou para frente, muito curiosa. Ela tinha tido uma apresentação muito rude no mundo demônio, mas uma vez que ela superara o choque, ela dedicara cada minuto para aprender o máximo que podia. — Quais são as espécies das mães deles?

— Meu irmão mais velho, Eidolon, nasceu de um demônio Justice e a mãe de Wraith era uma vampira.

Ela piscou.

— Não sabia que vampiros podiam ter filhos.

— Não podem. Wraith é uma anomalia.

Em algum lugar na caverna, algo gritou e Runa tremeu.

— E seus pais? —ela perguntou rápido, tremendo um pouco. — O que você me disse quando a gente estava ficando era verdade? Sua mãe vive na América do Sul e seu pai está morto?

Um silêncio longo e estranho preencheu a cela. Finalmente, quando Runa estava prestes a desistir de ter uma resposta, Shade disse:

— Minha mãe foi morta alguns meses atrás.

— Oh, eu lamento.





— Você a matou?

A voz dela rachou com espanto.

— Não.

— Então não lamente.

— Estou te irritando com minhas perguntas? — ela vociferou.

— Sim — ele deu de ombros. — Mas não temos muito que fazer.

Como se fosse uma deixa, passos martelaram do lado de fora. Runa se agachou, mas Shade continuou onde estava, procurando no lugar como se estivesse se espreguiçando com uma cerveja. Se o fato dele estar nu o chateava, ele não demonstrou.

A porta abriu. O carrasco que arrastara Shade da cela mais cedo entrou e derrubou uma bolsa de ginástica no chão. Uma figura de roupão entrou depois do outro demônio, seu rosto escondido num grande capuz, apesar de ela achar que viu um tipo de máscara. Só as mãos da criatura eram visíveis – garras, coisas esqueléticas envoltas em pele semelhante a couro. Faltavam alguns dedos, mas isso não o impediu de manter um olhar mau.

Ele se virou para Shade.

— Vejo que se recuperou de sua provação.

— É isso que acontece quando se contrata vadias de segunda classe como Solice. Você devia tê-la instruído na arte dos boquetes.

A coisa se irritou.

— Vou fazer você sofrer.

— Promessas, promessas — Shade falou pausadamente, se virando para estudar as unhas.

Runa praticamente podia sentir a raiva crescendo em ondas como vapor da criatura de roupão.

— Vou fazer com você com que pareça brincadeira o que eu fiz com sua irmã.

Muito devagar, Shade levantou a cabeça, os olhos negros estreitos e brilhando de ódio.

— Onde ela está? O que você fez com ela?

— Você quer saber mesmo?

Shade ficou de pé.

— Me conte!

— A criatura acenou com a cabeça para o carrasco, que abriu a bolsa no chão e puxou algo que parecia um cobertor de couro.





Oh, Deus. O estomago de Runa balançou. Ela sentiu o sangue fugir do rosto enquanto o cara de roupão tagarelava.

— Pele de Umber vale uma fortuna no mercado do submundo. Ela vai render uma bela capa.

Uma explosão de escuridão atingiu Runa um segundo antes do vento gelado e então Shade soltou um grito de dor que ficaria com ela pelo resto da vida.



Kynan Morgan era provavelmente o maior pé no saco na equipe no Hospital Geral do Submundo. Risca isso. Não provavelmente. Ele era e ele sabia disso.

Ele também não dava a mínima. Ele não dava a mínima pra muita coisa. O medidor de dar a mínima dele quebrara quase um ano atrás quando sua mulher o traiu e então morreu nas mãos de seu amante. Um dos amantes. O humano.

Então havia Gem, com o cabelo preto e azul, roupas góticas, piercings e tatuagens. Ele perdoara Tayla por ser um demônio. Principalmente, porque ela não conhecia a verdade de sua paternidade até Eidolon descobrir. Mas a irmã de Tayla, Gem... não muito. Ele a conhecera há alguns anos atrás no hospital de Nova York em que ela trabalhava, fingindo ser humana. Ela falara com ele, rira com ele, o vira quase nu nos exames.

Na verdade, não foi traição; ela não devia nada a ele. Mas ele gostava dela, confiava nela e o tempo todo ela foi o inimigo.

Mas nem isso foi inteiramente verdade. Desde a violenta noite quase um ano atrás, ele chegou à perturbante compreensão que nem todos os demônios são maus, que alguns se empenham em ser bons. O conhecimento, junto com a traição de sua esposa, balançara suas bases morais, espirituais e emocionais. Ele tinha saído do Aegis, de uma das duas coisas em que ele era bom: matar.

O que o deixara com uma habilidade restante, algo que ele nem tinha certeza de que ainda tinha estômago.

Curar.

A essa altura, Eidolon entrou e ofereceu a ele um emprego no hospital, como um dos seis humanos que já estavam na equipe. A ironia era completamente engraçada. Ele passara anos matando demônios e agora queriam que ele os curasse.

Ele aceitara, mas com a condição de que ele escolhesse quem iria curar. Ele não seria responsável por colocar o mal de volta nas ruas. Eidolon entendeu e ele até fez de Kynan médico, já





que o hospital tinha poucos físicos graduados e Kynan tinha uma pouca experiência médica graças ao seu treinamento de médico do exército e anos curando Guardiões depois de batalhas com demônios.

Isso era uma apresentação temporária. Andar com demônios era um espelho perfeito para onde ele estava mentalmente, mas ele tinha que acreditar que chegaria a um fim, que ele poderia se encontrar novamente. Ele não tinha certeza se poderia voltar a ser Regente da cela do Aegis de Nova York – inferno, não achava que eles o quereriam de volta. Se o Sigil – os doze líderes supremos do Aegis – soubesse que estava trabalhando com o inimigo... bem, ele se tornara o inimigo. Eles não poderiam saber nunca o que estava fazendo no hospital. E se eles souberem que o Regente temporário da cela da cidade de Nova York, Tayla, era meio demônio e se uniu a um demônio, ele e Tay acabariam com sentenças de morte penduradas nas cabeças.

Aparentemente, o Sigil não sabia ainda da nova abordagem de Tayla na matança de demônios – ela educara os Guardiões em sua cela para reconhecer as diferenças entre os demônios maus e os inofensivos, um movimento que tinha rendido a eles uma mão cheia de informantes demônios. Ela também instituiu uma política de capturar em vez de matar quando o assunto era bestas. Outro bom movimento – alguns lobisomens não causavam mal intencionalmente – eles escaparam das jaulas, ou eram novos o bastante para não entender o que estivera acontecendo com eles três noites por mês. Só aqueles sem afeto à vida humana eram abatidos.

Kynan tinha de admitir que depois de um começo vacilante no Aegis, Tay tinha se tornado uma excelente Regente.

— Ei, recruta.

Kynan rangeu os molares com o som da voz de Wraith enquanto cortava a linha do último ponto que ele colocava na paciente. A Neethul ficara notavelmente quieta durante o procedimento, mesmo apesar do modo padrão de operação dessa espécie parecer estar preso no rosnado. Neethulum não era sua espécie favorita para costurar, mas eles concentravam sua crueldade em outros demônios, não humanos, então ele não tinha problemas em mandar a Neethul de volta à população geral de demônios.

Além do mais, essa fora machucada quando fora atacada e estuprada por um Seminus pós-s'genesis e ele queria que ela encontrasse o desgraçado para acabar com ele. Ela provavelmente estava grávida, mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Kynan olhou para Wraith, que surgia no corredor, seu sorriso convencido implorando para ser acertado.

— O que você quer?

— Principalmente? Te irritar.

— Juro por Deus —

— Uh-uh — Wraith agitou um dedo para ele. — Você não pode fazer isso num hospital de demônios.



Ky respirou fundo e contou até cinco, algo que Eidolon disse que ajudava a lidar com Wraith. Podia ajudar E., mas então, Wraith não tinha dormido com a mulher dele. Claro, Wraith negou ter transado com Lori, mas Wraith não era exatamente um cara certinho. E se ele fosse tão mau assim agora, antes do s'genesis tê-lo atingido, ele ficaria seriamente fora dos trilhos depois.

— Se não fosse pelo feitiço de Haven, eu chutava sua bunda — Ky vociferou.

Wraith riu, porque era uma ameaça inútil. Kynan era um lutador treinado, para o Aegis e, antes disso, para o Exército, mas o demônio Seminus não era só um mestre de cada método de luta conhecido aos homens e demônios, mas, aos noventa e nove anos de idade, ele tinha uns setenta anos de experiência a mais que Kynan. Wraith poderia limpar o chão com ele sem suar.

— Você me faz rir, humano. Vou deixar você continuar respirando — Wraith disse, como ele dizia todo dia, daquele jeito indolente dele. — Alguém tem notícias de Shade?

— Não — e isso não poderia ser bom. Ontem à noite, Eidolon enviara uma equipe para encontrar Shade e Skulk quando eles não voltaram de uma saída de ambulância e não respondiam ao rádio nem aos celulares. A equipe chegara ao último local conhecido de Shade, mas não encontraram um traço dos paramédicos. — Pode sentir ele?

— Se eu tentar bastante. Mas a não ser que ele esteja tentando ao mesmo tempo ou em dor severa o suficiente — Wraith parou com um ofego. Caindo de joelhos, ele agarrou a barriga, se dobrando. Seu cabelo loiro ocultou o rosto, mas o sofrimento era óbvio pela forma que sua voz falhou. — Cacete — ele resmungou. — Oh, cacete.

Kynan girou e apertou o botão de intercomunicação.

— Eidolon! Sala de Emergência dois, urgente! — Ele se ajoelhou do lado de Wraith — Ei, cara, qual é o problema? Fala o que dói.

— Shade — Wraith levantou a cabeça, seus olhos azuis, tão diferentes dos olhos pretos de seus irmãos, lacrimejando. — Shade está em dor.



— Seus desgraçados! — Shade gritou para o filho da mãe de roupão, as correntes puxando-o forte. Dores brutas, rangentes o esfolavam como um assassino com um Mustang. Havia oitenta anos que ele sentira isso, desde que suas ações custaram as vidas de todos exceto uma de suas irmãs Umber. Agora aquela sobrevivente, a irmã que ele jurou proteger, estava morta.

— Quem é você? Mostre-se, seu covarde!





— Quem sou eu? — A coisa de roupão andou para frente. — Você quer saber mesmo?

Novamente, rosnando, Shade se lançou contra as correntes. — Não. Perguntei para ouvir minha voz, idiota.

— Tão dramático — o Homem de Roupão tirou a máscara, uma coisa nojenta feita de couro e cabelo, mas o rosto ainda estava escondido pelo capuz.

— Quem é você?

Devagar, a criatura tirou o capuz.

— Sou seu irmão.

O coração martelando selvagemmente, Shade olhou para o rosto de Wraith. Os olhos azuis. O cabelo loiro com luzes. O sorriso convencido que expunha dentes vampíricos. Mas a atmosfera emocional estava errada. Como antes, quando ele estava torturando Shade, a atmosfera estava abafada.

— Você não é Wraith.

— Eu nunca disse que era — ele estalou a língua sobre um canino num movimento que era Wraith puro. — Mas se serve de consolo, era o Wraith quem eu queria antes. Não Skulk. Por que ela estava em serviço ao invés dele?

Um arrepio subiu pela espinha de Shade. Wraith só ia de ambulância uma vez por mês. Como esse desgraçado descobriu que ontem era o dia de Wraith? Se Wraith aparecesse como escalado, Skulk não seria chamada e Wraith seria levado pelos Ghouls com Shade. Então como o cara de roupão sabia, a não ser... claro. Solice. Quanto tempo aquela vampira vadia esteve espionando seus irmãos e ele?

— Não vou te contar nada — Shade falou vagorosamente, deliberadamente, tendo certeza de que cada palavra gotejava com a raiva que sentia.

O carrasco estufou o troféu macabro para dentro da bolsa e Shade quase entrou em colapso de dor.

— Ela gritou seu nome, sabe — o falso Wraith disse. — Xingou, na verdade — sorrindo, ele fechou os olhos e respirou profundamente, como se ouvisse o som dos gritos dela, o cheiro da agonia dela.

Essa era uma criatura que se alimentava de sofrimento e Shade não jogava esse jogo. Ele tivera muita experiência com demônios como ele e, tanto quanto Shade queria dividir o idiota no meio, ele sabia que tinha de ser esperto agora.

E depois de conseguir o que queria, ele teria certeza de que aquele filho da mãe pagaria milhões de vezes mais pelo que tinha feito com Skulk.





Runa sentiu a queima de raiva se infiltrando nos poros de Shade enquanto ele se mantinha parado, o peso balançando no pé machucado como se a mordida dela não significasse nada mais que um arranhão.

— Vá em frente com o que veio fazer — sua voz, forte e profunda, rachou como um chicote.

O outro macho se irritou e gritou, parando fora do alcance de Shade.

— Sempre te odiei. Quase tanto quanto seu irmão patético.

Shade mostrou os dentes.

— Isso poderia significar algo para mim se eu soubesse quem você é.

Por um momento, o captor ficou lá, a veia da têmpora pulsando. Ele dissera que era irmão de Shade, mas Shade não parecia estar acreditando. Ainda mais, era estanho como ele se parecia com Shade, exceto pelos olhos azuis e cabelo loiro. Quando ele tirou o roupão, revelando um corpo escultural e atlético, ela percebeu outras diferenças, principalmente que Shade tinha os ombros mais largos, mas um pouco mais baixo, o que, por volta de um metro e sessenta, não era baixo. As marcas no braço direito eram iguais, mas onde Shade usava um olho que não via nada no pescoço, o outro demônio tinha uma ampulheta.

Repentinamente, o demônio musculoso tremulou e se transformou em algum tipo de criatura humanóide, murcha e debruçada, sua pele rachada e enrugada em alguns lugares, esticada e brilhante em outros. O que quer que fosse parecia que fora encharcado numa fritadeira e frito além da crocância.

— Não posso permanecer numa forma adotada por muito tempo — ele disse. — Algumas horas, na maioria das vezes. Tenho todas as limitações de um Seminus depois do s'genesis — seu olhar se encontrou com o de Shade e ele o manteve, os novos olhos castanhos tremeluzindo com mais do que um toque de insanidade.

O sangue fugiu do rosto de Shade tão rápido que ele achou que ia cair.

— Sim — a coisa falou. — Você sabe quem eu sou agora, não sabe?

— Não — Shade tropeçou pros lados, se apoiando na parede com o ombro. Ele tinha ficado mortalmente pálido, a pele pulsando fortemente contra o tom cinzento. — Você não pode ser...

Lábios cicatrizados se torceram em um sorriso grotesco.

— Olhe para mim. Nós nos curamos rapidamente e bem, mas olhe o que o fogo faz com a gente.

— Fogo — Shade sussurrou. — Fogo destruiu Brimstone — ele sacudiu a cabeça, o cabelo preto chicoteando em seus olhos. — Mas você morreu. O lugar queimou completamente. Eu senti você morrer.





— Eu morri por um tempo — a coisa queimada disse, — então a ligação que nós irmãos dividimos foi quebrada naquele dia, mas você sabe que sou eu.

— Shade? — A voz de Runa quebrou o ar tenso na cela. — O que está acontecendo? Quem é ele?

— Ele é meu irmão morto — Shade soltou. — É Roag.





Capítulo Quatro

Roag estava vivo.

Shade tentou processar a informação, mas ele não chegou muito longe. Nada fazia sentido.
— Por quê? Por que você está fazendo isso?

Roag acenou para o seu braço murcho.

— Isso? A ceifa de partes de demônio? Você descobrirá logo.

— Quanto tempo? — Deuses, Shade tinha visões de Roag executando uma operação por décadas, bem debaixo dos narizes deles.

— Dois anos. Eu sou o garoto novo na rua, mas a minha operação acabou levando todos para fora do negócio.

— Mas por que você nos deixou acreditar que você estava morto?

— Por quê? — Com um rugido, Roag balançou o taco. Shade se abaixou, mas a sua corrente restringia o seu movimento e ele recebeu um golpe de relance na bochecha. — Você tem a ousadia de me perguntar isso? Você tentou me matar.

Sangue pingava do rosto de Shade em uma corrente ardida.

— Sobre que merda você está falando?

— Brimstone, seu merda burro. Você, Wraith, e Eidolon fizeram um acordo para eu morrer. A única coisa que eu não sei é quem tomou a decisão final de que eu era muito insano para viver.

Na verdade, Shade havia decidido isso décadas atrás. Havia sido em 1952 e todos eles quatro haviam acabado de passar trinta e seis horas dividindo um harém com demônios Bedim. Saciados, exaustos e ainda sentindo um torpor sexual, eles discutiram como a vida seria depois do s'genesis. Diferentemente de E. e Shade, Wraith e Roag estavam ansiosos. Mas Roag não somente estava ansioso, ele realmente não ligava para no que ele se transformaria com isso. São ou não, não fazia diferença para ele.

Eidolon havia ficado surpreso pela atitude de Roag, mas Shade não ficou. Ele sempre pensou que Roag estava a um passo de se transformar em uma praga.





— Não fomos nós. Por alguma razão, não importa quão louco você ficara, E. olhava para o outro lado.

— Eu não sou louco — Roag grunhiu.

— Certo. Porque pessoas normais cortam outras pessoas para vender suas partes.

Isso garantiu ao Shade outra pancada com o taco, desta vez no ombro.

— Você ousa me julgar? Eu não tinha nada até depois de eu me curar do fogo e começar esta operação, mas agora eu vou pegar tudo o que você e nossos irmãos tomaram de mim.

— Não fomos nós — Shade repetiu.

— Mentiroso! Eu sei que foi. E por isso, você irá sofrer. Igual a sua irmã.

Roag apontou para o Nightlash, que veio para frente com o seu próprio taco. Runa gritou, mas Shade fechou seus olhos. Não tinha sentido lutar e Roag gostaria disso. Ao invés disso, ele agüentou as pancadas até os seus joelhos falharem.

Depois de algum tempo as pancadas pararam e Roag e o Nightlash saíram, mas ele não tinha ideia de quanto tempo havia passado. Parecia que haviam se passado dias. Rochas e palhas mordiscavam seus joelhos enquanto ele se ajoelhava no chão da cela. Sua cabeça pulsava e sua boca estava seca e ele só estava voltando à consciência agora.

O toque de Runa, leve e igual a uma pena, pode ter tido algo a ver com isso.

— Por quanto tempo? — ele resmungou.

— Eu não sei. Um tempo. — Ela tirou sua mão. Eles ainda estavam acorrentados às paredes, mal conseguindo se tocar e somente se eles se esticassem.

— Filho da puta — ele respirou, estabelecendo penosamente sobre um quadril. — Aquele filho da mãe.

— Aquele demônio... Roag... você pensou que ele estava morto?

— Há quase três anos.

Shade encarou além dela para a parede de pedra que escoava umidade, mas em sua cabeça, ele estava vendo um replay do dia que ele descobriu que Roag havia morrido. Somente mais tarde havia sido descoberto que O Aegis de alguma forma havia localizado o pub de demônios encoberto por magia e matado todos dentro. Quando os Guardiões terminaram, eles queimaram Brimstone até o chão. Como Roag sobrevivera era um mistério, mas o dano do fogo explicava por que Shade não havia reconhecido a voz dele, que agora era tão grave e profunda que o seu sotaque irlandês havia sido distorcido.

— Eu acho que quando ele parecia normal, com o cabelo loiro, ele estava personificando um de seus outros irmãos? Wraith, certo?



— Sim. — ele olhou para Runa, se perguntando como ela estava lidando com tudo isso, mas cara, ela era uma guerreira, sentada lá toda calma e sem preocupação quando Shade só queria ficar tão louco quanto Roag.

— Há... há algo que eu possa fazer? — ela disse suavemente.

— Somente se você puder trazer minha irmã de volta.

— Sinto muito.

Ele arriscou outro olhar na direção dela.

— Eu pensei que você me odiasse.

Sua cabeça foi para o lado como se ele tivesse dado um tapa nela. — Eu nunca desejaria isso para você. — Ela olhou para as mãos, que estavam dobradas em seu colo. — Eu sei o que é amar um irmão.

Vergonha enrugou sua pele. Ele lembrou-se de seu irmão, a devoção dela a ele, a sua tristeza enquanto ela o via definhando. Eles haviam sido bem próximos – ela contara a Shade como o irmão dela conseguira a custódia dela quando ela tinha dezesseis anos, depois que o pai deles desapareceu e a mãe deles havia sido hospitalizada. Arik protegera-a como um irmão deveria fazer.

Como Shade deveria ter protegido Skulk.

— Como está Arik? — ele perguntou, precisando de algo, qualquer coisa, para não gritar.

— Ele está ótimo. — Ela direcionou a ele um olhar de relance. — Graças a você.

Shade dobrou sua cabeça para o lado.

— Eu não sei do que você está falando.

— Você o curou. — Ela procurou no rosto dele, mas ele não sabia o que ela estava procurando. — Eu sei que foi você.

— Eu não...

— Não. Eu sei que foi você. Arik estava morrendo e então você veio... E depois que você foi embora, a condição dele começou a melhorar.

Shade suspirou. Três dias antes de Runa encontrá-lo com duas mulheres, ele fora a casa dela, um antigo prédio de dois andares em New Rochelle, para deixar a jaqueta que ela esquecera na casa dele. Ele também havia planejado terminar numa boa com ela. Ele havia sentido a ligação crescente por parte dela, a sua necessidade por mais do que ele podia oferecer. No momento que ele entrou pela porta, o fedor da morte o atacou. Runa estava no telefone, então ele perambulou pela casa até que ele encontrou o quarto principal, onde o irmão dela estava deitado na cama, um esqueleto vivo.



— Ele estava sofrendo de uma infecção causada por um demônio — Shade disse, quando pelo olhar dela ficou claro que ela não deixaria isso passar.

— O que você fez?

— Merda — Ele esfregou a mão no rosto. Ele não queria que ela soubesse nada disso. Ele não queria que ela sentisse gratidão ou que ela devesse algo para ele. A última coisa que ele precisava era que ela cultivasse qualquer tipo de sentimento tenro por ele.

— Shade? Como você o curou?

Um tumulto estourou em uma cela próxima, seguida por obscenidades, alguns rugidos de dor e então as coisas se acalmaram. O silêncio, com exceção do barulho de goteira incessante que acabava com os nervos, era incentivo o bastante para manter Shade falando. Qualquer coisa era melhor do que ouvir o som de seus próprios pensamentos.

— Eu tenho a habilidade de afetar as funções do corpo. O objetivo principal do meu dom de incubus é forçar a ovulação da fêmea, mas eu também posso entrar no corpo em um nível celular, reverter algumas doenças. — Ele deu de ombros. — A doença do seu irmão era fácil de curar, na verdade.

— Os médicos ficaram impressionados — ela murmurou. — Eu levei-o para o hospital na manhã seguinte. Ele foi andando sozinho pela primeira vez em meses.

— Fico contente em ouvir isso.

— Obrigada.

E lá estava a gratidão que ele estava esperando evitar. — Não me agradeça. Eu fiz isso por razões puramente egoístas — ele grunhiu.

— Como salvar uma vida pode ser egoísta?

Ele se forçou a encontrar o olhar dela com tanta malícia quanto ele pudesse conseguir. — Eu não achei que você fosse me deixar em paz se você estivesse de luto pela morte dele.

Ela perdeu o fôlego e ele sentiu uma pontada de culpa por mentir para ela. Ele salvara Arik porque era isso que ele fazia. Ele era um paramédico e mesmo que o cara fosse humano, ele estava sofrendo.

— Você é um bastardo.

— Sim.

Ele estremeceu enquanto tentava ficar mais confortável – difícil de acontecer depois da mordida de Runa e da tortura à qual ele havia sido submetido. Abruptamente, ele se sentiu como um pedaço de merda por se incomodar com o desconforto, dado o que Skulk havia passado.

— Então como você sobreviveu ao ataque do Warg? — ele perguntou. — Como isso aconteceu?



Ela permaneceu em silêncio por um momento, como se o tratamento de silêncio fosse uma punição, e ele achou que de alguma maneira era. — Aconteceu na noite que eu fui à sua casa e encontrei você com aquelas... putas. Eu corri, sem prestar atenção em nada que estava acontecendo ao meu redor e o lobisomem me atacou. — Ela hesitou tão violentamente que Shade jurou matar o warg se ele o pegasse um dia. — Ele me jogou atrás de um latão de lixo quando ele havia terminado. Eu não sei por quanto tempo eu fiquei deitada lá, mas eu consegui encontrar o meu celular e ligar para o meu irmão. Ele veio me buscar. Levou-me para o hospital. Os médicos queriam me manter lá por uns dois dias, mas Arik me atirou contra o conselho médico na noite seguinte. Eu não sabia o porquê, mas eu confiei nele.

— Ele sabia que você havia sido mordida por um warg.

— Sim. Ele não me contou isso, no entanto. Ele me levou para casa e me trancou na adega. Eu pensei que ele havia enlouquecido. Na manhã seguinte, quando eu acordei na adega destruída, ele explicou.

Shade se moveu para frente, suas dores esquecidas momentaneamente. — Como ele sabia? E como ele contraiu um vírus de demônio?

Ela desviou o olhar para longe e ele desejou que eles estivessem mais próximos para que ele pudesse forçá-la a olhar para ele. Mas provavelmente fosse melhor que eles não se tocassem. Ele tinha muitas memórias de quão bom era senti-la debaixo de suas mãos. Debaixo de seu corpo.

— Runa? — Quando ela não respondeu, ele testou os limites de suas correntes. — Droga, ele é um Aegis, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Militar?

Seu olhar disparou nele, os olhos relampejando com surpresa.

— O quê? Você acha que os demônios não sabem que os governos do mundo inteiro estão trabalhando para a grande purgação do submundo? — Ele esfregou as mãos no rosto. Ele estava tão ferradamente cansado. — Eu não acho que nós podemos contar com os militares para vir nos salvar?

Ela somente o encarou.

— Não pensei que aconteceria. — Ele soltou uma longa respiração. — Wraith pode não aparecer, também. Parece que nós teremos que salvar a nós mesmos.

— Como?

— Isso — ele disse severamente — é a pergunta do dia.





— O problema com ter serventes diabólicos é que serventes são burros. — Roag olhou para o pequeno melequento drekevac que parecia um macaco deformado, sem cabelo, se acovardando aos seus pés.

— Mais eu te trouxe o demônio Seminus, um dos irmãos que você pediu. — O drekevac resmungou, seus dedos compridos e magros acariciando as botas de Roag.

— E torturá-lo com um boquete inacabado e a morte de sua amada irmã foi divertido, mas no fim, Shade é inútil para mim. Ele é amaldiçoado. O que quer dizer que as partes do corpo dele serão amaldiçoadas. Eu preciso do Wraith.

Eidolon faria isso em um segundo, mas Roag já havia preparado para ele uma vida inteira de tormento. O lógico, leal Doutor E. estava sendo torturado uma vez por mês por vampiros que no final o incapacitariam ou o matariam. Além disso, ele precisava das habilidades cirúrgicas e de cura do E. para continuar o seu plano. Já que Shade era inútil, isso deixava Wraith. Que estava malditamente bem, porque ele era quem Roag queria que sofresse mais de qualquer forma.

Pobre pequeno Wraith, tão quebrado e atormentado, tão protegido por estes irmãos idiotas e sem noção. Tolos. Roag havia visto quem Wraith era desde o começo. O seu irmão mais novo era um desperdício de bons órgãos, mas Roag planejava remediar isso.

— Mais uma vez, você falhou comigo. — Ele chutou drekevac tão forte que ele saiu voando através do salão antigo grande e bateu em um cavalete. Enquanto ele se arrastava em sua direção novamente, Roag se transformou na forma do Wraith, revelando que a transformação fez a sua pele dura e cheia de cicatrizes ficar suave e flexível. — Já que você obviamente precisa de um lembrete, isso é como ele se parece. — E como Roag iria parecer uma vez que ele tivesse coletado a pele e as partes reprodutivas de Wraith.

— Amante?

Ele se virou, agradecendo ao Grande Satanás que ele havia se transformado de volta antes de Sheryen entrar no cômodo. O demônio Bathag nunca o havia visto na sua forma verdadeira e, se ele pudesse escolher, ela nunca saberia. Ele precisava de Wraith e ele precisava dele logo. Por fim, Sheryen ficaria resistente ao sexo mental e perceberia, apesar de todas suas memórias e órgãos, que eles nunca haviam tido relações.

— O que foi, Sher?

— Eu vejo que você tem um demônio Seminus no calabouço. Eu quero levá-lo para brincar.

Ciúmes quase o perturbou.

— Você vai ficar fora daquele calabouço, lirsha. Quantas vezes eu tenho que te falar isso?

Seu biquinho lindo o fez apertar os dentes em frustração. Ele ainda experimentava as mesmas vontades que ele sempre havia tido, mas graças a perda de seus órgãos sexuais no fogo em Brimstone, ele não podia fazer nada com eles. Era uma tortura do pior tipo, ficar excitado, mas sem capacidade para foder. Ele havia dado a Shade um gostinho disso mais cedo, quando ele havia



mandado Solice trabalhar nele, mas claramente, ela não havia trabalhado nele o bastante, porque a sua excitação havia diminuído ao invés de ser tão sofrida a ponto de morrer. O plano havia sido deixar Shade agonizar por horas, até que ele estivesse quase morto e então mandar Solice de volta, dar a Shade a liberação que ele precisava... e começar o ciclo todo novamente.

Uns poucos momentos de prazer, pontuados por várias horas de agonina. Várias vezes. Lindo.

Tudo arruinado porque Solice chupou o pau dele tão mal quanto ela fazia cirurgia para remover as partes dos corpos dos demônios que os Ghouls capturavam. Que era o porquê dele precisar de Eidolon. Encontrar uma boa ajuda médica era ainda mais difícil do que encontrar bons serventes.

— Humpf. — Sheryen jogou seu longo e prateado cabelo sobre o seu ombro. — Então eu vou para o Eernal. Gostaria de se juntar a mim?

Maldita ela. Ela sabia que ele não iria para nenhum tipo de boate, ainda mais um bar vampírico. Só a ideia já o fazia suar frio.

— Eu te vejo hoje à noite no nosso covil.

Ela assoprou um beijo para ele e saiu andando. — Siga-a — ele falou para outro servente, que estava mordendo um osso perto da lareira em chamas. — Eu não quero que ela faça um atalho pelo calabouço quando ela estiver saindo. — Shade com certeza aproveitaria a oportunidade para transar com ela até não querer mais e a usar para escapar.

Roag deveria matá-lo. Ou cortá-lo em pedaços. As partes de Seminus eram praticamente impagáveis no mercado do submundo.

O problema era, não havia jeito de saber se a maldição de Shade, uma das mais sinistras e engenhosas que o Roag já havia ouvido falar, afetaria suas partes.

Ele estava fazendo tudo isso pela Sheryen, para que ele pudesse se ligar ao seu amor verdadeiro e mantê-la em sua cama – mas ele não podia arriscar transplantar órgãos amaldiçoados por um feitiço anti-amor nele mesmo.

Mas matar Shade de uma vez seria muito rápido. Não, ele tinha que sofrer igual ao Eidolon. Mas como? Roag havia matado a mãe de Shade, o que havia sido divertido mesmo que Roag não tenha falado sobre o seu papel nisso ainda e a morte de Skulk iria assombrá-lo, mas não era o bastante.

— O que o meu irmão estará fazendo lá embaixo? Ele está miserável? — Provavelmente não. Shade sempre gostou de chicotes e correntes.

O drekevac balançou um de seus ombros fora do lugar.

— Eu... acho que não. A warg fêmea está fazendo companhia para ele.



Roag estreitou seus olhos. — É bom que eles não estejam se tocando. — Se aquele bastardo estivesse encontrando prazer em seu calabouço...

Espere... era isso. A melhor tortura para o Shade. E se tudo desse certo, Shade não seria somente atormentado pelo resto da vida dele...

Ele seria atormentado por toda eternidade.





Capítulo Cinco

Lençóis de cetim. Almofadas. Chocolates cobertos com morangos e champanhe. Tudo isso era muito decadente para Shade, que preferia menos conforto e mais couro e correntes, mas a luxúria era adequada à Runa. Sua pele macia merecia lençóis de seda. Seu cabelo longo e grosso caía em ondas brilhantes através do travesseiro estufado. E o modo como ela lambeu o suco de morango de seus lábios o lançou em fogo.

Em algum lugar na parte de trás da mente de Shade, ele suspeitava que fosse um sonho, mas ele não queria lutar com isso. Estar com Runa o fazia sentir malditamente bem.

Ele se moveu contra ela, enterrado no fundo de seu calor molhado. Fazia tanto tempo desde que eles estiveram juntos, tanto tempo desde que ele tinha se deixado apreciar estar com uma fêmea ao invés de apenas gozar em uma.

Era perigoso, permitir sensações como essa. Se ela não o pegasse com duas fêmeas no ano passado, ele teria terminado com ela, não porque ela ficaria pegajosa como ele continuava dizendo a si mesmo, mas porque ele se tornaria pegajoso. Se não pela maldição, Maluncoeur, ele poderia ter sido tentado a esperar, ver onde o relacionamento deles poderia ir, mesmo se um laço com uma humana estivesse fora de questão. Mesmo se, com sua inexperiência e timidez, ela não fosse seu tipo.

Algo sobre ela o tinha pervertido, tinha-o feito pensar sobre ela por um tempo depois que ele a tinha deixado na cafeteria, o tinha feito caçar seu número de telefone e ligar para um encontro duas noites depois.

— Senti saudades, Shade. — A voz de Runa era néctar doce, borbulhando em suas veias como o vinho espumante que ele tomou um gole da parte baixa de suas costas poucos minutos antes, quando ela se deitou de bruços, se espalhou diante dele como um banquete. — Me tome dentro de você.

Sua cabeça estalava. Os olhos dela, brilhando com desejo e amor e tudo o mais, olharam para ele e ele soube que ela quis dizer o que ela disse. Ela queria se vincular a ele. Se tornar sua companheira e ajudá-lo através do s'genesis então ele não iria passar por isso sozinho, então ele não teria sua vida virada de cabeça para baixo.

O lado direito de seu rosto latejava, as marcas na pele tentando perfurar seu caminho à superfície e declarar que ele tinha ido através da Mudança. Ele estava distante semanas, dias ou





horas, até mesmo, de se tornar um demônio que muda de forma que se esqueceu sua antiga vida e passava os dias na busca insana de mulheres para engravidar.

Se vincular a uma companheira pararia a insanidade – literalmente. Os machos pós genesis frequentemente ficam insanos, Roag é um exemplo disso. Machos vinculados pós genesis mantinham suas sanidades, os tornava férteis e podiam mudar de forma, mas a única fêmea que eles podiam dormir eram suas próprias companheiras.

O fato de que eles estariam limitados a viver com uma fêmea era a razão para muitos Sems não se vincularem, especialmente depois do s'genesis – quem queria passar seiscentos anos com a mesma companheira? Pior, havia só um caminho para sair – a morte de um dos parceiros. E uma vez que demônios, em geral, tinham uma grave desconsideração pela vida, encontrar uma companheira que você pudesse confiar que não o mataria em seu sono de duzentos anos em uma ligação era próximo do impossível.

Ainda assim, Shade estaria disposto a arriscar... se não fosse pela maldição. Ele não podia correr o risco de se apaixonar pela fêmea que ele se vinculou – e ele sabia que cairia², e muito. O desejo de uma família amorosa havia sido criado nele pelo lado de sua mãe e todo dia ele sofria pelo o que ele não podia ter. Por agora, porém, ele tinha Runa.

As pernas dela trancaram apertadas ao redor dele. Ela se arqueou, tomando-o até a base, gemendo robustamente. Ele tinha esquecido como ela era sintonizada com ele na cama, sempre respondendo a todos os seus anseios com entusiasmo. Sua curiosidade era sem limites e ele gostara de apresentar a ela várias posições, brinquedos e atos.

Alcançando baixo, ela cravou as unhas em uma das nádegas, forçando-o em um ritmo de sua escolha. – Mais duro – ela resmungou. – Até que eu grite, demônio.

Surpresa o tocou; ela nunca mostrara nenhum tipo de agressão durante o sexo, servira a seus desejos e necessidades, fora flexível e perfeita. Isso era ainda melhor.

Ele bateu nela, dando a ela o que ela queria, fazendo-a soluçar enquanto eles subiam mais alto. O cheiro de sua excitação se levantou, intoxicando-o com luxúria. Deixando-o tão bêbado que a sala começou a girar e quando ela lhe ordenou – Beba-me – e arrastou uma unha longa através de sua clavícula e tirou sangue, ele fez, sem pensar.

Ela enroscou seus dedos da mão esquerda através dos dedos dele da mão direita, esticando seus braços acima da cabeça. Dor atirou por ele, uma dor amável, deliciosa, que irradiava de seu ombro onde ela afundou seus dentes. A tatuagem que se estendia dos seus dedos até seu pescoço começou a brilhar com um calor líquido, parecendo derreter seus membros juntos.

Anéis do inferno, eles estavam vinculados. Oh, merda, estava acontecendo e ele não podia parar, não quando o sangue dela fluiu como vinho para baixo em sua garganta e ela puxou o sangue dele com um puxão forte, erótico. Não quando seu orgasmo estava tamborilando nele como um

² No sentido de se apaixonar



trem de carga e ela estava gritando e... ele rugiu em sua liberação quando o clímax dela o sugou, suas paredes internas lisas contraindo em torno dele e mantendo-o prisioneiro.

Prisioneiro...

Cego pelo orgasmo que vinha e vinha, ele não conseguia ver direito, mas alguma coisa não estava certa. Os cheiros no quarto foram embora, não mais chocolate e excitação, mas mofo e esgoto. Seus joelhos não estavam deslizando em cetim. Eles estavam raspando em pedra dura.

— Runa — ele sussurrou e ela gemeu, despertando-se com o mesmo sonho nebuloso que o afetou.

— O que aconteceu? — ela piscou para ele. Com o canto de seu olho ele viu a tatuagem em seu braço parar brilhante. Ele a sentiu dentro dele, em sua alma, seu coração. Eles estavam ligados. E com um horror crescente percebeu onde eles estavam.



— Seu bastardo. — Raiva quase ferveu o sangue de Runa enquanto ela olhava para cima para Shade. — O que você fez comigo? — ela empurrou com força os ombros nus dele. — Saia de mim!

Para seu crédito ele parecia tão confuso quanto ela estava. Ele mexeu fora dela, seus movimentos bruscos e desajeitados. Mas então, ela não estava exatamente se movendo com graça e elegância, tampouco. Seus membros estavam pesados, como se em suas veias corresse chumbo grosso ao invés de sangue.

— Merda — ele respirou, ficando de joelhos do lado dela. — O que aconteceu?

— Você não sabe?

— Eu sei apenas que estamos ligados. Mas não tenho ideia de como chegamos a esse ponto.

Ligados? Ela estremeceu com uma pontada de dor na cabeça. Ela deve ter sido drogada.

Sua mente trabalhou furiosamente. Imagens nebulosas rodaram através de sua cabeça. Os Keepers trouxeram comida e água para eles. Eles comeram e depois disso... sua mente era um buraco negro.

Ela vagamente se lembrava de ouvir a voz de Roag, mas então ela estava em um quarto de hotel com Shade e eles estavam fazendo amor...

Vinculados. A mordida, o sangue... algum tipo de ritual de acasalamento?





Um choque formigando de excitação tomou conta dela, limpando-a de seu pensamento coerente. Oh, ela se lembrou disso, lembrou de como o sexo com Shade a deixou desfrutando de orgasmos por muito tempo depois. Ela reprimiu um gemido, envergonhada de que, nas circunstâncias, ela podia possivelmente encontrar outra liberação.

Como isso tomou conta dela, Shade puxou-a em seus braços fortes. — Eu amo essa parte — ele murmurou no ouvido dela. — Depois que eu tomo você e você se desfaz em pedaços enquanto eu assisto. — Ela arqueou contra ele, agarrando-se a seus ombros largos, agarrando-se às ondulações extraordinárias dos prazeres que ela não queria terminar. Seus músculos chapados amorteceram os espasmos do corpo dela. Vagamente, ela percebeu que a coxa dele tinha separado a dela e ela se balançava contra ele.

Ele a segurou firmemente, dirigindo o tamanho de sua ereção dura em sua barriga. Os lábios dele roçaram na borda de sua orelha enquanto ele falava com ela através dos orgasmos que vieram um após o outro. Suas palavras eram vivas, quentes, um afrodisíaco verbal que a manteve tremendo em seu abraço.

Quando tudo terminou e sua cabeça estava clara, ela empurrou-o para longe de novo, embora com menos força do que antes. — Isso é loucura — ela disse, sua voz tão rouca quanto ela nunca tinha ouvido.

— Então é Roag — Shade enfiou a mão pelo seu cabelo, observando-a enquanto aferia sua habilidade de lidar com tudo o que tinha acontecido.

— Eu me lembro de ouvir a voz de Roag. Eles devem ter nos drogado. Mas por quê? — Ela olhou ao redor na cela minúscula, só agora percebendo que eles já não estavam acorrentados às paredes. Esperança cantou através dela. Ela deu boas vindas à sensação até que uma ânsia escura a fez perceber que não era esperança que ela estava experimentando.

Era o chamado da lua cheia. O tempo estava próximo.

— O porquê eu não sei. Mas Roag tem o poder de nos fazer pensar coisas que não são reais. É o mesmo dom que Wraith tem. Ele entrou em nossas cabeças e nos fez querer nos vincular.

— E o que, exatamente, é se vincular?

— É o que demônios Seminus fazem se eles querem tanto evitar quanto reverter os piores efeitos do s'genesis. Nós ainda passamos pela Mudança, mas se nós tivermos tomado uma companheira, nós não mergulhamos em uma vida de violência e nós não temos o desejo de engravidar cada fêmea do planeta. — Ele se inclinou para frente, seus olhos caindo para os seios expostos dela, que se apertaram sobre seu olhar quente. — Nós apenas temos o desejo de engravidar nossa companheira.

Ela engoliu em seco e colocou seus braços ao redor de si.

— Você...



— Eu não estou fértil ainda. — Ele franziu o cenho. — Eu tenho um anel ao redor do meu pescoço?

— Sim. — Era uma extensão da tatuagem correndo pelo seu braço... Uma coleira atada ao redor do seu pescoço. Ela esticou a mão para tocá-lo, mas ele se esquivou.

— Não. — Sua voz era baixa e áspera. — Estou tendo momentos difíceis tentando me controlar. As coisas que eu quero fazer a você...

O coração dela trovejou em seu peito. Pulou para sua garganta então ela mal podia encontrar sua voz. — É... Isso é normal?

— Tenho ouvido que tomar uma companheira antes da Mudança traz isso mais rápido. — Seu olhar escureceu até que os brancos de seus olhos quase tinham sido consumidos pelo negro. — Por causa da oferta permanente de sexo.

A simples palavra, a intensidade possessiva na expressão dele, quase a teve gemendo.

— Pense novamente, amigo. Não vou ser sua pequena escrava sexual — Ela esperou que isso soasse mais convincente para ele do que soou para ela.

Shade colocou mais distância entre eles, mas o jeito que seu corpo estava enrolado, o modo como ele observava-a, lembrava-a uma pantera pronta para atacar. — Não é como isso funciona. — Ele tocou sua garganta. — Há um ou dois anéis?

— Um.

— Haverá dois uma vez que o s'genesis estiver completo. O primeiro significa que estou ligado. O segundo significa que estou fértil. Você desenvolverá marcas nos braços que combinam com as minhas em poucos minutos. Uma vez que a licantropia alterou seu DNA, você não é completamente humana, de modo que o laço não deve matá-la.

Não deve?

Isso era realmente, realmente ruim. Ela mudou para seus pés e começou a andar, o sangue de lobo apenas coçando logo abaixo da superfície da sua pele. — Ok, como nós nos desvinculamos?

Ele esfregou uma mão na mandíbula.

— Nós não nos desvinculamos.

— O que você quer dizer com, nós não nos desvinculamos? Tem que haver um jeito. Um feitiço, um ritual...

— Não há. — Ele esfregou sua mandíbula novamente. — Porra.

Ocorreu a ela que ela deveria estar mais chateada, mas uma vez que eles provavelmente iriam morrer em algum momento no próximo dia ou mais, o acasalamento para a vida não parecia ser um grande problema.



— Por diversão, vamos dizer que nós sobrevivamos aos Ghouls. O que estar vinculado significa para mim? Para nós?

Ele ficou em pé, passeou por um momento, seu corpo tonificado uma coisa de beleza enquanto ele andava.

— Fidelidade forçada, para começar. Nenhum de nós pode voluntariamente ter sexo com outra pessoa. Você sentirá dor se tentar. Eu não serei capaz de ajudá-la. Quer dizer que nós sentiremos tesão um pelo outro não importa o quão distantes nós estivermos. Nós sentiremos a emoção um do outro. Eu posso sentir sua raiva agora mesmo.

— Eu apenas apostaria que você pode. — Ela olhou para ele. — Então tudo isso soa muita merda. Porque alguém faria isso? Quero dizer, eu entendi que pode fazer as coisas mais fáceis para você, mas por que as mulheres fariam isso?

— Não mulheres. Nosso sangue é tóxico para humanos, então nós não podemos nos vincular a elas.

— Tudo bem. Fêmeas então. Por que demônios fêmeas se vinculariam a vocês?

— Demônios se apaixonam, você sabe — ele retrucou. — Fêmeas querem evitar que os machos que elas amam fiquem insanos e fodam com cada coisa que se move. — Ele tomou uma respiração profunda e quando falou novamente, estava mais calmo. — Algumas espécies conseguem maior durabilidade fora do negócio. Espécies presas obtêm um protetor em um companheiro. Há muitas razões para uma fêmea poder se vincular a um demônio Seminus.

— E quanto a lobisomens?

— Orgasmos fora-desse-mundo.

Ela olhou.

— É isso? Ótimo sexo? Estou forçada a lidar com você pelo resto da minha vida e tudo o que eu consigo disso é ótimo sexo?

— Melhor do que ótimo sexo — ele disse, soando um pouco apagado.

Ela pegou suas roupas, espalhadas ao redor dela. — Isso é ótimo. — E ela não estava falando sobre sua calcinha, que tinha sido retalhada.

— Não estou realmente feliz tampouco, princesa.

Ela resistiu ao impulso de estapeá-lo. Isso não era culpa dele. — E o seu irmão? Porque ele é tão...

— Psicótico?

— É isso.



— Ele sempre foi fora de ordem. Ele nasceu Neethul senhores de escravos, uma raça extremamente cruel. Quando ele veio através da s'genesis, ele perdeu as poucas bolas que tinha.

Ela puxou com força seus jeans e em algum momento ela deve ter rosnado, porque ele atirou-lhe um olhar curioso.

— Você está perto, não está?

Em resposta, seus músculos apertaram dolorosamente, como se estivessem sendo separados dos ossos. — A lua cheia está quase aqui.

— Merda.

— Sim. Tão logo eu mude, eles vão me esfolar.

Balançando sua cabeça lentamente, Shade colocou os dedos em seu brinco. — Eu acho que não. Roag nos vinculou por uma razão.

— Então ele não vai me matar?

Ele encontrou o olhar dela. — Oh, ele vai matar você — ele disse calmamente. — Mas não ainda. Eu acho que ele tem alguma coisa muito pior planejada.



Doutora Gemella Endri estava na sala dos médicos no Hospital Geral do Submundo, assistindo Wraith andar enquanto Eidolon e Kynan tentavam acalmá-lo. A futilidade de seus esforços era desolador. Wraith estivera de lado pelo que pareciam horas agora. Mesmo suas roupas não foram capazes de resistir ao estresse. Sua camiseta fora estendida irremediavelmente no pescoço por suas mãos constantemente puxando-as como se isso estivesse o estrangulando. Ela imaginou que, tanto quanto ele estivera andando, as solas de suas botas de combate deveriam estar completamente desgastadas. Passando as duas mãos pelo cabelo, ele parou de andar e jogou as costas contra a parede cinza escura coberta com encantamentos escritos em sangue – feitiços de proteção que impediam a violência. Na maior parte. Ele e seus irmãos estavam isentos da restrição da violência.

— Eu ainda não posso localizá-lo. Merda. Não posso encontrá-lo!

Eidolon olhou para cima para onde ele se sentou do outro lado de Gem, seus olhos escuros assombrados. A ambulância que Shade e Skulk dirigiram foi encontrada, mas lá não havia nenhum sinal de demônios e todos no hospital estavam operando em modo de preocupação. — Você pode senti-lo afinal?





Wraith olhou para o teto, que era tão escuro quanto as paredes. — Eu pego flashes dele quando ele está com dor, mas eles não duram muito. Alguém deve ter colocado um feitiço de encobrimento nele ou algo assim.

— São os Ghouls, não é? — Kynan expressou o que eles estiveram pensando e Gem puxou uma respiração ansiosa.

— Não. — Wraith atravessou como um tiro a sala e bateu Kynan contra a parede, que começou a pulsar quando a ameaça de violência aumentou. Ele empurrou seu braço contra a garganta de Ky, colocando pressão sobre as cicatrizes irregulares que corriam da mandíbula de Ky até a clavícula. — Não diga isso. Nem mesmo pense nisso.

Kynan não reagiu, além de assistir Wraith com olhos calmos. O que ele disse foi alvo certo e todos eles sabiam disso. Ainda essa manhã um demônio Oni tinha sido trazido, sua língua e três olhos tinham sido colhidos por Ghouls, o que só intensificava a preocupação deles.

— Deixe-o ir, Wraith — Eidolon disse com uma voz calma e suave. — Se concentre em Shade.

Vários batimentos cardíacos agonizantes passaram antes que Wraith finalmente empurrasse Kynan para longe — Eu tenho que sair daqui.

Eidolon ficou de pé, ajustando seu estetoscópio para evitar que ele deslizesse para fora de seu pescoço.

— Wraith... — a advertência em sua voz era tão afiada quanto uma lâmina de bisturi.

— Poupe-me do sermão de apenas-dizer-não, irmão. — Wraith saiu da sala e com uma maldição, Eidolon o seguiu, deixando Gem sozinha com Kynan.

— Isso é uma confusão, demônio — Ky murmurou, esfregando a garganta enquanto pegava um Red Bull da geladeira pessoal. Gem teve que erguer o olhar para longe da maneira que ele esfregava acariciando sua bela bunda enquanto ele se inclinava.

— Acho que todos nós estamos um pouco confusos — ela disse cansada.

— Você quer dizer todo mundo? Ou apenas demônios? — Ky apareceu no topo enquanto olhava para ela com aqueles olhos cor de jeans que sempre fizeram a sua respiração vir mais rápido. — Como você.

O lembrete brusco a colocou em seu lugar. Ele era um humano que costumava matar demônios para ganhar a vida, que agora tinha todas as razões para odiá-los. Ainda que trabalhasse com eles, socializasse com eles e, na UG, curasse-os. Ainda assim, ele não podia ver além do que ela era. Não podia ver o quão doloridamente ela queria-o.

Admitia que as feridas que ele sofreu quando sua esposa o traiu ainda estavam cruas, mas Gem queria desesperadamente curá-lo, mesmo que apenas por suas próprias razões egoístas.



Ela amava Kynan Morgan e há anos. Não importava que ele não fosse mais o homem por quem ela tinha se apaixonado. A sua metade demônio alegrava-se com a perda de sua pureza, sua bondade. A metade humana chorou, desejava vê-lo inteiro novamente.

— Gem? — A mão de Kynan baixou em seu ombro, tirando-a de suas reflexões patéticas, mas reconfortando-a com seu calor.

Deus, ele era quente. Escuro, cabelo espetado, olhos azuis, a pele profundamente bronzeada. Seu porte atlético foi feito para maratonas dentro e fora da cama.

— Ah, Gem?

Ela piscou. — Desculpe. Estou distraída.

— Nós todos estamos preocupados com Shade e Skulk.

— Você está? Verdadeiramente? — A pergunta veio de forma mais acentuada do que ela pretendia e ela nivelou cuidadosamente sua voz para a próxima pergunta. — Você honestamente se preocupa com ele?

— Você acha que eu não me importo porque eles são demônios?

— Isso me ocorreu.

— Eu conhecera humanos que eram mais perversos do que qualquer um deles.

A resposta a deu esperança, uma luz, uma sensação oscilante em sua barriga. — Você poderia... você poderia chegar a, hum, estar com um demônio? — A pergunta estava fora de sua boca antes que ela pudesse pegá-la de volta.

Os danos nas cordas vocais tolerados durante seus dias no Exército tinham deixado-o com uma voz rouca e áspera, mas agora ela era ainda mais baixa e áspera. — Sobre o que nós estamos conversando? Sexo?

Sua boca ficou seca e um arrepio de desejo e ansiedade correu através dela.

— Eu... eu não sei. Eu apenas... Você poderia ver-se com uma?

Um dedo longo arrastou-se ao longo de sua mandíbula, o contato mais íntimo que eles já tiveram.

— Nunca.

Com isso, ele saiu da sala.





Kynan encalhou em uma parada logo fora da porta da sala, seu coração batendo, sua respiração queimando na garganta. As sombras das salas do hospital o fecharam e ele teve que apoiar-se contra a parede quando uma sensação vertiginosa se abateu sobre ele.

Que diabos acontecera lá atrás? Em todos os anos que ele conhecia Gem, ele nunca pegara mais do que uma vibe de amizade dela, mas de repente ela parecia... querê-lo.

Querê-lo? Por quê? Ele era uma mercadoria danificada e um imbecil classe A. Sem mencionar o fato de que, há mais de onze meses, sua libido estivera tão morta quanto sua esposa.

Mas de repente, enquanto ele estava lá com Gem, seu corpo tinha ressuscitado como se tivesse sido levantado por um desfibrilador.

Ela é um demônio.

— Meio demônio — ele murmurou para si mesmo.

Mas meio demônio é tão ruim quanto.

Jesus Cristo. Ele ficou lá em conflito com si mesmo no corredor, seu traseiro friccionando revelando o atual estado excitado, e por quê? Ele tinha acabado de deixar claro que ele jamais poderia se envolver com um demônio, nem mesmo para algo tão superficial como sexo, porque sexo nunca fora superficial para ele.

Cara, os irmãos incubus ririam com suas bundas se eles soubessem disso sobre ele. Como ele sempre considerou o sexo sendo algo especial, ser compartilhado entre duas pessoas que se preocupavam uma com a outra. Mas não era como se ele estivesse julgando aqueles que não sentiam da mesma maneira. Ele cresceu como o filho de uma garota de programa que saía dos negócios quando seu pai, rico e casado, pagou-lhe uma grande soma para mantê-la calada. Ele vira o melhor e o pior das pessoas crescendo e então depois de novo no Exército durante a batalha. As pessoas faziam merdas estranhas quando estavam estressadas ou machucadas ou apenas por causa de sua educação.

Então não, ele não julgava, e não tirava conclusões precipitadas.

Talvez ele tivesse simplesmente interpretado mal a pergunta de Gem. Talvez ela não estivesse falando sobre sexo – ou, pelo menos, sexo com ela. Talvez ele fosse um idiota fodido, porque ele sabia malditamente bem sobre o que a conversa tinha sido, e seu pau sabia também. Não que isso importasse, porque nada podia acontecer entre eles, não importa o quão sexy ela parecesse em suas mini-saias de couro e meias altas até as coxas – o que ele só percebeu nesse exato momento que estavam incrivelmente quente.

Foda-se. Ele estava em uma porrada de problemas e não tinha ideia de como encontrar uma saída.



Capítulo Seis

Shade ritmou, pensando em um plano para tirá-los do calabouço. Ele viu os carcereiros que iam e vinham, tentando obter uma conta em seus padrões, espécie e sexo. Seduzir uma mulher iria dar-lhes melhor chance de escapar e, até agora, ele já tinha visto duas — a imp fêmea que o tinha levado à cela e a outra que os alimentava.

Runa adormecera há alguns minutos atrás, então ele se sentou ao seu lado, de costas contra a parede, e pensou sobre Roag, na esperança de se lembrar de algo que poderia iluminá-lo sobre o porquê de ele culpar Shade e seus irmãos sobre o que tinha acontecido com ele no fogo em Brimstone. O ronco macio de Runa embalava-o enquanto ele pensava sobre o último dia que tinha visto Roag vivo.

A primeira corrida de ambulância do dia tinha sido um fracasso. No momento em que Shade e Skulk chegaram ao beco onde um Soulshredder fora ferido, ele já estava morto, deixando para trás apenas uma fina mancha de óleo escuro no chão. Retornando da execução, Shade voltara à garagem condenada, rodando por vários níveis abaixo sob as ruas de Nova York. No subterrâneo profundo, uma porta de garagem brilhou, invisível aos humanos, mas um farol para os demônios. Shade havia apertado um botão no painel da ambulância e o portão abriu-se, permitindo que o equipamento entrasse. Eles surgiram dentro de um gigante estacionamento ao lado do hospital.

Depois de estacionar em uma tenda de ambulância, ele dirigiu-se para a sala de descanso, onde Eidolon estava discutindo com Wraith sobre algo estúpido, sem dúvida. Roag estava encostado na parede, olhando Solice, uma enfermeira vampira, enquanto ela inclinava-se para assaltar a geladeira. — Shade. — Roag disse em seu sotaque irlandês. — Estou tentando falar com nossos irmãos em vão em Brimstone. Eles estão negando. Mais uma vez.

— Por que você ao menos tenta? Ninguém quer ir. — Nem mesmo Wraith era louco o suficiente para sair em bares demônios cheios de luxúria. Mas Roag já não se importava com as consequências. Ele era um escravo de seus instintos e da libido. Mesmo agora, enquanto ele assistia Solice, o cheiro de luxúria rolava dele em ondas. Lambendo os lábios, ele cruzou até ela, puxou-a contra ele e empurrou o rosto dela, primeiro na parede.

Eidolon pigarreou. — Sem sexo na sala de descanso. Você conhece as regras. — Como se não tivesse ouvido, Roag continuou a acariciar a enfermeira e Shade preparou-se para uma batalha. Mas quando Eidolon deu o primeiro passo em direção ao par, Roag recuou.

— Você está muito tenso, E.





— *Eu vou te encontrar no bar quando eu sair do meu turno.* — Solice ronronou e Roag sorriu.

— *Nós vamos jogar castigue a enfermeira impertinente.* — Ele beliscou sua orelha e lançou-a. Ela oscilava, afetada por seus feromônios incubus enquanto ele prosseguia em direção à porta. A maioria das mulheres teria evitado um demônio Seminus pós s'genesis se reconhecesse o que ele era, mas já que vampiros não poderiam conceber, exceto no caso à parte da mãe de Wraith, vampiros não tinham muitas reservas sobre enroscar-se neles.

— *Idiota.* — Shade disse enquanto a porta se fechava atrás de Roag. — *Ele vai acabar morto.*

Depois que ele foi embora, Wraith veio aos seus pés, um brilho perverso nos olhos. — *Pode-se apenas ter esperança.*

— Shade?

Shade piscou para fora do replay do dia em que Roag morreria. Ele cochilou e, deuses, ele preferia estar de volta ao sonho que na realidade que ele tinha despertado.

Ele olhou para Runa enquanto ela olhava para baixo dele e seu coração bateu forte. Era só uma questão de tempo antes que ele se apaixonasse por ela e as consequências de sua fraqueza emocional fariam uma morte lenta parecer divertida em comparação.

Shade nunca teve medo de nada, mas o Maluncoeur, lançado sobre ele por um bruxo puto da vida, há oitenta anos, assustou-o como o inferno e, se ele não tomasse cuidado, Runa seria a sua perdição. Porque até agora, seu corpo estava surgindo para a vida, exigindo-lhe que a possuísse repetidamente, até que ela se tornasse dependente dele. E isso poderia acontecer. Com cada orgasmo, o sêmen dele poderia uni-la mais fortemente a ele, um processo químico que resultaria em algo mais poderoso, mais orgasmos e uma liberação de endorfinas que permaneceriam por horas. Em suma, ela aprenderia a implorar-lhe enquanto ele a desejava.

Se pelo menos ele não tivesse cedido, há muito tempo, às necessidades da fêmea humana, a bela estrela do filme silencioso que tinha fodido seu caminho para a fama e que exigiu sexo áspero e violento de Shade como forma de penitência. Se pelo menos ele não tivesse matado o marido dela quando ele descobriu Shade nu e ocupado com a esposa dele. Se o marido apenas não tivesse sido um bruxo que havia jogado a maldição em Shade em seus últimos momentos antes de morrer.

Eu te chamo, servo do Mal, Demônio da Vingança, eu te chamo, Ariocho, que dá vingança, que tira a vida. Eu te ordeno, para vincular este demônio ao Maluncoeur, para uma vida eterna de insaciável sede, incessante fome, dor sem fim e desejos não aliviados. Ele não conhecerá o amor, para que ele não passe de uma sombra e Maluncoeur. Venha cá, Venha. Realize minha vontade.

Oitenta anos depois, as palavras do bruxo eram tão claras como no dia em que tinham sido proferidas através dos lábios sangrentos. Runa afagou seu rosto com a mão fria. — Ei. Você está acordado?

Ele tirou a mão dela antes que ele fizesse algo estúpido, como puxá-la sobre ele. Não escapou a sua atenção que ela ainda não ostentava as marcas de acasalamento em seu braço. — O que é isso?





— Alguém está vindo.

— Finalmente. — Alcançando fora de sua neblina, ele levantou a seus pés e deslizou, nu, contra a parede de pedra fria. Passos soaram, suaves, leves. Definitivamente fêmea. Fodidamente perfeito.

Ele andou em direção a porta da cela, onde o canto sombreado o escondeu. Ele gesticulou para Runa, que caiu no local no chão como eles haviam discutido, uma corrente de cadeia enrolada em torno de seu pescoço.

Ela fez um trabalho danado de bom ao parecer morta.

Shade iria fazer um trabalho tão bom em parecer invisível.

Enquanto ele entrava na mancha das trevas perto da porta, ele tremeu, as células da sua pele deslocando-se e escurecendo até que ele não pôde ver sua própria mão. Pouquíssimos seres poderiam detectá-lo agora, graças à habilidade herdada do demônio Umber de transformar-se em sombra na presença de sombra.

O passo soou mais forte, mais alto. Um segundo par.

Respirando devagar, uniformemente, para manter sua pulsação constante, ele aguardava na esperança de que quem estivesse se aproximando não fosse sensível ao som das batidas de coração e sangue correndo. Vampiros, especialmente, eram um pé no saco desse jeito.

— O Mestre disse para você não vir aqui! — Desespero sangrou no sussurro áspero de um macho fora da porta.

— Eu quero ver o Seminus. — Ronronou a voz feminina. — Roag e eu não estamos ligados ainda, então eu posso fazer o que eu quero. Ele não sabe que eu retornei de Eternal. Eu tenho tempo para brincar.

Através das grades na porta, Shade poderia sentir o perfume de sua luxúria e, pela primeira vez em oitenta anos, ele não teve a experiência nem mesmo do menor agito de excitação. Ele deslizou um olhar a Runa e seu pau estremeceu. Maldito vínculo.

A mulher espreitou por entre as grades. Sua pele pálida e translúcida, olhos violetas e orelhas pontudas identificaram-na como um Bathag, uma espécie de habitante das cavernas. Então... Roag tinha encontrado para si uma fêmea com vínculo.

— Ele se foi. Quem o deixou sair? — Ela sacudiu a porta. — Ele matou a warg.

— Não faça isso. — Gritou o homem. — Não!

O bloqueio do ferro clicou. A porta se abriu e a fêmea entrou, olhou diretamente para ele. Ele prendeu a respiração, tentou, e falhou, em manter a sua frequência cardíaca baixa. Depois de um longo momento, o Bathag virou. Enquanto ela se dirigia para Runa, Shade atingiu, ambas as mãos presas em cada lado da cabeça dela, mas no último segundo ele não tirou o pescoço dela. Ele





deveria, mas se o que ela dissera sobre o vínculo com Roag fosse verdade, seu irmão estava apaixonado por ela. Ela poderia ser útil.

Runa saltou a seus pés. — Atrás de você!

Ele girou, bloqueou um ataque do sexo masculino que tinha seguido a fêmea ao interior. Em três movimentos, ele tinha o demônio esquelético quebrado e morto e Runa tinha a fêmea de bruços no chão. Runa montou a Bathag, uma mão segurando a nuca, a outra segurando o braço da Bathag por trás de suas costas. Embora fosse uma péssima hora para ter seu pau por perto, ele se afastou por um momento e admirou a vista de sua companheira dominando e... Merda. Ele balançou a si mesmo para fora disto. — Nós temos que ir.

Os olhos de Runa pularam. — Shade!

Dois Darquethoths estouraram dentro da cela, seus olhos fluorescentes, lábios e linhas em suas obsidianas peles brilhando um brilho laranja à luz da masmorra escura. Moveram-se rápido, mas ele rasgou através deles, fazendo uma abertura para Runa enquanto eles abriam distância.

— Vamos! — Ele gritou e gemeu enquanto uma corda enrolava em seu pescoço. Um dos Darquethoths bateu-lhe na porta da cela. Dor cortou pela espinha acima. Um rugido de raiva ecoou pela masmorra e, em seguida, Runa estava lá em um turbilhão de punhos e pés, rasgando em alguns movimentos impressionantes sobre os Darquethoths. A corda soltou e ele plantou seu punho na cara de um Darquethoth. O homem caiu no chão ao mesmo tempo em que o outro, que tinha tomado uma pancada na cabeça do pé de Runa.

A Bathag esforçou-se para seus pés. Quando cruzou os olhos com Shade, ela assobiou e o chão começou a tremer. Uma pedra no teto caiu no chão em uma nuvem de poeira e, merda, ela traria todo o lugar para baixo. As pupilas de Runa dilataram e estreitaram descontroladamente. Seus dedos alongados. A noite estava caindo tão rápido quanto o teto. Mensagens vieram de algum lugar. Mais Keepers.

— Nós temos que ir! — Ele agarrou o braço de Runa. Ele desejou que pudesse levar a fêmea de Roag com eles, mas a Bathag iria atrasá-los. O chão debaixo deles agitou-se e contraiu enquanto eles corriam para fora da cela.

Adiante, dois Keepers lutaram para permanecer em seus pés. Shade passou por eles como uma bola de boliche através de pinos. Sem abrandar, ele arrastou Runa até a estreita e sinuosa escada. Eles estouraram fora da escada e saíram para uma extensão de grama. A névoa cinzenta cercava, salvo para os inexpressivos grossos tentáculos que giravam em seus pés. Aqui e lá, o véu diluía, permitindo uma visão de paredões rochosos e árvores magrelas à distância. Atrás deles, uma parede de pedra se alongava, desaparecendo no nevoeiro. Eles tinham sido detidos em um castelo.

— Onde estamos?

— Na Irlanda, eu acho. — Um palpite, baseado na paisagem, mas também nos antecedentes de Roag. Após a sua primeira maturação, ele emergiu de Sheoul, o reino demônio nas profundezas





da terra, para viver entre os humanos em várias cidades da Irlanda, acabando por se envolver com o IRA³. Nada o animava mais do que causar problemas.

Runa repetiu, ofegante, mas ele suspeitava que seus problemas respiratórios tinham menos a ver com o esforço e mais com sua iminente mudança para um Warg. — O que foi aquilo? O tremor.

— A Bathag... Eles têm controle sobre a terra e a água. Eles podem causar tsunamis, tremores de terra, todo tipo de merda se eles estiverem irritados. Ela estava chateada. — O furioso suspiro interrompeu a mensagem, enviando-o em sua própria luta de respiração espástica. — Temos que ir, querida. Eu adoraria ficar e brincar, mas parece que este vínculo estúpido trouxe alguns sérios instintos de proteção.

— Eu posso cuidar de mim. — Sua voz era suave, mas repleta de aço. Assim como seu olhar.

Ele tomou-a, consciente de que o tempo estava acabando, mas não querendo privar-se deste momento. Ela tinha a alma de um guerreiro, uma lutadora determinada. Ela o chamou, substituindo seu senso comum. Ele a agarrou pela cintura e puxou-a contra ele. Ao mesmo tempo, sua pele apertou e seu sangue fluíu quente. Ele queria tomá-la ali mesmo. Fogo do inferno.

— Eu sei que você pode. Mas pode ter certeza que você não precisa.

Sabendo que a coisa mais inteligente seria deixá-la aqui para morrer, ele amaldiçoou o vínculo, pegou a mão dela mais uma vez e arrastou-a para a floresta.



Runa acompanhou Shade, saudando o ponto do seu lado e a maneira que seus pulmões queimavam a cada respiração. Ela estava livre e fresca, o ar fresco à noite acendeu uma vontade de correr, uivar. Caçar.

— Ele está vindo.

Ele parou tão de repente, ela quase bateu de encontro a ele. — Roag?

Ela inclinou a cabeça em direção ao horizonte, onde uma tira da última luz do dia espiava pela cortina de névoa. — Noite. Eu estou virando.

— Onde você costuma ir?

— Será que isso importa? Estamos a milhares de quilômetros dos Estados Unidos.

³ Irish Republican Army – Movimento Irlandês baseado na violência e no terrorismo. O IRA é o principal grupo paramilitar republicano. Foi fundado há quase 80 anos para lutar por uma Irlanda independente.



— Eu posso levar-nos em qualquer lugar em questão de minutos. Agora, aonde você vai?

Ela tinha uma gaiola confortável na base do Exército, uma instalação secreta abaixo de Washington, DC, que engenhosamente usava o formato de Pentagrama e do Hexagrama da cidade a sua vantagem. Os símbolos de significado maçônico, acreditados equivocadamente por alguns como sendo de natureza satânica, provia proteção contra o mal, reforçando simultaneamente a magia defensiva.

Obviamente, ela não poderia dizer a Shade sobre eles ou levá-lo lá. Os civis não eram permitidos em qualquer lugar perto da operação. Demônios eram, mas somente se eles fossem contidos, parte do programa R-XR... Ou mortos.

— Minha casa, em Nova York. Tenho uma instalação no porão.

Não que ela tenha estado lá em meses, ela estava muito ocupada trabalhando com o Exército para ir para casa. Quem imaginava que havia tantos metamorfos no mundo? Ela passou a maior parte de seus dias viajando pelo mundo para os pontos quentes das bestas, principalmente, voltando da capital apenas para a lua cheia. Ela amava as viagens, o desafio de perseguir os outros como ela, a maioria dos quais eram marcados e saíam ilesos. Os militares pareciam pensar que no caso de uma batalha entre humanos e demônios, bestas e metamorfos poderiam ter um papel fundamental e os militares queriam que eles estivessem lutando ao lado dos humanos.

Shade sacudiu a cabeça, mas o seu olhar de alerta nunca deixou de varrer da área em torno deles. Seu corpo musculoso cantou com energia contida e sua bem definida dermoire tribal emprestava uma incivilizada qualidade predatória para ele. Entre o assombro, a paisagem agreste, que encaixavam direito perfeitamente, tudo o que ele precisava era de um facão e ele poderia ter sido um antigo guerreiro, construído para duas coisas - luta e sexo. Ela estremeceu em uma primitiva resposta feminina para a imagem de Shade reivindicando uma vitória na batalha e depois a reivindicando.

— Roag pode saber quem você é. — Disse Shade. — Eu não quero que o Ghouls a encontre.

Pânico queimou, fazendo o coração dela trovejar violentamente em seu peito. Ou talvez o aperto, tirando o sentimento que estava dentro, era apenas o lobisomem querendo sair. — Temos que fazer alguma coisa. Se eu mudar...

Ela parou, não querendo dar voz aos problemas que poderiam vir com a mudança dela em uma besta assassina que provavelmente mataria Shade e, em seguida, correria em busca de vítimas humanas.

— Eu sei — Shade ergueu o rosto para o céu, como se quisesse soltar um uivo. Ela sabia a sensação.

— O que você está fazendo?

— Procurando por um Harrowgate. Roag não basearia o seu funcionamento longe de um.



Harrowgate. Um sistema de transporte subterrâneo. O Exército tinha tentado descobrir como eles trabalhavam durante anos.

— Peguei. Por este caminho — Ele começou a se mover na direção de onde tinha acabado de chegar.

— Uh...

— Nós vamos ficar bem. Uma vez que estivermos dentro do portão, vamos ser transportados para uma saída perto do meu local.

Eles saíram rapidamente através das árvores. Shade se movia como um gato, toda a elegante graça e passos leves e, se o seu pé lesionado o perturbava, ele não deu nenhum sinal disso. Seus próprios passos cresceram pesados enquanto o corpo dela ficou tenso, preparando-se para a mudança. Parte dela queria soltar o lobo com a rédea livre, um perigo para todos os warg.

Uma vez por mês, ela lutava contra o desejo de se tornar uma besta e correr livremente, matando a vontade e por prazer. Este era o monstro que ela se tornava graças ao bastardo que a tinha mordido. E graças a Shade, algo que faria bem em lembrar.

— Nós estamos aqui.

Runa olhou para um espaço reluzente entre uma pedra e um muro de pedra em ruínas. Ela havia visto cortinas de luz semelhantes antes, mas ela tinha imaginado como uma ilusão de ótica.

Menos de uma dezena de metros ficava entre eles e o portão. Mas algo não estava direito. O ar não estava natural ainda, como se o mal tivesse amarrado o vento contra sua vontade. Shade deve ter percebido, também, porque eles não estavam se movendo e ele tinha ficado imóvel, exceto por seus olhos, que pareciam estar tomando tudo de uma vez.

— O portal está sendo vigiado — Ele murmurou.

— Pelo quê?

— Eu não sei.

A batida rápida de vários passos encheu seus ouvidos ultra-sensíveis e ela sabia que eles estavam sem tempo.

— Nós vamos ter que arriscar. Bandidos, às oito horas.

Eles iam em direção ao portal. Algo se levantou da terra, uma nebulosa fumaça como uma criatura e eles derraparam até parar, a pés de distância da entrada. Uma branca tira de névoa entrelaçou lentamente tomando forma de um animal de cerca de doze metros de altura, com a boca aberta maxilares e dentes como de tubarão. Fendas vermelhas formavam seus olhos. Ele não tinha pernas que ela pudesse ver, mas o que faltava nas pernas era compensado em garras do comprimento de seus braços. Runa não tinha ideia do que era, mas cheirava a fezes e peixe podre. E era assustador como o inferno.

— Não é bom — Resmungou Shade.





— Você não é o rei do eufemismo?

Atrás deles, três guardas e a Bathag saíram do pequeno bosque. Shade entrou em ação, derrubando um dos Darquethoths. A Bathag saltou sobre Runa, seu rosto se transformando em algo horrível e cruel, com a boca cheia de dentes afiados e uma bifurcada língua. Runa havia treinado arduamente com o Exército e enquanto ela não estava no comando das Forças Especiais, ela poderia usar seus próprios. Mais ou menos.

Menos, no presente caso. O mundo girou e ela rolou numa rampa e bateu em um muro de pedra. Runa grunhiu e trabalhou o seu próprio punho no rosto do demônio. Dentes raspavam os nós dos dedos e Runa sugou ar.

— Isso machuca. — Runa ligou a perna sobre o dorso do demônio e capotou-a. Um rosnado feminino rompeu quando Runa a golpeou na mandíbula. O demônio congelou, momentaneamente atordado. Runa arrastou-se para um grosso ramo morto. A crise adoecia a carne e algo duro golpeou, seguido de uma maldição sofrida de Shade, dando uma nova vida a sua luta. Ela pulou de pé e balançou o galho como num clube de golfe.

— Runa! Não a mate!

Tarde demais, o quebrar da madeira sobre o crânio do Bathag soou alto e a coisa ficou vacilante. Runa não podia desperdiçar uma única lágrima pela cadela, mas poupou um segundo para sentir o pulso. Nada. Por que Shade desejava a Bathag viva? Enxugando as mãos ensangüentadas nas calças jeans, ela olhou para ele, mas ele estava totalmente engajado na batalha novamente. Ela correu para a crista do morro, encontrou dois demônios mortos e Shade, derrubando o último detentor. Atrás deles, a criatura de fumaça grunhiu, mas flutuava para frente e para trás, sem vontade — ou incapaz — de parar o ataque.

Foi chocante, ver Shade lutar assim, uma massa de músculos duros e tatuagens girando como um tornado. Sua impressão de um minuto atrás estava certa, ele foi construído para a batalha. Batalha, perigo e dificuldade tudo em um pacote poderoso. Ele mastigou um chute de volta no Darquethoth. Ele caiu, uma poça desossada.

Shade não perdeu uma batida quando ele se virou para ela. — A Bathag está morta? — Ela assentiu com a cabeça, uma estranha sensação de mau agouro caindo sobre ela quando a sua expressão se tornou sombria.

— Maldição. Você está pronta?

— Para quê?

Ele pegou a mão dela. — Nós vamos fazer uma corrida pelo portal. O espectro de vapor é obrigado pelo Harrowgate e é do sexo masculino, por isso não posso seduzi-lo.

Ela olhou para a coisa, se esforçando para chegar a eles, mas puxando para cima um pouco, como se fosse amarrado a uma coleira invisível. — Eu achei que você tinha dito que já que estamos ligados, você não poderia mais fazer isso.





— Eu não posso ter sexo com outra mulher, mas eu ainda tenho um excesso de charme incubus.

— Charme? — Ele tinha que estar brincando.

— Feromônios foda-me.

Agora, que ela acreditava. — Por que o espectro de vapor está vinculado ao Harrowgate? Todos os portais estão protegidos?

— Não. Isto é obra do Roag. Para evitar a fuga dos seus prisioneiros e para evitar que inimigos encontrem-no. — Ele apertou a mão dela. — Como você está indo?

Ela sabia o que ele queria dizer e era quase como se suas palavras lembrassem ao lobisomem interior que ela devia estar começando a mudar, as articulações começaram a aparecer em rajadas de dor cruciante.

— Nós temos que ir. — Ela ofegou. — Mas como?

— Nós correremos para a direita através dele.

Vozes soaram no nevoeiro. Eles estavam sem tempo. Ela estava sem tempo. Ela achou que correr de cabeça em direção a um dos demônios de aparência mais assustadora que já tinha visto era uma má idéia, mas ela teria que confiar em Shade se ela quisesse viver.

— Tudo o que você disser — Ela respirou.

Ele levantou uma sobancelha para ela e então eles estavam correndo. Shade jogou o braço como se empurrasse a coisa para fora do caminho e seu dermoire começou a brilhar. Eles bateram na besta e a sensação de um milhão de picadas de medusas explodiu em todo o corpo de Runa. Ela lutou contra a vontade de gritar de tanto terror e agonia. Lágrimas queimaram seus olhos e ela tropeçou. Shade pegou-a, segurando-a contra a parede sólida de seu corpo.

O espectro de vapor guinchou e de repente eles passaram através dele. Shade arrastou-a para dentro do Harrowgate. Escuridão fechou-se sobre eles, o breu quebrado por símbolos que brilhavam e mapas gravados nas paredes de obsidiana lisa ao seu redor.

A dor ainda rolava pelo seu corpo e, sob sua pele, seus músculos esticando, puxando suas articulações enquanto seu corpo começava a se transformar em sua forma animal. *Depressa, Shade.*

— O que aconteceu com o demônio? — Sua voz soava áspera, gutural e ela sabia que estava falando através de um focinho meio formado.

— Eu usei meu dom para embaralhar o seu interior. Não matá-lo, mas ele surpreendeu a criatura o suficiente para chegar até nós. — Ele lançou lhe um olhar de lado. — Oh, hey... Não vamos fazer isso ainda. Sente-se. Fique.

Ah, ele era hilário. Ela iria mordê-lo logo que a transformação estivesse completa.



Shade tocou algumas gravuras. Um batimento cardíaco mais tarde, o portão se abriu e eles entraram em uma parede de calor e umidade. Uma selva. Instantaneamente, a sensação de que ela ia explodir fora de sua pele desbotou. O sangue dela vibrou com o evento programado da lua cheia, mas o imediatismo da mudança havia desaparecido. Melhor de tudo, partes de seu corpo tinham estalado de volta no lugar.

— Hum, onde estamos? — Uma cacofonia de sons rodeava, cantos de pássaros e insetos zumbido, assim como as criaturas não identificáveis gritando no alto das árvores.

— Costa Rica.

— América Central?

— Você sabe de outra Costa Rica?

Genial. Ela pulou ao som do chiado de alguma coisa. Este lugar iria dar-lhe um ataque cardíaco. Já era ruim o suficiente que os demônios fossem atrás dela. Agora ela tinha que se preocupar sobre cobras venenosas e onças famintas.

— Será que os demônios nos seguiram? — Shade sacudiu a cabeça e começou a se mover através do bosque. Ela correu atrás dele. — E sobre Roag?

Ele parou, seus olhos escuros digitalização da selva circundante. — É difícil rastrear alguém através de Harrowgates a menos que você possa senti-los. Você precisa de um cão do inferno.

— Ok, então por que aqui?

— Você tem algumas horas extras da luz do dia e... — Acrescentou, — Minha segunda casa é aqui. Roag não sabe sobre isso.

Bem, sua cor atordoou. — Você nunca me disse que tinha uma segunda casa.

— Não é um lugar que eu fale para seres humanos.

Adorável. Imaginou-o trazendo seus parceiros sexuais demônios aqui, a esta selva vaporosa onde provavelmente rolavam como animais selvagens. Todas as razões pelas quais ela odiava-o vieram rugindo de volta, junto com a raiva cacarejando de sensibilização. Isso, combinado com o nervosismo pré-lua, feita por um humor cáustico.

— Não é um lugar que você está me levando, também. — Ela estalou.

— Você tem uma ideia melhor?

— Você pode fazer o que quiser. Vou morar com meu irmão até que esta coisa com Roag passe.

Desgosto fluía dele em ondas. — Fora de cogitação. Você fica comigo.

— Pense de novo. Ela cruzou os braços sobre o peito, tentando ignorar o gotejamento de suor escorrendo pelas costas enquanto a tensão entre eles crescia mais espessa do que o ar



pegajoso. — Eu não sou ingênua, a pequena idiota covarde que eu era quando nós estávamos namorando.

— Eu gostava de você muito mais quando você era covarde. — Ele murmurou.

— Sim, bem, eu gostava mais de você, então, também.

— Droga, Runa. A coisa com Roag não acabará. Você matou a sua fêmea. Ele não vai parar por nada até chegar a você. E uma vez que ele tenha você... — As mãos Shade caíram em seus lados e ele engoliu em seco. Sua imaginação era o que ele não tinha dito e foi para todos os tipos de lugares horríveis enquanto ela lançava um olhar preocupado para trás ao Harrowgate. O arco brilhante pendurado entre duas rochas, idêntico ao que tinha entrado na Irlanda. Exceto esse portão não tinha um demônio assustador guardando-o.

— Porque eu não consigo senti-lo? — Ela perguntou, mais para não ficar pensando fora da realidade do que Roag faria para ela do que para satisfazer sua curiosidade.

— Você virou lobisomem recentemente, ainda é demasiado humana. Como sua humanidade desaparece com o tempo, seus instintos não-humanos vão aguçar.

— Quanto tempo? Quero dizer, isto foi quase há um ano.

Ele deu de ombros, um rolo de tensão de um dos ombros. — Temos um paramédico warg na equipe do hospital, que pode senti-los e ele tem cem anos de idade, foi transformado na casa dos vinte. Então ele começou a sentir Harrowgates em algum lugar nesse prazo de oitenta anos.

Ela atirou-lhe um olhar irritado. — Como ajudou.

— Vamos. — Ele agarrou a mão dela, aquela que tinha sido picada pelos dentes da Bathag e ela estremeceu.

— Você está ferida. — Ele puxou os nós dos dedos mais perto de seu rosto, trazendo seu corpo junto.

— Não é nada.

Shade a ignorou, correndo os dedos levemente sobre a crua pele rasgada. Uma brisa sacudiu as árvores, trazendo com ela o perfume de Shade, uma potente mistura de terra e suor, batalha e sexo. Sujeira e sangue no peito dele e um hematoma escuro no rosto, mas ele era ainda mais lindo para ela. Ela odiava a primitiva resposta à forma como ele lutou por ela, odiava-o, de fato. Mas ela não conseguia parar de olhar mais do que ela pudesse deter o coração de bater.

— Vamos me solte. — Ela mordeu as palavras violentamente, desesperada para fugir dele, mas ele segurou-a com seu olhar hipnótico e lento, passando suavemente o seu polegar em todas as suas juntas. Quando uma energia de baixo nível atravessou a mão, ela engasgou. — O que você está fazendo?

— Acelerando o processo de cicatrização. Eu não posso fazer o que Eidolon faz e curar o local, mas posso deslocar habilidades naturais de cura de seu corpo em alta velocidade. Sua voz era





rouca, lembrando-a da maneira como ele soou quando estava dentro dela, sexy, murmurando coisas impertinentes no ouvido dela.

Ele deve ter sido alertado para a mesma coisa, porque ele amaldiçoou e deixou cair a mão.
— Siga-me. — Ele se afastou sem dizer uma palavra.

Frustrada por ambos os seus sentimentos mercuriais por ele e seu comportamento imprevisível, ela assistiu-o ir, tentada a passar o Harrowgate sozinha.

— Você não será capaz de trabalhar nele — Ele gritou e, caramba, como ele sabia no que ela estava pensando?

Ele levou-a ao longo de uma trilha de mato, seus movimentos rápidos e seguros. Folhas cortavam sua pele e ramos agarravam-se a ele, mas ele não parecia notar.

Ela não sabia o quanto eles andaram com ela pulando a cada ruído, mas ela sentiu que pelo menos uma hora tinha passado quando começou a abrandar. O som da água corrente atingiu seus ouvidos quase ao mesmo tempo em que um enxame de mosquitos a atacaram.

— Deus, eu preciso de um banho. — Ela deu um tapa no pescoço, esmagando uma das sanguessugas. — Como você pode ficar morando aqui?

— A fauna nativa não me incomoda e somente as temperaturas extremas me afetam.

Ela se lembrava de como, no calabouço frio, ele não tinha tremido tanto depois que eles foram despojados de suas roupas. Ela, por outro lado, pensara que iria congelar até a morte há tempos. A trama espessa de árvores cheias de musgo e plantas viçosas diluiu, abrindo uma clareira delimitada de um lado por um penhasco rochoso e uma cachoeira maciça de altura, um espumante paraíso no meio do inferno.

— Deixe-me adivinhar, a entrada da sua caverna está por trás da queda? — Demasiado clichê.

Ele não disse nada, apenas continuou andando. Ela seguiu, batendo em mosquitos e afastando ramos que agarravam seu casaco e puxavam seus cabelos. Passaram entre a falésia e com uma pedra gigante retangular, o caminho acentuadamente para cima por cerca de trinta metros, até que chegaram a um emaranhado beco sem saída do bosque e da vinha. Shade chegou a uma seção de vegetação, atrapalhou-se com alguma coisa até que ela ouviu um clique e um grande pedaço de rocha deslizou para o lado, revelando uma abertura estreita.

— Quem construiu isso?

— Contratantes Demônios.

Era algo que você não ouvia todos os dias.

Pisaram através da abertura em uma caverna fria. A suave luz inundou a caverna de luminárias montadas no teto de pedra branca polida.

— Os poderes da cachoeira do lugar. — Disse ele antes que ela pudesse perguntar.





Atrás deles, a pedra deslizou de volta no lugar, mas ela mal percebeu, estava muito fascinada por este covil dele.

Aberto e surpreendentemente arejado as características naturais da caverna foram usadas para criar espaço vivo. Bancos de pedra forrados com tecido de pelúcia foram espalhados ao redor da caverna. Uma lareira tinha sido fixada em um recesso do fundo liso, paredes escuras. Havia até uma grande televisão de tela plana pendurada sobre a lareira.

— É principalmente para assistir filmes. — Explicou ele, enquanto se movia em direção ao fundo da sala. — Eu não tenho cabo aqui, então eu tenho uma grande coleção de DVD.

Sim, ela tinha notado isso. Uma parede inteira havia sido esculpida em prateleiras que seguravam DVDs mais do que uma loja de vídeo. E pelo amor de Deus, ele poderia se vestir? A forma como os músculos nas costas ondulavam, os globos de sua bunda flexionados enquanto ele andava... ela não poderia evitar olhar e ele definitivamente não precisava desse tipo de impulso para o ego.

Ele desapareceu por uma porta e ela o seguiu. Pequeníssimas luzes tinham sido colocadas nas paredes do curto corredor, que abriu em uma cozinha. Novamente, os recursos naturais da caverna tinham sido usados, de forma brilhante, para definir o quarto. A mesa, que poderiam sentar em dois longos bancos, fora esculpida em pedra. Então, tinha os cantos e a pia dupla. Aparelhos de aço inoxidável, tanto quanto eram compactos, eram também artísticos e foram fixados nas paredes do perfil mínimo.

— Isso é tão legal. — Ela ficara impressionada com o seu apartamento em Nova York, com sua decoração moderna e masculina, mas isso... uau. — Por que você vive na cidade quando poderia voltar para uma casa dessa todos os dias?

— Como você sabe que eu não moro aqui? — Ele fez um gesto para ela entrar uma abertura estreita irregular à direita, escondendo o que havia além da cozinha.

— Não há o suficiente para manter você ocupado — ela disse e entrou... Oh, Deus. Ela bateu a mão sobre a boca para conter um grito assustado.

Ele bufou. — Se eu vier aqui, eu pretendo estar ocupado. — Ela chegou a um impasse, com os pés virando chumbo. Suas mãos abateram-se sobre seus ombros e sua boca caiu para seu ouvido. Seu coração deslizou em um ritmo irregular. — Como você pode ver.

Oh, ela viu. Eles estavam em uma espécie de quarto. Embora ela poderia usar esse termo vagamente. — Isso, isso é uma câmara de tortura.

Shade a encarou, o calor dele praticamente queima através de sua roupa. — Eu prefiro chamar-lhe uma câmara de prazer. — Ele se virou para ela e ela esperava ver um sorriso, mas, estranhamente, ele a olhou... tristemente. — Este é o lugar onde você vai ficar esta noite.

— O quê? — Ela afastou-se dele, bateu na parede da caverna atrás dela. Um pouco nervosa. Grilhões. Santa merda. — Você me tirou da masmorra, só para me trazer para outra?



Ela passou longe dele, deslizando as costas ao longo da parede fria, mas ele a seguiu com a intenção predatória de um jaguar que ela tivera medo de encontrar ao andar no meio da selva. *Tola*. Shade era muito mais perigoso do que qualquer felino selvagem.

Ele chegou até ela, parando tão perto que ela tinha que torcer o pescoço para olhar para ele. Sua voz era um rugido profundo e erótico quando ele murmurou — É uma sala de jogos, Runa.

— Uma sala de jogos masculinos é outro nome para câmara de tortura. — Ela disse com voz rouca.

— Olhe ao seu redor.

Engolindo seu terror, ela arrastou seu olhar para longe do lado escuro. Uma enorme cama assumiu toda a parte de traz do quarto e, como todo o resto, tinha sido construída em um recuo para encaixar na sua própria caverna. Polias, correntes e punhos de couro estavam pendurados no teto acima da cama.

Em outros lugares, estruturas de madeira foram colocadas aleatoriamente, embora ela não tivesse dúvida, não havia nada de aleatório sobre a forma como eles foram feitos para ser usados.

— Stocks⁴. — Explicou. — Spanking blenches⁵. — Sua mão deteve-se sobre a tampa de um baú em um canto. — Chicotes, açoites, mordanças. Há mais, mas eu duvido que você queira ver.

A boca de Runa ficou seca. Ela não tinha ideia de como responder, mas ela sabia que, pela primeira vez desde seu encontro com Shade quando aprendeu que ele era um demônio, ela estava com medo.



Shade deixou Runa sozinha no quarto, incapaz de tolerar o cheiro de sua confusão e o medo. Ele odiava aquele quarto, odiava tudo no mesmo. Odiava que ele tinha que levar uma mulher gentil e carinhosa como ela, a um lugar onde ele tinha derramado tanto sêmen e sangue de incontáveis fêmeas durante o sexo. Elas queriam e ele tinha dado a elas porque a sua natureza forçou-o a fazê-lo, mas ele odiava cada minuto com as fêmeas demônios. Elas sempre deixavam sua caverna satisfeitas, mas ele saía embaralhado no interior, de modo que somente mergulhando no trabalho voltaria ao nível dele de novo.

Sabendo que seus irmãos ficariam em pânico, ele usou o telefone via satélite para chamar o celular de Wraith. Wraith respondeu ao primeiro toque.

⁴ Um tipo de instrumento que era usado na antiguidade para castigar criminosos.
http://www.freefoto.com/images/1009/19/1009_19_2---The-Village-Stocks--Orton_web.jpg?&k=The+Village+Stocks%2C+Orton

⁵ Banco usado para tortura. <http://www.dungeondesignsinc.com/images/spank1.JPG>





— Shade? — A estática deformava a voz de Wraith tanto que Shade mal podia ouvir, mas ele não queria sair por uma melhor recepção. Ele preferia manter os olhos em Runa.

— Sim, homem, sou eu.

— Onde está você? Você está bem? Eu estive subindo pelas paredes de merda.

— Eu estou bem. Eu irei ao hospital dentro de alguns dias.

— Eu irei até você. Diga-me onde você está.

A preocupação na voz de Wraith cortou Shade como um bisturi. Ele e Wraith sempre tiveram uma ligação profunda, quase demasiado profunda. Wraith às vezes podia ler os pensamentos de Shade, o que seria ruim o suficiente, mesmo que Shade não tivesse nenhum segredo, ele era a manutenção de seu irmão mais novo. Mas ele tinha segredos, e um deles era esta caverna. Torturado e preso por anos, quase desde o nascimento, Wraith tinha um problema sério com qualquer coisa parecida com escravidão ou tortura. Ele definitivamente não entenderia as extremas necessidades sexuais de Shade.

— Irmão, eu estou bem. — Ele ouviu o chuveiro ligar, imaginou Runa se despindo, água suave escorrendo pelo seu corpo nu e endureceu o seu próprio. — Eu preciso de algum tempo sozinho, se é que você me entende.

— Se você não estiver aqui à meia-noite — Wraith rosnou, — eu estou indo atrás de você. *Se é que você me entende.* — Shade sorriu. Quando Wraith fez a ameaça sobre ir até lá, ele quis dizer que quando ele o pegasse, ele iria chutar o seu traseiro.

— Fica frio, ok? Eu vou colocar você e Eidolon por dentro de tudo quando eu chegar aí — Ele desligou antes que Wraith pudesse argumentar e saiu pela entrada lateral escondida entre a sala e a cozinha. Imediatamente, uma brisa quente enrolou em volta dele como um amante abraçando, o único que ele nunca tinha realmente permitido.

A saída o levou a um apartamento na plataforma de pedra, bem escondido atrás da cachoeira. Ele nunca trouxe qualquer um dos seus parceiros sexuais aqui, mas queria trazer Runa para ver o seu lugar favorito no mundo. Runa, que estava nua em seu chuveiro. A pele de Shade cresceu quente, tão quente que o refinado arrefecimento da névoa da água batendo não fez nada para aliviar a queimadura.

Mamando em uma respiração e uma maldição, ele saiu completamente na cachoeira. A água caiu sobre ele, lavando a sujeira do calabouço, mas não pôde vasculhar a distante escuridão em sua alma ou a dor de perder Skulk.

Sua irmã mais nova tinha sido um farol de luz em sua vida, a maciez para o seu disco rígido. Ela tinha sido dotada com a capacidade Umber para ver a escuridão interior de todos, tinha o poder de diminuir ou até mesmo removê-lo com um simples toque. Ela não poder curar Shade e não poder aproximar e remover a escuridão de dentro dele, havia sido uma fonte constante de preocupação para ela, mas ela estava convencida de que tanto a maldição dele e o arrependimento que o rodeava podiam vir a ser banidos.





Ela estivera errada sobre Shade, mas certa sobre Roag.

— Há tanta maldade nele, Paleshadow. — Ela disse a Shade uma vez, usando o apelido que ele nunca ouviria novamente. Com sua pele bronzeada, ele se destacou entre suas vinte irmãs, todas eram umbers puras, com coloração de cinza, cabelos de carvão e olhos bronze. Ele foi o primogênito, um produto de estupro de seu pai em sua mãe quando ela tinha acabado de sair da puberdade e dez anos mais velho que a irmã mais velha. Umbers eram extremamente gentis e maternos, de modo que ele tinha sido tratado, assim como suas irmãs. À medida que ficou mais velho, tinha sido da responsabilidade de Shade cuidar deles. Para mantê-los seguros.

Ele falhou miseravelmente.

Sua mãe deixava-o no comando enquanto ela saía para caçar, algo que muitas vezes levava dias. Enquanto ela estava fora, ele teria sido atingido pelo seu primeiro ciclo de maturação, deixando suas irmãs só para satisfazer seus desejos sexuais e quando ele retornara à caverna, ele vira-se em cima de um abate. Demônios Khilesh em busca de uma refeição tinham como alvo o ninho desprotegido e que tinha ficado claro que, mesmo depois que eles enchessem suas barrigas, eles continuariam a matar. Skulk tinha sido a única sobrevivente, havia escapado da morte, escondendo-se dentro de um eixo estreito da caverna que era o seu local preferido durante seus jogos de esconde-esconde.

Shade fechou os olhos e virou o rosto para cima, esperava que a água fosse livrá-lo até que ele estivesse dormente, mas ele sabia que não iria ajudar. Nada ajudou. Ele caçou o Khileshis, mas até mesmo a morte não tinha ajudado. Seu remorso pelo que aconteceu foi algo que o comeu como o ácido e não importava que ele tivesse deixado seus irmãos durante um período de loucura. Inferno, ele mal se lembrava de sair da caverna. Mal se lembrava dos dias de sexo ininterrupto que se seguiram. E, no entanto, nem Skulk nem sua mãe culpavam-no. Tinha sido seu amor e conforto que o fizeram-no querer uma família própria, os filhos que ele poderia criar com uma companheira que amasse.

Graças a sua maldição, isso não iria acontecer. Isto não poderia acontecer.

Deixando para trás os pensamentos que estavam levando-o a um caminho sem volta que ele não queria andar hoje, ele saiu da água e entrou na caverna. Runa estava na cozinha, usando uma das suas camisetas e uma samba-canção com cordão que ela deve ter apertado até o limite de altura da cintura. A camisa a deixava anã, caía sobre a coxa, mas não cobria o suficiente.

— Eu encontrei um refrigerante na geladeira. — Ela disse. — Eu espero que você não se importe.

— Sirva-se do que quiser. — Ele passou-a para chegar ao quarto, onde vestiu uma calça de couro, uma camiseta e botas. Quando ele terminou, ficou surpreso ao descobrir Runa em pé na porta.

— Eu quero saber o que tudo isso é. — Ela perguntou novamente, os olhos cheios de uma nova teimosia que ele queria odiar, mas admirava não importava o quanto ele tentasse não fazer.

— Eu acho que é óbvio.



— Você nunca... Você nunca usou nada parecido comigo.

A imagem de Runa esparramada em seu Cross St. Andrews e à sua mercê lambeu-o e seu pulso bombeou em um ritmo irregular. Ele poderia odiar o quarto e tudo nele, mas só porque ele tinha que usá-lo. Querer usá-lo era uma coisa completamente diferente.

— Não, mas eu não era o mais gentil amante, eu era?

— Eu não sei. — Seu olhar caiu a seus pés descalços. — Eu não tenho muita base para comparação. Houve apenas um cara antes de você...

Algo apertou seu peito. Ele forçou-se a inspirar e expirar, porque ele realmente precisava ficar de pé e uma repentina falta de oxigênio, combinado com o que ela tinha dito, iria colocá-lo no solo agora.

— Você não esteve com mais ninguém depois de mim?

As sobrancelhas dela traçaram um olhar feroz. — Eu estive um pouco ocupada, com o ser um lobisomem e tudo.

Um instinto feroz e possessivo surgiu nele, inchando-o com orgulho, inchando outras partes com excitação. *Minha. Apenas minha.*

Ele raspou seus molares. Bons deuses, eles estavam vinculados por apenas um dia e ele já estava crescendo perto dela. Querendo-a.

Isto não poderia acontecer.

A raiva substituiu a ansiedade, convocada a partir de algum lugar escuro dentro dele que era um poço sem fundo. Ele agarrou seu pulso, arrastou-a para o quarto. — Tempo para uma pequena contenção. Ele rosnou.

— Shade! O que você está fazendo? Ela lutou em suas mãos, mas a força adicional que sua licanthropia havia lhe dado não chegou nem perto de fazer coincidir com a sua. Pelo menos, não enquanto ela estava em forma humana.

O mais delicadamente que pôde, ele levou para baixo suas mãos em seus joelhos, segurou-a imóvel com uma das mãos na parte de trás do pescoço, ele chegou à corrente morpheus que fora presa profundamente na rocha. Os elos, reforçados com magia demoníaca, tinha sido projetado para manter até mesmo o mais forte dos seres e ele passou a algema em seu tornozelo que se ajustava ao tamanho correto automaticamente, assim quando ela transformasse, ela se expandiria para acomodar sua estrutura maior.

— A noite está chegando.

— Sim. — Ela retrucou, — Em o que, um par de horas? — Chutou com seu pé para fora, quase o pegando na coxa.

— Algo como isso.



Seu olhar desviou-se para ela, a forma como sua cabeça estava para baixo, para os cabelos formarem uma cortina em volta do rosto, escondendo o que era sem dúvida uma expressão de fúria. Sua bunda arrebitada levantou, esfregando contra seu quadril, cada movimento com raiva. Ele poderia tomá-la assim, aqui, agora. Um movimento de seu pulso rasgaria os pugilistas à frágil distância. Uma mudança nos seus dedos e libertaria seu eixo latejante.

Seus instintos cedendo mesmo que sua mente gritasse para ele resistir a seus impulsos. Praguejando, ele soltou e pulou fora. Ela soltou uma maldição furiosa e se lançou, para agarrar sua perna. Ela perdeu, mas por pouco. — Não faça isso!

— Você não me deu outra escolha! — Ele bradou, sabendo que não era justo puni-la por sua falta de autocontrole, mas justo, não era algo com o que ele estava preocupado no momento. — Você me faz querer você e isso não pode acontecer, merda.

Ela recuou, ficando com a boca aberta. — Bem, desculpe-me por estar no seu querido calabouço e ter absolutamente nada a ver com nada disso.

Agora ele se sentia como um burro. Ele olhou para ela, do jeito que ela sentou-se sobre as ancas, a grande camiseta caminhou o suficiente para revelar a samba-canção de algodão esticada sobre as colinas e vales do seu sexo entre as coxas dela se espalhando. Ela parecia vulnerável e "sexy" ao mesmo tempo, mas na maior parte vulnerável. Isto tinha de ser terrível para ela, acoplar-se a um demônio sem o seu consentimento, acorrentada em um lugar estranho e à beira de se transformar em um lobisomem.

Oh, inferno. Ele fechou os olhos, decidiu diminuir um pouco. — Olha, eu não gosto disto mais do que você. Mas eu tenho que ir para o hospital. Vou trazer-lhe na volta alguns bifés ou algo assim. Antes da manhã.

Ele sabia que, graças a Luc, seu lobisomem paramédico, se wargs não se alimentassem de alguma forma de animais, não sentissem o gosto da carne e o triturar de ossos entre as poderosas mandíbulas, eles acordavam em seus corpos humanos sentindo um voraz desejo, mal-humorados e ainda desejando o gosto cru da carne. Uma insatisfeita besta estaria presente em forma humana, mesmo após a mudança de volta ao nascer do sol.

Runa olhava para longe. — Eu não quero que você me veja assim.

— Como o quê? Um warg? Você acha que eu nunca vi um? Querida, estou com cem anos de idade. Eu os vi, tratei-os, ferrei-os... ah, sim, eu transei com um warg ou dois. — Ela não disse nada e como ele ainda se sentia como se ele tivesse chutado um cão, ele suspirou. — Eu vou atirar o alimento através da porta e eu não vou olhar. Ok?

— Seja como for. — Ela murmurou. Ela puxou a corrente. — Isso vai doer quando eu mudar.

— A algema se expande.

— Claro que sim. Um tamanho que cabe em tudo é provavelmente uma necessidade para você, não é?





Sentindo seu olhar furioso em sua volta, ele foi até a cozinha, pegou uma caixa de chicletes do armário e se perguntou o que ele ia fazer agora. Queria saber como ele ia dizer a seus irmãos que ele estava vinculado, que Skulk estava morta e que o seu falecido irmão não só estava vivo, mas também estava por trás da colheita de órgãos, que recentemente assolara seu povo. E, provavelmente, todos estariam rígidos e silenciosos. Wraith teria atingido o teto. Eles reagiriam de forma diferente, mas ele não tinha nenhuma dúvida que eles concordavam em uma coisa. A fim de que Shade vivesse, Runa teria que morrer.



Kynan estava na sala de descanso do pessoal, ouvindo Wraith e Reaver, um anjo caído e um maldito bom curador, satirizarem um filme passando na TV de tela grande. Isso não era a primeira escolha de Kynan de programação de fuga para o cérebro, mas não iria queixar-se, uma vez que esta era a primeira vez em dias que Wraith não tinha estado agitado e rosnando. Ele apenas ficara feliz porque Shade ligara e estava tudo bem.

Ele olhou para cima para pegar um sanduíche do frigorífico a tempo de ver na tela um casal indo para lá, o que praticamente garantia que eles iam se abater a qualquer momento.

Wraith atirou um sorriso a Reaver. — Aposto que é um dos bondosos caídos, hein? Prazeres da carne?

O ex-anjo encolheu os ombros. — Ele não chupa.

Wraith levantou uma sobrancelha para a ação na tela. — Ela chupa.

A boca de Reaver transformou-se em um sorriso que fez todas as mulheres no hospital terem pensamentos que o pobre ex-anjo não poderia mesmo começar a compreender. — Isso é o melhor.

— Eu não sei. — Disse Wraith.

Kynan quase engasgou com a manteiga de amendoim e geléia. — Você está com quase cem anos de idade e trepa uma dúzia de vezes por dia. A matemática não bate.

Wraith revirou os olhos. — A, um pacote de doze é um dia lento. E B, a maioria das mulheres que eu saio tem os dentes como navalhas. Se você acha que suas bocas estão chegando a algum lugar perto do meu pa...

— Código prata, pronto-socorro. — A voz feminina crepitava pelo interfone.

— Legal. — Wraith sorriu e Kynan balançou a cabeça. Só Wraith iria ficar animado sobre algum tipo de criatura descontrolada causando muitos estragos no hospital. O feitiço Haven contra a violência causava dor extrema se alguém tentasse machucar ou tivesse a intenção, mas um





demônio, com raiva e ferido no tumulto poderia rasgar o hospital além de fazer uma porrada de danos colaterais.

Kynan correu para fora da sala de descanso com Wraith e Reaver nos calcanhares. Eles contornaram a esquina para o pronto-socorro e, como um grupo, derraparam até parar. Um enorme lobisomem peludo e preto estava no centro da sala, segurando a cabeça e uivando. Um enfermeiro estava por perto, a mão pressionada contra uma ferida que sangrava perto de seu osso occipital⁶.

— O warg tentou me atacar. — Ele disse.

Encontravam-se ainda segurando sua cabeça e fazendo tanto barulho que a própria cabeça de Kynan estava começando a doer. Estava definitivamente pagando por seu erro. — Por que está demorando tanto com o tranquilizante? — Ele gritou para Ciska, a enfermeira da triagem, que estava atrapalhada com a caixa de situação de emergência medica em sua mesa, mantida abastecida com tranquilizantes para exatamente esse tipo de situação.

Reaver passou a mão por sua juba de cabelos dourados. — Isso é um lobo com a bunda muito grande.

— Maior do que Luc. — Murmurou Wraith, o que era alguma coisa, porque Luc era um tanque com pernas.

O warg finalmente trouxe suas garras das pontas das patas longe de sua cabeça. A saliva escorria de suas mandíbulas e a fúria queimou em seus olhos. Kynan lutou com dezenas de invulgarmente grandes lobisomens em sua carreira Aegis, mas este teria sido considerado um troféu de matar.

Não mais, graças a Tayla. Pelo menos, não na Celula Aegis da cidade de Nova York.

Ciska bateu a caixa de remédios fechada, o barulho chamando a atenção do animal. Ele saltou, derrubando cadeiras e equipamentos.

— Merda! — Wraith mergulhou para a perna do lobisomem, pegando-o perto da canela. — Atire!

A besta balançou. O golpe pegou Wraith no ombro e o mandou voando pela sala. Por um segundo, todos, exceto o lobisomem congelaram. Santa merda... A besta não deveria ter sido capaz de atacar Wraith sem sentir dor. Ele pareceu perceber que havia encontrado um alvo e, em um instante, ele estava em cima de Wraith e os dois estavam rasgando um ao outro.

Amaldiçoando, Kynan arrebatou o tranquilizante de Ciska e quase conseguiu se estabelecer como ele encravando a agulha no flanco da criatura. Ele gritou e girou, mas caiu com uma batida antes que pudesse atacar.

⁶ Osso localizado na parte posterior do crânio e articula-se com os ossos parietais, temporais e esfenoide, bem como com a primeira vértebra cervical



— Que. Porra. — Wraith saltou agilmente aos seus pés, boca e nariz sangrando. Ele não perdeu uma batida quando ele conseguiu um chute certo no ventre da besta inconsciente. — É melhor não ter raiva, seu bastardo.

— Pensei que só você e seus irmãos poderiam bater um no outro sem sentir dor. — Gem estava na entrada do departamento de emergência, brincando com uma trança preta e azul.

— Sim. — Murmurou Wraith. — Eu também... — Ele parou, franzindo a testa. — Algo não está certo.

Kynan manteve os olhos no warg, principalmente para mantê-los fora da Gem. — Ciska, de onde veio o warg?

Ela usou sua cauda, o vermelho em forma de chicote com um gesto na direção do Harrowgate, que era invisível aos olhos humanos de Ky, mas que ele sabia que existia entre os dois pilares de mármore polido do outro lado da sala de emergência. — Eu ouvi um barulho, olhei para cima e o vi no meio de sua mudança.

Wraith agachou ao lado da besta e pôs a mão em sua cabeça. — Oh, homem. — Ele sussurrou. — Ah, merda. Eu sei o que é esta vibração. Seus pensamentos... — Sua palma alisou o pêlo entre as orelhas de forma que Ky jurou que era quase amoroso.

— Wraith? O que é isso?

— É Shade. — Disse ele. — Este lobisomem é Shade.



Capítulo Sete

A escuridão estava em torno de Shade, puxando-o para baixo enquanto entrava e saía da consciência. Ele tentou se virar, mas algo mais sólido do que a escuridão o forçou a ficar imóvel. Ele gemeu. Se ele abrisse os olhos e visse-se na masmorra de Roag de novo...

— Shade, homem, acorda.

— E? — Shade forçou as pálpebras a se abrirem na medida em que conseguia, que não era muito. Ele espiou Eidolon através das fendas e foi desafivelando as tiras que o prendiam. Shade olhou para as correntes e polias penduradas no teto escuro e sentiu uma onda de alívio. Hospital Geral do Submundo. Ele chegou ao hospital.

Espera, por que ele não lembrava de nada e porque ele fora restringido? Há quanto tempo ele está aqui? Onde estava... Runa!

Pânico o dominou, mas se acalmou quando sentiu sua força de vida através da ligação, percebeu que ela estava segura, se irritou, em forma animal.

— O que aconteceu? — Ele perguntou e, merda, sua garganta doía. Ele sentiu como se tivesse engolido um rato do inferno espinhoso. Todo.

— Ah, bem, parece que você se vinculou.

Uma mão se soltou e ele estendeu-a para esfregar o anel de indicadores em torno de sua garganta. — Não foi intencional. — Quando as sobrelhas se elevaram, Shade balançou a cabeça. — Eu vou explicar mais tarde. Por que estou amarrado?

— Você não está. Pronto. — Eidolon ajudou Shade a sentar-se e ofereceu-lhe um copo de água, que ele recusou.

— Você vai me dizer o que aconteceu? — E por que ele estava nu? Mesmo seu colar estava faltando. Cara, ele estava cansado de acordar em lugares estranhos e não ter ideia de como chegou lá. Alguém colocara um conjunto de roupas na cadeira ao lado da cama, então ele se vestiu, enquanto seu irmão ignorava a pergunta. — E? Você está me enlouquecendo.

— O que você lembra?

— Não muito, — disse ele com voz trêmula. — Eu me lembro até ter prendido Runa. — Logo depois disso, ele caminhou alguns quilômetros até a caverna de sua mãe, algo que ele fez por respeito, assegurando que nenhum outro demônio havia se instalado, mas isso era um segredo que





ele guardava para si. — Entrei em um Harrowgate, e... e isso é tudo que me lembro. — Jurou. — Há quanto tempo estou aqui? Ela provavelmente está morrendo de fome. Eu preciso conseguir comida para ela.

— Runa é a sua companheira? — Ao aceno hesitante de Shade, Ele perguntou: — Lobisomem?

— Como você sabe? — Claro, o fato de que tinham trancado Shade na noite de lua cheia foi uma oferta inoperante, mas o caminho estava coberto, não encontrou o seu olhar... não era como seu irmão. Algo estava muito errado.

— Na noite passada, quando tropeçou no pronto-socorro. Você se lembra disso?

— Vagamente, agora que você mencionou. — Ele se esforçou para unir os fragmentos de memórias que flutuavam ao redor em sua cabeça, como a dele sair do portal e caminhar em direção à luz avermelhada que permitiu-lhe ver os moradores do dia dentro do hospital, bem como aqueles que viviam no escuro... Mas depois disso, a imagem se desfez como fumaça ao vento. — É muito bonito tudo branco.

— Isso porque no momento em que você saiu do Harrowgate, você virou um lobo. — Shade congelou quando amarrava o cordão na calça.

— Isso é uma piada, né? — Quando E não abriu um sorriso, Shade inalou nitidamente. — E, vamos lá. Nós estamos imunes à infecção licantropos.

— Eu vou ter a certeza de lhe recordar isso esta noite quando você estiver fazendo truques com ossos de leite⁷.

Shade não conseguia engolir. Mal conseguia respirar. Demônios Seminus não eram propensos à "transformação". A única maneira de sua espécie poder tornar-se parte de outra espécie era ter nascido para isso. Como Wraith, que era completamente Seminus, mas também um vampiro. Sob as circunstâncias corretas, se Shade tivesse nascido para um lobisomem, ele seria um Seminus puro-sangue que tinha desejo de Kibes e Bifes três noites por mês. Mas você não pode se transformar em um vampiro ou em um lobo.

— Diga-me o que aconteceu, Shade. Onde você esteve durante os últimos dias?

Shade afundou na sua cama quando seus joelhos falharam. — Inferno, E. Eu estava no inferno.

Fez-se um longo silêncio. Os bips mudos e familiares dos equipamentos hospitalares quase o acalmaram quando E finalmente falou. — Você disse que sua companheira está preso. Onde?

— Meu lugar. — E acenou com a cabeça, sabendo exatamente qual o local.

⁷ Milk Bones – Não achei outra tradução, mas acho que ele se refere a transformação em um licantropo.



— Isso é porque você mudou tão de repente. A diferença de tempo entre a América Central e Nova York. Bastou sair do Harrowgate. Você perdeu completamente o período de transição.

Sim, Shade tinha visto um ou dois turnos de mudança de humanos para animais e vice-versa, então ele sabia que eles não apenas faziam puf em sua forma. Aparentemente, ele tinha. Ele deve ter se transformado em um cachorro uma vez que sua transferência foi concluída.

— Eu machuquei alguém?

— Alguns uns arranhões e contusões, mas nada sério.

— Mano! — Wraith entrou na sala e puxou Shade em um abraço de urso.

— Alguém estava um pouco preocupado com você — Eidolon olhou Wraith abraçando Shade.

— Como se você não estivesse. — Wraith deu um soco no ombro de E virou-se para Shade. — Agora, irmão mais velho, você tem algumas explicações a nos dar. Começando com o que diabos você estava pensando ao se vincular.

Shade balançou a cabeça. O que foi como se tivesse sido golpeado com um taco de beisebol.

— Confie em mim, não é por onde eu preciso começar.

— Onde você estava? — Wraith cruzou os braços sobre o peito espesso, obscurecendo a frase obscena na sua camiseta. — Nós sabemos que você estava com dor e sabemos que você estava blindado.

— Blindado? Sim, eu acho que faz sentido. Eu não conseguia sentir. Perguntei-me por que vocês não foram me resgatar. — Roag teria sido inteligente o suficiente para instalar um feitiço de amortecimento em torno de seu castelo para manter os demônios sem conseguir enviar pedidos de ajuda por telepatia, assim como para enfraquecer as ondas de miséria que seriam sentidas por aqueles sensíveis a ela.

— Wraith quase saiu de sua pele, ele estava muito estressado. — E. fez soar como se ele não tivesse se preocupado, mas as sombras sob os olhos inchados e injetados de seu irmão diziam o contrário. — Todo mundo aqui estava preocupado com você e Skulk. — Sua voz baixa. — Ela está bem, certo?

— Não. — Shade sentiu o peito apertado ao redor do buraco vazio que a morte Skulk tinha deixado. — A corrida da ambulância que nós fomos era uma armadilha. Skulk e eu fomos levados por Ghouls.

A temperatura na sala caiu quando seus irmãos souberam o que tinha acontecido.

— Skulk? — A voz de E era quase um sussurro.

Shade não podia dizer isso. Não com a forma como a garganta fechou-se.

— Ah, caralho — Wraith disse asperamente.



Eidolon não disse nada, apenas fechou os olhos e baixou a cabeça. Ele estaria oferecendo uma oração na tradição de sua educação de Justiça demônio, uma oração pedindo julgamento justo da sua alma e um retorno satisfatório para um novo corpo físico.

Shade, cuja educação religiosa era menos fundamentalista do que a de Eidolon, não era bem o que acreditava sobre o estado da alma de Skulk, assim como muitos demônios, humanos e vampiros. Wraith não rezava para ninguém ou nada e começou a falar maldições, inventivas e desagradáveis aos seres humanos em diferentes e diversos idiomas demônio.

— Eu vou matar o desgraçado que fez isso, Shade. Eu te juro, eu vou arrancar a cabeça e colocar na sala de amostra.

Mais maldições se derramando dele como sua raiva recolhida. Wraith tinha duas opções, eu-não-ligo-a-mínima ou eu-vou-matar-algo e qualquer emoção intensa o jogava em uma delas.

Uma voz gritou dentro da cabeça de Shade – Roag, palavras roucas dizendo que Wraith tinha sido o seu alvo, não Skulk.

— Nós temos que encontrá-lo primeiro. — Bateu na camisa fora do hábito, buscando um pacote de chicletes.

— Conte-nos tudo — disse Eidolon e Shade se preparou para suas reações.

— Eu acordei em um calabouço. Runa estava comigo.

Wraith fez uma careta. — Runa? A humana que estava o ano passado?

— Sim. Ela não é tão mais humana. E agora eu estou ligado a ela.

— Por quê? Como?

Isso foi tão humilhante. — Nós fomos forçados a isso. Por alguém que sabia sobre a minha maldição. Alguém que quer que todos nós soframos. — Bateu a camisa novamente. Na primeira chance que ele tivesse, ele iria procurar uma máquina de venda automática neste lugar condenado.

— Foi um vampiro, não foi? — Wraith perguntou.

Era uma conclusão lógica, dado o que tinha acontecido entre vampiros e demônios Seminus graças à indiscrição insana de seu pai. Os vampiros consideravam o que ele tinha feito como o pior tipo de ofensa e Shade teve de concordar. Que tipo de doente desgraçado estupraria uma mulher durante a transição entre humanos e vampiros, a engravidaria e depois usaria seu dom, o mesmo dom que Shade tinha, para manter seu corpo vivo para o feto poder crescer, até que ela desse à luz? Ele violentou-a várias vezes durante a gravidez e manteve-a presa em um estase infernal, não humana e ainda não vampira. Não surpreendentemente, a mulher enlouquecera e Wraith parara o preço. Por fim, assim como seu pai, uma vez que os vampiros apanharam-no.

— Eu desejo que o demônio responsável seja um vampiro. — Ele percebeu que sua mão ainda estava em seu peito, mas ele estava esfregando-o em vez de dar tapinhas atrás de cicletes. O buraco que Skulk deixara e falar sobre isso só fez doer mais. — Foi Roag.



Wraith estreitou os olhos e ele acenou com a mão na frente do rosto de Shade. — E? Você chegou a pedir uma tomografia computadorizada? Ele bateu com a cabeça?

Shade golpeou a mão do irmão para longe. — Roag está vivo. E ele está mais esperto do que nunca. Ele esteve por trás da operação no mercado negro nos últimos anos.

Eidolon ficou tenso, sua expressão assombrada. Wraith teve um segundo de tempo para absorver o anúncio, mas quando ele conseguiu... merda. Shade nunca tinha visto seu irmão ficar tão mortalmente branco.

— Não é engraçado, Shade. — Wraith tinha a voz na forma de um rugido áspero. — Não. É. Engraçado. Caralho.

— Eu estou rindo? — Shade exalou lentamente, necessitando de um momento para se certificar de que ele poderia manter sua merda toda junta, principalmente por conta de tão instável quanto Wraith poderia ser em um bom dia, isso poderia ser real, rápido e feio. — Roag sobreviveu ao incêndio. Eu não sei como. Ele tem a pele danificada como charque, nariz, faltando metade de seus dedos.

Eidolon, sempre com sua lógica, balançou a cabeça. — O sentimento morreu. Nós sentiríamos se ele estivesse vivo.

— Sua morte cortou a ligação — Shade disse, — mas quando ele foi reanimado, a conexão não foi.

— Como ele foi ressuscitado? Por quem? — Wraith cavou uma mão no bolso de sua calça jeans e Shade sabia que ele estava consolando a si mesmo, sentindo uma de suas armas. Seu irmão nunca estava desarmado, a não ser quando ele estava dormindo, caralho, nem na segurança do hospital. Sem dúvida, havia uma meia dúzia de lâminas escondidas em seu corpo.

— Solice. Ela estava lá, com Roag. Sem dúvida, ela veio espionar para ele. — Shade cerrou os punhos com a lembrança de como ela ajoelhara-se e torturara-o como o inferno no calabouço.

— Solice? — Os lábios de Wraith se enrolaram em um emaranhado desagradável. — Ela é tão prestativa.

Eidolon foi totalmente sinistro, rangendo os dentes, puxando o estetoscópio. — Isso não faz sentido. Ele ficou louco da cabeça, mas por que ele iria querer machucá-lo? E Skulk?

— Ele matou Skulk para me torturar. O resto... Ele acha que nós somos responsáveis pelo incêndio na Brimstone. Ele quer vingança.

Wraith estava com os olhos bem abertos, e E balançou a cabeça. — O Aegis fez isso.

— Eu sei, mas ele está convencido de que o queríamos morto.

— Eu com certeza quero vê-lo morto — Wraith declarou.

— Você não terá uma briga comigo. — Shade rebateu e questionou E com um olhar, desafiando-o a discordar, mas seu irmão apenas balançou a cabeça.



Wraith passeou em círculos, golpeando suas botas no chão com tanta força que Shade esperava ver faíscas. — Você diz que Roag forçou você e Runa a uma união?

— Ele nos fez pensar que estávamos sonhando.

E amaldiçoou. — Ele realmente está doente. Ele sabe que se você tiver uma presa do sexo feminino para você, você vai se apaixonar por ela.

— E ativar a maldição. — Wraith virou. — É fácil de resolver. Acabamos com isso ao matar Runa.

Um rosnado baixo irrompeu na sala. A escrita nas paredes começaram a pulsar e Shade percebeu que o barulho agressivo vinha dele.

— Devagar, Shade — E disse. — Você sabe que Wraith está certo.

Sim, ele sabia disso. Mas o instinto feroz e possessivo de proteger sua companheira ardia dentro dele.

— Vou fazê-lo. — A voz de Wraith foi dura, decisiva. — Onde ela está?

Shade estava no rosto de seu irmão tão rápido que ele não se lembrava de chegar lá. — Toque nela e eu vou te deitar como nos atropelamentos.

Wraith ergueu as mãos, sorriu com um flash de presas. — Vêem? É por isso que eu nunca, nunca me vínculo com uma fêmea. Torna você estúpido. — Ele atirou um olhar significativo para Eidolon. — Ou um fantoche⁸.

Shade como era, teve que dar razão a Wraith. Não que Eidolon ser castigado fosse uma coisa ruim. Sua companheira, Tayla, tinha o impedido de ficar insano, mas ela também tinha o envolvido um pouco ao redor de um delgado dedo assassino. Quando ela puxa, ele vem. Trocadilhos.

— Shade — Eidolon disse suavemente, — seria mais fácil se Tayla fizesse isso? Hoje à noite, após as alterações de Runa?

⁸ Pussywhipped – não achei uma tradução pra isso, mas de acordo com o parágrafo a seguir seria mais ou menos isso.



— Não! — Shade se afastou de Wraith, passou as mãos pelos cabelos e deixou-os apertando seu crânio como se isso pudesse ajudá-lo a manter a sua cabeça no lugar. — Nada será mais fácil. Você acha que eu quero saber que Wraith saiu para matar minha companheira ou que sua assassina está indo atrás dela?

E acenou com a cabeça como se ele entendesse isso. — Eu posso fazê-lo. Vou sedá-la primeiro. Ela não vai sentir nada.

Angústia torceu seu intestino e Shade deixou as mãos caírem. Seu corpo e as emoções eram tão otimizadas por fora. — Isso não é como se você estivesse se oferecendo para matar alguém. — Então, novamente, era a única coisa lógica a fazer e E era totalmente lógico.

— Antes ela do que você. — Eidolon lhe direcionou seu escuro olhar afiado. — Eu não quero correr o risco de perdê-lo, Shade. Não pela maldição. Já tem a coisa de lobisomem para enfrentar, no topo de sua s'genesis iminente.

A s'genesis que estava arranhando-o agora mesmo. Ele podia sentir o latejar em sua garganta, logo acima, onde a sua marca de acoplado fixara em sua pele. Sua virilha pulsava no tempo, como seu pescoço, e ele sabia que tinha necessidade de estar com Runa e logo.

— Ninguém toca nela até que eu tenha passado por isso — ele rosnou. — Ter uma companheira vai tornar mais fácil e com as complicações da licantropia... — Que pesadelo. Se o s'genesis o atingisse durante a lua cheia, ele só podia imaginar os horrores que ele podia infligir sobre as fêmeas que ele atacasse para o sexo.

Eidolon soltou um suspiro. — Eu concordo que não faz sentido esperar, mas você está tendo uma chance.

— Eu não vou cair de amor por ela em breve, mano. Ela é irritante como o inferno. Eu tenho tempo.

— Eu não gosto disso — disse Wraith.

Shade bufou. — Você só quer uma desculpa para matá-la.

Wraith não negou. — Como ela infectou você, afinal?





Seu corpo apertou como se lembrasse da agonia que ele estava quando implorou a Runa para machucá-lo. — Ela me mordeu. — Ele fez uma careta. — Ela pode mudar à vontade. Ela não precisa da lua cheia.

Eidolon começou. — Como isso é possível?

— Ela não sabe.

— Isso não é bom, Shade. Infecções desta forma são doenças humanas. Não fomos feitos para pegá-las. Quem sabe o que a licantropia está fazendo ao seu corpo. E o que acontece durante a lua cheia, quando você precisa de sexo? Você pode rasgar seu parceiro.

— Eu vou ter Runa.

— Por enquanto.

Shade cerrou os punhos e mudou de assunto. — Talvez você devesse fazer alguns testes com ela. — Os testes poderiam revelar porque ela não tinha marcas do acasalamento, também. Apesar de que era algo que ele desejava manter para si mesmo, agora.

— Boa ideia.

Wraith pegou um bisturi de uma bandeja próxima e testou a borda com o polegar. — Vocês estão agindo como se ela fosse ficar viva tempo suficiente para descobrir o que há de errado com ela. Você está esquecendo que ela tem que morrer e quanto mais cedo melhor?

Shade aproveitou a polêmica levantada. — Você está um pouco ansioso demais para colocá-la no chão, irmão.

Eidolon pisou entre eles. — Eu preciso ver Runa. Se ela pode mudar a vontade, ela poderia ter alguns anticorpos exclusivos para a infecção licantropos. Se eu pudesse isolar o que faz dela diferente.

— Você poderia desenvolver uma cura para mim — murmurou Shade.

— Exatamente.

Shade tentou ignorar a sensação de alívio que tomou conta dele, tentou fingir que o alívio foi devido ao fato de que ele poderia ser curado da licantropia e não por ter sido dado a Runa um adiamento de sua pena de morte. O alívio não durou muito tempo. A sensação dolorosa de agonia





bateu em seu organismo e sua pele gritava como se estivesse sendo picada por um milhão de agulhas.

— Shade? — A voz de Wraith vibrou com alarme. — O que é isso?

Ele ouviu o barulho de bisturi para o chão e sentiu dois conjuntos de mãos em seus braços, sentiu seu corpo sendo apoiado entre os grandes corpos de seus irmãos.

— Estou bem — ele respirou. — É Runa. Senti a sua mudança de volta. Queimadura de reentrada, eu acho. — Estremeceu com as sensações de distância sendo diminuídas, ficou de repente muito contente por ter sido drogado para sua transformação. — Ela está com fome. — A agitação em sua virilha disse-lhe que comida não era tudo o que ela desejava.

— Vá encontrá-la — E. disse, num tom que disse que ele sabia exatamente o que estava acontecendo. — Nos vemos mais tarde.

Shade puxou uma respiração irregular. — Nós precisamos lidar com Roag. Ele está atrás de nós e ele pode ter espiões no hospital. Runa matou sua mulher. Ele vai estar atrás dela, também.

— Eu ainda não consigo acreditar que ele está vivo. — Eidolon pegou o prontuário de Shade e enfiou-o debaixo do braço. — Você sabe onde estava preso?

— Era um castelo. Irlanda, eu acho.

Wraith arreganhou os dentes. — Vou encontrá-lo. Eu te juro, eu prego a bunda dele na parede.

Shade assentiu. Se alguém pudesse encontrar Roag, era Wraith. O seu trabalho no HG era pesquisar, localizar e recuperar os artefatos raros, magias... qualquer coisa que pudesse ser útil durante o curso do tratamento de demônios. Ele tinha experiência, instinto e foco único que não podia ser facilmente desviado. Quando queria algo, ele conseguia.

— Cuidado, mano. Roag sempre teve um verdadeiro tesão quando se trata de você. — E por falar em tesão, o de Shade perfurava dolorosamente contra o seu fundo matagal. Ele precisava chegar à Runa.

— Isso é lisonjeiro, — disse ironicamente Wraith, — mas ele ainda vai morrer.

A porta sendo aberta sussurrou e Ciska entrou. — Doutor E.? Temos um paciente com trauma de novo no PS. Gem está pedindo sua ajuda.





— Entendi. — Eidolon bateu a mão na parte de trás da máscara, enquanto ele passava. — Vá até Runa. Ao trazê-la, teremos esta investigação. — Ele desapareceu no corredor, mas antes de Ciska segui-lo, Shade a parou.

— Tem um segundo?

— Para você? — Ela sussurrou, deslizando olhares sedutores entre ele e Wraith. — Sempre. Nós estamos indo para a festa?

Wraith encolheu os ombros, o movimento casual, mas ele ainda parecia um pouco tenso. — Eu estou no jogo.

Wraith estava sempre no jogo se a mulher não fosse humana ou vampiro e, desde que a enfermeira era uma bonita demônia, o entusiasmo de Wraith foi a mil.

— Vem cá. — Shade apontou para o irmão. — Você. Fica.

Ciska se aproximou dele, pressionou seu amplo peito ao dele e começou a esfregar de uma maneira que deveria ter provocado um formigamento elétrico. Mas isso não aconteceu. — Será que ele só vai assistir?

— Toque-me. — Shade ordenou.

Sorrindo, ela estendeu a mão, agarrou seu pênis. Por um momento, ele ficou rígido. A esperança aumentou. Talvez ele não estivesse realmente ligado a Runa. Talvez... Ela começou a acariciar e ele deflacionou como um pulmão perfurado.

Cacete.

Ele virou para o lado. A necessidade de sexo ainda estava lá, crua e persistente, mas sua virilha sentia como se estivesse ligada a Runa por uma corda. Ele puxou, trazendo de volta sua ereção, fazendo-o queimar.

Runa pode não estar marcada, mas ele estava definitivamente ligado a ela. Ela queria sexo e, pela maneira como sua adrenalina foi aumentando, ela queria da forma que ela não teve antes.

Porra, ela estava indo para sua jugular e foi só uma questão de tempo antes de ele sangrar.





— Ky, companheiro, você se importaria de verificar Wraith?

Eidolon entrou na ER, onde Kynan e Gem estavam tratando uma Trillah, um demônio lustroso, espécie felina com um pé mutilado. Gem tinha acabado de chegar no turno, de modo que ainda não tinha lidado com a forma como Kynan tinha praticamente corrido para fora da sala de descanso, ontem, e o ar entre eles estalava com a tensão não-reconhecida.

— O que há de errado com Wraith? — Ky jogou uma gaze com sangue no lixo.

— Lembra-se do irmão morto que te falei?

Kynan assentiu. — Roag, certo?

— Ele está vivo.

— O quê? — Gem olhou para cima instalando um saco de soro fisiológico. — Isso não pode estar certo.

Furia queimou na expressão de Eidolon, rapidamente apagada pela fachada habitual do médico legal.

— Estou passando por maus momentos para acreditar eu mesmo. — Ele pegou algumas luvas cirúrgicas, todas da empresa, Ky descobrira como o cara tratava o stress. — Shade diz que ele está por trás da operação mais recente no mercado negro que encheu nosso PS e necrotério. Ele capturou Shade, obrigou-o a ter uma ligação com uma warg, e... E matou Skulk.

— Jesus. — Kynan murmurou. Ele observou Eidolon avaliar o paciente como se nada fora do comum tivesse acontecido, mas os olhos, salpicados de vermelho que aparecia quando ele estava extremamente chateado, estavam piscando.

— Eu não sei como Wraith vai reagir a tudo isto, uma vez que ele afundar eu apreciaria que você pudesse me ajudar a manter um olho nele.

Ótimo. Sorte sua conseguir a tarefa de babá. — Não tem problema. — Ele tirou as luvas sujas de sangue e consultou o relógio. Seis horas. Ele estaria de folga em seis horas e bêbado como um gambá em sete. Não poderia acontecer em breve.

Ele queria esquecer a noite passada após o encontro com Gem, mas não tinha sido uma pequena crise na sede da Aegis, um novato Guardião que havia desmoronado após sua primeira



batalha. Tayla poderia lidar com praticamente qualquer coisa que surgiu durante as operações normais, mas estava um pouco difícil de lidar com os colapsos.

O Guardião traumatizado também precisara de atenção médica, assim que ele precisou exercer seu dever de médico e psiquiatra. Depois disso, ele tinha ido direto para o apartamento de solteiro minúsculo que ele ocupava depois que sua esposa o deixou e caiu de cansaço, em vez de por excesso de álcool.

Tayla tinha oferecido deixá-lo ficar no sofá, na sede, uma casa de seis quartos, onde duas dezenas de Guardiães viviam, mas ele não podia suportar ficar onde ele e Lori tinham sido felizes.

Feliz. Que piada. Ele não tinha ideia de como Lori tinha começado a traí-lo antes de ele pega-la, mas agora toda a sua relação estava em dúvida, todo o caminho de volta desde sua primeira missão militar. Ela poderia estar enroscada com alguém enquanto ele estava recebendo o seu chute na bunda em desertos e selvas.

— Deixei-o no quarto do Shade — E disse. — Obrigado, cara. Fico te devendo.

— Honestamente maldição — Kynan saiu do departamento de emergência, chegou à sala de Shade um minuto depois. A porta abriu-se como se ele tivesse batido e Ciska roçou-lhe, um sorriso secreto nos lábios. O segredo tornou-se menor, quando ele entrou na sala e viu Wraith de pé.

Wraith revirou os olhos. — E. enviou-lhe, certo?

— Sim. — Kynan fechou a porta.

— Eu não preciso de uma babá, então dê uma caminhada.

Ignorando Wraith, Kynan afundou em uma cadeira. — Onde está Shade?

— Provavelmente, fodendo sua companheira agora. — Sim, as notícias se espalhavam como fogo do inferno pelo hospital.

Ky não estava certo porque Shade ter uma companheira era um problema tão grande, uma vez que E. tinha feito o mesmo, mas, aparentemente, era uma coisa muito ruim. — Vá trabalhar, Wraith. Vai ficar tudo bem.

— Que seja. Eu não me importo.

— Não me venha com essa merda. Você se importa muito.





Wraith bufou. — Eu não me importo com nada nem ninguém, humano. — Ele cutucou Ky no peito com um dedo, inclinou-se para rosar em seu ouvido — Eu venderia os meus próprios irmãos pelo preço certo. Ponha isso na sua cabeça dura.

Com isso, Wraith saiu da sala. Com a porta fechada, Kynan o ouviu gritar — Ei, mulher! Venha cá!

Kynan olhou para a porta. Wraith não pode estar procurando por uma briga ou fazendo um caminho mais curto para um viciado agora, mas ele tinha uma tendência a usar o sexo no lugar da droga ou da violência, quando estava chateado.

Quando o sexo se esgotasse, Wraith estaria indo para um de seus dois outros vícios e então as coisas ficariam feias bem rápido



Wraith esperou até que a técnica de laboratório que tinha acabado de entrar fechasse a porta do armário de fornecimento em que ela estava mexendo. O golpe foi feio. Com seu lábio, cobrindo os caninos inferiores, e desiguais, ela não era a Slogthu mais atraente que ele já bateu.

Assim que ela saiu, ele escorregou para o chão, coluna contra a parede, e escondeu o rosto nas mãos.

Maldito Kynan. O que fê-lo pensar que se preocupava com alguma coisa?

Eu venderia os meus irmãos pelo preço certo.

As palavras soavam em sua cabeça, uma verdade dura, porque ele vendera um irmão. Ele traiu a sua própria espécie, a sua própria carne e sangue.

E a porra descera sobre ele.

Três anos atrás, enquanto caçava em Nova Iorque os membros de gangues de rua, mais por esporte do que uma necessidade de se alimentar, ele se encontrou com um assassino Aegis. Naturalmente, o idiota tentou matá-lo. Supostamente o cara tinha sido um lutador bastante





adequado, mas não havia um ser na terra ou no reino do demônio Sheoul que poderia ganhar de Wraith no mano-a-mano e, dentro de segundos, ele tinha o cara no chão, adaga em sua jugular.

Tinha sido tentador matá-lo, sugá-lo até o deixar seco, com seus dentes. Em vez disso, ele dera ao cara uma dica. Bem, mais que uma dica. Wraith tinha praticamente dado ao Aegi um mapa para Roag.

Roag, que tivera uma tênue posição sobre a sanidade mental antes de s'genesis e que tinha ido tão mal como poderia ser depois. Wraith e seus irmãos concordaram que nenhum deles deveria ter de viver assim, mas não importa o que Roag fizesse, Eidolon exigia investigações completas antes que qualquer ação punitiva severa fosse aplicada.

Mas as investigações levariam muito tempo e, finalmente, depois de encontrarem os restos de uma fêmea humana que Roag havia estuprado até a morte, Wraith entrou em ação.

Ele poderia ter matado Roag ele mesmo, mas E. teria percebido isso. Wraith podia imaginar que o Aegis destruiria todo o bar de demônios onde Roag estava. Não que isso tenha sido um grande problema, qual o problema de um bando de vampiros e demônios serem mortos? Mas não é uma ironia que quem deveria ter morrido foi o único que sobreviveu.

E agora, por causa de Wraith, Roag torturara Shade, quase o matou, e matou Skulk, uma das poucas mulheres no HG, Wraith não conformara-se e não porque Shade teria explodido uma válvula. Wraith meio que gostava dela de um modo irmão mais velho.

E agora ela estava morta e Shade estava sofrendo. Por causa dele.

— Eu sinto muito, Shade — ele sussurrou.

Jogou a cabeça para trás contra a parede, os olhos fechados, sua mente trabalhando para conseguir uma farra de drogas ou uma rápida briga. Sexo não estava funcionando, ele poderia pegar todas as mulheres do hospital e não seria suficiente. Ele precisava de mais.

Fechou seu punho e socou a parede. A dor deu-lhe um alívio momentâneo, mas caramba, nada iria melhorar a sua vida. Ele imaginou que ainda tinha um ano antes do s'genesis e então ele não iria ligar uma merda sobre nada disso.

Mas agora isso estava machucando. E com exceção da dor auto-infligida, ele não ia se machucar também.



— Isto é como o enredo de um livro ruim de quadrinhos. — Roag rosnou. — Eu estou cercado por total incompetência. — Um servo DREC ajoelhou-se diante dele, a cabeça baixa. Tinha passado quase um dia desde que o prisioneiro escapou e a bagunça ainda não havia sido limpa. Vários de seus Ghouls estavam faltando e Sheryen não havia retornado do Eterno, o que não era incomum, mas o irritara.

— Somente dois dos nossos outros reféns escaparam quando as portas da cela foram danificadas por pedras caindo — disse a DREC.

A mão atrofiada de Roag se fechou em um punho. Ele não estava preocupado com os outros fugitivos. O que realmente lhe incomodava era que Shade e a cadela warg tinham escapado. A fúria fez estremecer dolorosamente toda sua pele em ruínas. Wraith ia pagar por arruinar sua vida. Por transformá-lo em uma casca queimada. Porque ele não tinha dúvidas de que foi Wraith o responsável pela sua desgraça.

A noite em Brimstone surgiu repetidamente em sua cabeça, um filme que estava preso em um ciclo de replay-permanente. Ele estava cuidando de seus próprios negócios, fodendo um par de fadas na parte de trás do bar, quando o local havia sido invadido pela Aegis. Roag notou que era um assassino, um punk de cabelo moicano e estava procurando por alguém em particular e quando ele pôs os olhos nele, Roag percebera, naquele momento, que ele fora alvejado. Instantaneamente, ele usou seu dom de penetrar na mente do assassino e ele vira uma memória na cabeça do matador. Uma onde ele tinha sido avisado por Wraith, onde ele dava as coordenadas para Brimstone e uma descrição de Roag.

Seu irmão mais novo tinha até adoçado o pote ao dizer ao Aegis que ele pagaria pela prova da morte de Roag. Graças a s'genesis, Roag tinha sido capaz de se metamorfosear em algo maior e ele tinha atirado o Aegi para longe. Quando o pub irrompeu em chamas, a única coisa que salvara sua vida foi que o demônio no qual ele tinha se transformado era imune ao fogo.

Transformando-se em outra espécie ele não teria os dons especiais e únicos que precisava, assim Roag não estivera completamente imune, mas ele teve resistência suficiente para impedi-lo de queimar em uma pilha de cinzas. Ainda assim, se não fosse por Solice aparecer depois do assassino, ele teria morrido.





Ele sempre desprezou Wraith, desprezava a atenção despejada sobre ele por E. e Shade, mas desde aquele dia em Brimstone ele queria que Wraith sofresse como ninguém na história já sofreu. E quando Roag estivesse convencido de que Wraith sofrera o bastante, ele iria morrer. Mas não antes de tirar-lhe a pele e os seus órgãos.

Wraith daria de volta o que ele tinha lhe tirado. A comoção no final do corredor chamou sua atenção e quando ele olhou para cima, seu coração, o que restava dele, parou.

— Meu senhor, — um lacaios Nightlash disse, — nós a encontramos perto do Harrowgate...
— O Nightlash carregava o corpo de Sheryen, amassado, quebrado em seus braços.

Roag olhou para Sheryen quando ela fora colocada a seus pés. Uma sangrenta, Darquethoth ferida mancou para frente. — Nós perseguimos o seu irmão e sua fêmea. Eles atacaram...

— Quem matou Sheryen? — Perguntou asperamente. — Quem?

— A companheira de seu irmão, meu senhor.

Roag pulou sobre ele, sacudindo seus ossos, esticando suas articulações, fazendo o seu crack de pele dura até que o sangue fluíu de fissuras. — Invoquem uma necromante.

O Darquethoth assobiou. — Mas, mestre...

Roag rugiu. — Agora! — Ele teria a sua amante de volta. As conseqüências que se danassem. — E contrate um novo espião para o hospital.

— Sim, mestre.

— Eu vou ter Wraith. — Jurou — E eu vou arruinar a vida dos meus irmãos, mas primeiro eu vou ter a cabeça da cadela em minhas mãos.

Roag se ajoelhou ao lado de sua amada, seu corpo todo tremeu quando ele a puxou em seus braços. Agradecendo ao Grande Satã que ela morreu perto de um Harrowgate, onde a energia demoníaca impedia que o seu corpo se desintegrasse. Com uma oração silenciosa, pediu que o necromante se apressasse. Sheryen tinha que ser reanimada antes que seu corpo começasse a decair, e o tempo estava passando.

— Não temas, meu amor. — Ele colocou sua boca sobre a dela, feliz por ela não sentir a sua cicatriz, lábios rígidos. — Em breve, vou estar vestindo a pele de Wraith e você vai sentir o sangue





de Runa bombear em suas veias. — Ele sorriu para o pensamento, a deliciosa ironia que só o sangue de quem matara-a traria Sheryen de volta à vida.





Capítulo Oito

Runa estava deitada no chão da caverna de Shade, seu corpo dolorido com residual sensibilidade pós-mudança, seu estômago apertado com fome. Ela também doía com a excitação, um inconveniente efeito colateral da mudança de animal para humano depois da lua cheia. Os efeitos normalmente duravam uma hora ou algo assim enquanto os primitivos hormônios animais brincavam dentro de seu corpo humano. Não ajudou ela ter despertado nua em um cobertor que estava encharcado com o perfume de Shade.

Já era ruim o suficiente ele afetá-la quando estava com ela. Agora ele estava fazendo isso à distância.

Necessidade torcia dentro dela, fazendo-a apertar suas coxas e dentes. Ela odiava esta fase de mudança de lobisomem, quando a quantidade de auto-satisfação não era suficiente. Crus e violentos desejos rugiam através dela e era provavelmente uma coisa boa Shade não estar aqui, porque ela sabia muito bem que iria atacá-lo.

Para o sexo.

Onde ele estava afinal? Ela se perguntou. Seu estômago roncou e sua boca molhou. Por que Shade não forneceu comida na noite passada como ele disse que faria? Algo acontecera a ele? Ela sentou-se, apenas para sentir o forte puxão da corrente amarrada ao seu tornozelo.

Ela estava cansada de ficar presa. De um calabouço a outro em questão de horas. Em seu estado sexual aumentado, ela estudou os chicotes, as varas e os açoites que decoravam as paredes do quarto de Shade. As máscaras, mordanças e algemas. Nojento. Perturbador. E ainda... Como seria estar a mercê de Shade, ter suas fortes e talentosas mãos manejando ferramentas que poderia usar para o prazer ou dor.

Ele sempre foi relativamente gentil com ela, relativo a tudo isso de qualquer maneira.

Eu não era o mais gentil dos amantes, era?



Não, ela supôs que ele não tinha sido. Ele não permitira tocá-lo exceto durante o sexo. Ele comandou as ações dela na cama e uma parte dela gostara da maneira como ele controlava tudo. Quando ele estava no comando, ela podia relaxar. Entre a doença de seu irmão e o fechamento iminente de sua loja de café, seu prato estivera completo, seu espírito quase quebrado.

Então, quando Shade a levou para sua casa para jantar e algumas horas de sexo e, em seguida, prontamente a trouxe para casa, ou quando ele ia encontrá-la em um hotel, transar com ela duro e rápido, e partir mais tarde, ela estava bem com isso, em sua maior parte.

E na verdade, duro e rápido soou realmente bom agora. Só de pensar nisso, trouxe um lento grunhido em seu peito e umidade entre suas pernas. O lobo-besta nela queria fazer sexo oral e sujar-se. Queria se submeter a um homem poderoso, mas só depois de uma estimulante e pesada batalha.

Ela nunca teria acreditado que gostaria de ter sexo com alguém que detestava, mas odiando-o poderia tornar mais fácil. Era só sexo, certo? Sem ligações emocionais, sem cair por ele de novo. Apenas. Sexo.

Exceto, poderia a relação deles permanecer daquele jeito, agora que eles estavam vinculados? Ele fez isso parecer tão... permanente. Mas talvez o R-XR poderia encontrar uma maneira de tirá-la dele. E se não, bem, eles tinham algumas coisas para resolver, porque não poderiam passar décadas, ou mesmo séculos, odiando um ao outro.

Ela balançou a cabeça, porque ela se recusava a acreditar que isto era permanente. Tinha que haver uma saída e ela faria qualquer coisa no fim para encontrá-la.

Onde ele estava?

O som de passos vibrou em seus ouvidos, ainda sensível a sua mudança. Sim. Coração batendo forte, ela levantou e arrastou o cobertor para se cobrir. Ela tinha tirado sua roupa na noite passada antes de se transformar em forma animal e agora desejava estar vestida esta manhã.

Quando Shade virou a esquina, ela não tinha certeza se estava aliviada ou não por vê-lo. Ele preencheu a entrada, ambos os ombros enormes roçando a moldura de pedra, seu largo peito expandindo com cada respiração forte. O cheiro de sua excitação e raiva veio a ela em uma quente corrente de ar.

Excitação disparou através dela. Incontrolável, trememente excitação.



— *Maldita seja* — ele disse, em uma voz que tinha sido raspada em uma lixa. — Maldita seja você por me fazer queimar assim. Por você.

Mesmo vestido com a roupa de médico, ele roubou seu fôlego. Ele estava carregando um saco de comida e seus olhos eram um laser de ouro que queimavam cada lugar que seu olhar iluminou em sua pele. Ele não disse nada enquanto arremessou a comida no chão e fechou a distância entre eles.

Ela suspirou seu nome, odiando fazer isso, mas incapaz de tomá-lo de volta. Não quando ela já estava em fogo por ele. Ela fechou seus olhos, esperou ele beijá-la, mas ele virou-a, empurrou-a contra a parede para que seu peito pressionasse suas costas. Sua ereção cutucou seu traseiro através do tecido do seu uniforme inferior e ela não podia evitar, apenas esfregou-se contra ele como uma espécie de felino no cio.

— Eu odeio como você faz isso comigo — ela sussurrou.

Ele puxou seus quadris para trás com uma mão espalmada em sua barriga. — Faço o quê? — ele rudemente chutou seus pés separados.

— Faz-me esquecer o quanto eu não gosto de você.

— Bem-vinda ao meu mundo. — Ele bateu as palmas de suas mãos sobre a pedra de cada lado de sua cabeça e cobriu seu corpo com o dele. — Eu não quero isso, mas aqui estou.

Por um momento ela pensou que ele iria tomá-la assim, contra a parede. Mas ele permaneceu imóvel, dominando-a em uma primitiva mensagem animal. O animal macho era maior, mais forte e ele teria seu caminho com sua fêmea.

Ela começou a tremer com a proibida, perversa antecipação. Uma das mãos dele arrancou seu cobertor que ela ainda segurava inutilmente em seus seios, enquanto a outra segurou em seu quadril e virou-a para trazê-la com força contra ele. Sua ereção pousou contra sua barriga, uma presença imensa e inflexível.

— Toque-me — seus dedos cravados em seu quadril enquanto a outra mão veio para enrolar em seus cabelos. — Faça-o agora. — Sua pélvis arqueou dentro dela, um comando não tão sutil.



Oh sim. Ela queria, necessitava tocá-lo. Mas a besta ainda a provocava no interior, desesperada por mais do que uma simples liberação agradável. Ela queria selvagem e erótico, com uma borda de perigo.

Seu âmago foi derretido com esse pensamento.

Sentindo-se travessa e agressiva e mais do que um pouco teimosa, ela mordiscou sua clavícula forte o suficiente para fazê-lo sugar o ar. — Tome-me.

Seu corpo ficou duro como uma haste de aço. — O que você acabou de dizer?

Ela corajosamente encontrou seu olhar. — Eu disse tome-me.

Ele parecia tão chocado, completamente chocado que ela quase riu. Quase, porque, instantaneamente, o choque mudou bruscamente para raiva. A mão que estava em seu cabelo agarrou seu pulso. Ela rosnou, lutou contra ele, mas ele não cedeu um centímetro. Ele trouxe sua mão para dentro de suas calças e a forçou manusear seu pênis.

— Agora, — ele disse em um profundo som gutural. — masturbe-me.

Seus olhares ainda estavam travados. O predador nela aumentou sua fúria com desafio nos olhos dele. A fêmea nela ficou toda tremente. A mulher que tinha se tornado nos últimos meses decidiu que não gostava de receber ordens. Era hora de mostrar a este homem que ela não ia rolar e brincar de ser submissa.

Sorrindo, ela fechou seus dedos ao redor de seu grosso comprimento. Ele pulsava em seu agarre, o quente sangue batendo em uma maré furiosa contra sua palma. A cabeça pulsava através do anel em sua mão a qual não se fechava completamente. Ele se sentia bem, tão bem... Ela esperou até que o brilho de triunfo acendesse em seus olhos, em seguida ela apertou-o tão forte quanto pôde. Ele cambaleou para trás. Ela abaixou agachada, pronta para saltar.

— Você...

Ela atingiu sua barriga com seu ombro, colocando seu corpo inteiro no golpe. Ele grunhiu e caiu para trás, descendo sobre a cama mais graciosamente do que ela tinha gostado.

Sua vitória foi de curta duração. Ele veio para ela como um tanque, girou-a e bateu seu rosto no chão duro o suficiente para tirar a respiração de seus pulmões. Ele a prendeu com seu peso, seu extenso corpo esticado em cima do dela.



Ar quente passou através de suas bochechas enquanto ele rosnou em seu ouvido. — O que aconteceu com minha tímida Runa?

Tímida. O lembrete do poder que ele tinha sobre ela, o poder de quebrar seu coração, realmente a incomodava.

— Ela morreu nas garras de um lobisomem, seu filho da puta.

Abaixo dele, ela se contorcia, tentando se libertar de suas garras, mas sentindo sua excitação crescer com cada movimento. Seu pau contra sua bunda, uma marca quente entre suas bochechas. Ela podia sentir cada cume, cada protuberância através do algodão fino de suas calças e agora quando ela lutou, foi para empurrar os quadris para cima. Para colocá-lo onde ela necessitava que ele estivesse.

— Seria um filho da puta que a faria gemer? — Sua língua varreu através de sua mandíbula, um quente, curso molhado que forçou um gemido de sua garganta, assim como ele tinha dito.

— Sim— Ela ofegou. Deus, ela estava chegando a isso.

— Sim, provavelmente você está certa.

Em um instante, seu peso se foi, mas sua mão caiu sobre seu pescoço, para manter seu rosto no chão. Sua outra mão deslizou para baixo em seu quadril para levantá-la de modo que ficasse de joelhos. Ela ouviu o farfalhar do tecido enquanto ele empurrava para baixo seu uniforme inferior.

— Eu queria fazer isto em você desde ontem, quando eu a arrastei para baixo para acorrentá-la aqui. — Ele inalou uma grande respiração e soltou um ronronar compreensivo e ela sabia que ele tinha cheirado seu desejo. — Eu tinha posicionado você assim, aberta para mim. Vulnerável.

Vulnerável. Nesta posição, ela não poderia se mover, estava completamente dominada. Isso irritou-a, fê-la querer revidar, e, no entanto, ela tremia de emoção e sua excitação percorreu o interior de sua coxa. Ela sabia que Shade vira, porque ele gemeu.

— Quero lamber você, — ele disse asperamente. — Quero começar de baixo sobre sua coxa e arrastar minha língua para cima através desse doce suco até atingir o ponto que faz você gritar.



Oh, Deus. Ela choramingou, pressionou seus quadris enquanto suas palavras engatilharam o início de seu orgasmo.

— Mas posso confiar que você não lutará comigo?

— Sim, — ela ofegou. — confie em mim. — Ela queria sua língua enterrada entre suas pernas, queria que ele a lambesse, para tomá-la com sua boca até ela entrar em colapso.

Seus dedos deslizaram até o interior de sua coxa, em vez da língua, capturando o seu escorregadio suco. — Pena que sou um filho da puta.

Esforçando-se, ela sacudiu sua cabeça ao redor o suficiente para vê-lo chupando seu dedo enquanto ele travou seu olhar no dela.

A visão erótica a derrubou e ela explodiu.

— Oh, sim. — Shade liberou seu aperto em seu pescoço e entrou nela com um golpe rápido de seus quadris. Seu centro o agarrou, os espasmos que balançaram seu corpo, prendendo e ordenhando com tal força que ele assobiou, empurrou profundo e apenas aguardou. — Merda. — ele gemeu. — Oh, merda.

Ela o sentiu inchar-se dentro dela e em seguida estava bombeando tão duro que ela foi escapando em direção ao chão. A parte dianteira de suas coxas bateu nas costas dela e os dedos dele agarraram seus quadris com uma força agressiva.

Isso era o que ela queria desde que acordou. Alegrou-se com o ritmo furioso, o golpe brutal, os sons molhados do jogo erótico, seu grito enquanto ele liberou dentro dela.

Outro clímax pegou-a de surpresa, atravessou seu corpo como um relâmpago. Shade continuou golpeando nela, seus quadris empurrando enquanto sua segunda liberação destruiu o corpo dele. Outros vieram para ela e outro, até que ela estava soluçando de prazer e exaustão.

Ela deu boas-vindas a ambos, porque muito em breve, ela estaria acordada em um mundo estranho com um demônio que não queria e outro demônio que a queria, mas queria-a morta.





Shade desmoronou, sem energia para o chão, levando Runa com ele assim que ficaram lado a lado, fazendo carícias.

Esquisita aliança do inferno. Era esse o tipo de sexo alucinante que acontecia entre companheiros? Se assim for, ele agora entendia porque E. tinha aquelas estrelas em seus olhos quando falava de Tayla.

A conversa com seus irmãos sobre o destino de Runa voltou com força total, juntamente com cenários que colocaram um desprazer sobre a felicidade pós-orgasmo. Ele podia imaginar Tayla atacando Runa com armas feitas de prata, reduzindo-a em uma polpa antes de dar o golpe mortal.

Então havia Wraith, que poderia ser brutalmente eficiente ou brincar com sua presa de gato e rato. Ele poderia derrubar Runa rapidamente, mas alimentar-se dela? A imagem de seu irmão na garganta de Runa, ficando aceso e drenando-a de sua vida enquanto ela permanecia mole em seus braços, fez Shade ficar tenso e puxar Runa mais perto. De nenhuma fodida maneira Wraith iria tocá-la.

Eidolon poderia fazer com compaixão, poderia injetar um sedativo assassino fingindo ser de sangue ou alguma coisa, mas não, se Runa tinha que morrer, Shade atrairia coragem para fazer sozinho. Ela merecia isso, pelo menos.

Ela se mexeu e ele correu sua mão para cima e para baixo em seu braço. Sua pele macia, ainda curiosamente desprovida de sua dermoire, formigando com arrepios abaixo de sua palma. Por que não tinha aparecido a marca de companheiro? Seria possível que ele estava ligado a ela... mas ela não estar a ele? Se assim for, ele estava olhando para uma gata do desastre. Ele necessitava de sexo como humanos necessitavam de água. Para viver. Sexo para um homem vinculado poderia vir apenas de sua companheira. Se o vínculo não fosse recíproco, ela poderia partir, ter sexo com quem ela quisesse. Se ele não pudesse ficar com ela, ele morreria.

Ele teria que tentar a parte dela do ritual de ligação de novo. Ele não poderia permitir que ela fosse um agente livre enquanto ele estava preso a ela.

— Runa?

— Hum?



Ele acariciou seu cabelo, inalando sua natural, fragrância da terra. — Vamos. Vamos nos limpar.

Ela não respondeu ou se moveu, então ele abriu as algemas morpheus com um comando e a carregou para o chuveiro. Gentilmente, ele a colocou no chão. Ela sorriu para ele de uma forma ligeiramente atordoada, balançando sobre as pernas tão instáveis que ele ficou preocupado que ela caísse. Sem pensar, ele a dobrou em seus braços e segurou-a reta. Quando o spray dos chuveiros duplos projetado nas paredes de pedra opostas bateram nela, ela gemeu, jogou sua cabeça para trás, e caramba, ela era linda.

Mantendo um braço ao redor dela, ele derramou uma corrente de sabão líquido sobre seus ombros, cobriu-a com calda perolada até que escorresse por suas costas e entre seus seios. Cuidadosamente, com ternura, ele lavou-a, o tempo todo pensando que idiota ele era por deixar-se apreciar isto.

Ela fez um som erótico, algo entre um suspiro e um gemido e ele a puxou mais perto, usou seu corpo como um amortecedor contra seus espasmos do orgasmo. Seus ruídos, a sensação de sua pele macia, úmida contra a sua... foram o suficiente para colocá-lo duro novamente. Não que ele precisasse de muito, mas depois do sexo que acabaram de ter, ele deveria estar saciado por horas.

Portões do inferno, ele estava em apuros.

Ele nunca deveria tê-la trazido para o chuveiro, deveria ter limpado a si mesmo depois do sexo e deixado ela se cuidar sozinha. E ela podia. Disso ele não tinha dúvida.

Apreciação por sua força crescia dentro dele e fê-lo sorrir enquanto penteava o cabelo dela. Esta nova Runa ameaçava o mundo como nenhuma mulher jamais tinha. Mesmo ele não podendo sentir suas necessidades físicas e emocionais, ele encontrava-se atraído por ela. Claro, ela era maravilhosa, ainda mais agora que ela tinha uma vantagem sobre ele, mas era mais que isso. Abaixo da personalidade forte, mais agressiva que ela desenvolveu ao longo do último ano estava a feminilidade suave e alimentava a disposição que ele fora levado a apreciar. Ele sempre dizia a si mesmo que tinha cuidado de suas irmãs e mãe, mas na verdade, tinha sido o contrário.

Deuses, por que Roag não poderia uni-lo a alguém? Nenhuma outra fêmea arrancou seu coração como Runa. Nenhuma outra fêmea tirou seus instintos protetores como ela fez.

Nenhuma outra fêmea teve a chance de fazê-lo se apaixonar.





Ela ainda estava metade receptiva enquanto ele enxaguava-a e secava-a, mas quando ele colocou-a na cama, ela bocejou e resmungou — Comida?

— Sim, eu trouxe comida. Está fria agora, mas eu nunca encontrei um hambúrguer frio de que não gostei. — Ele pegou a bolsa que tinha jogado no chão mais cedo. Ela sentou-se, seu olhar um tanto grogue e sonhador, enquanto ela pegava as batatas-fritas e um quarto de bolo.

— Obrigada, — ela disse entre mordidas. — estava faminta.

— Posso ver isso. — Ele sorriu quando ela parou de colocar comida em sua boca para olhar para ele, mas era um olhar zombador, porque ela mastigou uma frita e deu-lhe um sorriso brincalhão. Surpreendido por uma súbita vontade de acariciar seus lábios carnudos com seu polegar, ele alcançou-a. Com uma maldição, ele se freou no último segundo e empurrou um guardanapo para cobrir suas ações. — Você tem ketchup em sua boca. — ele mentiu. — E, ah, desculpe pela noite passada. Eu meio que fiquei amarrado no hospital. — Ele estendeu-se em cima da coberta ao lado dela. — Isso não foi um trocadilho.

Ela congelou sua meia mastigação. Engoliu em seco. — Amarrado? Sério?

Ela parecia tão fofinha que neste momento quando o desejo de tocá-la lhe causou coceira, ele sucumbiu, arrastando seu dedo através do seu quadril exposto. — Coisa engraçada. Parece que quando você me mordeu no calabouço de Roag, você transmitiu sua licantropia para mim. Então, na noite passada, quando pisei fora do Harrowgate no hospital, cresceu pêlos e dentes, e então tentei comer metade do pessoal.

— Mas... — A cor do rosto de Runa esvaiu. — Você disse que é imune a ela.

— Sob circunstâncias normais sim. Eidolon pensa o que quer que lhe permita mudar à vontade afeta sua doença e, portanto...

— Sua resistência a ela. — Ela fechou os olhos e caiu de costas contra o rebite de couro da cabeceira. — Sinto muito, Shade. Sinto muitíssimo.

Emoção entupiu a garganta dele, amarrada a uma mistura de prazer que ela se importava o suficiente para lamentar, culpa que ele tinha obtido por ela transformar-se em lobisomem e raiva que ele deixou-se sentir qualquer coisa por ela de qualquer modo.

— Não. — ele disse asperamente. — Se você não tivesse me mordido, eu poderia ter morrido com a dor que estava dentro.





— Ainda...

— Não. — ele gritou. — Coma seu alimento e descanse um pouco. Estamos indo para o hospital em algumas horas.

— Okay, Sr. Mal-humorado. Será que vamos voltar aqui?

— Vamos ter que voltar. — Ele mediu sua resposta enquanto se inclinava alguma perversa doença querendo irritá-la, quando ele disse. — Vamos precisar nos acorrentar.

E isso não seria interessante. Eles rasgariam um ao outro independentemente ou foderiam um ao outro até a morte.

— Juntos? — A frita Francesa em sua mão começou a tremer. — Então podemos tocar?

Toque, paladar... O corpo de Shade endureceu enquanto sua mente enchia-se com imagens de como seria passar uma noite com ambos em formas animais e nada mais do que puro instinto animal para orientá-los. Mesmo agora, seu instinto era colocá-la de costas e jogá-la no colchão.

— Senti seu desejo em Nova York, — ele rangeu. — Prometo não passar outra noite distante, enquanto ambos viverem. Na noite passada eu estava fortemente sedado, mas hoje eu não estarei e nada me afastará de você. — Ele girou-se para não ter que olhar para ela e ser tentado a tomá-la novamente. — Termine de comer e durma um pouco. Você precisará de sua força.



Gem tinha acabado de tomar banho, entrando em um novo par de calças de uniforme e prendido seu sutiã quando a porta do vestiário do banheiro unissex abriu.

— Ah, desculpe...

— Kynan. — Ela estava tentando pegá-lo sozinho o dia todo, mas o homem era o mestre da evasão, de modo que ela não desperdiçaria esta oportunidade. — Ei, olha, precisamos falar sobre o outro dia...

Ele segurou suas mãos e fez questão de não olhar para seus peitos. Ele olhou para todos os lugares, menos lá. — Está tudo bem. Estamos bem.





Ele se virou, mas ela agarrou seu pulso. — Não. Espere. Por favor.

— Não há nada para se falar. — Sua voz já baixa ficou ainda mais, arranhando pedra. — Vamos. Não gosto de ser tocado.

— Não acredito em você, — ela disse suavemente. — Tay me contou como você e Lori não conseguiam manter as mãos longe um do outro.

Kynam ficou tenso, mas o pulso em seu punho bateu contra seus dedos. — Não vá por aí.

— Posso ver suas cicatrizes, Ky. É o que sou. Posso explorá-las, reabri-las, torná-las pior. — Ela mordeu seu lábio, se perguntando se tinha acabado de fazer mais danos. — Ou posso ajudá-lo a curá-las.

— Não há nada aqui para curar, doutora.

— O que aconteceu com o Kynan que eu costumava conhecer? Aquele que ria, era gentil, carinhoso e descontraído?

Ele riu em seguida, mas era um som amargo e frio. — Ele está morto Gem. Ele morreu juntamente com Lori.

Sua esposa, que ele havia descoberto nos braços de dois homens diferentes em uma noite, um Guardião de confiança e outro um demônio sem limite moral.

Wraith. Que se negou a dormir com Lori, mas se alimentou dela em frente a ele e que poderia ter feito muito mais se Eidolon não tivesse interrompido.

— Ele não está morto. Ele está apenas se escondendo...

De repente, ela se viu presa contra os armários, uma das maçanetas mordendo sua espinha e as grandes mãos de Kynan sobre seus ombros. — Ele se foi, — ele rosnou. — esse toque é de alguém gentil e carinhoso? — Ele empurrou um pouco mais forte para dar ênfase e em seguida a liberou. — Você está desperdiçando seu tempo comigo, Gem. Encontre outra pessoa para tratar da saúde.

Ele afastou-se, deixando-a, seu coração batendo e pulsando no peito, no meio do vestiário.





Capítulo Nove

A cama era confortável, mais do que Runa poderia esperar numa caverna cheia de equipamentos BDSM⁹. Mas Shade a surpreendia em cada momento e ela se perguntava se ela o conhecia de verdade. Depois novamente, parecia que eles tinham uma vida inteira para se conhecer – não só como amantes, mas como lobisomens.

Deus, ela não via isso aproximando-se.

A imagem com identidade de relacionamento número rId127 não foi encontrada no arquivo.

Ela lembrou-se quão zangada ela estivera quando aprendeu sobre sua própria infecção, como ficara aterrorizada, perdida e sozinha, muito embora Arik estivesse lá para ajudá-la a passar por isso. Ela não tinha entendido as mudanças físicas e comportamentais que ocorreram quase imediatamente. Ela tivera medo por seu futuro, pelas pessoas inocentes que poderia machucar e ela ficara com raiva de como sua vida tinha sido arrancada debaixo dela de modo que ela não tinha mais controle sobre nada.

Shade tinha uma vantagem sobre ela por ter nascido nesse mundo estranho, já estava familiarizado com os lobisomens. Mas, ela pensou, enquanto passava um dedo em volta de uma alga de couro pendurada na cama, ele era um macho acostumado a estar no controle, tanto dentro como fora do quarto. Ter que desistir disso três noites por mês não poderia estar bem para ele.

Bocejando, ela olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Ela e Shade estiveram dormindo por seis horas. Com cuidado para não acordá-lo, ela girou. Ele estava encarando-a, com uma expressão de paz. O estranho anel em volta do pescoço dele flexionava quando ele respirava, a cor

⁹ BDSM – Bondage, disciplina, sadismo e masoquismo. Grupo de padrões de comportamento sexual humano.



escura do projeto era a mesma daquela da dermoire percorrendo o comprimento de seu braço direito.

Ela tirou o cabelo brilhoso dele do pescoço, onde seu símbolo pessoal, o olho que não vê, parecia, bem, vê-la. A cada vez que respirava, cada vez que engolia, ele ondulava, seguindo-a sem importar para onde ela se movia.

Inquieta, ela passou seu dedo pelo braço dele, seguindo os morros e vales de seus músculos viscosos até atingir a sua mão. A dermoire seguiu por todo o caminho dos longos dedos dele, aqueles que acariciaram-na, levaram-na a orgasmos decadentes mais vezes do que ela pode contar.

Calor começou a ferver em suas veias só pelo pensamento. Jesus, seus hormônios estavam uma bagunça.

A coisa toda de lobisomem aumentara sua libido e a lua cheia fazia isso ficar pior... mas estar próxima a Shade era como jogar gasolina no fogo.

Nesse momento, alguns minutos sob água gelada soava muito bom.

Ela rolou para o lado da cama, chutou seu pé por cima da beirada e em um instante encontrou-se jogada novamente no colchão e embaixo de Shade.

— Não tão rápido. — A voz dele estava sonolenta e maravilhosamente áspera, e seus olhos sonolentos e meio abertos incendiaram dourados. Sua ereção enterrou-se pesadamente na ligação do sexo dela.

— Eu só ia tomar um banho. Você quer se juntar a mim?

— Depois. — Ele vasculhou a garganta dela, mordeu a pele sensível dali. — Depois que eu terminar com você.

— Você sentiu minha, ah, excitação?

Os dedos dele aprofundaram-se entre as pernas dela para testar sua carência escorregadia.
— Sim, eu posso senti-la.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ele lavou a área que ele mordera com sua lingual. — Isso me acordou. Por quê?



— Porque — ela gemeu, inclinando a cabeça para o lado para dar a ele um melhor acesso, — mais cedo você disse que sentiu meu desejo de Nova Iorque. Eu estava apenas me perguntando se você vai sempre senti-lo.

Ele levantou sua cabeça para olhar para ela. Não mais sonolentos, os olhos dele queimaram com intensidade.

— Nós estamos ligados. Eu estou ciente de tudo o que você sente. — Ele curvou-se e deslizou para dentro dela. — Quando você quer sexo, eu sou forçado a dar a você.

— Mesmo quando estamos em estados diferentes? Países diferentes?

— Sim, mas isso não acontecerá novamente. — Ele prendeu os pulsos dela acima de sua cabeça e começou num ritmo lento e firme. — Nenhuma companheira minha... — Ele desligou-se com uma maldição.

— Você não gosta dessa palavra, não é? — Apenas uma vez, ela queria ser capaz de passar as mãos pelos ombros dele enquanto eles se uniam a cada um de seus golpes poderosos, cravar seus dedos nas costas dele enquanto ela gozava, mas ele apertou o pulso dela mais forte.

— Que palavra?

— Companheira.

Ele sacudiu a cabeça, seu cabelo espesso caindo em volta de seu rosto. — Eu não gosto de nada disso.

Ela arqueou as costas para levá-lo mais fundo. — Nem mesmo disso?

Uma emoção que ela não poderia nomear escureceu a expressão dele. — Você está excitada. O vínculo me obriga a servi-la.

— Como?

— Você me ouviu. — Ele enfiou mais rápido, seus movimentos quase mecânicos. — Vamos acabar com isso.

— Se você acha que está me fazendo um favor por foder comigo, — ela rosnou, — você pode parar agora e ir se foder.





Ele parou, mas não saiu do corpo dela. — Você nunca teria me dito isso há um ano. — A voz dele estava baixa, um resmungo áspero. — Nenhuma fêmea que eu já trouxe para a minha cama ousaria falar desse jeito comigo.

Olhando para ele, ela esforçou-se para liberar as mãos dela. — Provavelmente porque elas estavam presas por correntes penduradas no seu teto.

— Bom ponto de vista. — Ele olhou para os implementos de tortura e prazer pendurados em suas paredes como se estivesse selecionando um para ela. O pensamento a fez tremer, mas se por medo ou excitação, ela não tinha certeza.

— Eu suponho que você queira fazer isso comigo?

Ele riu, como se o que ela dissera estivesse completamente fora do campo da possibilidade.

O que a deixou extremamente ofendida, pois, por que ele curtiria outras fêmeas como ela, mas não ela? E por que no mundo ela estaria irritada com isso?

— Eu gosto do seu espírito, pequena loba. Mas ele poderia usar... disciplina.

— Meu pai dizia a mesma coisa. — Ela recuou, lamentando tanto as palavras como as memórias que vieram correndo pela abertura que ela dera-as.

O pequeno moleque precisa de disciplina. O pai dela diria isso logo antes de vir até ela com um cinto, ou uma colher de pau, ou o que quer que ele tivesse em mãos. Ela fora uma criança tão mal-criada, desafiando seus pais em cada oportunidade, enfurecendo seu pai alcoólatra ao ponto de chegar a violência.

Então como ela poderia ver os chicotes sortidos e outros objetos não identificáveis de Shade como algo além de instrumentos para causar dor? Que tipo de doente traumatizada ela era?

Shade passou um dedo sobre a bochecha dela. — Runa? Ei, você está bem? — Ele finalmente soltou seus pulsos e mudou seu peso de lugar enquanto se preparava para sair de cima dela. — Nós faremos isso mais tarde.

— Não. — Ela apertou suas pernas em volta da cintura dele. — Eu acho... Eu acho que você estaria me fazendo um favor se você apenas continuar... Você sabe. — Agora que a raiva tinha desaparecido, ela não podia ser tão rude quanto ela queria ser.

— Fodendo com você?



Calor floriu nas bochechas dela e o desejo floriu em seu centro. — Sim.

— Tem certeza? — Quando ela afirmou com a cabeça, ele afundou contra ela uma vez mais, seus quadris rolando para dentro dela mesmo quando um suspiro de alívio escapou de seus lábios.

— Bom, porque parar iria me colocar num mundo de dor.

— Como no calabouço? — Levemente, para que ele pudesse perceber que ele esquecera de reprimi-la, ela colocou as palmas de suas mãos na pele quente dos ombros dele. — Quando você podia ter morrido?

— Nem tanto. Nós mal começamos. Eu não estou tão ligado ainda. Eu vou chegar lá finalmente, mas você irá querer ficar fora do meu caminho por algumas horas.

O coração dela deu um pequeno salto por que ele teria sofrido por ela, e merda, não deveria estar saltando por qualquer razão. Parecia estar procurando uma desculpa para apaixonar-se por ele novamente. Claramente, tinha uma memória muito curta.

Shade lambreu o mamilo dela, espalhando seus pensamentos. — Você pode me sentir?

Ela sorriu, porque oh, sim, ela podia senti-lo alongando suas sensíveis paredes internas, deslizando através do lugar interior que a deixava selvagem. — Aham.

Ele agarrou o braço esquerdo dela, aquele que ele dissera que deveria ganhar marcas de companheira para combinar com as dele e o coração dela saltou, porque ela queria poder tocá-lo, apenas dessa vez.

— Não assim. Eu quero dizer, você pode me sentir? Você sentiu eu me transformar num warg? Você sentiu meu humor essa manhã?

Prendendo os tornozelos atrás das costas dele, ela se contorceu contra ele, contrariada que a conversa estava interferindo no sexo. — Não. Nada. Eu deveria ter sentido?

— Eu acho que sim. — Ele quebrou a chave de perna dela e retirou-se dela. — Fique aí.

O corpo dela sacudiu com a necessidade enquanto ele seguia para fora da sala, mas ele já estava de volta dentro de minutos.

E ele estava carregando uma faca de cozinha. — Um... Shade?

— Shh. — Ele montou nela, saltou dentro dela com um empurrão forte. — Eu não vou te machucar.



— Eu sei. — Como ela sabia, ela não tinha certeza, mas naquele momento, ela apenas sabia.

O clímax dela veio de lugar nenhum. Shade cortou o pulso e levou-o aos lábios dela quando ela atingiu o ponto máximo. Umidade em tons de vermelho e marrom escorreu em seu dente, sua língua.

— Beba. — A voz dele era um comando áspero que ela não conseguia resistir muito embora cada instinto gritava contra ele. Ela lembrou-se de fazer isso num estranho sonho erótico que eles tiveram no calabouço, o sexo que tinha sido imaginário, mas ao mesmo tempo, muito real.

Incapaz de parar a si mesma, ela bebeu demorada e gananciosamente. A cada vez que engolia, seu clímax subia mais, continuava e continuava. O sangue dele era como um fluido sexual e enquanto ele bombeava dentro dela e encontrava sua própria liberação, a dela não iria parar. Orgasmo após orgasmo retumbava através dela e cada vez que ela achava que tinha terminado, outro a controlaria.

Gradualmente, ela tornou-se vagamente ciente do peso de Shade sobre ela, de suas respirações penosas e de sua voz retumbante.

— Runa? — Ele tentou puxar seu braço, mas ela fechara com seu dente e estava agarrando-o com suas mãos e não havia uma forma dela deixá-lo ir. Contanto que ela bebesse, ela viria e... — Runa!

Êxtase rolou sobre ela e continuou vindo. Uma pontada de dor percorreu sua bochecha, mas ela não se importou. O prazer a tinha consumido, levando-a mais alto do que ela já estivera.

A dor se intensificou e através de seu atordoamento orgástico ela percebeu que Shade estava comprimindo sua mandíbula, forçando-a a abrir a boca. Relutantemente, ela o liberou e ele a sacudiu, agarrando seu antebraço.

Ela gemeu, incapaz de mover-se enquanto seu clímax inacreditável dispersava-se. — O que aconteceu?

A voz dela estava drogada, quase inaudível.

Um canto de sua boca dobrou-se com diversão, o que a surpreendeu dada a dor que ele deveria estar sentindo. — Se eu não conhecesse as coisas, eu diria que você é meio vampiro.



A sensação prolongou-se de novo. A luxúria se formou, explodiu e ela chocou-se com outra liberação, seu corpo pinoteando de forma selvagem. Shade a observou com olhos semi-encobertos, seu olhar dispersando-se em sua intensidade.

— Bonita. — Ele sussurrou com um toque de medo. — Você fica tão linda quando goza.

Ela sentiu-se bonita quando ele a olhou daquele jeito. Bonita e vulnerável.

Ofegando, ela agarrou os lençóis. — Por quê? Por que me fazer beber você de novo?

De alguma forma, ela sabia que deveria estar com nojo pelo fato de ter engolido o sangue dele, mas depois de quase um ano comendo carne crua três noites por mês, ela se tornou um pouco dessensibilizada.

— Você ainda não tem as marcas de companheira. Eu espero que essa nova tentativa faça-as aparecer.

— Talvez nem todas as espécies as tenha.

O olhar de Shade fugiu. — Talvez.

Sentando-se, ela agarrou o antebraço dele. — O que você não quer me dizer?

— Nada que você precise se preocupar. — Ele ficou de pé, abandonando sua contenção. — Nós precisamos ir. Nós iremos a sua casa primeiro para pegar algumas roupas. Depois disso, nós faremos alguns testes em você no HG e voltaremos para cá ao anoitecer.

Parte da missão dela para a R-XR era aprender o máximo possível sobre o maldito hospital, portanto essa era uma ótima oportunidade, mas seguir essa ordem parecia errado agora. Como uma traição.

Deus, ela tinha o bastante para se preocupar sem lidar com se ela deveria desobedecer a seu comandante ou não. Que também era o seu irmão. Ela teria que examinar o hospital e decidir o que fazer a partir daí.

— Não me diga para não me preocupar, Shade. Não quando você está obviamente preocupado com algo.

Sombras escuras tremeluziram nos olhos dele, transformando-os em pretos e planos, fazendo-a tremer.



— Você está certa Runa. Enquanto Roag ainda estiver lá fora, nós temos todas as razões para nos preocupar.



Ninguém gosta de um dia improdutivo no HG, mas eles fizeram Kynan escalar as paredes. Ele não era um garoto do tipo Beije-sua-bunda-e-faça-melhor. Ele queria muita violência, vivo ou morto. O tipo de caso que jogava adrenalina no sistema. Como um exército médico, isso era o melhor tratamento que ele experimentara, sob o fogo ou no olho do furacão. Ele nunca nem mesmo se preocupara se seus pacientes eram humanos. Cachorros vítimas de acidente de carro e camelos baleados recebiam seu cuidado exatamente como humanos.

E o demônio.

Kynan expirou devagar, a memória pressionando seu peito. Ele e Lori, que também havia se alistado, foram casados por quatro anos. Eles moraram no Fort Lewis, mas ele fora enviado ao Afeganistão. No dia que sua vida mudara para sempre, ele fora apoiar uma equipe de guardas florestais que sofreram uma emboscada e foram presos. Quando sua equipe chegou ao local, os guardas florestais não podiam ser encontrados e com todo o sangue que pingara como tinta nas pedras da montanha, eles não conseguiriam fugir sozinhos.

A equipe de Ky conduziu uma busca, esquadrinhando de forma expandida que se tornou uma cilada e mandou sua equipe a um tiroteio. Numa chuva de balas e explosões do terreno rochoso que nunca acabava, Kynan separou-se da equipe e fora perseguido por lutadores Talibãs.

Ele refugiara-se numa caverna.

Cuidando de um ferimento na perna, ele passou um rádio pedindo ajuda. A transmissão estivera irregular e ele não tinha nenhuma ideia se a cavalaria salvaria sua bunda logo. Quando ele se acomodou numa posição defensiva, ele tropeçou no que fora deixado pelos guardas florestais. Ao lado delas estavam os corpos dos lutadores inimigos e espalhados entre a matança recente estavam centenas de ossos humanos e de animais.





A mente de Ky mal registrara o terror quando um monstro de duas cabeças – um demônio, Kynan sabia agora – surgiu das profundezas da caverna. Ele atirou e depois tentou salvar sua vida, principalmente porque alguém em algum lugar iria querer essa coisa viva.

Os lutadores inimigos atacaram enquanto ele estava distraído e ele tomou um tiro na garganta. Sua memória a partir desse ponto estava confusa ao máximo, mas depois ele aprendera que quando os soldados o descobriram, eles também encontraram o cara que o atacara dilacerado. Não havia mais sinais do monstro, mas logo depois que Kynan acordou no hospital militar depois da cirurgia que salvou sua vida, o Homem de Preto (bem, verde, na verdade) aproximou-se dele.

Com seu alistamento quase no fim, eles não poderiam forçá-lo a entrar na divisão paranormal defensiva super secreta do exército, a R-XR, mas o equivalente civil, A Aegis, aproximou-se dele com uma oferta que ele não poderia recusar. Eles garantiam o dobro do que os militares pagavam, plano de saúde e aposentadoria, bem como seu próprio quarto pequeno, para ser co-supervisionado com Lori. Eles também queriam que ele viajasse, para treinar outros membros do conselho tanto com técnicas de lutas táticas como medicina emergencial.

Então no momento em que ele fora honoravelmente liberado do exército, ele e Lori começaram a lutar contra os demônios.

Engraçado, já que aqui ele estava trabalhando num hospital de demônios e salvando suas vidas. Naquele momento, entretanto, ele estava na mesa de determinação de propriedades em estado de emergência, preenchendo um gráfico para um infante Daeva que fora trazido para confessar.

Uma confissão.

Cristo, parentes de demônios podiam ser tão paranóicos quanto os de humanos.

Ele ouviu passos, sentiu o redemoinho quente no ar que acompanhava Dra. Shakhvan, uma anciã que praticava medicina druídica de dia e roubava almas humanas de noite.

Kynan não tinha problemas em trabalhar com ela, mas fora do hospital, Dra. Shakhvan definitivamente encontraria a ponta afiada de sua vara.

— Você liberou o Neethul essa manhã? — Ela perguntou com uma voz que pingava promessa sensual de que ela não estava fingindo.

— Por quê?



Ela encolheu um ombro atraente, fazendo o cabelo loiro claro envolver seu brilho. Pequena curiosidade que os homens humanos vão de bom grado para sua morte com ela. Ela era a vistosa página central da Playboy.

— Eidolon quer que eu tire uma amostra de sangue para o banco de DNA.

Kynan pôs os pingos nos seus is e pôs os traços em seus ts no gráfico. — Fiz isso essa manhã.

Eidolon explodiria se cada paciente não fosse checado em sua lista de espécies catalogadas. Qualquer espécie de demônio não hospitalizado previamente deveria fazer um teste de DNA e ser convidado a doar sangue para o banco para uso futuro em outros da mesma espécie.

Dr. Shakhvan sorriu e bateu na cabeça dele. — Que humano responsável. Eu acho que vou deixar sua alma intacta depois que eu drenar você da sua origem. — Ela vagueou, quadris rolando num ritmo que deixaria a maioria dos homens ofegantes.

Kynan não ofegava por ninguém desde que sua esposa morrera e ele não começaria agora, especialmente não por um espírito ruim.

Você quase ofegou por Gem.

Foda-se isso, ele não chegaria lá. Exceto que seu corpo estava chegando lá. Seu corpo se enrijeceu pelo pensamento de Gem, pela memória de como ela ficara no vestiário, seus seios grandes transbordando em seu sutiã preto, a tatuagem de algum tipo de dragão cobrindo sua enfeitada barriga tanquinho, seus dentes pintados para aparecer como se eles estivessem limitando o piercing em seu umbigo.

Gentil e carinhoso, minha bunda. Ele tinha sido gentil e carinhoso com Lori e olha onde isso o levou. Talvez agora que ele fizera Gem íntima dos vestiários, ela entenda o recado. Ela perceberia que algumas feridas nunca cicatrizam.

Ele empurrou o gráfico de seus pacientes na caixa de arquivos com mais força do que era necessário e pegou outro quando o Harrowgate sussurrou.

A adrenalina dele chutou-o e saudou o susto que levou embora todas as lembranças de Gem. Tecnicamente, seu turno terminara dez minutos atrás, mas ele ficaria desejoso de ficar mais um tempo se algo legal chegasse. Membros cortados e amputações eram sempre os favoritos.



O cheiro do sangue precedia o paciente e sim, isso seria um gol de placa do trauma.

Kynan correu levemente em direção ao portão, parando de repente em choque quando Wraith saiu tropeçando. Oh merda. O demônio deve ter lutado um pouco com um liquidificador gigante.

Ele estava segurando um ombro, o braço pendurado inutilmente para o lado, rios de sangue jorrando pelo chão. Lacerações profundas marcavam seu corpo inteiro, expondo tiras de tendões e osso branco, mas ele estava sorrindo como se ele tivesse acabado de receber seu primeiro boquete.

— Bipe Gem e ligue para Eidolon em casa. — Kynan disse à enfermeira da triagem. — Agora. — E. fora para casa há uma hora, mas ele precisa estar aqui para isso.

Kynan passou um braço em volta da cintura de Wraith para mantê-lo de pé. — Merda, você pesa uma tonelada. — Ele guiou Wraith a um dos quartos disponíveis. — O que houve?

Wraith gemeu enquanto afundava na mesa. — Tiro. — Ele despregou sua mão do ombro, onde o sangue pingava de um buraco bruscamente definido.

— Os outros ferimentos não são de armas, cara — disse Kynan, enquanto colocava as luvas.

— Machetes¹⁰.

Só Wraith para se cortar com machetes. — Saiu para caçar rebeldes africanos de novo?

— Talvez.

— Mantenha o ferimento de bala pressionado — Obviamente, as ondas sonoras e a respiração de Wraith estavam boas, então ele rapidamente verificou o pulso do demônio em todas as suas extremidades. Tudo parecia bem, mas medicina emergencial em um hospital de demônios era muito diferente de num hospital humano, principalmente porque cada espécie de demônio tem diferentes sinais vitais, constituições, limiares de morte... Na maior parte, Kynan improvisava.

Kynan cortou a camisa de Wraith com uma tesoura de trauma e então cuidadosamente tirou a roupa. Sangue seco prendia o tecido à pele dele em alguns lugares, mas essa era a parte fácil. Aqueles ferimentos eram asquerosos.

¹⁰ Facas de mato



A cortina que separa as cabines abriu-se e Gem entrou. — Nossa. Você entrou numa briga com um gato muito grande?

— Engraçado, Gem. Agora por que você não traz a sua bunda engraçada até aqui e chupa o meu... Oh! Merda! — Wraith olhou furiosamente para Kynan.

— Desculpa. — Kynan jogou a camisa ensanguentada no chão. — O tecido está incrustado nas lacerações.

— Minha bunda. Você fez isso de propósito.

— Você não pode provar. — Kynan sondou um dos cortes mais profundos. Demônios Seminus curavam rapidamente e o sangramento de Wraith diminuía, mas não o suficiente. — Se te faz sentir melhor, E. está a caminho. Ele terá você curado e voltando a caça de maníacos genocidas a qualquer hora.

Gem levantou uma das pálpebras de Wraith. — Você esteve drenando drogados de novo?

Wraith grunhiu indignado. — Não.

Kynan colocou seu estetoscópio no ouvido. — Mas você se alimentou dos africanos não foi?

— Bem, dã.

Quando Gem lançou a Ky um olhar questionador, ele disse — Os guerreiros são brutais. Completamente selvagens, meio fora de suas mentes pelo kanif e drogas mais pesadas.

— Isso explica o olhar apático.

— O que houve? — Eidolon entrou na sala, vestido com calças cargo marrom-claras e uma camisa de botões azuis.

— O comum. — Gem disse. Ela gesticulou para Ciska, que estava preparando os instrumentos. — Pegue uma bolsa de sangue. Qualquer espécie.

— Droga, Wraith. — Eidolon murmurou. — Por que você fez isso com você?



Kynan deslizou o diafragma¹¹ gelado do estetoscópio contra as costas de Wraith. Wraith contraiu-se.

— Havia apenas, tipo, uma dúzia de homens. E então de repente eu estava lutando contra a merda do exército inteiro.

— Você devia estar procurando Roag.

— Eu estava. Eu tirei um intervalo pro almoço.

Eidolon curvou-se para inspecionar o ombro de Wraith. — Você levou um tiro.

Wraith bufou. — Covardes. Sério. Quem traz uma arma para uma briga de facas? Isso é trapaça.

— Você não tem uma arma? — Kynan perguntou.

Wraith fez uma cara de desgosto. — Não é muito esportivo atirar nas pessoas.

— Então você está dizendo que você não atirou nas pessoas que atiraram em você?

— Droga, é, eu atirei nelas. Desarmeí um traste e retirei tudo o que podia antes de chuta-lo no Harrowgate mais próximo.

A dermoire no braço de Eidolon começou a brilhar direcionando energia de cura para Wraith. Diante dos olhos de Kynan, as lacerações de Wraith começaram a unir-se. Wraith gemeu, trancando os dentes. Seus caninos alongaram-se e Kynan pode praticamente senti-los palpitando. O processo de cura podia ser doloroso, Kynan sofrera a dor alguns meses atrás depois de ser mordido por um demônio Cruentus durante uma volta na ambulância.

Ciska voltou com o sangue e entregou a Wraith, que mordeu a bolsa.

— Isso é nojento — Kynan murmurou.

Wraith ergueu uma sobrancelha. — Você está se oferecendo para tomar um Grande Gole?

— Você deseja.

¹¹Peça de contato com o corpo do examinado, com formato de campânula, mas limitada por uma membrana, mais apropriado para percepção de sons agudos.



Wraith bufou, mas antes que ele pudesse vomitar algumas advertências de gênio, E. afirmou com a cabeça satisfeito. — Feito. Agora para o ferimento à bala. — Ele olhou de relance para Ky. — Vamos precisar de aplicação local para isso.

— Estou bem — Wraith disse.

— Isso vai doer pra cacete, irmão. Pegue a seringa, Ky.

— Eu disse que estou bem. — A voz de Wraith era um rosnado baixo que vibrava no ar da sala.

Eidolon chegou bem perto do rosto de seu irmão, seus olhos dourados, o que significava que ele estava tanto excitado como irritado e como Tayla não estava por perto...

— Nós não faremos isso essa noite, Wraith. Você terá a sua luta fora do sistema. Sexo também, provavelmente. E, eu vejo, um pouco de assistência química. É hora de relaxar.

— Sem. Anestesia. Local.

Pontos vermelhos estreitos começaram a aparecer no meio do dourado dos olhos de E. enquanto sua raiva atingia o próximo nível de irritação. Isso iria piorar para uma situação crítica, e rápido.

— Pegue a seringa, cara — Shade disse das cortinas abertas, uma nova dermoire em volta de sua garganta e uma nova fêmea ao seu lado. Sua companheira?

Kynan não podia ter certeza. Ela usava jeans e uma blusa de seda com mangas curtas que revelava braços torneados que não tinham a marca da companheira, a dermoire que Tayla tinha.

Os olhos de Wraith brilharam gelados, ele obviamente percebera a mesma coisa. Pelo menos isso retirara o foco dele do problema da injeção.

— Pegue a seringa. — Shade repetiu, sua voz baixa e tranquilizante. — Se E. diz que você precisa disso, você precisa.

Wraith olhou de cara feia, mas se ele iria ouvir alguém, seria Shade. — Tudo bem. É. Tanto faz. Dê-me a injeção, humano. — Quando Ky aproximou a agulha do ferimento, Wraith agarrou seu pulso. — Faça doer.

— Isso fará o meu dia.



No silêncio que se seguiu, kynan pode ouvir o rosnado baixo e estável de Wraith enquanto ele olhava a nova fêmea como se ela fosse uma inimiga. Shade percebeu a hostilidade de Wraith e os dois irmãos trocaram olhares. Isso era ruim, apesar de Kynan não ter ideia por que ou o que diabos estava acontecendo. Mas uma quebra da tensão seria uma boa ideia agora.

Ele sabia que não deveria fazer isso, mas enquanto ele injetava no local, ele disse — Ei, Wraith. Eu tenho um novo jogo de X-box. Realmente violento. Eu planejo ficar realmente fodido e jogar essa noite. Quer tentar chutar minha bunda?

Wraith balançou a cabeça. — Por que você está pedindo para mim?

— Porque você está sempre me batendo muito na educação física e eu quero ter a chance de te derrotar.

Wraith estreitou os olhos, como se ele soubesse que isso era uma brincadeira, mas ele não conseguiu evitar morder a isca.

— Eu realmente te bato por aí, não é?

Isso não era mentira. Kynan estivera treinando com Wraith por meses, aprendendo novas técnicas de luta e aprimorando as velhas, mas ele nunca adquirira nem mesmo um décimo das habilidades que Wraith dominara.

— Eu vou chutar sua bunda no jogo também — Wraith disse, não tão acovardado quanto quando Ky empurrou a agulha em sua pele.

— Você não tem chance.

Wraith bufou. — Eu vou transformar você em poeira.

Eidolon ofereceu a Ky um aceno súbito, um agradecimento silencioso por neutralizar uma situação explosiva. Ky devolveu o aceno e cometeu o erro de olhar para Gem. Ele deveria ter cortado o pavio queimado de uma banana de dinamite, mas estava claro pelo brilho nos olhos dela que a coisa entre eles ainda queimava.



Capítulo Dez

Shade não ficou esperando pelos arredores do setor de emergências para aguentar as perguntas ou lhe mandarem os discursos sobre Runa. Ao invés disso, levou a warg ao laboratório, fê-la sentar-se e deu-a a Frank, um dos poucos humanos que trabalhavam no hospital, instruiu para que retirasse sangue para poder recolher todas as provas que fossem necessárias.

Depois saiu para o corredor e ficou observando Runa através do vidro do laboratório. Não ia consentir de maneira nenhuma que esse homem tocasse sua companheira sem que ele estivesse presente. Gostaria de ser ele mesmo a extrair o sangue, mas sabia que seus irmãos apareceriam de um momento a outro para fazer-lhe perguntas que não sabia como responder.

Ficou ali parado e se sentiu inexplicavelmente satisfeito ao ver que a jovem estava olhando tudo o que havia no laboratório com curiosidade e não com terror, como havia de se esperar de alguém que nunca tinha estado em um hospital para demônios.

No entanto, a jovem sabia que ele estava esperando no lado de fora e Shade havia assegurado que nada de mal aconteceria enquanto estivesse ao seu lado.

Que grande mentira.

Ele sentiu um nó no estômago enquanto afastava o olhar de Runa. Estava caindo nas redes dessa mulher muito rápido e a manhã de sexo compartilhado havia piorado a situação consideravelmente. Não apenas havia mentido descaradamente com o tema de se ver obrigado a satisfazer suas necessidades (inferno, ele provavelmente precisava muito mais dela do que ela dele) como também a angustia que havia visto no olhar da jovem quando saiu o assunto do seu pai fê-lo sentir como se houvessem cravado um punhal em seu coração.

Atrás daquilo havia uma história dolorosa e Shade tinha o presentimento de que estava relacionada com a escuridão e o sentimento de culpa que havia notado em Runa. Ainda assim, preferia não saber. Não queria ter que reprimir Runa como havia feito com todas as mulheres que haviam passado por sua vida para extrair a escuridão que dominava suas almas através do sexo e





da dor. Quanto mais tempo sua companheira quisesse guardar essa história para si mesma, melhor para Shade. No momento em que ela decidisse compartilhar seu passado e livrar-se da culpa ou o que fosse que corroesse sua alma, ele se veria obrigado a fazer o que fosse para ajudá-la a se liberar deste peso.

Apenas o fato de pensar nisso contraiu suas entranhas.

E porque diabos as marcas do vínculo continuavam sem aparecer em seu corpo? Essa manhã mesmo haviam realizado o ritual novamente e... nada.

Aquilo não era um bom sinal.

Em seguida, Eidolon se uniu a ele para olhar através da janela. Que seu irmão estava preocupado era algo que se notava no simples olhar, em suas rugas na testa e na tensa linha que rodeavam seus lábios apertados.

— Onde está Wraith? — Shade lhe perguntou — Estou certo de que também quer me dar uma boa bronca.

— Fiz que se fosse com Kynan. Disse-lhe que não precisava de ambos lhe dando sermão.

— Wraith não acreditaria em uma estupidez como essa.

Eidolon sorriu abertamente.

— Não sei se acreditou. Mas lhe disse que eu sim entendia o que era ter uma companheira e que saberia melhor do que ele como tratar com você. Também lhe disse que qualquer coisa que ele te dissesse faria que te perdessemos e que nunca mais soubéssemos de você.

— Sabe que isso não vai ocorrer.

O sorriso de Eidolon se desfez por trás de um semblante sério, fazendo que ambos voltassem ao problema que fazia que Shade estivesse em um beco sem saída.

— Sim, eu sei. Mas ele não.

— Ele está bem?

— Está aturdido e fazendo tudo que pode para enfrentar o problema de Roag, o de Skulk e a situação em que você se encontra, mas ele está levando as coisas melhor do que eu esperava.

— O que significa que é apenas questão de tempo para que termine explodindo.



Eidolon passou a mão pelo seu escuro e curto cabelo.

— Não nos disse por que Runa não tinha as marcas do vínculo. — Ao ver que Shade encolhia os ombros como forma de resposta, Eidolon continuou. — Pode sentir? Ou se trata de um vínculo unilateral que apenas surte efeito em você?

Shade voltou a olhar Runa através do cristal da janela. A jovem estava sorrindo para o técnico enquanto este lhe sustentava o braço para a extração de sangue.

Minha.

A raiva e a inveja estavam obstruindo a garganta e se obrigou a tragar a saliva com força.

— Frank está tocando-a. Tinha que retirar o sangue. Ainda posso...

— Shade, porque não se encarrega você mesmo de extrair as amostras de sangue?

— Sabia que viria a minha procura e, além do mais, estou tentando guardar distância dela. Mas não posso suportar que outro homem a toque. Matarei-o se voltar sequer a roçá-la.

— Calma, irmão, com o tempo comprovará que é mais fácil de levar. Quando o vínculo se assentar, todos esses ciúmes desmedidos diminuirão. Não desaparecem totalmente, mas a coisa melhorará. Caso contrário, não teria deixado que Tayla continuasse trabalhando com os homens nos quartéis Aegis.

Shade inspirou uma trêmula bocada de ar e evitou olhar novamente pelo vidro.

— Não consigo entender porque o vínculo é unilateral. Sei que cumprimos todo o ritual na primeira vez e hoje repetimos a parte que afetava a ela. No entanto...

— Isto poderia se transformar em um problema.

— Eu sei. — Shade apoiou um ombro contra a parede, agradecendo ter um lugar para poder se sustentar. — Posso te fazer uma pergunta?

— Faça.

Shade vacilou durante um segundo. Falar de sexo com seus irmãos nunca fora diferente de manter uma conversa sobre esportes; mas falar do sexo compartilhado com Runa fazia-o sentir-se incômodo e lhe dava a sensação de que não estava fazendo o correto, como se estivesse traindo-a.

— Sente que o sexo é... diferente desde que está com Tay?





As sobrancelhas de Eidolon se levantaram no mesmo instante e um sorriso de compreensão iluminou seu rosto.

— Infinitamente melhor. Essa é uma das vantagens do vínculo.

— Era o que eu temia.

Ambos ficaram calados durante um momento, até que Eidolon rompeu o silêncio.

— Encontraremos uma maneira de lhe tirar disso. Tanto da conversão em warg como da maldição.

Shade sorriu amargamente.

— Mesmo que encontremos uma cura para licantropia, a maldição não vai ter um final feliz.

— Tem que ter algum modo. Algo que temos passado por alto.

— Levamos quase oitenta anos investigando o assunto, E. Sabe tão bem quanto eu que há apenas uma forma de escapar do Maluncoeur e essa não é uma opção.

Em efeito, o Maluncoeur trazia incorporada uma cláusula que era tão retorcida como o bastardo que concebeu o feitiço. Shade poderia se liberar da maldição transferindo-a a um ser querido, a alguém a quem de verdade apreciava, mas no sentido romântico. Então, só restava Eidolon e Wraith, e, obviamente, era algo que não foi sequer levantado. E de todos os modos, embora quisesse transferi-la, não tinha nem ideia de como fazê-lo.

Um enfermeiro atravessou o corredor empurrando um carro com seus tentáculos e até que não se afastou o suficiente para não escutar a conversa, Eidolon não voltou a falar.

— Corre o risco de se apaixonar por Runa em um curto espaço de tempo?

Shade fechou os olhos, como se com esse gesto pudesse bloquear a verdade.

— Não — Mentiu.

Não queria que seus irmãos tivessem um ataque de pânico e se houvesse respondido com um 'sim', a vida de Runa estaria correndo perigo nesse mesmo instante.

— Talvez tenha um modo de evitar sua morte.

Os olhos de Shade se abriram rapidamente.



— Como?

— Podemos segurá-la aqui, ou em algum outro lugar. Em um quarto especial onde estivesse o mais confortável possível. Desse modo poderia socorrê-la quando precisar.

— Quer que a feche como se fosse um animal? Como se fosse uma escrava sexual?

— Shade, se o vínculo somente funciona em um sentido, ela poderia escapar de você. Ir para qualquer lugar que deseje e vincular-se com quem quiser... E o que aconteceria com você se isso chegasse a acontecer? Converter-se-ia em uma espécie de besta cujo único objetivo será persegui-la até morrer. Inclusive se ela está vinculada a você, sabe que não podem ficar juntos. Apaixonar-se-ia por ela. É algo inevitável. Então o perderíamos e seu destino seria pior que a morte.

Muito pior. Podia imaginar-se não sendo nada mais que um espectro vagando de um lado para o outro, incapaz de se comunicar e tocar ninguém. Mergulhado em um estado permanente de inanição, sede e sofrimento pela luxúria insatisfeita. Tornaria-se completamente louco. Demônios, parecia que a loucura era uma herança de família e ele já estava na metade do caminho.

— Não quero prendê-la como se fosse uma escrava sexual, Eidolon. Não posso fazer que passe a vida completamente sozinha, exceto quando vá até ela por alguns minutos no dia para uma rapidinha.

— Estou lhe oferecendo uma alternativa para que não tenha que matá-la.

Shade voltou a olhar através da janela do laboratório, tentando imaginar Runa fechada sozinha em um quarto, talvez com uma televisão e alguns livros que lhe fariam companhia. Iria se consumir aos poucos, convertendo-se em uma casca vazia sem nada pelo que viver enquanto sua brilhante luz se apagava? Limitaria-se a tomar-se quando tomasse-a, olhando o teto com o olhar perdido até que ele terminasse? Ou ficaria furiosa e acabaria convertendo-se em uma mulher raivosa e amarga a que Shade teria que violar para conseguir o que precisava?

Deus, estava lhe dando vontade de vomitar.

Como se Runa estivesse sentindo seu olhar, deu a volta e fez um pequeno gesto de saudação com a mão, enquanto com a outra sustentava um pedaço de algodão sobre a área que haviam picado. Frank disse algo que fê-la sorrir e virou-se novamente para o técnico de laboratório. Tratava-se somente de um sorriso inocente, mas fez Shade querer romper a sala e partir em dois o crânio desse imbecil.



— Maldito Roag— Shade grunhiu — Gostaria de derramar até a última gota do seu sangue.

— Sim, todos nós gostaríamos.

— Realmente? — Shade virou a cabeça bruscamente — Tem certeza que você gostaria também? Porque se mal me lembro, você e o Roag estavam muito unidos. Nunca o viu como é retorcido.

Eidolon pestanejou algumas vezes, como se não pudesse acreditar que Shade houvesse dito o que acabava de dizer e sim, fora um golpe baixo da sua parte.

— Escuta — murmurou — Sinto muito. Sinto-me frustrado e estou muito puto. Ultimamente as coisas não tem sido fáceis. Converti-me em um homem lobo, estou vinculado com uma warg e minha irmã acaba de morrer. Ah, e tenho o pescoço ardendo.

Franzindo o cenho, Eidolon esticou o braço e tocou com delicadeza a garganta de Shade.

— É o s'genesis. Vai atravessá-lo de uma hora para outra.

Shade esfregou os olhos, se perguntando se ainda seria possível voltar da borda do imenso precipício ao qual todas aquelas circunstâncias o haviam levado.

As luzes rotativas das paredes começaram a piscar e podiam escutar distante o som das sirenes de uma ambulância. Uma descarga de adrenalina percorreu o corpo de Shade. Ainda o assombrava a reação que teve quando Eidolon mencionou a ideia de construir um hospital para demônios: rejeição. Um total e absoluto rechaço. E é que, naquele momento, o que menos queria era colocar-se a ajudar alguém. No entanto, antes que ele soubesse, Shade foi tomado pelo vício que seu organismo experimentava quando ajudava em uma emergência médica. E sabia que Eidolon passava pela mesma coisa sempre que ia correndo ao setor de emergências e comandava sem importar o que fosse entrar pelas portas.

— Preciso voltar ao trabalho — murmurou passando uma mão pelo cabelo.

— Tem certeza? — Eidolon lhe perguntou.

— Fará esquecer minhas preocupações. Além do mais, quem sabe como estão tratando minhas pobres ambulâncias durante o tempo em que estive ausente? — Embora também fosse certo que não podia deixar Runa sozinha, não quando seria tão fácil escapar dele. Por sorte, aquele dilema desapareceu tão rápido quanto se apresentou — Runa pode vir comigo na ambulância.



— Se pode com ela, por mim não há problema.

— Amanhã organizarei os novos turnos e começarei a sair de serviço quando termine a lua cheia.

A porta do laboratório abriu-se de repente e Runa saiu no corredor vacilante. Para Shade ela parecia tão adorável e perdida que teve a tentação de aproximar-se dela e abraçá-la. O que apenas podia significar uma coisa: tinha um problema gravíssimo.

— Frank disse-me que já terminamos.

Frank. Não o técnico de laboratório. Ou o senhor Williams. Não, apenas Frank.

Esse ciúme desmedido não podia ser bom.

Eidolon sabia, pôs a mão no ombro de Shade — Ficaré mais fácil de lidar.

— Que seja — murmurou — Vai para casa? — Quando Eidolon negou com a cabeça, Shade acrescentou — Tem certeza que Wraith está bem?

— Sim. Ao menos por agora. Kynan vai dar uma olhada.

— Kynan Morgan, certo? — Runa perguntou.

Eidolon levantou uma sobrancelha.

— Se conhecem?

A jovem mordeu o lábio dessa forma tão especial que Shade desejou beijá-la.

— É meu irmão que ele conhece. Pensei tê-lo reconhecido mais cedo. De fotos — explicou-lhe apressadamente.

— Era o médico que estava atendendo Wraith — Shade pegou a mão de Runa aborrecido por ela ter perguntado por outro homem. — Voltemos à caverna. — Porque do jeito que ele estava agindo, o lugar mais apropriado para ele era a caverna. Até poderia pegá-la pelo cabelo e arrastá-la dali dando golpes no peito. E ainda por cima, começava a sentir a pele esticando e lhe percorria um estranho formigamento pelo corpo, o que indicava sua iminente transformação em lobo.

— Eu gostaria de fazer mais alguns testes — Eidolon disse, voltando a usar seu tom mais profissional — uma ressonância magnética, uma biópsia de medula óssea...



— E se nós ficarmos mais tempo no hospital vai ter que enviá-la a uma clinica veterinária para que façam todos esses exames. — Shade olhou para Runa — Faremos uma parada na cafeteria antes de irmos.

— Não tenho fome.

— Já percebeu que alguns demônios fazem parte do nosso pessoal? Alguns comem apenas carne crua.

Runa enrugou o nariz.

— Assim você tem...

— Não, não guardamos animais vivos. Mas contamos com um freezer cheio de gado morto. — O gesto de aversão de Runa tirou-lhe um sorriso. — Alimenta-se de carne crua três noites por mês e dá-lhe nojo o que se come em nossa cafeteria?

— Eu sou obrigada a me alimentar com carne crua, o que não é o mesmo. Acredite em mim, se houvesse um tratamento para curar a licanthropia, submeteria-me sem dúvida. — Runa se dirigiu para Eidolon — Acredita que pelo menos Shade tem alguma oportunidade de se curar?

O coração de Shade encolheu-se. Supunha-se que Runa não tinha que preocupar-se com ele.

— Meu irmão fará todo o possível — murmurou enquanto pegava-a pela mão e levava-a em direção a cafeteria. Mas logo antes de virar a esquina, virou-se um instante e olhou para Eidolon nos olhos — Chame-me se averiguar algo com os resultados das análises do sangue ou se tiver alguma notícia sobre Roag.

— Eu farei. E, Shade, tenha cuidado. Tenha muito cuidado — Eidolon disse, mas ele não estava falando de Roag.

Estava falando de Runa.



A jovem nunca vira nada similar a cafeteria daquele hospital. Estranhos e pestilentos cheiros





mesclavam-se com familiares aromas de especiarias que conseguiram que seu estômago rugisse tanto pela fome que lhe dera, como pelas náuseas que sentira.

As mesas e bancos pareciam ser feitas com enormes blocos de granito e em um canto da sala cavernosa havia um fosso de um metro e meio de profundidade e uns doze metros de diâmetro, onde três demônios de alguma espécie que Runa não pode identificar estavam fazendo em pedaços alguma coisa com suas garras e dentes. Ao redor deles, meia dúzia de criaturas grotescas, semelhantes a aranhas e com um tamanho similar ao de chihuahuas, dedicavam-se a recolher os desperdícios que os demônios deixavam.

Runa arrepiou-se e apegou-se com mais força à mão de Shade.

— Espero que essas coisas não façam parte do pessoal do hospital.

— A maioria é paciente. Os outros, limpadores.

Um dos demônios, um de cor verde com asas e o mesmo tamanho de um homem, virou-se na direção de Runa e esta ficou praticamente paralisada pela intensidade do mal que destilava do seu olhar... Se é que podia se dizer que uma criatura que não tinha olhos teria esse olhar.

Shade grunhiu algo para ele em uma língua que Runa não entendeu e, embora o demônio tenha respondido com um rugido, terminou dando a volta e continuou triturando ossos com seus dentes afiados.

— Não encare os pacientes — Shade advertiu-lhe.

Runa não teve tempo de protestar porque no mesmo instante pararam ao lado de uma mesa onde estava sentada uma mulher muito bonita de cabelo negro com mechas azuis e que estava vestida com um uniforme de cirurgiã. Estava sozinha, lendo um livro de mistério e bebendo café em uma xícara manchada com o vermelho de um batom que usava nos lábios.

O seminus não esperou uma resposta. Simplesmente caminhou com passo decidido e com a arrogância de alguém que sabia condenadamente bem que suas ordens não seriam desobedecidas. O interior de Runa debateu-se entre a gratidão e a irritação enquanto o observava afastar-se, esvaindo perigo a cada passo que dava com suas botas de couro preto.

A mulher que ele havia chamado de Gem mostrou sua língua perfurada que era dirigida a Shade e logo olhou para Runa, assinalando o banco que havia em frente ao que estava sentada.



— Sente-se. Você deve ser a companheira de Shade... — deu um olhar ao despoluído braço nu de Runa e duvidou — ou não.

— Sim, eu sou — Runa suspirou — O que acontece é que ainda não tenho as marcas. O irmão de Shade está tentando decifrar porque não apareceram. — Observou enquanto Gem tomava outro gole da xicara. — Café havaiano misturado com o cheiro colombiano.

Gem levantou a sobrancelha que usava um piercing.

— Uau! Tem um olfato muito bom.

— Fui dona de uma cafeteria durante alguns anos.

Afastando para o lado a xícara de café, Gem olhou com saudade em direção à cozinha.

— Serei-lhe eternamente grata se ensinar a esses estúpidos como preparar um café decente.

— Não saber fazer café deveria ser um crime — Runa setenciou com um sorriso. Ela gostou dessa mulher. — Então, trabalha como médica neste hospital? É humana? — Mordeu o lábio. — Estou sendo muito curiosa com as minhas perguntas?

— De forma alguma. — Gem colocou um marcador no livro que estava lendo e deixou-o de lado. — Sou médica e também meio humana. A companheira de Eidolon, Tayla, é minha irmã. Certamente a conhecerá logo. Tay pode lhe ajudar a entender o que uma fêmea pode esperar do vínculo... E de Shade.

Runa ficou olhando fixamente para a doutora de estilo gótico, desejando não ser uma completa estranha neste mundo dele que agora formava parte. Nem para Shade.

— Conhece-o bem?

— Eu conheço-o há anos, mas, para ser-lhe sincera, não sei nada dele. É um excelente paramédico que pode levar o hospital tão bem quanto Eidolon. Embora, quando se trata da sua vida pessoal, é extremamente firme. — Gem abaixou o tom de voz — Você ama-o, não é verdade?

— Apenas nos conhecemos — Runa disse o que não pareceu de forma alguma uma resposta. — Quero dizer... Sim, temos saído juntos... Mais ou menos. Mas eu peguei-o com os... — Fechou os olhos e tomou uma profunda respiração — Estou apenas dizendo incoerências.



— É verdade. — Gem sorriu-lhe — Embora neste caso seja permitido. — O sorriso da doutora se transformou em uma expressão de tristeza. — Está apaixonada e ele apenas sabe que você existe, não?

— Algo assim, — Runa respondeu suavemente, observando enquanto uma enfermeira de pele avermelhada encaminhava-se ao balcão, onde dois ajudantes de cozinha serviam uma fumegante comida que não conseguiu identificar. — mas não o amo.

— Ok. — Gem colocou os olhos em branco. — E pelo que vejo, ele não é seu único problema. Seu interior está cheio de profundas cicatrizes que não tem nada a ver com Shade.

— Não sei a que se refere. — Runa respondeu.

Claro que sabia. A traição de Shade, há quase um ano, havia lhe chegado à alma, mas para ser sincera consigo mesma, podia chegar a entender tendo em conta as circunstâncias. Embora isso não significasse que não continuava doendo cada vez que pensava nele.

Embora, essas não fossem as cicatrizes às quais a outra mulher se referia e Runa sabia.

— Shade pode curar-lhe. — Assegurou-lhe, então, Gem enquanto seus olhos começavam a resplandecer com uma luminosidade espectral. — Mas apenas se permiti-lo e confiar nele.

Absorvida com as palavras da doutora, Runa se assustou quando Shade pôs uma mão em seu ombro. Na outra mão trazia um saco de papel.

— Vamos. — grunhiu. Em seguida virou a cabeça e dirigiu-se a Gem, apontando o dedo. — E você, preocupe-se com seus assuntos e guarde para você toda essa merda shredder.

Gem se colocou de pé em um pulo.

— Vou ignorar o que acaba de dizer porque sei pelo o que está passando, — murmurou ao mesmo tempo em que pegava o livro que estava lendo. — mas não esqueça que também posso sentir suas cicatrizes e que terá ainda mais se seguir o caminho que escolheu.

— Gem, basta. — A voz de Shade silenciou os murmúrios que se escutava de fundo, mergulhando a cafeteria em um silêncio tenso. Inclusive os demônios do fosso ficaram completamente quietos.



A doutora gótica sustentou o olhar do Seminus como se estivesse disposta a continuar com a discussão, mas as sombras que cansavam nos olhos de Shade preveniram que o demônio teria tolerância zero para aquele assunto.

— Sabe que o que disse é verdade. — Furiosa, Gem se apressou em abandonar o lugar em um borrão de tons azuis e negros e uma multidão de piercings de prata.

Pelo jeito tenso que Shade estava, Runa esperava que o Seminus soltasse uma cadeia de maldições. No entanto, ele apenas disse um "vamos" somente sussurrado.

Runa não se moveu do seu lugar.

— O que significa essa merda de shredder?

— Gem é meio soulshredder, uma espécie de demônio que podem perceber as fraquezas e feridas interiores nos demais e tirar proveito delas. Vamos.

— Espera um momento. A que caminho se referia?

— A nenhum. E agora, quer se converter em loba diante de todos ou prefere voltar à caverna?

— A que caminho se referia? — Ela repetiu obstinadamente.

— Runa, deixe-o. Asseguro-lhe que não quer saber. Confie em mim.

Que Deus a ajudasse. Queria confiar nele, queria saber que pelo menos havia uma pessoa no mundo, além do seu irmão, que se preocupava com ela.

Franziu a testa e observou atentamente Shade. Seus olhos haviam se convertido em duas estreitas e escuras fendas e sua expressão era tão dura e inquebrável como seu corpo.

Sim, que Deus a ajudasse.





Shade manteve seu mau humor durante o trajeto para a selva. Runa tentou manter uma conversa, mas ele se limitou a lhe responder com alguns grunhidos e alguns sins ou não bruscas.

Uma vez na caverna, o demônio dirigiu-se com passo firme ao dormitório cheio de instrumentos de tortura e pendurou o saco de comida em um gancho que havia fixado no teto.

Runa seguiu-o e, embora não estivesse disposta a lhe perguntar que "mais coisas" havia penduradas nesse quarto, cruzou os braços sobre o peito e assinalou com a cabeça os impecáveis instrumentos que, organizados por classes e tamanhos, se alinhavam nas paredes.

— Diga-me o que é isso.

Shade negou com a cabeça e o suave sussurro que se escutou quando seu cabelo roçou a gola de seu casaco uniu-se a um grito arrepiante que o gancho fez com o movimento do saco de comida de um lado ao outro. Aquela era a situação mais estranha na qual Runa jamais havia se encontrado e para alguém que trabalhava a serviço da unidade paranormal do exército dos Estados Unidos, isso significava muito.

Pensar em sua missão fê-la sentir-se culpada. Era verdade que Shade mostrava-se distante com ela e que ele estava escondendo coisas sobre si mesmo, mas a jovem também estava guardando seus próprios segredos, como o muito que os militares sabiam do hospital ou a autêntica razão de seu retorno a Nova York.

E que diabos ia fazer quando terminasse a lua cheia e tivesse que voltar ao trabalho? Shade não ia deixá-la partir e ela não renunciaria ao emprego que tanto chegara a gostar para que ele pudesse retê-la ao seu capricho naquela caverna.

— Não precisa saber.

— Oh, sim. Claro que sim.

— Runa, não quer sabê-lo.

— Essa resposta começa a me aborrecer — Runa respondeu, com os punhos fechados sobre os quadris. — Escuta, já não sou o rato de biblioteca que conheceu. Quero respostas e quero-as já.



Shade soltou uma maldição e passou as mãos pelo cabelo enquanto caminhava de um lado ao outro do quarto. Runa afastou o olhar dele, consciente que o seminus precisava de tempo para se acalmar, e se dedicou a observar o quarto. As paredes estavam cheias de chicotes, arreios e um equipamento completo de bondage e suspensão. Garrafas e jarras se alinhavam em uma estante, ao lado de luvas, mascarar e outros utensílios aparentemente inofensivos como várias plumas. Deus, quantas fêmeas havia levado ali? E o que havia- lhes feito?

— Obrigas para que se submetam? — As entranhas de Runa se retorceram quando fez- lhe essa pergunta, sobre tudo porque temia a resposta que ele pudesse dar- lhe.

— Não. — Shade deu a volta e olhou-a. Seus olhos desprendiam tanta fúria que Runa instintivamente deu um passo para trás. — Nunca. Escolho as fêmeas que requerem essas práticas. Que de verdade o necessitem.

— O que quer dizer com que necessitem?

O seminus começou a caminhar de um lado para o outro de novo. Suas longas pernas fizeram uma dúzia de passos percorrerem toda a distância.

— Lembra-se do dia em que nos conhecemos? Disse-lhe que poderia perceber sua necessidade.

Runa ruborizou vivamente quando a lembrança do que fizeram no beco cruzou sua mente.

— Aquilo foi apenas sexo. Não imagino ninguém necessitando de que a batam.

— Necessitam de liberar-se. Posso perceber todas as necessidades sexuais de alguém, inclusive a necessidade de liberar-se.

As coisas estavam pondo-se um pouco raras. Ou melhor dizendo, mais raras do que já estavam.

— Liberar-se? Do quê? Da sua própria vida?

Dessa vez, quando o demônio deixou de caminhar e cravou seus olhos nela, olhou-a como se não pudesse acreditar que houvesse feito essa pergunta.

— Não sou um monstro, Runa. Não mato-as. Nunca me ocorreria fazê-lo.

— Então, do que estamos falando exatamente? E quer fazer o favor de parar de uma vez? Vai fazer um buraco no chão de tanto andar.



Como era de se esperar, Shade fez caso omissso do seu pedido.

— Tem fêmeas que gostam de BDMS. Desejam ser submetidas. Serem tratadas de forma rude. Que as dominem. Algumas, nem sequer conseguem chegar ao orgasmo se não há dor no meio. Elas querem que suas relações sejam assim. Outras, no entanto, o necessitam. — Levou a mão à nuca e começou a esfregar, mas esse gesto não o fez deixar de caminhar nem perder a concentração. — Já lhe disse que minha mãe era uma demônio Umber.

— Sim, mas não conheço as características dessa espécie.

— Os demônios Umber podem perceber a escuridão que há no interior das pessoas. Já sabe, sentimentos como a maldade, o remorso, a culpa e coisas deste tipo. Essa habilidade faz que sejam únicos na hora de julgar o caráter das pessoas.

Culpa. Runa se perguntou quanta da culpa que carregava em seu interior era visível aos demais e se Shade podia percebê-la.

— Você também tem essa habilidade?

Por favor, diz que não...

— Não quando se trata de varões. Os seminus apenas herdam alguns dos traços típicos da espécie as quais pertenciam nossas mães, embora não todos; e os que herdamos se misturam com os genes dos nossos pais. No meu caso, por exemplo, ao ser um demônio sexual, apenas posso perceber a escuridão nas fêmeas, especialmente aquelas que se sentem atormentadas e querem tirar esse peso de cima. — Ficou calado por um instante. — E eu posso ajudá-las a conseguir.

— Como? — Quando Shade dirigiu seu olhar para os instrumentos que havia nas paredes, Runa sentiu uma pesada opressão no peito. — Tortura-as para que se liberem dele?

— Já disse, Runa. Não vai querer saber.

— Pode... — engoliu a saliva algumas vezes. — Pode perceber a escuridão em mim?

Shade a olhou como se pudesse ver através da sua alma durante o que para Runa pareceu uma eternidade.

— Sim — finalmente respondeu — E o mais certo é que esteja relacionada com as cicatrizes das quais lhe falou Gem.



A jovem sentiu como se o quarto fosse ficando cada vez menor, deixando de ser um quarto em uma caverna para se transformar em um caixão.

— Não poderia...?

— Não necessita se liberar. Ao menos não ainda.

Claro que não se tratava de uma resposta que lhe trouxesse alívio. E que "ainda" não havia soado nada bem para Runa.

— Continuo sem entender.

Shade fez um gesto de impaciência.

— Não posso explicá-lo. Apenas posso dizer que quando uma Fêmea tem algo dentro que a tortura e quando seu subconsciente quer, e necessita, tirar de cima. Acredite em mim, Runa, nunca trouxe ninguém contra sua vontade. — Olhou-a com certo arrependimento — Exceto você. Mas essa é uma situação diferente da que estamos falando. Além do mais, todas as fêmeas que vêm a minha caverna têm uma palavra de segurança. Se a usam, paro automaticamente. Embora algumas podem aguentar... bastante.

— Você gosta de fazê-lo? — lhe perguntou, desprezando o tom levemente tremente com o qual falou e odiando o temor que invadiu seu interior. Levou a mão à boca, como se assim pudesse sufocar a náusea que estava começando a sentir. A ideia de que Shade pudesse ter um orgasmo enquanto infligia dor à outra pessoa... Deus, o coração começou a bater com tal estrondo que duvidou que fosse capaz de chegar a escutar a resposta do demônio.

— Odeio-o.

— O quê?

— Já disse... — Shade fechou os olhos e respirou fundo. — que odeio.

Graças a Deus. Imaginou todas essas fêmeas amarradas e Shade parado de pé em frente a elas, com seus dedos rodeando o cabo de um chicote e, apesar de tudo, não pode reconciliar essa imagem com o homem que tinha diante de si.

— E o que é que consegue você com tudo isso? Se diz que odeia...

— Consigo minha própria liberação.





— Mas se acaba de dizer que odeia-o.

— Runa, sou um incubus. Ao meu corpo importa uma merda o que opine meu cérebro. As fêmeas vêm aqui em busca de sexo, o mesmo que eu, e me vejo obrigado a lhes dar o que necessitam.

A jovem fechou os olhos, sem poder entender como Shade podia falar com tanta naturalidade sobre o fato de ter estado com tantas mulheres e fazer o que fosse que lhes fizesse. Claro que, por outro lado, Shade era um demônio, e ela apenas estava metida nesse mundo há um ano. Necessitava perguntar, necessitava saber...

— De forma que, se eu quero algo que não tenha a ver com sexo, também está obrigado a me dar?

Fazia alguns minutos que Shade não a olhava, mas ao escutar o que acabava de dizer virou a cabeça e cravou seu olhar escuro nela. Tinha os olhos entrecerrados, refletindo certa suspeita neles. Inclusive a marca com forma de olho que usava no pescoço parecia voltar a observá-la esgueirando-se, meio escondido atrás de uma mecha de cabelo.

— Depende do que seja — respondeu em um murmuro rouco — O que é que quer?

Os nervos fizeram que Runa tremesse os dedos enquanto tirava a blusa e baixava os jeans, até que ficou diante do seminus usando apenas umas calcinhas rosa.

— Quero que me dê o mesmo que as outras.



Shade havia vivido apenas com demônios até que cumpriu os vinte anos de idade. Depois, havia passado outros oitenta anos entre o mundo humano e o demoníaco. Assim podia dizer que não era alguém que se pudesse surpreender com facilidade. E nunca, em toda sua vida, havia ficado mudo. Mas quando Runa deslizou a calcinha e se encaminhou para a cruz de Santo André, se viu incapaz de articular uma só palavra e inclusive esqueceu-se de respirar.

— Não faça isso — conseguiu dizer finalmente.



Runa pareceu não escutá-lo e apoiou as costas contra a madeira dura que havia suportado os corpos de inumeráveis fêmeas antes dela. A ideia o pôs doente. Aquele não era o lugar da warg. Sua delicada pele não podia entrar em contato com algo que havia sido manchado com a presença, e sangue, de outras.

A jovem enfiou os pés nos grilhões para tornozelo e estes se fecharam emitindo um fatídico clic metálico. Depois, levantou os braços e fez o mesmo com os pulsos. Desta vez, o som do fechar fez que o coração de Shade quase saísse do peito. Sua mente gritou ante a visão que tinha diante de si, mas seu corpo ronronou de prazer.

E por que não? Os braços tonificados de Runa se estendiam em tensão acima da sua cabeça, empinando e reafirmando com isso seus generosos peitos. A cintura estreita estendia-se dando passo para os quadris, enquanto as pernas, que tinha bem abertas pela posição em que estava na cruz, revelavam essa doce e ardente extensão de carne que o tentava mais além da sua sanidade. Inclusive pôde perceber uma suspeita de umidade nos lábios do seu sexo.

Runa então cravou seus olhos nele, mostrando um perverso desafio.

— E bem, companheiro? Estou me submetendo a você. O que vai me fazer?

— Submeter-se? — Shade negou com a cabeça — Apenas começou a fazê-lo. — Em uma tentativa de acabar com tudo aquilo, cortou a distância que os separava e usou todo seu peso e constituição para intimidá-la, embora procurasse ficar fora de seu alcance — Está me desafiando para que se enfie em um jogo do que não sabe absolutamente nada, Runa.

— Então me ensina — Ordenou-o com a voz rouca.

Antes de se dar conta, Shade estava em cima dela, cobrindo-a com seu corpo e invadindo seu espaço enquanto a jovem se retorcia contra os grilhões que a tinham imobilizado sem poder fazer nada exceto sucumbir ao prazer que ele queria dar-lhe.

Aquilo não tinha que estar acontecendo. Deveria tirá-la daquela cruz imediatamente, acorrentá-la para evitar escapar quando se transformasse em loba e ir beber umas cervejas antes de acorrentar-se. Com aquele pensamento em mente, esticou a mão para o mecanismo de fechamento do grilhão de um dos pulsos.

— Não — Essa negação sussurrada guardava tanto uma ordem como uma desesperada súplica. Runa respirou fundo, o que fez que seus peitos ascendessem e roçassem as costelas de



Shade, enviando uma onda de luxúria direto aos seus testículos. — Quero que me dê o mesmo que as demais fêmeas que traz aqui.

O corpo de Shade se viu sacudido pela intensidade do desejo de Runa e a urgência por dar-lhe aquilo que ela estava ansiando começou a fazer um entalhe nele. Maldita fosse. Maldita fosse um milhão de vezes, porque agora Shade ansiava o mesmo que ela. O único consolo que restava era que, embora houvesse percebido uma profunda e escura culpabilidade no interior da warg, esta não estava preparada ainda para enfrentar o que fosse que comia as entranhas.

— De verdade, Runa? — Shade desceu roçando com a palma da sua mão o braço da jovem até chegar aos seus peitos. Depois, inclinou a cabeça de forma que sua boca ficasse na altura do ouvido dela e fechou sua mão em torno de um dos turgentes seios, exercendo uma suave pressão sobre ele e fazendo Runa arquejar — Tem certeza que quer saber o que significa submeter-se? Encontrar esse lugar em seu interior que apenas anseia me agradar? Porque, serei sincero, os submissos normalmente tem mais poder que os dominantes. Mas não no meu caso. Nunca no meu caso.

Furioso consigo mesmo pelo que acabava de dizer, ainda com a mente ofuscada pelo instinto de dar a sua companheira o que pedisse, se separou dela e pegou uma máscara de couro que estava pendurada na parede. Sentiu o objeto frio ao tato e deu-lhe a sensação que sua mão não era o lugar apropriado para tê-lo, mas, ainda assim, obrigou-se a pegar uma mordaca que havia ao lado.

Runa engasgou quando o viu pegar um punhado de cliques estranhos que estavam na prateleira, engoliu sonoramente e enfrentou seu olhar.

— Confio em você.

Um suor frio cobriu a pele do seminus ao ouvir aquilo. Outras mulheres também haviam confiado nele... Para que lhes fizesse dano.

Runa, no entanto, confiava que não ia fazer.

A warg não tinha motivos para confiar nele. E mais, não deveria fazê-lo. Confiar nele apenas a havia conduzido a um engano, que lhe atacasse um homem lobo, que Roag a sequestrasse e que sua vida estivesse em perigo. Um perigo que poderia vir da mão de Roag, de Eidolon, de Wraith... e até dele mesmo. Runa não seria capaz de sobreviver nesse mundo se não conseguisse erguer uns muros bem altos em torno do seu coração e endurecer.





Ela é muito mais forte do que imagina. Essas palavras soaram na cabeça de Shade em um tom cruelmente brincalhão, como se uma parte perversa do seu interior quisesse castigá-la precisamente por essa fortaleza interior.

— Shade? Escutou-me?

A fúria se apoderou dele, fazendo que fervesse o sangue e que fosse incapaz de pensar com coerência. Não importava se essa fúria fosse dirigida contra si mesmo, ou contra Roag, com qualquer um menos com ela. Precisava se desafogar com alguém e Runa era a pessoa que tinha mais a mão.

— Cale-se! — gritou — Não diga nem uma só palavra.

Enfiou a mordaca na boca com força, com mais cuidado do que era sua intenção. Pelas chamas do inferno, era incapaz de fazer mal a Runa ainda que se propusesse. Além do mais, tudo aquilo não teria sentido se não podia assustá-la. Grunhindo de pura frustração, jogou no chão a mascara e pegou uma luva de couro cravejada com pontas em forma de pequenas agulhas e o dorso com outras maiores e mais amplas. Depois, pegou um pequeno chicote que também continha agulhas na ponta.

— E agora o que loba? — Perguntou-lhe em um tom suave embora letal — O que é que vai acontecer quando começar a jogar contigo? Nem sequer dei-lhe uma palavra ou um gesto de segurança.

Um gutural e profundo som saiu da garganta de Runa enquanto espiava os instrumentos que Shade havia escolhido para ela. O olhar da jovem pousou em sua mão recém enluvada quando esta começou a se aproximar para ela, se detendo a escassos milímetros do seu corpo. A warg estremeceu e suas bolas se endureceram em resposta.

— Continua pensando que não vou te machucar?

Runa levantou a cabeça e a determinação que mostrava seu rosto o fez cambalear. A jovem não ia recuar. Não desprendia o aroma do medo. Nesse momento usava um monte de objetos de torturas que poderiam fazê-la gritar de dor, ou prazer, ou de ambas as sensações e ela não estava atemorizada em absoluto.

Ele poderia chegar a amá-la simplesmente por isso.





O terror se apoderou de Shade diante daquele pensamento, deixando-lhe como um iceberg. Jogou ao chão o chicote, arrancou as luvas e soltou Runa com dedos trementes. Começou a falar consigo mesmo como se estivesse louco, sem saber com exatidão o que era que estava dizendo.

Quando a jovem desceu da cruz, o seminus se afastou dela como se tivesse uma doença contagiosa. Sabia que não estava se comportando de forma racional, embora, isso fosse a última coisa que lhe importava. E se Runa soubesse o que lhe convinha, fecharia a boca e manteria suas mãos afastadas dele.

Durante alguns segundos lhe deu a impressão de que a jovem sabia o que estava pensando, porque ficou ali quieta, esfregando os braços vigorosamente para reativar a circulação sanguínea deles. Mas depois de tudo continuava sendo Runa, arruinando tudo e começando a falar.

— Por que me soltou? Ainda não havíamos terminado.

Shade deu a volta, simulando que não havia escutado. Talvez, se fingisse que a ignorava, Runa partiria. Então sentiu que algo batia nas suas costas e viu a mordaca cair no chão. Tinha jogado com todas as intenções do mundo.

— Disse-lhe que ainda não terminamos.

— Sim — ele grunhiu — Nós terminamos.

Outra coisa rebateu sobre seu ombro. Um grampo especial para mamilos.

— O que é o Maluncoeur?

Shade virou no mesmo instante ao ouvir aquilo.

— O que disse?

Runa deu um passo para trás, mas não afastou o olhar.

— Não deixava de murmurar algo sobre o Maluncoeur enquanto estava me soltando.

— Nada. — Deu uma profunda e sonora respiração — Não é nada.

— Não minta para mim — exigiu — E deixe de me evitar!

— Evitar-lhe? Não posso escapar de você.



— Porque me trata assim? Está me excluindo de tudo isto — Fez um gesto que abrangia o quarto para reforçar suas palavras. — Não quer me fazer o mesmo que fez com as outras fêmeas que, segundo disse, não significaram nada para você e não entendo a razão. O que ocorre? Por que eu sou menos que nada?

Foda. Como poderia lhe explicar que não queria se comportar com ela igual ele se comportava com as outras fêmeas, não porque significava menos que nada para ele, sim porque ela importava-lhe, e muito?

— Se lembra quando lhe disse que não fizesse perguntas das quais não queria saber a resposta?

Runa bufou e suas bochechas se tingiram de vermelho pela raiva que sentia.

— Às vezes pode chegar a ser um autêntico bastardo, sabe, não?

Dito aquilo, partiu com uma exalação em direção ao banheiro e Shade supôs que, se existisse uma porta, a jovem haveria fechado dando uma portada que fariam desprender as dobradiças.



Capítulo Onze

Wraith acabou sendo uma companhia muito boa. Ele arrebentou Kynan em um par de video games e tinha se entretido, passando pela coleção de filmes de Kynan e fazendo piada sobre ela, mas, principalmente, ele só parou quieto enquanto Kynan bebia até ficar em um estado de estupor.

Seis cervejas e seis doses de uísque depois, Kynan não estava bêbado o suficiente. Ele olhou para o demônio, que estava sentado na poltrona de couro ao lado do sofá, atirando batatas fritas no David Letterman.

— Você está deixando gordura por toda a minha tela de TV— disse ele.

Wraith bufou e caiu para trás na cadeira, pernas abertas, sua camisa preta de botões aberta. Sua roupa tinha sido arruinada durante a batalha com os rebeldes africanos, assim ele pediu para usar um dos uniformes de paramédico de Shade uma vez que ele se recusou a usar batas, malditos pijamas, como ele chamava. Ele suspirou, passou a mão sobre seu musculoso peito.

Cristo, Kynan nunca tinha visto alguém tão bem tonificado e constituído como Wraith. Era como se o demônio passasse 23 horas do dia malhando. E não era volume muscular adquirido com inúmeras repetições com pesos pesados, era o material funcional, o músculo, meio viscoso, que vinha do uso regular e não apenas dos treinos.

Lori esfregara-se contra aquele peito, usara seu rosto como um gato marcando seu território. Suas mãos alisaram para cima e para baixo do corpo de Wraith em íntima familiaridade.

Parecia que tinha sido ontem, mas foi há um ano que Kynan vira Wraith com suas presas enterradas na garganta de Lori e as mãos trabalhando no zíper de suas calças. Wraith sempre negou que dormira com ela, mas a visão deles juntos ficara com Kynan a partir daquele dia.

— Humano? Eu posso sentir a sua agressividade. O que houve?

— Diga-me novamente que você não dormiu com Lori.





— Merda, estamos de volta nisso? Eu não faço sexo com humanos. Quer que eu faça uma gravação assim você pode escutar repetidamente?

— Por que você não dorme com seres humanos? A maioria dos vampiros ama.

— Eu tenho um pulso. Eu não sou como a maioria dos vampiros. — Wraith se inclinou para frente, apoiou os antebraços sobre os joelhos. — Eu descobri a coisa com sua esposa, no entanto, se você pode escavar-se fora da piedade por um segundo.

— Você é um babaca.

— Ai — Wraith demorou. — Me machucou.

— Tudo bem. O que você descobriu?

— Foi Roag. Foi ele quem mexeu com a cabeça de sua esposa, provavelmente por meses.

— Como?

— Ele pode mudar de forma. Depois de ter se recuperado do incêndio em Brimstone, ele provavelmente usou minha forma em seus negócios no mercado negro para me culpar. É por isso que na noite no zoológico, quando você me viu com ela, ela pensou que me conhecia. Wraith empurrou seu cabelo para longe de seu rosto. — A questão é, eu não acho que ele realmente fez sexo com ela.

— Você não está fazendo nenhum sentido. — Kynan olhou para a garrafa de uísque. — Ou talvez seja porque eu estou meio bêbado. Eu vi-a esfregando-se em cima de você. Era bastante óbvio que ela fodeu com você, ou Roag, isso se ela pensasse que era.

— Ok, ouça. Pelo que Shade disse, Roag queimou como um marshmallow derretido. Ele teria sido praticamente destruído, bem até seu lixo. Eu estou apostando que ele não pode ter relações sexuais não importa o quanto ele queira. — Wraith sorriu. — O que é realmente muito engraçado.

— Você é doente. E como ele ainda está vivo, se ele não pode ter sexo? Você precisa dele para sobreviver, certo?

— Se os testículos dele foram queimados, ele não precisa mais de sexo.

— Então por que Lori acha que ela teve relações sexuais com ele?



— Porque ele tem o mesmo dom que eu tenho. Ele poderia tê-la feito acreditar.

— Não acredito. Guardiões tinham defesas contra os ataques sobre a mente e além disso, fazer memórias como aquela teria deixado algum tipo de dúvida, algum tipo de remanescente sensação de que algo não estava certo.

De repente, Kynan estava deitado de costas em seu quarto, as mãos entrelaçadas nos lençóis e Gem estava montando nele. Sua pele macia brilhava com a transpiração e suas coxas fortes o mantiveram prisioneiro em suas garras. Prazer passou através dele, afiado e cortante. Os gemidos de Gem vibraram todo o caminho até suas bolas, as quais reforçaram-se, prontas para derramar.

Isso estava errado, tudo errado. Ele sabia que não estava aqui com ela, sabia que de alguma forma Wraith estava fazendo isso, mas ele não podia escapar. Não era certo o que ele queria. Especialmente quando ela fez aquela coisa com os lábios, rolando-o entre os dentes, ela jogou para trás sua cabeça.

A luz piscou em seus olhos e ele estava no sofá de novo, completamente vestido, respiração ofegante, uma furiosa ereção forçando contra seu zíper.

— Acredita em mim agora? E eu não estava tão profundo em sua cabeça. Se eu tivesse ido mais fundo, você não estaria ciente de que eu estava fazendo isso. Você acreditaria que isso realmente aconteceu.

Jesus. Kynan esfregou o rosto com a mão trêmula. — Foi isso que Roag fez com Lori? — E por que diabos Wraith usara Gem naquela pequena fodida fantasia, afinal?

— Eu apostaria minha vida nisso.

Kynan deslocou-se para ganhar mais espaço em seu jeans. — Então por que ...

— Por que eu a mordi? Tentei fazer sexo com ela?

Náuseas rolaram através dele com a memória. — Sim. — Respondeu asperamente.

— Ela estava em cima de mim, Ky. Eu estivera lutando e estava meio enlouquecido com a sede de sangue. Eu não queria, mas eu não estava pensando direito e eu precisava me alimentar. E, infelizmente, desde que eu sou um incubus, alimentação e transa andam juntos quando estou com uma mulher.





Ótimo. Que seja. Ele precisava de uma pausa de tudo isso e ele precisava ter um escape. Ele tropeçou até o banheiro e quando ele saiu, Wraith estava de pé perto da porta.

— Isto foi um tumulto, mas eu estou fora daqui, humano. Eu preciso voltar para caçar Roag, eu preciso me alimentar.

Eu precisava me alimentar. Era o que Wraith dissera sobre Lori. Ele a mordera, afundara suas enormes presas em sua graciosa garganta. Sua cabeça pendeu para trás como se ela estivesse em êxtase total.

Droga. Kynan afundou no sofá e em um acesso de raiva infantil e embriagado, ele varreu sua mão através da mesa de café, enviando as garrafas vazias e saquinhos de batatas para o ar. Quando a última garrafa de cerveja parou de rolar, apoiou-se contra o suporte de TV, ele caiu para trás sobre a almofada e jogou seus pés sobre a mesa agora vazia.

Isso estava tão ferrado. Ele sabia melhor do que beber, porque os seus pensamentos sempre voltavam para Lori. Às vezes, ele lembrava-se dos bons tempos, o dia todo que passavam na cama, fazendo amor e falando sobre o futuro, as férias que eles queriam ter, as crianças que eles queriam ter. Outras vezes ele pensava em vê-la nos braços de Wraith, seus dentes enterrados em sua garganta.

O que ele havia sido para ela? Tinha ela temido por sua vida, ou ela tinha gostado? Tinha estado ela esperando por Kynan para salvá-la, ou ela teria deixado que Wraith a tomasse direto bem na frente dele?

Ele queria gritar tudo para fora de seus pulmões e esperar que Lori ouvisse, onde quer que ela estivesse. Ela o deixou com tantas perguntas e tanta raiva e ele não estava tão bêbado que ele não reconhecesse que precisava de ajuda para sair da areia movediça do desespero que chupava-o lentamente.

— Wraith — desabafou Kynan — me morda. — Ok, talvez ele realmente estivesse bêbado.

Wraith parou quando chegou à maçaneta da porta. — Vamos, Ky espero um melhor retorno de você.

— Não é um retorno. Eu quero que você se alimente de mim. — *Eu vou tomar Coisas Que Você Nunca Pensou que Você Diria para uma centena, Alex.*

Uma sobrelha disparou. — Quanto você bebeu?





— Não o suficiente para afetar meu julgamento. — Aquilo foi uma coisa totalmente de bêbado dizer.

Wraith bufou. — Eu não me importo com o seu julgamento. Estou perguntando por que eu recebo uma alta dose do álcool no sangue.

— Você já pensou em algo que não girasse em torno de você?

Wraith pareceu considerar por um momento. Então ele encolheu os ombros. — Não.

Que não era verdade, porque o demônio definitivamente preocupava-se com seus irmãos, não importava o quanto ele veementemente negasse.

— Só faça isto.

Wraith afastou-se da porta, seus olhos estreitaram-se como se esperasse que Kynan estivesse pronto para fazer disso uma armadilha. — Por que você quer isso?

— Estou curioso.

— Mentira. Você caçou meu tipo por anos e agora você quer deixar um chupar-lhe até ficar seco? E por que eu? Por que não encontrar alguma vampira gostosa do sexo feminino para uma boa transa e uma chupada especial?

— Eu não confio em mais ninguém.

— Você não deveria confiar em mim — rosnou Wraith.

— Eu não confio. Mas eu sei que você não vai me matar. O hospital significa muito para você e eu sou um médico muito bom que você não pode se dar ao luxo de perder.

— Você é um idiota se acha que alguém ou alguma coisa significa algo para mim.

— Que seja. — Kynan cruzou os pés nos tornozelos. — Você vai me morder ou o quê?

— Não até você dizer-me por quê.

— Eu estou te dando uma prova grátis do meu sangue e você está se fazendo de difícil? Que tipo de vampiro você é? — Quando Wraith apenas ficou lá, Kynan revirou os olhos. — Ah, vamos lá. Meu sangue. Você quer isso. Você sabe que você quer.



Os olhos de Wraith estavam vidrados, porque, sim, ele queria isso. Mas o condenado demônio não seria dissuadido. — Diga-me.

— Foda-se.

— Não é meu tipo.

Ky suspirou. — Ouvi dizer que você não costuma se alimentar de fêmeas.

— Humanas. Fêmeas Demoníacas e machos humanos estão no menu.

— Por que humanos, mas não humanas?

— Porque os homens não me excitam.

— Isso é um alívio.

— Só se eu quiser me alimentar de você. O que eu não quero. A menos que você me diga o porquê.

— Porque eu quero saber o que minha esposa sentiu quando você mordeu-a, caramba! — Kynan rugiu, surpreendendo-se da ferocidade e rapidez da sua ira.

Wraith deu as costas. — Eu não quis — ele murmurou. — Eu juro.

Kynan bateu com a mão sobre o rosto e esfregou os olhos. Merda, ele estava cansado. — Eu sei.

Ele ouviu um ruído, o rangido da almofada da cadeira ao lado dele. A mão de Wraith se fechando em seu antebraço e trazendo-o para luz, a palma para cima, sobre o braço. O coração de Ky começou a bater forte em seu peito. Ele não olhou. Não foi possível. Então veio a dor como adagas quando as presas de Wraith afundaram em seu pulso. Um segundo depois, o calor tomou conta dele. Arrepio passou através de seus músculos e sistema nervoso.

Deus, isso foi bom.

Ele deslizou um olhar para Wraith. — Isto não é como vampiro gay, é?

Wraith bufou e atirou-lhe o dedo.





Os vampiros eram estranhos. Mas ele estava começando a ver porque alguns humanos de bom grado permitiam que vampiros se alimentassem deles. A sensação era poderosa e, provavelmente, viciante.

Ele podia imaginar como seria a sensação de ter uma mulher fazendo isso. Em sua garganta, se pressionando contra ele, deitada em cima dele ou abaixo dele. Seu corpo começou a se mexer quando Gem tornou-se a fêmea esmagada debaixo dele, os dentes cravados em sua garganta, exceto que ela não era um vampiro, então toda a ideia era ridícula.

Um fluxo de sensações disparou em seu braço quando Wraith tomou um gole muito forte e droga por ele ter colocado a cena de Gem em sua cabeça antes, porque agora ele não conseguia tirá-la de sua cabeça. Tinha sido tão real que parecia como uma memória em vez de uma fantasia.

Ele ainda podia ouvi-la sussurrando coisas impertinentes e sexy no ouvido dele. O som de sua voz o levou ao mais profundo relaxamento, embalando-lhe mais do que o álcool alguma vez poderia.

— Que. Diabos? — A voz de Gem chegou até ele, nítida e clara.

Ele abriu os olhos apenas o suficiente para vê-la de pé na sala, os braços cruzados sobre os seios, que foram empurrados para cima em dois montes gordos pelo corpete azul que ela usava. Se ela virasse-se, ele apostaria que mal cobriria a sua bunda. Sua roupa curta, suas botas de salto alto que vinham até os joelhos, deixando suas coxas nuas.

Ela tinha os cabelos trançados em dois rabos de cavalo, colocados naquela coleira cravada de couro de cão e batom preto e ela parecia que estava pronta para a festa. Por que o pensamento enviou uma pontada de ciúme por ele, ele não tinha ideia.

Então, novamente, ele estava sentado em seu sofá, bêbado, com um vampiro sobre o seu pulso. Claramente, ele estava fodido da cabeça.



Put a merda, Gem pensou. Isto foi... inesperado. Kynan estava deitado no sofá, as pernas abertas, o braço esquerdo apoiado sobre o braço do sofá. Próximo a ele, de joelhos no chão, estava



Wraith, sua boca firmemente presa ao pulso de Ky. Quando ele olhou para cima, seus olhos brilharam com a travessura.

— E eu repito, que diabos? O que está acontecendo aqui?

Kynan a fitou com seus olhos sonolentos que fez inundar o seu corpo com o calor.

— O que lhe parece?

Ela olhou para Wraith. — Parece que alguém estava com preguiça de pedir um entregador de pizza para o jantar.

Wraith desprendeu-se de Ky e estalou os lábios. — Isto é melhor. Caseira. — Ele segurou o seu olhar enquanto lambia os furos no pulso de Kynan para selá-los. Lentamente. Sensualmente. Ela engoliu em seco, a boca subitamente seca. Wraith sabia. Sabia que ela queria Kynan, estava brincando com ela, porque ele estava ciente do fato de que ela queria ser a que lambia o humano. E quando as suas narinas aumentaram, ela sabia que ele podia cheirar sua excitação.

— Por que você está aqui? — A voz de Ky estava rouca, preguiçosa, como se tivesse acabado de acordar. Ele tem uma ótima voz pela manhã.

— Wraith me chamou.

Ky atirou para Wraith um olhar você-vai-ver, mas Wraith apenas deu de ombros e saltou rapidamente em seus pés. — O quê? Eu a chamei enquanto você estava no banheiro. Não acho que você deveria ficar sozinho. E eu tenho que ir. Eu preciso de mais do que você me deu. — Ele foi para a porta. — Até mais tarde.

Jogando a cabeça para trás para olhar para o ventilador de teto, girando em círculos lentos, Kynan soltou um suspiro. — Merda.

— Merda, é certo. O que você estava pensando? Você não fez uma coisa tão banal, como pedir-lhe para transformá-lo em um vampiro ou algo assim, certo?

— Eu posso ser culpado de um julgamento ruim, mas eu não sou burro ou suicida.

— Bem, não se torne burro ou suicida, porque eu não acho que Wraith possa transformar qualquer um. Ele não é tecnicamente um morto-vivo.

Kynan jogou o braço sobre os olhos. — Alguma vez pensou nisso, Gem? Você sabe, cogitou que tipo de pessoa confia em um vampiro o suficiente para drená-los até a morte? Eu quero dizer, o





que é para um vampiro parar apenas para deixá-lo morrer em vez de lhes dar a troca do próprio sangue do vampiro?

— Tenho certeza de que isso acontece. Olhou para a cozinha dele, que era basicamente uma enseada no canto de sua sala. — Eu vou pegar algo para você beber. Você precisa se hidratar. E uma pequena dica? Da próxima vez que você decidir doar sangue, dê para a Cruz Vermelha.

Ele não disse nada enquanto ela procurava pela geladeira, veio com um Gatorade, e derramou em um copo. Quando ela voltou para ele, ele estava na mesma posição, de olhos fechados, embora ele tivesse relaxado o braço. Ela colocou um joelho sobre o assento ao lado dele, levantou a cabeça dele e colocou o copo em seus lábios.

Ele esvaziou meio copo antes de abrir os olhos. — Obrigado.

— Bem, você não poderia se hidratar com cerveja. — Ela disse, olhando para as garrafas espalhadas na mesa e no chão.

Seu sorriso era torto quando ele puxou um pouco de seu cabelo. O pulso dela saltou loucamente.

— Você nunca fica bêbada, Gem? Alguma vez já perdeu-se em uma garrafa e esperou se afogar?

De repente, ela se tornou consciente do calor de sua parte externa da coxa contra o seu joelho, o curso dos dedos sobre o cabelo, o ventilador de seu hálito quente em seu rosto.

— Não. — ela sussurrou. — Eu não posso.

— Você fica doente?

— Sim. — Ela mentiu, porque ela não podia lhe dizer a verdade. Não agora, quando ele parecia ter esquecido o que ela era.

Que era um demônio do Tier quinto lugar, o pior e último nível de Ufelskala, um sistema totalmente do mal. Se os demônios de sua espécie fossem tornados, eles seriam F5s.

Que ela era apenas uma meia demônio fazia pouca diferença para ela, ou para Kynan. Ela fez o que podia para conter sua metade Soulshredder, que incluía ter tatuagens enfeitiçadas com tinta de retenção em torno de seus tornozelos, pulsos e pescoço. Ela também evitou álcool. Beber reduzia sua capacidade de controlar o demônio dentro de si.



Ela havia aprendido da maneira mais difícil, quando ela chegara bêbada em uma festa da fraternidade durante a escola de medicina. Algo pequeno enviara um acesso de raiva. Felizmente, ela reconheceu a sensação de sentir como se as garras estivessem rasgando o interior de sua pele e correu para o mais próximo Harrowgate. De alguma forma, ela acabou na UG, onde Reaver a sedou até que o zumbido parou.

O anjo caído impedira o que teria sido um massacre sangrento.

As juntas de Kynan roçaram sua garganta e em sua rápida entrada de ar, a mão silenciou. Ela procurou seu rosto, viu uma gama de emoções jogando como um filme passando rapidamente. Tristeza. Medo. Excitação.

Confusão.

— Você é tão bonita. — Ele sussurrou.

Era o álcool que estava falando, mas ela não se importou. Por quase um ano ele vira-a como uma colega em um bom dia, como um demônio no resto. Neste momento ele viu-a como uma mulher, e não importava que ele estivesse olhando para ela através dos vidros da garrafa da cerveja.

Lentamente, para não assustá-lo ou romper a faísca sexual entre eles, ela colocou a bebida de lado. Ela levantou a mão no rosto, maravilhada com a forma como o rosto estava quente contra a palma da mão fria. Ele olhou para ela e quando ela colocou seu polegar em seu lábio inferior, ela abriu a boca, só um pouco. Deus, ela queria beijá-lo. Em vez disso, ela manteve acariciando. Levemente. Suavemente.

A mão dele descansava no quadril dela, trazendo-a para mais perto. Nervos a fizeram tremer enquanto ela inclinava-se, o olhar fixo em sua boca. Ele inclinou seu rosto até o dela. A mão que teve foi brincar com seu cabelo em forma de concha na parte de trás da cabeça dela e puxou-a para baixo.

Seus lábios se encontraram. Hesitante a princípio. Os dele eram firmes, inflexíveis e, em seguida, como se uma barreira houvesse rompido, ele aprofundou o beijo. Ela ofegou em sua boca, um som de surpresa e alívio. Obrigada, Deus.



Ele deixou cair ambas as mãos na saia e a subiu. Uma dor doce, começou a pulsar entre as pernas dela quando ele a arrastou para o seu colo. Ela apertou seus ombros para ter equilíbrio, os músculos fortes dele não estando tensos sob os dedos dela.

Quando seu núcleo entrou em contato com o comprimento rígido forçando a calça jeans dele, ela estava totalmente molhada. Com um gemido, ele arqueou nela, usando o seu poder sobre seus quadris para mantê-la contra ele.

Ainda assim, ele a beijou, sua língua alternadamente varrendo os lábios e empurrando profundamente a língua. Necessidade consumiu-a e ela encontrou-se balançando no colo dele, esfregando seu sexo contra o dele, a fina camada de seda da calcinha dela criando uma deliciosa e quente fricção.

Isto era um sonho. Tinha que ser. Ela estava beijando o homem que atuou em todas as suas fantasias, estava à beira do orgasmo e eles ainda não tinham retirado toda a roupa. Ela queria alcançar entre seus corpos e tirar seu sexo de sua prisão de jeans, mas ela estava com medo de fazer qualquer coisa que pudesse fazê-lo mudar de ideia.

Seus lábios esquentaram um caminho ao longo de sua mandíbula e do pescoço para baixo.

— Gem. — Ele murmurou contra a pele sensível de sua garganta. — Deus, você é tão quente.

Ela estremeceu de alegria em suas palavras, a forma como a sua língua era quente, lânguida carícia em sua jugular. A sensação correu em um circuito de onde a língua estalou em sua garganta para cada ponto de contato.

Um gemido baixo saiu do fundo do peito dele, a vibração movimentando através do corpo dele e do dela. Respirações ofegantes, marcaram o início de um novo frenético ritmo de impulsos entre suas pernas. Um brilho de suor estourou em sua pele. Suas coxas tremeram e seu peito pulou e uma explosão poderosa a levou para além do imaginável de fora para dentro.

Chorando, ela agarrou-se a Kynan com as mãos à medida que ele avançava contra ela. Ele assobiou com os dentes cerrados, seu grande corpo empurrando ao que levou a sua libertação. O orgasmo tinha roubado o pensamento coerente, mas não a sua visão e quando ela viu-o chegar, ela pensou que nunca tinha visto nada tão bonito.



Ele se contorceu uma última vez e quando sua respiração desacelerou e os hormônios se alcançaram, o coração dela cantou. Deus, ele foi perfeito. Um homem feito para o sexo.

— Ah, porra. — Ele gemeu. — Gem merda. Sinto muito.

Sente muito? Ela sorriu e passou um dedo pelo peito dele pela camisa. — A única coisa que você deve sentir muito é que ainda estamos vestidos.

Ele desviou o olhar, sua expressão forte e ela tornou-se ciente de uma nova tensão entre eles, quando toda a tensão deveria ter se dissipado. A escuridão caiu sobre seu rosto como o anoitecer e ele empurrou-a para fora de seu colo e tropeçou em seus pés. Abriu-se até o que Tayla chamou de "visão demônio" e engasgou.

Cicatrizes emocionais profundas de Kynan apareciam, mas estiveram aqui ao longo dos últimos meses. Agora, centrada sobre o seu coração, brilhando, fissuras sangrando, que pareciam tão novas como no dia em que ele recebeu, no dia que ele encontrara Lori nos braços de outro alguém.

— Kynan? O que há de errado?

Ele enfiou os polegares nos bolsos das calças e olhou para o teto. — É melhor você ir.

— Devemos falar...

— Por favor, Gem. — Seus ombros subiam e desciam. — Eu estou bêbado, exausto e com pouco sangue. Eu preciso ficar sozinho.

Desajeitadamente, ela se levantou e puxou a saia para baixo, pela primeira vez, desejando que fosse muito mais comprida. — Se você precisar de alguma coisa...

— Eu ligo.

Ela lançou um olhar sobre o ombro enquanto o deixava, sabendo perfeitamente bem que o telefone dela não ia tocar.





Ele estava correndo um risco, andando pelo hospital. Antes dele "morrer", Roag tinha andado por aqui por causa do suprimento infinito de enfermeiras para transar, mas ele sempre odiou esse lugar, nunca tinha entendido porque os seus irmãos o tinham construído. Quem ligava para costurar demônios? Arrancar as partes era muito mais divertido.

Mas seus Ghouls haviam fracassado em encontrar alguém que iria espionar para ele e ele não teve tempo para obter um de seus lacaios na equipe. A vingança já tinha tomado muito tempo como estava e agora que Sheryen havia sido reanimada, ele tinha apenas alguns dias para encontrar Runa antes que o corpo zumbi de Sher desistisse. Ele precisava do sangue de Runa e ele precisava agora.

Vestindo a forma de um Slogthu comum, ele era praticamente invisível para a equipe como se ele se mantivesse nas sombras, fingindo ser uma visita de um paciente. Ele não estava preocupado com seus irmãos descobrindo-lhe, Eidolon não trabalha à noite, Wraith passava as noites em orgias e Shade estaria lidando com a sua cadela warg.

Ainda assim, alguns membros do pessoal possuíam a capacidade de ver através da magia da alteração. Não que eles o reconheceriam, uma vez que ele se assemelhava a um brique de carvão mais do que seu ex-eu, mas qualquer demônio disfarçado de outro despertaria suspeita.

Então ele viu. Viu a vítima perfeita para a próxima fase do seu plano. Ele queria atacar os seus irmãos, onde dói, o hospital e o seu pessoal. Uma vez que seus irmãos estivessem agitados, eles cometeriam erros.

Uma fêmea Sora-Ciska, de acordo com o seu nome em sua identificação, passou, em direção ao Harrowgate, sua pele vermelha cheirando levemente a Wraith. Muitas das fêmeas neste lugar cheiravam a seu irmão mais novo, que estava vivendo a vida que Roag deveria estar vivendo, fodendo as fêmeas sem se preocupar com nada no mundo.

Ele começou a ter cuidado. Agora mesmo. Porque Sora não sabia, mas ela estava prestes a se tornar sua próxima vítima.

Ele respirou fundo, enchendo suas narinas com o cheiro de Wraith e confortando-se com o fato de que esta seria a última vez que ela cheirava a seu irmão. Porque em alguns minutos, ela não estaria cheirando nada além de seu próprio terror.



Capítulo Doze

Runa não se lembrava muito do que havia acontecido na noite anterior, pelo menos não muito do que havia acontecido após ela ter saído do chuveiro. Ela havia ido direto para a corrente e acorrentado-se antes que Shade tivesse a chance. Tudo depois era nebuloso, mas ela se lembrava de ter se transformado de volta em humana ao mesmo tempo em que Shade. Mesmo ela ainda estando com raiva, ela havia cedido aos seus hormônios. Ela definitivamente lembrava-se do puro êxtase de finalmente ter alguém lá para aliviar os desejos que vinham toda manhã depois da lua cheia.

Shade havia tomado-a três vezes, sem palavras, sem piedade. Depois, eles desabaram na cama e eles ainda não haviam falado uma palavra. Estranhamente, porém, ele aninhou-a contra ele e segurou-a perto enquanto eles dormiam. Ocorreu a ela que ele queria ter certeza que ela não escaparia enquanto ele estava dormindo, mas essa teoria não combinava com a maneira que os seus dedos acariciavam a sua pele em passadas longas e preguiçosas.

Seis horas depois, Runa acordou, mas Shade ainda dormia, então ela se enrolou em um roupão e perambulou ao redor da caverna, explorando cada canto e cada fresta, mas principalmente, ela estava procurando por um telefone. Ela encontrou um na sala da TV. Silenciosamente, ela checou Shade para ter certeza que ele ainda estava dormindo e satisfeita que ele estava dormindo pesado, ela deslizou para fora da caverna.

O calor abafado da selva encobriu-a. Como ele mantinha a caverna tão fresca e seca, quando era óbvio que ele não tinha ar-condicionado? Estranho.

Que ela estava ficando obcecada como Shade mantinha a sua caverna fresca ao invés de fazer a ligação que ela precisava não passou despercebido por ela. Ela tinha uma vida fora dessa estranha que ela havia dado de cara e agora ela tinha que enfrentá-la.

Com o estômago se revirando, ela discou para o celular de seu irmão. Ele respondeu no terceiro toque.

— Arik?



— Runa. Onde você está? Eu sei que você não está programada para passar seu relatório até amanhã, mas eu pensei que falaria com você antes de agora.

Isso foi porque ela raramente ficava mais do que três ou quatro dias sem ligar para Arik. Trabalhar para o R-XR era solitário; poucos colegas queriam sair com ela socialmente e Arik era a sua única saída. Aparentemente, ser um lobisomem era algum tipo de empecilho para amizade com humanos.

Ela se afastou da caverna e se apoiou contra uma árvore. — Eu encontrei algumas complicações.

— Você está bem? — A tensão em sua voz era evidente até mesmo sobre os estalos da estática e o eco.

— Eu estou bem. Mas eu preciso que você pesquise algo para mim. Maluncoeur.

Ela escutou um raspar de um lápis no papel e então — O que é?

— Não tenho ideia.

— Você vai me contar o que está acontecendo?

Ela deu uma olhada ao redor da árvore até a entrada da caverna. Tudo limpo. — Eu fui pega por Ghouls.

— O quê? Onde você está? Precisa de ajuda?

— Acalme-se. Estou segura. — Mais ou menos.

Seus xingamentos podiam ter derretido o circuito nos satélites que estavam transmitindo a conversa deles. — Eu disse para o Davis não te mandar nesta missão. Droga. Eu deveria ser aquele que iria atrás do Kynan.

Arik havia sido contra ela trabalhar com o R-XR desde o começo, mas com a sua cafeteria fechada, seu coração quebrado por Shade e a sua nova condição de lobisomem, não havia nada que a fizesse desistir de fazer algo interessante pela primeira vez na sua vida.

E o trabalho era interessante. Algumas vezes até um pouco perigoso, como a vez que ela seguiu um transmorfo leonino pelas ruas de Madrid e deu de cara com o seu clã inteiro enquanto eles se preparavam para seguir para o interior para uma caçada. Somente a sua habilidade de se transformar por vontade própria salvara-a.



— Não é culpa do Coronel. — Ela suspirou. — Você estava ocupado e eu pulei na chance de voltar para Nova York.

— Você pulou na chance de ver aquele demônio novamente, você quer dizer.

Ela não perdeu fôlego tentando negar, parcialmente porque iria somente levar a outra discussão sobre o quão louca ela era por ter sentimentos por Shade, e parcialmente porque ela não sabia mais se havia vindo machucá-lo ou vê-lo mais uma vez.

— Então o que aconteceu com os Ghouls? — Arik perguntou, quando ela não discutiu.

— É uma longa história, mas o resumo disso é que aparentemente eu estou ligada a Shade.

— O que você quer dizer com ligada? — Runa conhecia bem o seu irmão para saber que ele havia falado através de dentes apertados.

— Eu não sei. Eu preciso que você pesquise isso também. Descubra se há um jeito de sair disso.

— Merda.

— Sim. Mas essas não são todas as más notícias. Eu encontrei o Kynan. — Ela inclinou sua cabeça para trás contra a árvore. — Ele está trabalhando no hospital dos demônios.

— Você está brincando comigo. Foi ele que me contou sobre o hospital pra começar! — Foi ele também que deu a Arik o demônio caduceus que a havia feito somar dois mais dois e igualar a Shade estar envolvido com o hospital.

— Eu sei. Eu vi-o tratando o irmão do Shade, Wraith.

— Você esteve dentro do hospital?

Ela fechou seus olhos e escutou os guinchos de algum tipo de criatura na cobertura acima. — Shade me levou. Ele e os seus irmãos trabalham lá. Eu não consegui falar com o Kynan, então eu não sei o que ele está fazendo lá.

— Onde o hospital fica localizado?

Um pássaro surgiu de um arbusto. Ela assistiu-o, desejando que ela pudesse voar com ele ao invés de andar na linha perigosa que ela estava se equilibrando. De um lado estava o Exército e do outro, Shade. Não importa o que ela dissesse ou não dissesse, ela iria trair alguém.



— Runa? Onde é?

— Eu não posso dizer.

— Não pode, ou não quer?

Era uma pergunta justa e ela não sabia a resposta. Verdade, ela não podia desenhar um mapa para o HSD, mas mesmo se ela pudesse, ela desenharia? — Eu não posso. Nós o acessamos através do Harrowgate, que eu não posso usar sozinha.

— Eu não gosto disso. Você precisa vir para casa.

— Isso não é possível.

— Shade está te mantendo prisioneira? Nós podemos mandar uma equipe...

— Não é isso. — Bem, era isso, de certa forma. — É a ligação, Arik. Ele precisa de mim.

A voz de Arik se tornou baixa e mortal. — Por quê?

Oh, porque ele precisa de sexo algumas vezes por dia e somente eu posso dar isso a ele. Mas o que aconteceria se ela não estivesse por perto? Sexo era como ar para a espécie dele, então se ela não desse... ele morreria?

— Ele só precisa.

— Venha. Para. Casa.

— Eu planejo fazer isso. Mas eu preciso saber mais sobre essa ligação, como o que acontecerá comigo se eu deixá-lo. Só pesquise para mim. E apresse-se. — Porque cada dia mais próximo de Shade, ela tinha uma sensação que logo ela não iria querer quebrar a ligação.

A floresta ao redor dela silenciou-se e um arrepio correu pela sua espinha. Ela verificou a área e não viu nada, mas ela não gostou da vibração repentina. — Eu tenho que ir. Eu te ligo quando puder.

— Espere...

Um galho se quebrou, parando o seu coração e atraindo o seu olhar para o espaço assombreado nas árvores atrás dela. Oh, Deus. Ela viu os olhos. Ardendo, brilhando, olhos vermelhos.





Ela tropeçou para trás, atrapalhou-se com o telefone. Seu salto ficou preso em uma vinha e ela quase caiu. A escuridão ao redor dos olhos vermelhos começou a diminuir e tomar forma quando os olhos aproximaram-se dela. Um grito acumulou-se em sua garganta, preso atrás do caroço de terror.

A forma solidificou-se.

Shade.

A voz baixinha e em pânico de seu irmão bradou pelo telefone, que tremeu em sua mão. — Eu estou bem, — Ela disse para o receptor. — Eu te ligo depois. — Ela desligou, perguntando-se, doentiamente, o quanto Shade havia ouvido.

Seus olhos estavam um pouco mais do que vermelhos, eles eram fendas com intensidade de laser agora. — Acasalar, — ele falou asperamente em uma voz que soava como se ele tivesse esquecido como falar.

— Shade? O que há de errado? — Ela pegou seu antebraço e ele fechou seus olhos e balançou.

— S'genesis. — Um gemido retumbou da profundidade de seu peito, que estava nu, como o resto dele.

Seus olhos caíram para a virilha dele, onde o seu sexo se esticava para cima tão rigidamente que ele deveria estar com dor. Ela deslizou seu olhar para cima, por cima da pele que cintilava, radiando um calor abrasador. A dermoire em seu braço contorcia-se raivosamente e ao redor de seu pescoço, uma sombra pulsava com o ritmo de seu coração bem abaixo da superfície de sua pele.

— Esta é a sua Mudança? — Ela perguntou e ele acenou. Ele não havia dito como a transição realmente aconteceria, ou quanto tempo levaria e ela certamente não esperava que fosse assim tão intenso.

— Machuca. — Como se o seu corpo concordasse, ele convulsionou violentamente.

— O que eu posso fazer?

Seus lábios se afastaram de seus dentes cerrados. — Eu... preciso... de você.

Suas palavras lavaram todas as coisas dolorosas que ele havia dito ontem à noite. Ele precisava dela. — Eu estou aqui. Pegue o que você precisa.



Seus olhos se abriram. Não houve nenhum aviso. Só o corpo dele pressionando o dela em uma árvore. Ela gritou quando a casca da árvore penetrou em sua espinha e sua boca a esmagou. — Me perdoe. — Ele murmurou contra seus lábios. — Por favor. Perdoe-me pelo que eu estou prestes a fazer com você.



Shade acordou com um gemido. Cada músculo doía, sua cabeça pulsava e sua pele parecia como se tivesse sido banhada no ácido. Próximo a ele no chão duro da caverna, Runa estava deitada curvada em uma bola ao lado dele. Ela abriu um olho grogue.

— Você precisa de mim novamente? — ela resmungou.

Ele inalou, pegando o seu cheiro, o aroma picante do sexo sem interrupções que eles haviam feito. Ele não precisava dela de novo, mas ele a queria. Agora mais do que nunca. Ela era a sua companheira e ele havia completado a Mudança. Todos os seus focos, todos os seus desejos, eram agora totalmente concentrados nela e um dos seus novos desejos era preenchê-la com a sua semente, seu filho.

E isso seria um desastre. Ele já era possessivo o bastante agora, mal podia agüentar o pensamento de fazer o que era preciso para salvar a sua própria vida, mas se ela estivesse carregando o seu filho...

— Não. — Sua voz estava tão rouca quanto a dela, um resultado de horas arquejando, gritando e se esticando durante a maratona de sexo que havia acontecido em suas formas normais o dia inteiro ontem e então a noite inteira nos seus corpos de wargs. — Descanse. Eu acho que acabou.

— Você tem certeza?

— Certeza absoluta. — O s'genesis de Eidolon havia sido diferente, havia demorado uns dias, com um mínimo de efeitos colaterais sexuais, um resultado de meses que ele havia passado se segurando com um tratamento experimental usando o seu próprio sangue. A mudança de Shade



havia sido mais rápida e mais intensa, mas graças aos deuses ele possuía uma companhia para se gastar.

Vergonha pesou no fundo de seu estômago. Todo esse tempo ele havia reclamado sobre ter uma companheira e mesmo assim, ele havia estado feliz de usá-la para fazer a sua transição para um macho completo mais fácil. Infernos, ele era um bastardo.

Imagens das últimas dezoito horas vieram para ele em pedaços, imagens eróticas de tudo o que eles haviam feito enquanto ele sentia o s'genesis chegando à superfície. Runa nunca resistiu a ele, ela havia se oferecido como um sacrifício voluntário para a necessidade constante. Mas então, ele havia dado a ela pouca escolha.

Ele tocou sua garganta, se retraiu com a sensibilidade. — Eu tenho uma nova marca?

Ela acariciou onde seus dedos haviam estado. Ao invés de machucar, seu toque acalmava. — Você tem outro anel ao redor do seu pescoço. Símbolos atados que ligam a outro anel.

Ele estava fértil agora. Fechando seus olhos, ele deixou-a acariciá-lo, sentiu-se oscilar em direção a ela. — Você está bem?

— Ótima. E quanto a você?

Ele engoliu, abriu os olhos, viu as mordidas raivosas em seu ombro, as listras deixadas pelas unhas dele nas costas dela e nas nádegas. Depois do que ele havia feito com ela, ele não merecia a preocupação dela. Ele não a merecia.

Com um xingamento, ele se arremessou de pé, ignorando suas chamadas enquanto voava para a cachoeira.

— Shade.

— Droga, — Ele grunhiu, se virando para ela. — O quê?

Ela estava nua, gloriosamente nua, mas ela se abraçou como se ela tivesse se arrependido de não se vestir antes que ela o seguisse para fora. — O que teria acontecido se eu não estivesse por perto para o teu s'genesis?

— Se nós não estivéssemos ligados, você quer dizer? — O jorro frio acalmou a sua pele ardente enquanto ele ficava lá de pé. — Eu teria sido forçado a buscar humanas ou demônios fêmeas. Quantas eu precisasse. Eu não teria me importado em ter o consentimento delas ou com os



seus desejos. — A ideia o fazia ficar doente, porque ele duvidava que ele tivesse se importado muito com o consentimento de Runa ontem à noite, quando o pior abateu-se sobre ele, quando ele sentia apenas a vontade insana guiando-o para despejar-se dentro dela.

— Você não me estuprou, Shade.

Sua boca caiu aberta e ele teve que fechá-la de volta. Ele sabia que ela não podia sentir as suas emoções porque ela não dividia a ligação com ele, mas de alguma forma, ela sabia o que ele estava pensando. — Eu não te dei muita escolha.

Ela se moveu para frente, pegou a mão dele em uma de suas delicadas. — Se eu quisesse me defender, eu poderia ter feito isso.

Isso era verdade. Durante o dia, ela poderia ter transformado-se em warg e chutado o traseiro dele. — Você deveria ter feito isso.

Alguns demônios Seminus sobreviviam a sua marca de cem anos, mas estes que conseguiam, metade morria durante o s'genesis, vítimas de pouco sexo ou morto por fêmeas que eles tentaram estuprar ou por machos que tentaram defender as suas fêmeas.

— Nós estamos nisso agora juntos, goste ou não — Ela disse e ele quase riu. Eles não estavam em merda nenhuma, juntos. Ela não estava ligada a ele e ele iria ter que matá-la para sair da ligação que ele tinha com ela. Isso não era um casal feito nos céus. Isso foi infligido sobre eles pelo inferno.

— Então e agora? — Ela perguntou.

Ele sentiu seu olhar ficar quente não importava o quanto ele tentava controlar-se. — Eu posso te engravidar. — Sua respiração forte foi audível mesmo com o rugido da cachoeira e ele aliviou a sua preocupação rapidamente. — Eu não vou fazer isso. Você não está fértil no momento.

A mão dela ainda estava na dele e ele não conseguiu resistir a usar o seu dom de Seminus para examinar o seu corpo, ir profundamente dentro dos órgãos reprodutivos dela para determinar o quão perto ela estava da ovulação. Ele podia forçar a ovulação se ele quisesse e, droga, a tentação fazia-o coçar.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e o estudou. — Se transforme em algo.

— O quê?



— Eu quero ver o que acontece. Você tem alguma limitação?

— Nós apenas podemos nos transformar em algo de tamanho parecido, espécies vivas. Sem camadas de ovos. Nós podemos crescer até duas vezes o nosso tamanho, mas não menor. — As fêmeas devem ser capazes de carregar um descendente de Seminus e demônios menores não lidariam muito bem se fossem forçados a dar a luz a espécies maiores.

Ele percebeu que estava acariciando o pulso dela com o seu dedão, trazendo-a para mais perto, fazendo com que ela relaxasse, um truque de sedução de um incubus. Só que dessa vez, era ele que estava sucumbindo. Quantas mulheres humanas poderiam ter se adaptado tão rapidamente ao seu mundo e com tão pouco medo e reserva? Ela deveria estar aterrorizada sobre as mudanças nele, mas ela seguia com a maré — sua vontade sexual extrema na noite passada, o fato de que ele poderia engravidá-la quando ele quisesse e, agora, ela queria que ele se transformasse em algo potencialmente aterrorizante.

Ela era magnífica. Se não fosse a maldição dele, ele estaria agradecendo às suas estrelas da sorte que o Roag houvesse o forçado a acasalar-se com ela.

— Eu não tenho certeza de como me transformar — Ele admitiu.

— Bem, quando eu me transformo fora das fases da lua, eu só me imagino me transformando... e acontece.

Eidolon havia dito algo similar, que estar na presença de um demônio ajuda a se transformar naquela espécie, mas de outra forma, a chave era se concentrar. Shade passou em sua mente por dezenas de espécies diferentes e no final decidiu não aterrorizar muito a Runa. Ele decidiu por um demônio Sora. Ele se concentrou... e dentro de momentos, ele sentiu a ardência da pele se alongando, a agonia das juntas estourando e, quando ele percebeu, ele estava com uma pele vermelha brilhante, unhas compridas e uma cauda em formato de chicote.

Legal.

Runa havia se afastado um passo, mas ela assistiu-o com curiosidade, não com medo. — Você parece com um demônio de desenho. Você só precisa de um forçado.

Ele riu, porque Tayla havia dito a mesma coisa sobre Ciska, a enfermeira Sora no HSD. Aquela que podia fazer coisas maravilhosas com a sua cauda...

O que deu a ele uma ideia perversa.



Ele ergueu sua cauda, pegando Runa pela cintura. Ela não resistiu enquanto ele a puxava em sua direção, apesar de ela engolir audivelmente quando ela notou sua ereção. Ele olhou para baixo e, sim, o idiota valia a pequena trepidação. Pulsava com uma cor carmesim profunda e a cabeça estava larga, a ponta brilhando com uma gota do líquido da excitação.

Mesmo assim, ele não sentia o medo nela.

— É tão fácil para você, não é? — Ela murmurou.

— O que é fácil?

— Sexo. Seduzir mulheres.

Shade passou um dedo pelo topo dos seios dela. — É o que eu sou. — Lentamente, ele deslizou sua cauda pelo seu traseiro nu. — Abra suas pernas.

Ela hesitou por um mero pulsar do coração antes de obedecer. Ele deslizou sua cauda entre as coxas dela e roçou a ponta sobre o monte de seu sexo. Ela fez um som, um pequeno e feminino prendendo entre sua respiração que ele amava ouvir.

Ele trilhrou os dedos de ambas as mãos em seus mamilos e ele usou suas unhas levemente alongadas para apertá-los gentilmente enquanto ele acariciava o seu sexo com a sua cauda. Que apêndice útil. Então talvez esta coisa de s'genesis não fosse uma coisa tão ruim.

Para um macho acasalado, pelo menos. Abaixando a cabeça, ele passou a língua ao longo do desenho de sua boca, exigindo que ela a abrisse para ele. Quando ela fê-lo, ele deslizou dentro de sua boca, provando o gosto fraco de creme dental e ele se perguntou quando ela havia encontrado tempo, e energia, para escovar seus dentes nesta manhã. Ansioso por provar mais, receber mais, ele enfiou a língua contra a dela e começou um ritmo penetrante fácil que fez com que ela agarrasse os seus ombros e mexesse seu quadril contra ele com a mesma carnal afinação.

Antes de Runa, ele nunca havia gostado de beijar, havia detestado a intimidade do ato. Mas ele amava como ela colocava sua alma em cada beijo. Ela não tinha muita prática, mas o que ela não tinha em experiência ela compensava com emoção e esforço.

Uma de suas mãos caiu entre eles e seus dedos tocaram de leve a cabeça de seu pênis para brincar com a umidade lisa lá. Gemendo, ele jogou sua cabeça para trás e deixou-a brincar, algo que ela não havia feito desde que este pesadelo todo começou. Runa havia dado tanto a ele na noite passada e era hora de devolver o favor.



Ele baixou sua boca em sua orelha, mordiscando o lóbulo de leve. — Você tem o meu cheiro, Runa. Você sabia que toda vez que eu gozo dentro de você, minha essência penetra em cada parte de você? Seu sangue, seu cabelo, suas células. — Ela estremeceu, mas se foi por causa de suas palavras ou do fato que ele estava trabalhando com a sua cauda entre as suas dobras e ele estava acariciando devagar, ele não sabia. — E sua pele, tem o meu gosto. Eu quero te provar em todo o lugar.

Era a vez dele de estremeecer enquanto ele lembrava-se da outra noite quando ele havia capturado a excitação dela com o seu dedo e o havia trazido a sua boca. Ela tinha o gosto de decadência, suavidade e riqueza como um gosto de creme irlandês.

O seu sangue pulsava por ele como um impulso erótico que fez com que ele caísse de joelhos. Ele adorou o seu abdômen liso, roçou sua língua de seu umbigo até o limite marcado por seus cachos caramelos suave. Com a respiração ofegante dela, ele olhou para cima. Ela o assistia com olhos arregalados e ele percebeu que esta era a primeira vez que a sua boca havia estado tão perto deste lugar lindo e feminino. Mesmo quando eles estavam namorando, ele não havia perdido o tempo para amá-la desta forma.

Idiota. Tanto tempo perdido.

— Abra mais as suas pernas — ele ordenou e, ainda o assistindo, ela fê-lo.

Mantendo o seu olhar nela, ele penetrou a sua fenda com a sua língua. Instantaneamente, seus olhos ficaram vidrados e seus lábios se abriram. A visão erótica teria deixado-o de joelhos se ele já não estivesse nessa posição. Desesperado por mais, ele colocou as mãos nas coxas dela para segurá-las abertas enquanto ele abria os seus lábios femininos com os seus polegares.

Ele capturou sua carne quente com a sua boca, primeiro lambendo-a e então sugando, através de puxões gentis e longos. Suas mãos agarraram o cabelo dele, o segurando, mas ele não iria a nenhum lugar. Não quando o néctar mais doce da terra e Sheoul estava entrando em sua garganta, o iluminando de dentro para fora.

— Shade, oh, sim... – Ela impulsionou seu quadril e gozou fortemente, seu corpo repuxando-se com tamanha força que ele teve que segurá-la no lugar enquanto ele terminava com ela. Quando seus músculos começaram a tremer por causa de seu orgasmo cônico, ele ficou de pé, meio zozzo, seu corpo doendo por ela.





— Você quer que eu me transforme de volta? — Ele perguntou enquanto ele corria as mãos para cima e para baixo nos braços dela, sentindo os fortes músculos embaixo de sua pele aveludada.

— Não. — Ela sussurrou. — Isso é parte de quem você é.

Inferno. A explosão de emoção que veio dela, estremeceu seus ossos e derreteu seus ossos. Isso era perigoso, mas ele não conseguia parar. Ele precisava estar dentro dela.

Ela enroscou as pernas ao redor da cintura dele e ele entrou nela gentilmente, seu tamanho a esticando enquanto ele se acomodava até a raiz profundamente. — Eu estou machucando você, — Ele gemeu. — eu tenho que me transformar de volta.

Ela agarrou o seu rosto com as duas mãos e segurou-o com o seu olhar. — Fique. Por favor.

Ele não teve escolha. Compelido a fazer o que ela queria, ele começou a empurrar, lentamente. Seu forte calor apertou-lhe com uma pressão caprichada e ele conseguiu ir devagar e facilmente por algumas investidas antes que o instinto tomasse conta. Ele pulsou dentro dela como um demônio possuído, o que, ele presumiu, ele era. Ela chamou o nome dele, várias vezes e cada vez que ele escutava o nome dele cair de seus lábios perfeitos, ele tinha que morder sua bochecha para não gozar.

Ele desistiu quando ela balançou sua cabeça para frente e mordeu profundamente o ombro dele. Seu orgasmo se originou de sua espinha com tanta força que ele sentiu-o explodir pelo seu crânio. Runa gritou por causa de sua própria liberação, seu aperto firme ordenhando-o para outro orgasmo, e outro, até que ele perdeu a conta.

Eles caíram contra a rocha molhada. As pernas dele estavam tão trêmulas que ele mal podia se segurar de pé e ele de repente percebeu que era a força de Runa que o mantinha de se deslizar para o chão em um monte sem consciência. Em alguma hora ele havia tomado a sua forma verdadeira novamente. Interessante que ele não houvesse sentido a transformação. Fracamente, ele se checkou para ter certeza que todas as suas partes estavam presentes, mas enquanto ele estudava suas mãos, seu coração parou.

Seus dedos piscavam de sólidos para transparentes e para sólidos novamente. Seu peito começou a doer enquanto o seu coração tomava um ritmo aleatório ditado pelo terror.

Droga... Oh, droga.



Runa arqueou, empinando com tanta força que o sexo dele deslizou para fora de suas profundezas molhadas. Embora ele estivesse tremendo tão forte que quase escorregou na rocha lisa embaixo de seus pés, abraçou-a perto dele e, quando ela se acalmou, olhou para as suas mãos mais uma vez e ele sabia.

A maldição havia sido ativada.





Capítulo Treze

— Isso foi incrível — Runa murmurou contra o ombro de Shade. Gotas de água se formaram na pele dele e ela as lambeu, saboreando o bom respingo molhado em sua seca língua. Ela experimentou o calor da selva, a terra fresca e o macho poderoso.

Ele gemeu, ainda inclinando sobre ela e fixando-a contra a pedra molhada. Ele segurou-a apertado, mais perto, ao que parecia, do que ele já tinha. Ele foi gentil, carinhoso, seu corpo grande estremecendo contra ela. Ele havia quebrado seu coração há um ano, mas ela podia sentir começar a curar. Naturalmente, Shade não poderia permitir que o momento carinhoso durasse. Ele empurrou-se para longe dela e, sem olhar em seus olhos, ele entrou na caverna. E foi a sua imaginação, ou ele pareceu estar transparente em alguns lugares? Ela o tinha visto ficar praticamente invisível em uma sombra... mas isto parecia diferente. Um efeito colateral da sua mudança para outra espécie de demônio? Ela entrou na cachoeira para se lavar — quão legal era que ele tinha uma ducha natural construída em sua casa? — e, quando ela terminou, encontrou-o na cozinha, seus cabelos ainda molhados, mas vestido com seu traje de couro preto usual. Incluindo as luvas. Suas mãos tremiam um pouco e a tensão rodeava-o como um cobertor. Ele estava desconfortável com a proximidade que eles tinham compartilhado? Alguma coisa estava acontecendo e ele ainda não podia encontrar seu olhar.

— Nós estamos indo para algum lugar?

Ignorando a pergunta, ele jogou uma toalha de banho e colocou um prato em sua mesa de jantar. — Coma.

Embrulhou a toalha apertada em torno dela, ela olhou para o sanduíche de presunto e queijo, e pensou que ela estava morrendo de fome, o embaraço repentino entre eles deixou seu estômago inquieto. — Eu não estou com fome.

Seu olhar, finalmente, pegou o dela e sua respiração atirou ao ver as sombras escuras em seus olhos. — Sim, você está. Eu posso sentir.





Maldição, ele e seus sentidos. Ele mordeu seu sanduíche, vorazmente. — Como é que eu não posso sentir a sua fome? — Ela perguntou.

— Não sei. Coma.

Suspirando, ela sentou-se em frente a ele e observou-o mastigar, viu o seu movimento de garganta. Ele engoliu em seco. Essa boca tinha estado nela e ela corou enquanto a imagem queimava em seu cérebro, ele, entre as pernas, os músculos de sua mandíbula evoluindo enquanto ele festejava sobre ela. — O que você está olhando? — Ele perguntou. — Eu tenho algo em meus dentes, ou o quê?

Ela riu. — Não, claro que não. Eu gosto de olhar para você. Eu não posso evitar. Isso é um crime na terra dos demônios?

— Eu acho que não. — Um vento fresco soprou através da caverna, enviando um calafrio em todo o couro cabeludo molhado.

Ela arrastou a mão pelos cabelos emaranhados. Ela devia parecer como um rato afogado. — Escute, eu sei que esta não é a situação ideal para qualquer um de nós, mas se você estiver certo e este vínculo for permanente...

— É.

— Ok, então, parece-me que temos que trabalhar algumas coisas.

Ele tirou uma Fresca¹² do engradado que ele tinha sobre a mesa e a empurrou na direção dela.

— Como o quê?

— Como o fato de que eu não planejo passar o resto da minha vida nesta caverna. O ciclo da lua terminou. Podemos ir para outro lugar agora?

— Não.

— Então, você espera manter-me sua prisioneira para o resto da minha vida?

¹² Fresca é um refrigerantes feitos pela Coca-Cola



Shade agarrou o sanduíche tão duramente que a maionese escorreu entre as fatias de pão.

— Você esqueceu-se de Roag? Você matou a sua mulher. Ele vai querer vingança.

— Como você sabe? Você disse que ele é louco.

— Sua loucura só o torna mais perigoso. E eu sei por que é o que eu faria se alguém matasse vo... — Ele jogou o sanduíche para baixo em seu prato, batendo a parte superior fora desajeitadamente. — Eu não quero falar sobre isso.

Ela olhou para ele. Parte dela queria beijá-lo pelo que ele havia dito, ou quase dito, sobre o que ele faria se alguém a matasse. Mas a outra parte não ia se desviar para toda a sua evasão familiar.

— Bem, muito ruim. — Ela jogou para baixo seu próprio sanduíche. — Eu não posso viver assim e eu não quero. Ocorreu-lhe que eu tenho uma vida? Um trabalho em que eu sou boa? Pessoas que sentirão minha falta?

— Na verdade, não. Não me ocorreu. — Ele riu com amargura. — Nem uma única vez em todo esse tempo eu pensei sobre isso. Deuses, eu sou um idiota.

— Eu não vou discutir isso — Ela murmurou.

Palavras irritadas saíram dos lábios de Shade, palavras de uma língua gutural que ela não conhecia, mas ela tinha a essência. Ele estava amaldiçoando uma tempestade. No entanto, ele fez uma pausa no meio dela para corrigir a fatia de pão em cima de seu sanduíche, alinhando-o perfeitamente com o fundo. — Com quem você estava falando no telefone? — Ele perguntou abruptamente.

Whoa. Isso fez seu coração saltar. — Você se lembra?

— Eu poderia estar meio enlouquecido com a s'genesis, mas sim, está tudo de volta.

Ela engoliu em seco e estendeu a mão para a bebida dela. — O que... O que você ouviu?

— O suficiente para saber que quem você estava falando sabe sobre o hospital e que Kynan está envolvido.

Ela começou a suar frio. Ela nunca tinha sido uma boa mentirosa e com o vínculo, Shade sentiria as suas emoções, poderia saber se ela estava mentindo sobre algo grande. Talvez ela





pudesse distribuir pedaços da verdade... — Eu estava conversando com Arik. Eu disse a você que ele e Kynan conheciam um ao outro.

— Como?

— O que é isso? Um interrogatório?

— Responda a pergunta. — Quando ela não disse nada, ele se inclinou sobre a mesa. — Quanto mais tempo você pensar, mais desconfiado fico e enquanto eu não posso torturá-la, a menos que queira ser torturada, não tenho qualquer problema em pendurar Ky. Agora cuspa.

— Pare de mandar em mim.

Ele xingou e dessa vez ela compreendeu sua maldição muito bem.

— Nós só fizemos aquilo, amigo. Então talvez você pudesse rebentar-se fora deste mau humor e lembrar que nada disso é culpa minha. E enquanto você está nisso, talvez você possa lavar a boca com sabão.

Ambos os punhos desceram sobre a mesa com uma batida forte o suficiente para assustá-la, mas depois de um momento, ele disse baixinho, — Você está certa.

Enquanto as desculpas foram, isto era o máximo que ela conseguira e ela sabia disso. — Desde o Exército.

Seus olhos escuros estreitaram-se. — Ele está nos espionando?

— Não.

Ele balançou a cabeça como se de repente tudo fosse encaixando-se. — O trabalho que você mencionou... Você está trabalhando para os militares, não é?

Pega. — Não... eu... — A mentira emaranhou a língua dela e Shade não iria acreditar mesmo, então ela olhou para baixo e sussurrou: — Sim.

— O que Kynan têm a ver com isso? — Quando ela não disse nada, ele suspirou. — Ajude-me aqui.

Não tinha certeza por onde começar e com medo de gastar mais do que aquilo que podia ser absolutamente necessário, ela escolheu suas palavras com cuidado. — Ele era um elo entre a Aegis e o Exército. Ele caiu de nosso radar na época em que sua esposa morreu. Nós não temos





notícias dele desde então. Ninguém no Aegis tem sido capaz de nos colocar em contato com ele. Então fui à Nova York para encontrá-lo.

Obviamente, Tayla sabia onde ele estava, mas ela manteve-o afastado de todo o resto do Aegis. Runa tinha sido enviada para fazer mais do que apenas localizá-lo. O Exército queria-o. Isso era ruim. Ela não sabia o porquê e este não era o seu lugar para perguntar. Quando as ordens eram emitidas, elas eram seguidas.

Cortou-lhe um olhar afiado. — Há mais. Algo que você não está me dizendo.

— Não.

— Quando você veio para minha casa, não era porque você estava com raiva de mim, não era? Você queria informações sobre Hospital do Submundo, não é?

Runa desviou o olhar, pegando seu reflexo na porta do refrigerador de aço inoxidável. Culpa encarou-a de volta. — Sim.

— Você me odeia tanto que você queria me derrubar e o hospital. — O tom de sua voz tornou-se mais suave. — Não que eu culpe você.

Como ela poderia negar a verdade? — Não foi apenas isso. — Ela murmurou, com alguma necessidade para que ele se sentisse melhor. — Eu não estava mentindo quando eu disse que queria matar o warg que me mordeu e é por isso que eu fui ao seu apartamento.

— Que dia foi isso?

— Sexta-feira. Uma semana antes de você desembarcar no calabouço comigo.

Ele passou a mão enluvada sobre o rosto. — Merda.

— O quê?

— Aposto que Roag estava tentando prender Wraith. Ele deveria me encontrar no meu apartamento naquela noite, mas cancelou no último minuto, porque eu precisava vir aqui...

— Com uma mulher. — Ela terminou, a amargura em sua voz surpreendendo até mesmo a ela.

Ele desviou o olhar. Seus ombros caíram um pouco e ela realmente sentiu pena dele. Ele pode estar colocando uma frente de eu-não-dou-a-mínima, mas ela não estava acreditando mais.



— Ok. — Ela começou, a voz mais suave do que antes. — Assim, como Roag soube que Wraith estaria em seu lugar?

— Solice sabia. Ela era enfermeira no hospital. Ela é a única que, ah, me torturou no calabouço.

— Ah. Bem, obviamente ela não sabia da mudança de planos naquela noite e eu fui pego ao invés de você e Wraith.

— Fod... ah, sinos dos infernos. — Ele balançou a cabeça. — Eu sinto muito, Runa. — Ela não teve tempo de ser abatida, ou até amolecer, pois ele imediatamente dançou longe de seu pedido de desculpas.

— Diga-me como você está envolvida com os militares.

Por mais que ela odiasse falar sobre isso, de certa forma era bom atirar esse grande segredo a céu aberto. Talvez agora Shade fosse entender sua necessidade de voltar ao mundo real.

— Eu sou uma voluntária remunerada. Eles me ajudaram a sair após o ataque.

— Ajudaram-na, como?

— Arik me levou para a base e eles tentaram me curar da licantropia. — Ela respirou fundo e disse-lhe o resto. — Os tratamentos experimentais e um par de meses após o início delas, eu ganhei a capacidade de transitar à vontade.

— Então você acha que os experimentos são responsáveis por isso? — Quando ela acenou com a cabeça, ele sacudiu a cabeça. — Você deveria ter me dito. Eidolon saberia melhor o que procurar.

— Eu não sabia o que esperar de você. Ou seus irmãos. Eu podia ser um lobisomem, mas eu ainda sou humana e eu não posso trair o meu povo por derramamento de segredos sobre as forças armadas americanas. Pense sobre isso. Se a situação fosse inversa, o que você faria?

Ela sabia muito bem e ele não quis admitir que ela estivesse certa e, com certeza, ele evitou responder com outra pergunta. — O que você disse ao seu irmão sobre o hospital quando ligou ontem?

— Nada, eu juro.

Shade cruzou os braços sobre o peito largo. — Você sabe o que Kynan disse ao Exército?



— Não.

— O que mais você pode dizer sobre essa unidade militar que você trabalha?

— Shade, por favor. Eu não posso falar sobre isso.

O olhar que ele deu-lhe enviou o frio que sentira antes direto para seus ossos. — Então, à vontade com Kynan.



Shade afastou-se da mesa, deixando Runa de queixo caído e furiosa com a sua ameaça.

Que não era realmente uma ameaça. Caramba, se Ky tivesse quaisquer motivos nefastos sobre o hospital, se ele estivesse trabalhando secretamente contra eles...

Foda-se. Bem, Runa não podia gritar para ele a palavra que pensou.

— Oh, não! Você não consegue simplesmente se afastar de mim.

Runa andou com ele na sala enquanto ele encaminhava-se para a saída. Ele precisava sair deste lugar, precisou de apenas alguns minutos para recompor-se antes que ele fizesse algo estúpido, como envolvê-la em seus braços e prometer-lhe que ia fazer de tudo para recompensar o que Roag tinha feito para ela. Seu estômago roncou, lembrando-o de exatamente porque ele não podia fazer isso, a maldição já o estava afetando. Ele tinha comido dois sanduíches antes que ela viesse da cachoeira e ele sentiu como se ele não tivesse dado uma mordida.

Insaciável fome. Um já foi, faltam três.

— Vista-se, Runa. — Ele disse, sem se virar. — Precisamos voltar para o hospital. — O hospital que ela tinha sido encarregada de espionar. Por alguma razão, o fato de que ela concordou em fazer doeu mais do que deveria.

— Por mais provas, ou a tortura a Kynan?

— Testes, principalmente. — Shade poderia chamar E. para dizer a ele sobre Kynan e deixar-lhe a par sobre os experimentos do Exército em Runa, mas queria estar lá em pessoa. Agora,



mais do que nunca, HG era um paraíso. Ele podia ser um demônio, mas ele também era um paramédico e o desejo de salvar vidas era quase tão forte quanto sua vontade de ter relações sexuais. Com Runa. Sua companheira. Foda-se.

— Shade?

— O quê? Eu não disse palavrões — Caminho que soava culpado, idiota.

— Eu estou com medo.

Será que ela percebeu que estava em um perigo tão grande com ele, além de Roag? Ele girou em torno de um nó de pavor torcendo seu intestino. Ela estava ali, de cabeça erguida e os ombros quadrados, cabelos em uma massa molhada e selvagem em seus ombros. — Por quê?

— Porque eu não tenho controle sobre nada. Seu irmão louco me quer morta, estou ligada a você e não posso sair disto e eu não poderia deixá-lo se eu quisesse, porque eu não sei como usar o Harrowgates. — Ela engoliu em seco o suficiente para ele ouvir.

— Parece que você acha que eu deveria simplesmente aceitar isso numa boa e, honestamente, eu tentei... mas você não está fazendo mais fácil. Você age como se tudo isso fosse temporário, mas, ao mesmo tempo, você diz que é permanente. Se fosse permanente você não iria querer me conhecer? Pelo menos fazer um esforço para fazer este trabalho? Eu não entendo. Eu realmente não sei.

O tremor em sua voz no final trouxe todas as suas ideias sobre não abraçá-la a parar de funcionar. Ele queria saber dela. Ele queria saber como ela cresceu. Qual era seu filme favorito, sua comida favorita, seu local de férias de sonho. Mas como ele poderia dizer a ela que o quanto ele queria saber essas coisas, ele não poderia? Cada pedacinho que aprendeu atraiu-o para mais perto dela e mais perto de seu destino.

Então, ao invés de explicar qualquer coisa para ela, ele estendeu a mão para ela, sabendo que estava cometendo um erro enorme. Ela veio até ele voluntariamente, dobrando-se contra seu peito. Ele se sentia bem assim, o seu calor em torno dele, enchendo-o em lugares que tinham estado vazios e frios por tanto tempo.

Ele acariciou o topo da cabeça dela, inalando o aroma exótico fresco de xampu e água da selva. — Me desculpe, eu coloquei você nisso.

Ela apertou seus braços ao redor dele. — O que está feito está feito. O passado não importa.



— Sim. — Ele disse ríspidamente. — Ele importa. Tanta coisa do passado afeta o futuro.

A palma da mão deslizou até sua coluna em um acidente vascular cerebral reconfortante. — Conte-me sobre o seu. Não sobre as cicatrizes que Gem estava falando nem nada. — Disse ela rapidamente. — Algo bom. Algo sobre sua família, talvez?

Ele reconheceu a manipulação pelo que isto era, que precisava que ela o compreendesse. Mas a tristeza da morte de Skulk era fresca e falar sobre sua família, de repente parecia o bálsamo que precisava.

— Eu disse que meu pai verdadeiro é um demônio Seminus. Ele se transformou em um Umber e engravidou minha mãe. Imediatamente depois, ela tomou o Umber como seu companheiro, e quando eu nasci, eles ficaram chocados, não só o nascimento do único, mas a criança de aparência humana com tatuagens em seu braço. Felizmente, umbers são bons pais. Mantiveram a mim e passaram a ter mais filhos. — A mão de Runa manteve acariciando, persuadindo mais para fora dele. — Skulk era a nanica da última ninhada. Logo depois, meu pai Umber foi morto tentando defender o nosso ninho de um demônio que devora crianças.

— Isso é terrível. — Ela disse, sua mão sobre as frias costas. Ele se mexeu até que ela entendeu a dica e começou a esfregar novamente.

— Minha mãe abateu o bastardo, mas ela ficou arrasada com a perda de seu companheiro. Ajudei-a muito depois disso. — Sentia o sorriso de Runa no peito dele. — O quê? O que há de tão engraçado?

— Eu simplesmente não posso imaginar você sendo babá de um monte de meninas.

Ele girava uma mecha de seu cabelo macio em torno de seu dedo. — Eu amo bebês. Eu adoraria ter uma caverna cheia... — Ele cortou a si mesmo, porque ele não teria isso. Não com Runa. Nem com ninguém.

— Crianças. — Ela respirou. — Isso é algo sobre o que eu acho que nós vamos ter que falar no fim, hein?

— Sim. — Sua voz era rouca e rouca, uma poderosa combinação de instinto Seminus que lhe dizia para engravidá-la já, e senso comum, que gritava com ele para correr e correr muito rápido. O bom senso venceu. Muito pouco. — Vamos lá. Temos de chegar ao hospital.



Gem não podia esperar para sair do trabalho. Após o desastre da noite passada com Kynan, ela não podia suportar vê-lo quando ele chegasse ao turno em uma hora. Deus, ela era tão patética, cobiçar um homem que não a queria, exceto quando estava bêbado. Pior, mesmo depois do que aconteceu ontem à noite, ela sabia que ele entraria direto no PS agora e se seu dedo entortasse para ela, ela iria cair a seus pés como um cão negligenciado, disposto a tomar todas as sucatas que seu mestre estava disposto a dar. Imbecil.

O Harrowgate do PS brilhou e Wraith caminhou através dele. Em seus braços, ele carregava um sangrento, demônio de pele vermelha...

Ciska. Oh, Deus.

Adrenalina chutou na engrenagem e ela gritou ordens para os enfermeiros e técnicos nas proximidades enquanto ela e Wraith guiavam para uma sala vazia. — O que aconteceu?

Como previsto Wraith levou Ciska para baixo, ela pegou as luvas.

— Não sei. — Disse ele, soando estranhamente indiferente. — Encontramo-la assim.

— Onde?

— Fora do hospital.

Reaver e as enfermeiras se juntaram a eles, mas Gem teve um sentimento de naufrágio de que era tarde demais. O demônio tinha sido despedaçado. Seu abdômen estava aberto e Gem estaria disposta a apostar que estavam faltando alguns órgãos importantes.

Ghouls. Roag.

— Alguém ache Eidolon. E se Shade estiver por perto, chame-o também. — Eidolon poderia reparar o tecido danificado, mas Shade podia afetar como os órgãos do paciente funcionavam, poderia manter um paciente respirando e bombeando o sangue muito melhor do que qualquer máquina poderia.

— Não há sons de respiração, lado esquerdo. — Um dos enfermeiros, um vampiro, disse.

— Entube-a. — Disse Gem e apontou para Reaver. — O BP e o pulso da vítima?





— Um segundo. — Ele respondeu. Ar quente ventilou contra a nuca de Gem e ela pulou, assustada.

— Então, Gem. — Wraith murmurou em seu ouvido. — Por que nunca te fodi?

— Porque eu não gosto de você? — E com o jeito que ele estava se comportando, enquanto uma de suas próprias enfermeiras estava morrendo, era verdade no momento.

Suas mãos desceram na cintura e seus dentes raspavam seu pescoço.

— Deixe a enfermeira. Ela está tão bem como morta. Venha comigo e eu vou fazer você gostar de mim.

— O que diabos há de errado com você? — Ela empurrou-o para longe. — Você está alto novamente?

Ele riu, atirou-lhe uma piscadela e saiu da sala. Atordoada, ela ficou olhando para ele. Wraith era desagradável, mas como vicioso que podia ser, ela nunca soube que ele fosse completamente cruel. Se qualquer coisa, ela teria esperado o ultraje e uma promessa de retribuição rápida para o seu agente mutilado.

— Doutora, olhe para isso.

Um dos assistentes do médico abriu a boca de Ciska. Um pano tinha sido enfiado dentro e, oh Cristo, tinha sido fixado em sua língua. O mais delicadamente que pôde, Gem puxou-o fora, tendo uma torção repentina em seu intestino a escrita sobre o pano.

Um presente para Wraith. Eu sei o que você fez.



Wraith acendeu um cigarro direito na frente de Eidolon na sala de descanso do pessoal. Demônios não têm câncer de pulmão, mas E. tinha alguns preconceitos restados dos seus dias humanos na escola de medicina humana e ele detestava o fumo. Qual era o que fazia acender um cigarro em um hospital tão divertido.



— Droga, Wraith — E. rosnou, mas ele não disse nada. Decepcionante. Wraith seriamente sentiu a necessidade de trabalhar fora de alguma tensão. Shade tinha chamado uma hora atrás dizendo que estava a caminho e queria falar com eles, e a espera estava matando-o, em parte porque ele estava preocupado com Shade, e em parte porque ele tinha uma tonelada de novas informações para compartilhar com seus irmãos.

Na noite passada, depois que ele deixou Kynan, ele tinha ido à caça, mas não de sangue. Ele rastreou Ramsés, um membro sênior do Conselho Seminus e, depois disso, ele procurou o conselho de um mago antigo e ardiloso que odiava-o à vista. Ele teve que trabalhar fora de sua animosidade por horas. Sorte para ele que não se desgastava com facilidade. E agora ele estava na posse de informações que poderiam ajudar a ele e a Shade.

Após isso, ele explorou a proximidade imediata de cada Harrowgate na Irlanda do Norte. Ele não tinha encontrado nada, mas esta noite ele estava voltando para verificar a parte sul da ilha. Ele iria encontrar Roag e, quando o fizesse, o sofrimento de seu irmão ia tornar-se lenda. Algo que, séculos mais tarde, os demônios mais perversos diriam a suas crias na hora de dormir.

A porta se abriu, batendo contra a parede. Shade caminhou, mascarando chiclete, completamente envolto em couro preto, inclusive as mãos. Ele deve ter vindo com sua Harley.

E, Wraith notou com inveja, ele ostentava uma dermoire nova em torno de seu pescoço. Ele tinha ido através da mudança.

— Onde está Runa? — E. perguntou.

— RMI. — Os olhos de Eidolon atiraram e Shade balançou a cabeça. — Não, eu não ia deixá-la com todos os machos. Dr. Shakvhan está lidando com os testes que você queria fazer.

Wraith soltou uma baforada de fumaça. — Isso é uma coisa de vínculo?

Eidolon assentiu. — Por alguma razão, logo após a ligação, você fica um pouco super protetor.

Outra razão para Wraith nunca se relacionar com uma mulher. Não. Ele estava ansioso para se perder para o mundo pós s'genesis. Ele queria passar seus dias sem preocupações. Aparafusando os miolos. E se ele ficasse gritante e delirante, seus irmãos iriam matá-lo.

— Então, o que se passa? É hora de se livrar de Runa?



As mãos enluvadas de Shade formaram em punhos. — Parem com isso.

— Shade? — Eidolon perguntou suavemente. — Você está bem?

Seus punhos se abriram e apertaram novamente e Wraith teve a nítida impressão de que ele estava escondendo algo. — Eu estou bem. Eu só quero estar livre desta maldita licantropia. Agora eu sei o que os vira-latas encadeados nos quintais passam. Você conseguiu algo com os testes?

— Nada ainda. Seja paciente.

— Paciente, minha bunda. Eu não quero passar por outra lua cheia. — Shade afundou no sofá.

— Mas eu poderia ter algo que vai ajudar. Runa realizou experimentos com os militares. Eles estavam tentando curá-la e tudo o que fizeram lhe deu a capacidade de transformar-se se à vontade.

Eidolon tinha aquele olhar animado em seu rosto, da maneira como ele sempre fazia quando estava trabalhando em um mistério médico. — Isso explica muita coisa. Algumas coisas em seu DNA eram tão anormais que eu estava começando a pensar que ela tinha um demônio em algum lugar na árvore genealógica. Mas se os experimentos são responsáveis... você me salvou um monte de tempo.

Shade inclinou-se e apoiou seus braços sobre os joelhos. — Poderíamos ter um outro problema. Nosso Aegi favorito que virou médico.

— Kynan? O que há com ele?

— Aparentemente, seu irmão e Kynan estavam ambos no Exército. Provavelmente, uma divisão secreta. Runa está envolvida também e ela foi enviada para encontrar Kynan. Eles sabem sobre o hospital e eu acho que foi Kynan quem disse- lhes.

— Foda-se. — E olhou para o relógio. — Ele está em turno agora. Wraith e eu vamos ter uma conversinha com ele. Você já ouviu falar de Ciska?

Wraith fez uma careta. — O que tem Ciska?

— Ela morreu logo depois que você trouxe-a.



Ciska? Morta? Choque e tristeza colidiram com a confusão. — O quê? Como? — Wraith tinha estado com ela na noite passada. Em seu escritório. Em sua mesa. Ele deveria encontrar-se com ela na sala de permanência em uma hora.

— O que quer dizer, como ela pode estar morta? — Eidolon perguntou. — Você viu-a. Ela foi mutilada.

Wraith balançou sua bituca de cigarro na pia. — Eu não tenho ideia do que está falando.

— Você entregou-a para Gem. Você não se lembra?

— Você realmente acha que eu ia esquecer alguma coisa assim?

E. olhou para ele por um momento, seu olhar contemplativo, como se ele estivesse trabalhando fortemente para acreditar. Finalmente, enfiou a mão no bolso e tirou alguma coisa. — Havia uma mensagem nela. É dirigido a você.

Wraith tomou o pano de sangue de seu irmão. Eu sei o que você fez. A escrita enviou um arrepio pela espinha acima. — Anéis do Inferno. — Rosnou Shade. — Foi Roag que trouxe-a para dentro.

O estômago de Wraith se afundou. — Roag estava aqui? No hospital?

— Esse desgraçado. Aquele desgraçado do caralho! — Eidolon rosou e bateu com o punho em um armário. Por um longo tempo, ele estava lá, mãos apoiadas na cabeça, inclinando-se.

Wraith reconheceu a posição, o eu-estou-indo-compor-me-antes-que-eu-mate-meu-irmão, exceto por uma vez, ele não era o irmão em questão. — O que a mensagem quer dizer? — E. finalmente, perguntou, sua voz firme, com raiva mal contida. — O que ele sabe?

O primeiro instinto de Wraith foi mentir, mas não para proteger-se. A verdade feriria Shade, e ele já passou por dor o suficiente ao longo dos últimos dias. E Eidolon... Essa pode ser a gota d'água para ele. Wraith não era idiota, sabia que E. mantinha-o em seus quadros para ficar de olho nele, para mantê-lo longe de problemas. Mas depois disso, E. provavelmente não iria dar uma merda.

— Wraith? — A voz de Shade era baixa, calmante. — Você precisa clarear as coisas.





Eidolon virou-se, sua expressão, confirmando tudo o que Wraith estava pensando. Já rodava o desapontamento em seus olhos escuros. Nada de novo.

Wraith pigarreou porque parecia que um grande filho da puta estava preso lá. Ambos os irmãos estavam tensos, como se estivesse preparando-se para o que ele tinha feito desta vez.

— O que aconteceu em Brimstone foi culpa minha. Eu avisei o Aegis, porque eu sabia que Roag estaria lá. — Encontrou o olhar de Shade. — Eu marquei-o para morrer.

Fechando os olhos, E. balançou a cabeça, mas foi a reação de Shade que atingiu Wraith. Por causa dele, Roag queria vingança e Skulk estava morta.

Shade sentou, com a expressão fechada.

— Diga alguma coisa. — Disse Wraith. Pediu, na verdade. Quando Shade permaneceu em silêncio, Wraith respirou fundo, precisando saber onde as emoções de seu irmão foram, mas ele não tinha nada. Nenhum cheiro a ressalva de sua fêmea. E sexo.

— Droga, Shade! Eu sou responsável pela situação com você e Runa. Eu sou responsável pela morte de Skulk. Não fique aí parado!

Mas Shade fez exatamente isso, até que Wraith não agüentou mais. Ele se virou, um braço apoiado na parede acima de sua cabeça e fechou os olhos para esperar. Não importa o que fizessem com ele, não poderia lutar desta vez. Ele merecia o que eles decidissem.

Quando Shade finalmente falou, sua voz era tão fria e mortal como um vento ártico. — Eu não tenho que perguntar por quê. Ele estava fora de controle. Mas que merda, por que não nos disse antes?

Porque eu não queria que você e E. me odiassem. Eles eram tudo o que ele tinha no mundo inteiro. Eles eram a única razão para ainda estar vivo.

— Shade não acha necessário perguntar por que você fez isso, mas eu acho. — A voz de Eidolon era tão quente quanto a de Shade era glacial, o que significava que E. não estava mesmo tentando chamar sua Justiça calma de negociador. — Abater Roag devia ter sido uma decisão do grupo e você foddidamente sabe disto.

— Certo. — Wraith virou. — Você nunca teria acordado. Seu precioso Roag não podia errar. Eu? Eu não posso fazer nada direito. Mas eu nunca fiz para as mulheres o que ele fez. — Wraith





estremeceu com a lembrança da última fêmea humana de Roag que ele havia encontrado, a única a colocar Wraith sobre a borda de projeção para derrubar Roag na próxima oportunidade, que passou a ser Brimstone.

— E ainda. — Eidolon disse, — Você está olhando para frente da s'genesis, quando poderia se transformar em algo tão mal quanto Roag. Como isso faz de você melhor do que ele?

As escritas nas paredes começaram a pulsar enquanto o temperamento de Wraith era soprado através dele. Mas depois de um olhar para Shade, que tinha fechado os olhos e sentado-se calmamente, provavelmente pensando em Skulk, Wraith recuou. — A diferença. — Ele murmurou, — É que eu não quero a loucura que poderia vir com isso. — Ele olhou E. com os olhos duros. — Roag fez. E se isso acontecer, eu vou esperar que você faça o que for necessário.

Shade enterrou o rosto nas mãos. — Droga, Wraith. Apenas... Foda-se.

— Eu sei. Eu realmente pisei neste momento. Mas se você tivesse visto aquela mulher... Se você soubesse. — Ele parou e virou-se de seus irmãos mais uma vez. Ele não deveria ter se permitido ficar chateado. Devia ter apenas deixado bater o inferno fora dele. Eles ainda podiam. Deveriam, ainda.

Após um longo momento, passos bateram em toda a telha de pedra negra. Ele se preparou para um golpe, mas nunca veio. Em vez disso, os braços de Eidolon estavam em volta dele. Um piscar de olhos mais tarde, outro peso pesado estava contra ele. Shade.

— Irmão. — Shade reparou. — Foi uma coisa estúpida de se fazer, mas você não poderia saber que Roag iria sobreviver e voltar pior do que antes. A partir de agora, sem mais lutas, sem mais arrependimentos.

A voz de Eidolon era tão instável quanto a de Shade. — Roag está tentando cavar um fosso entre nós. Para nos enfraquecer. — Ele se afastou para se aproximar de Wraith. Ele cobriu o rosto de Shade de um lado e Wraith do outro. — De agora em diante, nós seremos como um só.

Shade sacudiu como se ele tivesse sido beliscado nas nádegas e seus olhos de ouro queimaram. — Nós estamos de pé com a coisa agora. — Ele disse, se movendo rapidamente em direção à porta. — Algo está errado com Runa.





Capítulo Quatorze

Ela podia senti-lo. A pessoa que a tornou um lobisomem, um monstro de quem ela não podia escapar.

Ele estava aqui.

A curva entre o pescoço e o ombro de Runa onde ele a tinha mordido queimava como se os dentes ainda estivessem enterrados em sua carne. Seu corpo inteiro ficou tenso, vibrando sedutoramente com poder sombrio. Um óleo liso de malevolência flutuava em baixo da superfície de sua pele, repugnando-a mesmo quando a adrenalina lhe dava uma embriaguez elétrica. Ela leu que a relação entre um criador e seu therionidrysi era poderosa e maléfica.

Ela sentia a verdade disto em cada célula.

— Você pode se vestir, agora. — Dr. Shakhvan ajudou Runa a descer da mesa de metal e, enquanto o bonito succubus se agitava sobre o equipamento médico no quarto, Runa trocou sua roupa de hospital de volta para sua calça jeans e suéter.

Não foi fácil, não com o modo que suas mãos tremiam por energia em excesso. Tensão serpenteava, em cada músculo, a distância toda para seus ossos. Quando o Dr. Shakhvan virou de costas, Runa se lançou para fora da porta. Ela iria encontrar o lobisomem e ela iria matá-lo.

Aqui mesmo no hospital.



A fêmea veio até ele. Luc não a reconheceu, mas ele conhecia-a e sabia o que ela queria.





Ele pegou-a pela garganta assim que a dor atingiu-a. Ela estorceu-se em seu aperto, não porque ele a segurou trinta centímetros acima do chão, embora isto não pudesse ser confortável, mas porque ela tentou machucá-lo e agora estava pagando o preço. Luc nunca testou o feitiço Haven, não tinha ideia de como era sofrer o que ela estava passando, mas ainda que ele tivesse, duvidou que fosse ter muita simpatia. Nada o perturbava mais.

Não, isso não era completamente verdade. O estranho vínculo malévolo que ele compartilhava com esta fêmea perturbava-o. Ele sentia-se como se cheirasse cocaína contaminada com mal. A viagem era incrível, mas também era o desejo bruto e explosivo de causar estrago. Ele não se sentia assim desde que conseguiu encontrar seu próprio criador e o despedaçou com suas mãos nuas.

— Deixe-a ir, Luc. — A voz de Shade era uma baixa e controlada fala arrastada enquanto ele e seus irmãos aproximavam-se, mas sua expressão era uma máscara de ira.

— Alegrementemente. — Luc abriu sua palma e deixou-a cair, mas Shade pegou-a antes dela bater no chão. Que pena.

— Dor — ela ofegou, segurando seu crânio tão firmemente que suas mãos estavam brancas.

Shade segurou-a contra ele e lançou a Luc um olhar prometendo assassinato. — O que você fez?

— Ela me atacou.

Uma enfermeira fada assentiu de um cubículo próximo onde ela estava drenando coletores de sangue. — Ele diz a verdade. Garota estúpida.

Shade acariciou o cabelo da garota estúpida, seu olhar ainda negro com intento homicida. — Por que ela atacaria você?

— Porque eu a criei.

Você podia ouvir um rato andando através do chão nas pontas das patas com o modo que o normalmente ruidoso PS caiu em um silêncio morto. Frank, um dos técnicos do laboratório, realmente congelou em um meio passo quando passou.

Sombras moveram-se nos olhos de Shade, fervendo como seres vivos. — Você?



— Foi na noite que os assassinos tentaram me levar. — Na noite em que eles assassinaram sua aspirante a companheira antes dele ter uma chance de reivindicá-la. — Eles estavam na minha cola e ela se chocou comigo. — Ele encolheu os ombros. — Se serve de consolo, pensei que a tivesse matado. — Ele esperou, de qualquer maneira. O Conselho Warg não era clemente em relação a matar ou transformar humanos, embora eles definitivamente preferissem a morte sobre a transformação. O Conselho Warg era composto de nascido wargs e, se conseguissem seus desejos, eles erradicariam a Terra de wargs transformados, a quem eles consideravam cidadãos de segunda classe.

Antes daquela noite, Luc vinha sendo discreto, evitando conseguir a atenção do Conselho. Ele reteve muito de sua humanidade, vivendo no meio de humanos, fazendo a coisa certa ao trancar-se em toda lua cheia.

Então os assassinos atacaram. Eles arrombaram sua casa e em sua cela trancada onde ele e Ula estavam para acasalar. Eles mataram-na e o feriram seriamente antes dele conseguir escapar. Aquela noite gritava por suas memórias, seus pesadelos.

Ele não tinha ideia de quanto tempo ou que distância correu, mantendo-se nas sombras e desviando atrás de carros estacionados, mas quando a adrenalina acabou e ele começou a enfraquecer novamente, ele estava em território pouco conhecido, pego na extremidade da cidade e bem fora de seu bairro suburbano.

Fogo queimava seus pulmões com cada respiração, e náusea corria em seu estômago.

Ula.

Um grito rompeu de sua garganta, tocando como um uivo pela escuridão. Levantando em duas pernas, ele abriu sua mente, buscou o Harrowgate mais próximo. Norte. Vários quarteirões de distância. Muito longe, mas sua única esperança.

Ele desceu em direção a ele, não mais se incomodando em esconder-se. Operando apenas por instinto, ele circundou uma esquina e bateu em uma mulher. Ele cheirou ira e mágoa que mudara imediatamente para terror total e glacial. As emoções colidiram com as suas idênticas, intensificando-as em uma explosão maciça.

Fome fora de controle, a necessidade de rasgar algo, o fez tremer enquanto se elevava sobre ela.





— Corra, Chapeuzinho Vermelho.

Em forma animal, suas palavras saíram como um grunhido e ela gritou como uma atriz de um fodido filme-B de horror. Os assassinos ouviriam. O pânico corroeu o pouco que restou de sua humanidade e ele atacou, afundando os dentes no ponto suave entre seu ombro e pescoço. Ela bateu contra seu peito, chutava de modo selvagem em inútil defesa enquanto ele a agitava como um terrier com um rato.

— Por este caminho!

A voz de um assassino o tirou de sua ira assassina. A mulher gemeu, pendurada mole de suas mandíbulas. Ao longe, o som de bater de passos ecoava dos edifícios circundantes.

Com um sacudir de sua cabeça, ele lançou o corpo inconsciente da mulher atrás de um contêiner de lixo e correu calçada abaixo, saltando por postes de luz e placas de rua em seu objetivo insano de chegar ao Harrowgate. Até o hospital.

Ele chegou ao HG e Eidolon salvou sua vida. Mas o que restou de sua humanidade sangrou pelos ferimentos profundos que os assassinos lhe deram.

Ele finalmente tinha se tornado o monstro que sempre temeu, mas não podia trazer à tona nem mesmo um pinga de importância. Era apenas uma questão de tempo antes de Wraith cumprir a promessa que tinha feito, aquela que asseguraria que Luc não atacaria humanos inocentes.

— Por que você se importa? — Luc perguntou a Shade. — Ela não é sua companheira.

— Sim, ela é.

— Ela não está marcada. — A garganta de Shade ostentava a marca da companheira, mas os braços da fêmea estavam nus.

— Eu estou ciente disto, warg.

Luc encolheu os ombros. — Que seja. Apenas mantenha-a longe de mim. Eu odiaria ter que reivindicar Primeiros Direitos.

Os olhos de Shade ficaram vermelhos e a fêmea em seus braços mostrou os dentes. — Você não iria — ela rosou.

— Tente-me.



— Você não viveria tempo suficiente para reivindicá-los — Shade lançou.

— E você não viveria muito depois que me matasse. — Luc atirou de volta. — Não é verdade, Doutor?

Eidolon servira como um Negociador de Justiça por um tempo, apoiado na lei demoníaca. A lei Warg declarava que qualquer warg poderia, dentro do primeiro ano de criar outro, reivindicar seu therionidrysi como um companheiro — disposto ou não — ou mataria a ele ou ela sem consequências. Se Shade matasse Luc a fim de preveni-lo de reivindicar Primeiros Direitos, a lei demoníaca exigiria a morte de Shade como castigo.

— Ninguém vai matar ninguém. — Eidolon disse. — Shade, leve Runa para um quarto de paciente. Luc, vá para casa e acalme-se. — Ele girou para uma enfermeira próxima. — Você. Bipe Kynan. Este hospital está desmoronando e isto termina agora.



Roag seguiu Shade a uma distância discreta enquanto seu irmão levava a vadia assassina que tinha como companheira corredor abaixo.

Eu vingarei você, minha querida Sheryen.

Ele estremeceu com o desejo de matar Runa agora que ela estava ao alcance, mas ele tinha que jogar de forma inteligente e cronometrar sua vingança com cuidado. Se tudo corresse bem, ele poderia derrubar seus irmãos e a vadia ao mesmo tempo. Embora talvez ele deixasse Shade viver apenas para assim a maldição se concretizar. Observar Runa morrer devagar e dolorosamente definitivamente provocaria os piores efeitos da maldição e então ele passaria a eternidade com aquelas memórias correndo por sua cabeça.

O pensamento fê-lo rir. Shade não interrompeu seu passo largo, mas olhou sobre seu ombro e por um momento, Roag prendeu a respiração. Ele tomou a forma de um macho Croucher, um demônio feio e do tamanho de um homem. Ele estava fingindo ser um paciente, o que lhe permitiu testemunhar o interessante confronto entre Luc e Runa no PS e embora Roag soubesse





que Shade não o reconheceria, o medo ainda o paralisou. Ele estava tão perto de finalmente conseguir sua vingança e não podia estragar tudo agora.

Shade virou uma esquina e Roag respirou novamente. Ele precisava chegar ao laboratório e a dispensa especial onde Eidolon mantinha suas poções e artefatos raros. A coleção de objetos mágicos e míticos de seu irmão era extensa e Roag sabia exatamente do que ele estava atrás.

Mas primeiro, a fim de ganhar acesso àquela área, ele precisava tomar a forma de um membro confiável da equipe. Uma cuja morte seria um grande golpe para seus irmãos.

Ele apressou-se de volta para o departamento de emergência, onde Luc estava seguindo para fora das portas corrediças para a área das ambulâncias. Luc caminhava como se possuísse o lugar, sua arrogância superada apenas pela de Wraith. Derrubar o warg mal humorado seria um prazer.

Roag deslizou para um quarto cortinado e tomou uma forma que ele nunca tinha tomado; A de Shade. Rapidamente, ele andou a passos largos para fora do PS e encontrou Luc juntando seu equipamento de uma das duas ambulâncias.

— Você está indo para casa?

Luc olhou para cima de onde estava de pé do lado do banco do motorista, seu olhar cauteloso. — Você ouviu o E. dizer para eu tirar uma folga. Por quê?

Roag encolheu os ombros. — Apenas querendo ter certeza que você não estava indo a qualquer lugar próximo de Runa.

— Eu estava mexendo com você, Shade. Eu estou fora daqui até o tempo dos Primeiros Direitos acabar.

— Estou animado em ouvir isto. — Roag murmurou. — Eu vou pegar uma coisa do equipamento.

Roag pulou na seção de caixas da ambulância e agarrou a caixa de medicamentos. Ele não tinha ideia de quanto de quaisquer das drogas precisava para matar Luc, mas imaginou que se combinasse todas elas na maior das seringas, ele iria pelo menos nocautear o sujeito para assim poder quebrar seu pescoço. De jeito nenhum iria lutar contra o warg sem garantias.



Assim que ele deslizou a caixa de volta no lugar, Luc subiu na caminhonete. Roag escondeu a seringa ao seu lado. Ele precisava conseguir tirar Luc da ambulância. O feitiço Haven salvaguardava o lado de dentro das ambulâncias, mas o estacionamento era desprotegido.

— O que você está fazendo? — O olhar de Luc virou da caixa de medicamentos para o rosto de Roag. — Eu já fiz o inventário.

Roag rolou seus olhos. Eles inventariavam esta merda? Seus irmãos eram tão foddidamente certinhos.

— Este é meu hospital. Eu faço o que eu quiser, shifter de merda. — Roag disse em sua mais sarcástica e arrogante voz de Shade. Luc estava bloqueando a saída traseira, então Roag foi pela porta lateral, esperando que Luc seguisse. Quando ele desceu, ele fingiu uma forte queda. — Ow, porra. Luc! Eu acho que quebrei minha perna!

Luc veio ao redor do lado da ambulância. — Eu devia deixar você aí. — Ele disse, mas ajoelhou-se ao lado de Roag. — Fique quieto, Shade.

Roag observou a cena. Nenhuma testemunha. E quando Luc colocou sua mão na perna de Roag, Roag atacou. Ele enterrou a seringa profundamente na barriga de Luc e comprimiu o êmbolo.

Luc rugiu e lançou Roag no lado da ambulância. O impacto tirou Roag da forma de Shade, mas então não importava mais. Luc estava de joelhos, ofegando. Surpresa relampejou nos olhos do warg, seguida, estranho o suficiente, por uma estranha calma. Se ele não soubesse melhor, Roag pensaria que Luc queria morrer.

Feliz em ajudar.

Lentamente, Luc deslizou para o chão, seu peito ruidoso com cada respiração difícil. Ruídos da morte. Um som bonito e um que Roag não podia esperar ouvir vindo de Runa.

Luc se contorceu, soltou uma respiração e não se moveu mais. Roag tentou sentir um pulso... Estava lá, mas fraco. Luc não duraria outros cinco minutos.

Tão depressa quanto podia, Roag arrastou o traseiro pesado de Luc para trás da ambulância. A seguir, ele anonimamente notificaria as autoridades, dizer a eles que Shade matou Luc para prevenir Primeiros Direitos e uma vez que eles prendessem Shade, Runa seria deixada desprotegida.



— Luc? — A voz feminina flutuou pelo estacionamento.

Roag mudou para a forma de Luc e se afastou da ambulância. — Sim?

Dois paramédicos, um macho e uma fêmea, caminharam em direção a ele. Ele fechou a porta da ambulância, escondendo Luc do lado de dentro.

— O Doutor disse que você deveria ir para casa. Nós vamos ficar em serviço hoje.

Roag observou o veículo, amaldiçoando sua sorte. Então novamente, se ele jogasse suas cartas corretamente, não precisaria manter a forma de Luc por muito tempo. Apenas o suficiente para entrar no laboratório e então plantar uma sugestão na cabeça de Wraith.

Sorridente, ele passou pelos médicos. — Sem problema. Estou saindo daqui.



Shade não disse uma palavra para Runa enquanto a levava para um quarto privado de paciente e a colocava suavemente na cama. As mesmas estranhas luzes vermelhas que iluminavam o resto do hospital banhavam o quarto em uma cor granada, criando fortes sombras contra o já sinistro e intenso semblante de Shade, mas seu olhar era quente.

— Obrigada. — Ela estava agradecida pela ajuda dele; Sua cabeça pulsava tanto que ela duvidava que pudesse ter caminhado para o quarto sozinha com seus próprios pés. Além disso, pareceu tão bom ser embalada nos braços poderosos de Shade. — Mas você poderia ter mencionado que o hospital estava com um feitiço que previne violência.

— Eu não devia ter que dizer — ele rangeu, mas a carícia gentil de seus dedos sobre os dela desmentiam suas palavras severas.

— Sinto muito ter humilhado você em seu próprio hospital. — Ela desviou seu olhar, mas olhar para os crânios enfileirados nas paredes não exatamente a confortavam.

— Confie em mim. — Ele disse, usando a ponta de um dedo para virar seu rosto de volta para ele. — Levaria um inferno muito maior que isso para me humilhar neste lugar.





Ela suspirou, agradecida por sua compreensão. — É só que tenho procurado pelo homem que me atacou por tanto tempo, eu o senti e não pude me parar.

A mandíbula de Shade se cerrou tão forte que ela ouviu o estalar do osso. — Você ainda pode senti-lo?

— Sim. — A mancha oleosa do mal ainda cintilava em sua pele. Ela daria qualquer coisa para passar uma hora sob a cachoeira de Shade agora mesmo.

Shade afundou na cadeira ao lado de sua cama e murmurou, — Você pode senti-lo, mas não a mim.

— Eu só posso senti-lo quando ele está muito perto. Como agora. — Ela se sentou, estremecendo pela punhalada de dor em sua cabeça. — Ele realmente não me reivindicaria...

— Não! — Shade se lançou a seus pés. — Eu juro para você, ele não reivindicará os Primeiros Direitos.

Ela aprendeu sobre os Primeiros Direitos quando estava pesquisando lobisomens, mas não considerou que o costume fosse uma ameaça real uma vez que ela tinha completa intenção de matar seu criador quando o encontrasse. — Eu não tenho certeza do que seria pior. Que ele me mate, ou...

— Não pense sobre isto. — Shade cruzou até ela em dois passos largos e a arrastou para seus pés e em seus braços. — O ano acabará logo e Luc não terá direitos sobre você.

— E quem terá? — Ela sussurrou.

— Oh, Runa... — Seu coração trovejou contra sua orelha, embalando-a até relaxar. Ela respirou fundo e fechou seus olhos, aproveitando o momento quieto.

Eles permaneceram assim por muito tempo, até, por fim, a imundice malévola que estava bombeando por suas veias derreter. Ela afundou contra Shade em alívio. — Ele foi. Ele deve ter partido por um daqueles portais.

— Nós devíamos ir, também.

— De volta para a caverna? — Quando ele assentiu e se afastou, ela agitou sua cabeça. — Eu disse-lhe que não quero passar o resto da minha vida como sua prisioneira.

— O que você quer é irrelevante.



Maldito seja. — Como você pode ser tão atencioso e protetor em um minuto e então um total idiota no próximo?

— Roag estivera no hospital, Runa. Ele matou uma de nossas enfermeiras apenas para nos mostrar que podia. Eu preciso manter você em algum lugar seguro.

A notícia de que Roag estivera neste edifício a fez cambalear. O braço de Shade disparou para firmá-la. — Está tudo bem. Eu tenho você.

O dedo polegar dele esfregou distraidamente em seu braço, o que devia ostentar suas marcas de companhia. Ela se retirou de seu aperto e ele não tentou segurá-la novamente. — Isto tem algo a ver com o fato de que não estou marcada, não é? — A culpa cruzou seu rosto confirmando a suspeita dela. — Oh, meu Deus. — Ela respirou. — O vínculo não está funcionando de ambos os lados. É por isso que você está me mantendo perto. Por que está me mantendo cativa em sua caverna. Você tem medo que eu lhe deixe.

As mãos enluvadas dele começaram a tremer. Ele as cerrou aos seus lados. — Você tem toda razão.

— O que aconteceria se eu fizesse-o?

— Você sabe que eu preciso de sexo várias vezes ao dia e agora eu só posso conseguir com você. Se você me deixasse, eu seria compelido a caçar-lhe e se eu não pudesse chegar a você por alguma razão, dentro de dias eu ficaria louco e morreria.

Ela inspirou uma respiração surpreendida. — Oh.

— Sim. Há uma razão para tão poucos de minha espécie tomar uma companhia. — Ele explicou em detalhes e, Deus, não se admirava ele estar determinado a mantê-la a seu lado.

Esta situação devia ser apavorante para ele. Se as circunstâncias fossem invertidas, ela não achava que lidaria com isto tão bem quanto ele. No momento que ele acordou no calabouço de Roag, ele pôs de lado seus próprios medos para protegê-la e então, mais tarde, depois que foram vinculados, ele continuou a protegê-la, fazendo-a sentir-se mais segura do que jamais sentira-se antes. Ele tem sido duro com ela, sim, mas também a elogiava e encorajava, dando-lhe a coragem para acreditar em si mesma e correr riscos.



Pela primeira vez desde que se tornou uma lobisomem, ela não se sentiu como uma estranha, uma aberração. Tão estranho quanto o mundo de Shade era às vezes, era onde ela pertencia.

Alcançando, ela colocou uma palma na bochecha dele e forçou-o a olhar para ela. — Eu juro para você, eu não lhe deixarei. E não reterei nada que você precisa. — Era um alívio saber que ela não estava vinculada a ele e que nada lhe aconteceria se deixasse-o, mas ela não podia deixá-lo morrer.

Por que sua promessa devia deixá-lo infeliz, ela não sabia, mas claramente, ela disse a coisa errada. Sua mandíbula apertada, sua garganta trabalhando em uma tragada forte e sua voz assumiu o ruído duro de uma fumegante máquina de expresso. — Pelo o amor de tudo que é profano, pare com isto. Pare de ser tão boa, porra. Você devia me odiar.

— Odiar você? — Ela perguntou incrédula. — Deus, Shade. Eu amo você. — Seu coração martelou na admissão. Shade ficou branco como fantasma e ela apenas tornou as coisas piores quando seguiu com um fraco — Eu amei você desde o início.

— Você disse... quando nós estávamos no calabouço de Roag... que tinha me superado.

Ela tinha e até acreditava nisto no momento. Mas o mantra de sua mãe, articulado toda vez que ela descobria de outro dos casos de seu pai, fez sentido agora. Você não pode verdadeiramente odiar alguém que você amou. Você pode apenas se magoar.

— Eu menti, seu grande bobo. — Ela suavemente disse. — Para mim mesma. Para você. Mas a verdade é, eu amo você. — Ela tomou uma respiração profunda e trêmula. — Deus me ajude.

Terror sussurrou para Shade como o escárnio de um fantasma. Ele afastou-se, pôs vários pés de distância entre eles, mas agora mesmo não era suficiente. Várias milhas não seriam o suficiente. — Não diga isto. Nem mesmo pense.

— É verdade. — Sua mão desceu no ombro dele e ele silvou, contorcendo-se para longe de seu aperto.

— Maldição, Runa. — Ele amaldiçoou o tremor em sua voz, odiando a si mesmo por isto. — Por que você tem que tornar tudo tão difícil?

— Eu? Difícil? Eu fiz tudo que você me pediu. É você que está sendo difícil. Você se importa comigo e não ouse negar.



Ele queria, mas ela sabia que ele estaria mentindo. Seu corpo sabia também. A sensação de cabeça leve tinha voltado e ele podia sentir seus músculos ficarem ralos. Se tirasse suas luvas, ele veria suas mãos cintilando em transparência. Ele estava se apaixonando tanto que seu coração doía. O coração que logo pararia de bater porque a maldição transformaria-o em sombra. Permanentemente.

— Bem?

— Bem o quê?

Ela levantou suas mãos. — Você é impossível.

Ele caminhou em direção a ela e ele lhe deu crédito por manter sua posição. Ele parou tão perto que seus peitos roçavam. — Você estava me dizendo a verdade mais cedo? Se eu quisesse possuir você, agora mesmo, aqui mesmo, onde alguém poderia entrar, você iria me recusar? Por que você está irritada?

Ela levantou seu queixo. — Não.

Deuses, seu espírito o excitava. Desafiava-o. Fazia-o querer encontrar um caminho para ter certeza que ela era dele em todos os sentidos, que a maldição danasse-se. Ele enrolou uma mão no cabelo dela e a segurou enquanto abaixou sua boca na dela. O primeiro roçar de seus lábios contra os dela mandou uma faísca de eletricidade por suas veias. Quando a língua dela escapou para acariciar a linha de junção de sua boca, a faísca acendeu tão rápido que seu corpo tornou-se chama.

Runa o levava a um frenesi sem nem mesmo tentar. Estava na hora de retomar algum controle. Bruscamente, ele torceu a cabeça dela para trás assim ela não podia mover-se, estava à mercê de sua boca enquanto a provocava. Pequenos e suaves beijos e mordidinhas fizeram-na soluçar.

Finalmente, quando ele estava bom e pronto, ele sussurrou, — Abra para mim. Agora.

— Não.

Ele congelou. — Você disse que não me negaria.

— Mas eu não disse que iria continuar deixando você me controlar. — Um canto de sua boca inchada pelo beijo se ergueu em um sorriso malicioso. — E é isso que você está fazendo. Você quer provar que me tem envolvida em seus dedos. Bem, dane-se você. Eu não lhe negarei sexo. Você





quer, pode ter. Mas seus outros pequenos jogos de controle? Eu lhe negarei este e lutarei com você a cada passo do caminho.

Diversão o fez sorrir mesmo quando irritação agitou seu sangue. Se ela ainda fosse a Runa que ele namorou um ano atrás, ele podia a ter dominado com uma mão gentil, mantê-la como pouco mais que uma saída para sexo sem preocupar-se com a maldição. Mas esta pequena bola de fogo que ela tinha se tornado era quente demais para lidar com qualquer coisa menos que uma mão firme. Uma mão firme e um novo ângulo de abordagem.

Porque ele não a mataria, e quando ele pensou sobre isto, percebeu que sabia disto desde o início. Ela não morreria por causa dele. Ele trouxe a maldição sobre si mesmo e Runa não seria obrigada a pagar por seus pecados.

Shade pagaria. Ele eliminaria-se, ou sucumbiria a um destino pior que a morte. Mas de qualquer modo ele iria levar Roag com ele.



Capítulo Quinze

Kynan teve um flashback de ser chamado à sala do diretor quando ele se aproximou da ala administrativa do hospital. Eidolon tinha recomendado a ele aparecer diante dele e Ky sentiu um nó do intestino. A porta do escritório de Eidolon estava aberta e, no interior, o médico sentou-se à mesa, braços cruzados sobre o peito, as longas pernas cruzadas nos tornozelos. Wraith estava no canto, os olhos azuis gelados. Isso não poderia ser bom.

— Feche a porta. — Ordenou Eidolon, foi tão frio quanto o olhar de Wraith. — E então me diga como você sabe sobre Arik Wagner.

Kynan teve de engolir em seco, antes que ele pudesse encontrar sua voz. — Eu o conhecia dos meus tempos de Exército.

— Dê-me sua mão.

Onde estava indo? Kynan sabia, mas não lhe ocorreu desobedecer. Eidolon tomou o pulso de Ky e pressionou os dedos em seu pulso.

— Eu vou te dizer a verdade. Não tem que usar detector de mentira, se é isso que você está fazendo.

— É. — Disse Eidolon e, por alguma razão, aquilo picou. — Agora, me diga como ele sabe sobre o hospital.

Oh, cara. O coração de Kynan batia como um motor de carro de corrida. Ele não tinha feito nada de errado, mas o que ele fez durante seu tempo com Aegis agora parecia com uma traição enorme.

— Eu disse a ele sobre o HG, no ano passado quando Tayla me contou tudo sobre ela. Mas isso foi antes de eu começar a trabalhar aqui.





— Quem sabe? — Quando Kynan não respondeu, Eidolon apertou seu pulso. — Quem mais?

— Eu não posso responder a isso.

Os olhos de Eidolon eram salpicados de ouro de raiva. — Você pode responder bem melhor do que isso. Eu tenho que proteger o hospital.

— Não há nada para se preocupar.

— Então por que o Exército enviara a irmã de Arik para encontrá-lo?

Não era bom. — Eu não sabia que ele tinha uma irmã.

— Ele tem. — disse Wraith. — E ela é apenas a nova companheira de Shade.

Maldito mundo pequeno. Pequena porra de Exército. Droga, ele não deveria se surpreender por eles mandarem alguém atrás dele. Embora ele não estivesse mais na ativa, ele compartilhou informações com eles, até que começou a trabalhar no HG. Depois disso, ele tinha tudo, mas cortou os laços com o Aegis e o R-XR.

Ele ajudou Tayla quando ela precisava dele, mas evitou o Aegis quando podia. Havia muitas lembranças e ele não gostava dos lembretes de que estava jogando para o outro lado agora. Se os militares soubessem que ele estava trabalhando com o inimigo, eles viriam atrás dele e eles poderiam mantê-lo preso ou pior, Deus sabe por quanto tempo.

— Por favor, Kynan. — O tom de Eidolon foi tão próximo a invocar como Ky já o ouviu falar.
— Responda a pergunta.

— Eu não posso.

Wraith atacou e num piscar de olhos, Kynan foi arrastado de volta para o corpo de Wraith com um braço em volta do peito e paralisado por um dedo empurrou dolorosamente na base de seu crânio.

— Eu estava começando a gostar de você, humano. — Wraith murmurou em seu ouvido. — Então, eu realmente espero que você não tenha feito nada que comprometa este hospital. — A voz do demônio era baixa e áspera quando ele continuou. — Vamos ver o que você tem em sua pequena mente humana, okay?



Guardiões usavam jóias imbuídas de magia para ajudá-los a resistir aos ataques psíquicos, mas Kynan havia tirado o anel meses atrás. Ainda assim, ele aprendeu as técnicas básicas de proteção e ele rapidamente fechou as barreiras no lugar em torno de seus pensamentos.

Wraith riu. — Você acha que eu não posso derrubá-las?

De repente, Ky estava em uma praia. Sozinho, exceto por uma figura feminina à distância, caminhando em direção a ele. Ela usava um vestido de verão rosa, no comprimento do joelho, tipo o que Lori costumava usar. Uma pontada de saudade passou por ele enquanto a mulher se aproximava. Seu coração começou a bater mais rápido. Ela se parecia muito com sua esposa. Ela sorriu. O sorriso de Lori. Isso era trabalho de Wraith. Ele sabia disso, mas ele não conseguia respirar.

— Lori? — Ela diminuiu a distância com uma corrida, jogou-se em seus braços. O impacto do choque derrubou-o no chão, levando-a consigo.

— Você está morta. — Disse ele. — Isso é besteira. Wraith, pare com isso.

— Shh. — Ela tocou um dedo nos seus lábios, silenciando-o. — Conte-me sobre Arik.

Ele balançou a cabeça. Sua mente estava ficando nebulosa, suas memórias mais claras. Suas barreiras foram caindo.

— Kynan? Diga-me.

— Arik faz parte do Regimento de Raider-X. Exército divisão paranormal. — Merda. Ele acabou de dizer isso?

— Sim, você disse isso. — Ela acariciou o pescoço do jeito que ela fazia quando ela queria fazer amor lentamente. — Você quis dizer-lhes sobre o hospital demônio? — Ele soltou um suspiro longo, lento, mas ele não fez nada para liberar o sentimento tenso da maldade nisso. Wraith fez... Espera... Quem era Wraith?

— Diga-me, amor — ela sussurrou.

— Sim, eu disse a eles. Mas não onde é a localização — Quando ele conheceu o local, ele já não estava em contato com o XR-R.

— Você deve dizer a eles.

— Nunca.





— Eu perdi você, Ky. Sinto muito sobre tudo. — Sua mão deslizou até sua cintura. Ela subiu em cima dele, esfregou-se contra ele como Gem tinha feito. Gem tinha estado tão quente, tão... — Ky, por favor. Ame-me.

— Eu te amei tanto, Lori. — Ele agarrou a cintura dela, ela virou para que ele estivesse a sua volta e puxou as mãos acima de sua cabeça. Ele não ia se apaixonar por ela de novo. — Até que você me traiu e me jogou longe — Ele rosnou.

Ela arqueou os quadris, tentando fazê-lo ficar mais excitado. Não estava funcionando. — Conte-me sobre o hospital demônio. Conte-me sobre as informações que você está dando para o R-XR.

Ele fez uma careta. — Eu não estou contando nada a eles desde a noite que eu te vi com Wraith.

Wraith! Seu filho da puta!

De repente, ele estava no escritório de Eidolon, o coração batendo. — Maldito seja. — Ele sussurrou. — Dane-se.

Ele deu uma guinada fora do demônio, mas suas pernas estavam muito emborrachadas para sustentá-lo e ele teve que firmar-se na mesa de Eidolon. Fechando os olhos, ele estava ali, curvado, tentando desesperadamente convencer-se totalmente a voltar a este mundo. As imagens de Lori tinham sido tão reais, mesmo se fossem erradas. Mas uma coisa não estava errada, mesmo se tivesse sido uma surpresa.

Eu te amei tanto, Lori. Até que você me traiu...

Até. Puta merda, ele não a amava mais, não é? Ele lutou com a surpresa e sua náusea quando Wraith informou a Eidolon sobre tudo o que tinha acontecido dentro da cabeça de Kynan.

— Eu lamento que nós tivemos que recorrer a isso, Kynan, — Disse Eidolon. — mas nós tínhamos que saber o que você não estava nos dizendo. O R-XR vai ser nosso segredo, contanto que não foda com a gente. Eu prometo.

Kynan assentiu, mas não abriu os olhos. Ele sabia por que tinha sido forçado a contar as informações dele, se ele não falasse. Ele teria feito a mesma coisa em uma situação similar. Tinha feito pior em nome da proteção do Aegis.





— Ky, se você precisar de algum tempo fora, tome tanto quanto você precise — Eidolon saiu pela esquerda, deixando-o sozinho com Wraith.

— É cara, ok? — A sala girou um pouco quando Kynan virou-se para encarar Wraith.

— Vá para o inferno.

— Por que você está com raiva de mim, mas não do E.?

— Porque ele é responsável por este lugar, este pessoal. Ele está protegendo seu hospital. Mas você... — *Você é meu amigo.*

Deus, será que ele realmente acha isso? Só porque Wraith tinha furado suas presas nele? Ok, foi mais do que isso, eles tinham sido parceiros no ginásio por meses, chutaram as bundas uns dos outros em jogos de vídeo, mas que dificilmente constitui uma amizade. Ele era mesmo um idiota se acreditava nisso.

— Eu o quê?

— Você começou com isso.

— Você acha que eu gostei de usar a sua esposa morta contra você? — Wraith perguntou baixinho.

— Você mesmo disse que não se importa com nada nem ninguém.

Wraith ficou tenso, como se estivesse ofendido.

— Isso não significa que eu goste de ver as pessoas ao meu redor sofrerem.

Kynan bufou.

— Sim, você é um cara sincero.

— Eu tomaria sua dor se eu pudesse, humano.

As palavras foram ditas tão baixinho que Kynan mal as escutou e, em seguida, Wraith estava saindo da sala como se seus pés estivessem em chamas. Desajeitado, se seus joelhos não estivessem tão fracos e se seus músculos estivessem firmes, Kynan afundou na cadeira da mesa de Eidolon. Que confusão.



Tanta coisa estava pulando em sua cabeça agora, Lori e Gem, seu relacionamento com o hospital, o Aegis, o R-XR. Ele usou o álcool para evitar o confronto com qualquer um dos problemas, mas agora todos eles estavam caindo em cima dele de uma vez. Uma coisa era clara: ele precisava proteger o hospital e não era só porque ele gostava de Eidolon e de seus irmãos. As coisas que ele aprendeu aqui seriam inestimáveis para a medicina humana, se ele pudesse convencer Eidolon a compartilhar o conhecimento.

Inferno, Kynan calculou que quase 10% das doenças humanas tinham raízes demoníacas. Os acasalamentos entre humanos e demônios, especialmente, foram responsáveis por um número impressionante de doenças, como Gem tinha confirmado com o seu trabalho em um hospital humano. E o que estava acontecendo com a irmã de Arik estar sendo ligada a Shade?

Ele esfregou atrás do seu pescoço, gemendo quando ele trabalhou as torções. Se ela tivesse dito a Arik que Kynan estava trabalhando no hospital, ele estava ferrado. O R-XR iria enviar uma equipe inteira atrás dele. Ele precisava falar com Arik. Uma vez que ele fizesse isso, teria mais uma questão premente. Uma questão que insistia em aparecer em seus sonhos e pesadelos.

Gem.



Surpreendentemente, Shade não disse nada sobre como Runa trabalhou sobre ele. Na verdade, ela tinha a nítida impressão de que ele tinha gostado.

Bom. Porque ele ia ficar vendo muito mais do que isso. Ela sabia que tinha sido sempre um pouco tímida e, inferno, ela poderia encarar isso, um capacho.

Mas a coisa de ser-mordida-por-um-lobisomem, a tinha endurecido um pouco e sobreviver no calabouço de Roag sem que tivesse ferimentos. Em seguida, houve o fato de Shade ter um jeito de irritá-la e agora que sabia o quanto ele precisava dela... A vergonha colocou algum calor em seu rosto enquanto caminhava pelas salas escuras do hospital. Que ele tinha dito que as mulheres têm todo o poder em um relacionamento com um demônio Seminus não significa que ela devesse abusar desse poder.



— Onde é que vamos de novo? — Ela estudou as estranhas estátuas ao longo do corredor e perguntou o que eram.

— Meu escritório. Eu preciso postar o novo calendário paramédico. — Deu-lhe um olhar para os lados. — Não toque nisso. — Ela tirou a mão da estátua de gárgula que ela parou em frente.

— Por quê? — Era de mármore branco e liso... Completamente, com as veias pretas e douradas.

— Ele morde. — Shade continuou pelo corredor quando ela saltou para trás.

Ela jurou que viu um canto da boca do gárgula virar a ponta para cima um pouco. — O hospital é pavoroso — ela murmurou, enquanto ela corria para alcançá-lo.

Humilhante, mas pelo menos não cheirava como os hospitais humanos, com o cheiro insuportável de desinfetante no ar de forma sutil, mas muito mais perturbador, era o fedor da doença e da morte. Bastou pensar no cheiro para estremecer, trazer de volta lembranças dolorosas de sua mãe, ligada a máquinas enquanto ela morria. De seu pai no mesmo hospital, anos mais tarde.

— Então... Por quanto tempo você tem sido um paramédico? — Ela perguntou, em parte para não ficar pensando nos motivos de odiar os hospitais e em parte porque ela estava realmente curiosa.

— Um pouco mais de quarenta anos. Eu estudei programas humanos para paramédico a cada dez anos ou mais para acompanhar as últimas tecnologias e técnicas.

— Isso é que é dedicação. — Ela ficou por trás dele para deixar uma coisa monstruosa, com duas cabeças passar. — Então por que você tornou-se um paramédico?

Ele suspirou, deixando-a saber que ele não estava brincando com ela. — Minha raça é um presente para auxiliar na sedução e reprodução, mas também pode ser usada para a cura. Quando meus irmãos e eu começamos no hospital, eu decidi que preferia não gastar muito tempo na escola para me tornar um médico. — Ele deu de ombros. — Além disso, ser paramédico me permite pegar os pacientes e deixá-los fora. Eu não tenho que levá-los para passear e me envolver com eles como E. faz.

— Você não tem que se apegar.

— Essa é uma maneira de olhar as coisas.





Ela pensou que, com Shade, era a única maneira de olhar para ele.

Eles viraram uma esquina e ela quase bateu numa gaiola de ferro contendo algum tipo de demônio alado. Seu bico, cruel e perverso, afiadas garras negras disse-lhe mais do que ela queria saber sobre sua dieta. Ele assobiou e bateu uma das asas, a outra tinha sido imobilizada com gesso.

— Que diabos é aquilo? — Ela perguntou quando evitou cuidadosamente a gaiola.

— É uma espécie de demônio que equivale a um abutre.

— Não era melhor ir para um veterinário de demônios?

Ela assistia com admiração quando ele parou ao lado da gaiola e colocou para dentro uma de suas mãos para acariciar suas penas espetadas. A coisa fez um som estridente chilrear.

— Sim, mas como você provavelmente pode adivinhar, veterinários demônios são raros e todos trabalham em clínicas veterinárias humanas. Alguém trouxe esta criatura e o E. não vai virar as costas para qualquer coisa ou outros cuidados que algumas espécies necessitem. Ele mesmo tratou de um cão que Skulk tinha trazido para dentro.

Um triste sorriso puxou sua boca. Ela estendeu a mão para ele, segurou a mão dele. Ela esperava confortá-lo, mas ele ficou tenso e, com um suspiro, ela se afastou.

— Então, — Disse ela, principalmente para mudar de assunto, — há mais paramédicos como você? — Ele fez alguns ruídos clicando na coisa alada e esfregou a cabeça escamosa em sua mão.

— O quê? Anti-social?

— Sim. Quer dizer, eu notei que Luc é também um paramédico e ele não me parece com Sr. Festa Animal.

Uma onda de calor atingiu-lhe e era ao mesmo tempo como sua maldição.

— Eu poderia mordê-la.

— Então é um sim?

— Não. — Ele seguiu pelo corredor de novo e ela teve que correr para alcançá-lo.



— Um monte de médicos e paramédicos escolhe o trabalho, porque eles gostam da adrenalina. Você nunca sabe no que está se metendo quando sai em uma chamada. Poderia estar entrando em uma grande batalha, Skulk gostava. — Ele parou, os punhos cerrados.

— Eu gostaria de tê-la encontrado — disse ela baixinho.

Ele parou e virou-se para ela. — Por quê? — Não houve maldade na sua pergunta. Apenas curiosidade.

— Porque você amava-a, é tudo que eu posso dizer, isso não é algo que você faz com frequência. — Sua boca estava apertada, mesmo quando seus olhos se suavizaram.

Aos poucos, timidamente, ele empurrou os cabelos para trás de seu rosto, seu toque suave, quase um sussurro em sua pele. Ainda assim, seu toque fez terminações nervosas faiscarem.

— Portões do inferno — Ele murmurou. — Eu gostaria...

Quê, Shade? — Ela inclinou-se em sua mão, tocando a pele quente. De brincadeira, ela beliscou o dorso de sua mão e viu como seus olhos cresceram mais escuros, as pálpebras caindo para vê-la com a intenção sensual. — O que você deseja? — De repente, ele tirou a mão e girou longe para continuar pelo corredor, seu andar mais rápido e mais pesado do que antes.

— Nada.

Homem impossível. Ela sabia o suficiente sobre ele agora para saber escolher suas batalhas e esse não era o momento de disparar um tiro em primeiro lugar, de modo que ela não ia empurrá-lo. Em vez disso, o seguiu para uma área que se abriu em espaçosos escritórios. Enquanto as portas dos escritórios iam passando, ela percebeu que as janelas eram apenas entre a Câmara e os escritórios, os gabinetes não tinham vista para o exterior. Ela parou para pensar sobre isso.

— Estamos no subsolo, não estamos? — Perguntou ela, de repente se sentindo idiota por não perceber isso antes.

— Tecnicamente, estamos em Nova York, abaixo de uma garagem abandonada.

Ela olhou em volta, incrédula. — Seu demônio contratante é realmente outra coisa.

Grunhiu de acordo e, em seguida, grunhiu novamente quando Kynan saiu de um escritório e esbarrou em Shade.

— Kynan, — Shade rosnou. — nós precisamos conversar.



— Seus irmãos já chutaram a minha bunda, então vamos abrir mão da diversão. Okay?

— Kynan? — Runa afastou a máscara para falar com o homem que ela tinha sido enviada para encontrar, o motivo de estar nessa confusão, em primeiro lugar. Kynan franziu a testa.

— Então você é irmã de Arik. — Ela assentiu com a cabeça, um pouco intimidada em ficar frente a frente com o homem que tinha sobrevivido a uma batalha de sua própria equipe e as forças inimigas não sobreviveram, e conseguiu, sozinho, derrubar um demônio Fangorg. Mas ele também era um traidor da raça humana? — O Exército sabe onde estou e o que tenho feito?

— Sim. — *Graças a mim.*

Ela deu a ele o crédito por sua cara de pau. Se estava preocupado, ele não demonstrou. Ele apenas balançou a cabeça e olhou apontando para Shade.

— Eu espero que você saiba que eu não faria nada para comprometer este hospital. — Voltou-se para Runa. — Prazer em conhecê-la.

Ele partiu e ela esperou até que ele desaparecesse e perguntou a Shade. — Você acredita nele?

— Sim, — Disse ele. — o cara é como uma versão humana do Eidolon. Ele tem esse maldito senso de honra chato. — Ela ofegou com horror fingido.

— Como é horrível. Você provavelmente deve matá-lo. Imediatamente. — Seus olhos fechados para ela e por um momento ela pensou que tinha o irritado. Mais uma vez. Mas, lentamente, um canto de sua boca veio à tona.

— O quê?

— Seu lobo interior deixou você terno. — Cor inundou seu rosto e ele se afastou, como se percebesse que ela tinha provado que estava mentindo quando disse que não se importava. Agora ela só tinha que convencê-lo a admitir.





Capítulo Dezesseis

Shade coçava-se para manter Runa ao seu lado enquanto ele trabalhava em seu escritório, mas ela tinha razão quando o confrontou sobre os seus problemas com controle. Então apesar disso matá-lo, ele deixou Runa explorar a área administrativa enquanto atualizava-se com o horário dos paramédicos e cuidava de outros assuntos que havia chegado a sua mesa enquanto ele estava sendo torturado no calabouço de Roag. E era um verdadeiro pé no saco escrever com as luvas, mas ele não ousava tirá-las e não só porque não queria que os seus irmãos ou Runa visse-o. Ele não queria ver-se sumindo também. Era mais fácil fingir que tudo era feliz, feliz, alegre, alegre.

— Posso pegar algo para beber da sala de descanso? — Runa perguntou.

— Pode ir. Não deixe a área administrativa.

— Eu disse que você não precisa se preocupar comigo indo embora.

— Só tenha cuidado. Alguns dos membros de nossa equipe não são anjos. — Isso era verdade o suficiente, mas em grande parte, agora que eles sabiam que Roag havia sido corajoso o bastante para vir ao hospital, ele não queria arriscar nada.

Ele escutou-a afastar-se e quando ele escutou passos novamente, ele estava muito envolvido em seu trabalho para pensar que eles poderiam pertencer a alguém que não fosse ela.

Até que Wraith preencheu a entrada da porta, turbulência saindo de seu corpo. — Tire suas luvas.

Merda.

— Foda-se.

— Não me faça tirá-las para você.

O coração de Shade acelerou em dobro. Wraith sabia. No mínimo, ele suspeitava. — Por que você não me diz o que está te incomodando?





Wraith olhou para o teto e Shade sabia que isso não ia ser nada bom. Mas, com Wraith, nunca era. — Eu quis te contar antes. Eu fui ao Conselho Seminus. Sabe o que eles disseram quando eu perguntei se eles sabiam de algum acasalamento com Wargs?

— Não tenho ideia, mas você vai me contar, não vai?

Wraith pregou Shade com um olhar estranhamente sério. — Um, Shade. Um acasalamento que terminou em desastre. A ligação era somente de um lado. Soa familiar? Wargs não podem se ligar com a nossa espécie, então quando ela entrou no cio, ela vai pegou outro warg como companheiro para vida e juntos eles mataram o Seminus.

— Eu não estou preocupado com isso. — Shade disse, apesar de que sentia-se como se fosse hiperventilar.

— Isso significa que você está pronto para fazê-la dormir?

— Wraith... — A voz de Shade era um grunhido baixo e gutural.

— Você disse que ia matá-la. É hora.

Shade pulou de sua cadeira e levou seu irmão para o chão. O punho de Wraith se encaminhou para o lado de Shade, mandando explosões quentes de agonia pela sua costela. Raiva deu a ele a força de vontade para aguentar e punhos voaram, o som de couro na pele tão satisfatório quanto nada. Um dos golpes de Wraith pegou duro em sua boca, o bastante para fazê-lo ver estrelas e sentir o gosto de sangue. Shade golpeou para baixo com o seu cotovelo, pegando a garganta de Wraith e, rápido assim, Wraith tinha parado de brincar.

Em um instante, Shade estava voando para trás. A mesa quebrou-se com o seu arremesso e quase a sua coluna também. Wraith golpeou com o seu pé, acertando a coxa de Shade. Dor e fúria deram um tiro nele em uma cortina de vermelho, apesar de que em algum lugar dentro dele, ele sabia que Wraith estava segurando seus socos, porque ele poderia ter quebrado facilmente a perna de Shade.

Shade virou, fechou seu punho ao redor do tornozelo de Wraith e arrastou-o junto a ele. As juntas de Wraith preencheram a visão de Shade e ele se virou bem a tempo de evitar um golpe sólido no nariz. Mesmo assim, o soco de seu irmão amassou a sua bochecha e um monte de dor permeou em seu rosto. Rugindo de raiva, Shade subiu em cima de Wraith e enfiou seu joelho em seu



estômago. Wraith grunhiu, uma grande vitória, já que o seu irmão normalmente sofria dor em silêncio.

Mãos agarraram seus ombros e o torceram para longe de seu irmão. Wraith se virou para longe, seus olhos dourados como os de Shade deveriam estar, suas presas estendidas.

— Parem com isso! — Eidolon rugiu, parando entre eles. Shade ignorou E. e atacou Wraith, mas E. o pegou ao redor da cintura e o arremessou para a parede. — Você precisa fazer um check-up, irmão. — Eidolon rosnou, um som vil e perverso. — O que você estava pensando?

— Eu estava pensando em arrancar a cabeça de Wraith fora!

Eidolon o empurrou novamente. — Bater em Wraith não ajudará em nada. — Shade não estava escutando. Ele queria um pedaço de Wraith.

Wraith se moveu para mais perto. — Pergunte por que ele não tirou as luvas, E.

O gosto de sangue preencheu a boca de Shade. — Cala a merda dessa boca! — Ele estourou, ainda encarando Wraith, que o encarou de volta.

Eidolon soltou Shade. — Sobre o que é isso?

— Eu estava a caminho da Irlanda para caçar Roag quando Luc me parou. — Wraith não tirava seus olhos de Shade enquanto ele falava com E. — Ele disse que havia visto Shade sumindo. É por isso que eu vim aqui. Para enfiar uma porra de senso na cabeça de Shade.

— Sim, isso estava funcionando muito bem. — Eidolon deu um passo para trás, a boca em uma linha fina de irritação.

— Vá em frente, Shade. Tire suas luvas. Prove que você não está se apaixonando pela sua pequena loba. — Wraith balançou a cabeça. — Ela te ajudou com A Mudança, mas você não precisa dela mais. Você disse que ia matá-la. Pare de enrolar.

Eidolon fez uma careeta. — Shade? Você está bem?

Não. Não, ele não estava. Fragmentos de dor rasgaram-no. Mas não era a dor dele. Era a de Runa. Ele enfiou sua cabeça pela porta, onde ela estava de pé, seu rosto pálido, seu queixo trêmulo.

Ela escutou. Seu pesar martelou nele. Lágrimas. Traição. Oh, merda do inferno, ela sabia.



— Runa — Ele falou roucamente, mas ela deixou cair a soda em sua mão e saiu correndo pelo corredor. Amaldiçoando, ele se desvencilhou do aperto de E., mas antes que ele chegasse na porta, Wraith atacou-o, jogando-o novamente contra a parede.

— Nós pegaremos-la. Você precisa deixá-la ir. Agora. Para sempre.

— Não! — Shade não possuía metade das habilidades de luta de Wraith, mas de alguma forma ele explodiu para fora do aperto de Wraith e para fora do escritório. Ele tinha que chegar a Runa antes de seus irmãos. Antes que E. ou Wraith matassem-na por amor a Shade, ou antes que Roag fizesse o mesmo... Por ódio.



Runa correu pelo hospital, seus olhos ardendo. A dor da traição arrebatou suas veias como fogo selvagem, chamuscando tudo em seu caminho. Aquele filho da mãe! Ela pensou que ele se importava, mesmo que não admitisse. Pela segunda vez, ele havia traído-a e ela havia deixado acontecer. Desta vez, no entanto, ele levaria mais do que o seu coração.

Ele tiraria a sua vida.

Engana-me uma vez, vergonha para você. Engana-me duas vezes, vergonha para mim. Engana-me três vezes... e eu termino morta. Ela tinha que sair deste hospital.

O pânico fez a respiração difícil enquanto ela procurava por uma saída. Eles estavam no subsolo, mas ela sabia que as ambulâncias de alguma forma se dirigiam para o hospital pelas ruas de Nova York, então deveria haver uma saída. Ela sabia sobre o Harrowgate na Sala de Emergência, já que era ele que eles estavam usando para ir e vir, mas poderia usá-lo? Ela havia visto Shade operando-o... Certamente poderia pelo menos se manter segura. Em algum lugar perto da base militar. Se Arik pudesse chegar nela antes que Shade, o Exército poderia protegê-la.

Você não precisa mais dela.

As palavras de Wraith cortaram-no como uma faca afiada. Ela estava parada lá, esperando que Shade falasse para o seu irmão dar o fora. Ele não havia feito isso. Então as próximas palavras de Wraith fizeram o seu coração parar frio.



Você disse que a mataria.

Oh, Deus.

Ela entrou com tudo na Sala de Emergência, quando uma enfermeira de pele azul virou sua cabeça cento e oitenta graus para encará-la com olhos brancos de cegueira, Runa parou de repente. Calma, ela disse a si mesma. Calma. Ela não podia se dar ao luxo de chamar atenção.

Na frente, o Harrowgate brilhava, uma cortina de luz ondulante. Ela andou em direção a ele com decisão, como se ela fosse dona do hospital e soubesse exatamente onde estava indo.

Quando ela alcançou o portal, o técnico de laboratório que havia tirado sangue dela se juntou a ela. — Você está indo embora? — Frank perguntou. — Eu acabei o meu turno. Eu divido o portal contigo.

— Runa! — A voz de Shade, baixa, mas forte, ecoou pelo corredor.

Seu coração pulou. Ela tinha que se apressar e talvez este cara pudesse ajudá-la a usar o portal. — Sim. Isso seria bom. Obrigada.

Eles entraram no arco e foram instantaneamente engolidos pela escuridão assustadora. A única luz vinha dos mapas luminosos nas paredes negras suaves. Frank parecia estar esperando que ela tomasse a iniciativa. Seu coração pulsava enquanto ela procurava o mapa cru dos EUA que ela havia visto o Shade manipular.

— Procurando por isso? — Ele perguntou, digitando um comando que ela não reconheceu. Instantaneamente, um mapa dos EUA apareceu e ele digitou Nova York.

— Não... Eu queria — Ela fechou sua boca. Ela não podia deixar um membro da equipe do hospital saber onde ela estava indo, para Washington, D.C., e para a instalação militar secreta onde ela trabalhava. — Sim, sim, está bem. Obrigada.

— Nova York... Que portal?

Ela não tinha idéia. Ela estudou o mapa, procurando por uma saída perto de sua casa. Havia duas. Ela apontou para uma e, instantaneamente, o portal abriu para um parque arborizado escuro. Ocorreu-lhe que correr pelo parque a noite não seria a coisa mais inteligente que ela já tinha feito, mas era provavelmente mais seguro do que estar no hospital onde demônios queriam matá-la.





Além disso, poderia transformar-se em um lobo se ela metesse-se em problemas. Ela estava definitivamente mais segura entre o pior dos humanos do que...

Humanos. Frank era humano.

Humanos não podiam usar Harrowgate.

O que significa que a pessoa ao lado dela não era Frank.

Oh, meu Deus. Arrepios deslizaram para cima e para baixo de sua espinha, mas ela se forçou a permanecer calma, respirar calma e profundamente. Ela murmurou um educado, — Obrigada — e saiu do portal e foi para a grama, seus joelhos tremendo.

Ela deu um passo. E outro. Outro... Até agora, tudo bem.

E então, um grunhido ameaçador esgueirou-se atrás dela, grunhindo mais alto. Engolindo o caroço de terror em sua garganta, ela virou-se.

O demônio no arco estava carbonizado, retorcido. Maldade radiava dele como se fosse a fornalha do diabo.

Roag.

O grito se acumulou em sua garganta mesmo enquanto ele a procurava com a sua mão arruinada em formato de garras. — Sua pequena vadia. Eu vou te esfolar viva pelo que você fez a Sheryen.

Ela correu. Correu mais rápido do que ela já tinha feito, tropeçando uma vez e quase caindo. Um som de asas batendo atingiu seus ouvidos ao mesmo tempo que uma pincelada de ar e um demônio alado pousou com um baque duro na frente dela. Ele sorriu, revelando dentes enormes, serrilhados, parecidos com os de um tubarão. Olhos vermelhos a perfuravam com ódio diretamente para dentro de seu crânio.

Ela não tinha chance contra Roag na sua forma atual, mas ela não podia transformar-se, ela ficaria vulnerável por alguns segundos de sua transformação. Ela precisava de tempo.

Ela lavrou o punho na barriga escamosa da criatura, seguido de um chute brutal em sua virilha. Obrigada pelo treinamento, Arik.



Roag rugiu, cuspendo bílis amarelo que irritou sua pele quando caiu no seu braço e pescoço. Ela se desviou para a direita, em direção à área do parque que ela conhecia bem. A folhagem era densa, difícil para um demônio do tamanho daquele negócio com asas, navegar.

Seus pulmões queimavam com uma necessidade de oxigênio, mas ela continuou indo, até que a pontada em seu lado se tornou uma câimbra e suas pernas estavam prontas para desistir. Na beirada do parque, ela mergulhou em uma vala, correndo ao longo dela e no momento que ela chegou à vala, ela se concentrou, trazendo para fora o lobo dentro dela.

O quebrar dos ossos e a dilaceração da pele trouxeram consigo um êxtase de poder e, dentro de momentos, ela estava agachada na grama embaixo de um arbusto, sua audição aumentada distinguiu o amassar de folhas das árvores e galhos enquanto Roag encaminhava-se em direção a ela.

Ele explodiu pelas árvores, só que desta vez, ele havia tomado a forma que assustava mais do que a carcaça queimada de Roag.

Shade.

— Runa? Sou eu. Você está segura agora.

Ela não era tão estúpida assim, mas se Roag pensa que ela correria para Shade como um cão bem treinado, ele não era só louco, ele estava delirando. Ela permaneceu onde ela estava, esperando que ele se aproximasse.

O olhar de Roag averiguou toda a área e então seus olhos se fixaram em seu esconderijo. — Eu sei que você está aí.

Ela se lançou. Por cima do arbusto e em direção ao seu grande peito. Eles caíram em um emaranhado.

— Porra — Ele grunhiu, e uau, Roag definitivamente sabia todos os trejeitos de Shade de cor.

Ele passou o braço em um arco, jogando-a contra o tronco de uma árvore. Ela se chocou contra o tronco, mas imediatamente ficou de pé. Neste corpo, ela era maior que Shade, suas pernas fortes e peludas a seguravam de pé enquanto ela olhava de cima para ele.





— Runa, me escute. — Sua voz era suave e confortante e, ela percebeu, era sua voz de paramédico. Roag realmente conhecia o seu material, porque quase funcionou com ela. — Eu não quero te machucar. Transforme-se de volte e nós falaremos sobre isso.

Ela atacou. Desta vez, suas presas fecharam em seu pescoço enquanto suas garras mergulhavam em seus ombros. Sangue quente cobriu sua língua, incentivando-a. Ela mordeu... Só para conseguir uma boca cheia de pelo.

De repente, o demônio embaixo dela era um warg, uma grande besta negra que Shade havia transformado-se nas noites de lua cheia. Seu rugido vibrou tanto o corpo dele quanto o dela. Eles rolaram, um nó de garras e dentes, atacando um ao outro até que tufos de pelo voaram pelo ar.

Ela manteve-se enquanto Roag prendia uma perna ao redor dela e a virava, de rosto, no gramado. Seu longo rugido pairou no ar da noite enquanto ele a segurava no chão, suas presas na parte de trás de seu pescoço, suas garras afiadas penetrando em suas costelas. Ele tinha mais da metade do peso dela, seu peso mantendo-a pressionada contra o chão... E, oh, Deus, sua ereção pressionava em seu quadril.

Lágrimas de raiva e desamparo arderam em seus olhos. Roag iria matá-la. Ela sabia disso. Mas não antes dele torturá-la e estuprá-la. Em sua cabeça, ela gritou, esperou que Shade pudesse sentir o seu terror. Mas então, talvez ele ignoraria-o, esperando que outra pessoa cuidasse dela para ele.

Ela tinha que ter ficado no hospital. Shade queria matá-la, mas pelo menos ele teria sido rápido.



O corpo de Runa estava rígido embaixo do corpo de Shade, seus músculos tensos por outra luta. Ele havia se enrolado mais firme ao redor dela. Ambos estavam sangrando, apesar de que ele definitivamente carregava a maior parte dos ferimentos. Ele não havia querido machucá-la e havia pago o preço por ter se segurado.



Nada disso fora conforme o planejado. Shade havia alcançado o Harrowgate do hospital enquanto ele fechava-se, pegando um vislumbre de Runa lá dentro. Quando ele viu Frank, seu sangue havia congelado. Frank não podia usar o Harrowgate.

Shade havia praticamente ficado louco enquanto ele esperava pelo portal abrir novamente. Somente a presença calmante de Eidolon havia mantido-o centrado e, no momento que o portal piscou com o sinal de estar pronto, ele e seus irmãos se atiraram para dentro. Ele não tinha ilusões que eles estivessem indo para ajudar a encontrar Runa. Eles queriam Roag.

A ligação de Shade com Runa havia vibrado com o terror dela, guiando-o diretamente até ela. Eidolon e Wraith haviam ido atrás de Roag — Shade achava que a criatura que ele havia visto tomar vôo nas árvores deveria ser o irmão deles.

Ele esperava que eles o pegassem, mas agora mesmo o que importava mais era o lobo preso embaixo dele.

Ela estava arfando por causa do esforço, tremendo de raiva que se desviava agudamente para medo, efetivamente parando a sua libido, que havia aumentado durante a batalha. Ela pensava que ele era Roag?

Mas então, ele tinha toda a razão de estar mais do que aterrorizada por ele.

O pensamento rasgou-o. Ele não era um monstro. Ele não era.

Então por que isso parecia uma mentira tão grande?

— Runa...

Seu nome saiu como um rosnado áspero e ele percebeu que ainda estava na forma de warg que ele havia tomado para se defender contra o ataque dela. Lentamente, ele desengatou seus dentes da parte de trás do pescoço dela, mas manteve o seu peso sobre ela. Embaixo dele, ela ficou ainda mais tensa.

Ele se concentrou, trouxe para si mesmo a sua forma de Seminus. Deus, ela era enorme e ele percebeu que estava se arriscando.

— Runa. Sou eu.

Sua resposta foi um rosnado vil. Não era encorajador.





— Eu posso provar. Roag não saberia como nos conhecemos, certo? — Ele esfregou o rosto dele nos pelos de seda dela enquanto ele falava em seu ouvido, que contraiu, fazendo cócegas em seus lábios. — Ele não saberia que eu te levei para fora da sua cafeteria e que você estava tão excitada, tão apertada, que eu quase gozei antes de estar totalmente dentro de você.

Ele deixou os seus sentidos aumentarem para escutar inimigos se aproximando e ele escutou o acelerar da respiração dela enquanto ele lembrava-a do por que eles eram tão malditamente bons juntos.

— Ele não saberia que a minha parte favorita de fazer amor com você é depois do ato, quando você se desmancha nos meus braços enquanto eu assisto.

Sua respiração parou, só o bastante para deixá-lo saber que ela não duvidava de sua identidade e suas palavras não haviam passado despercebidas.

— Sim, você sabe que sou eu. Eu preciso que você mude de volta. Eu posso explicar o que você ouviu. — Tensão radiou dela e também confusão e uma pontada de dor com as palavras dele. — Por favor, lir... — Ele se cortou. Lirsha? O que ele iria dizer? Amante. Amada.

Inferno.

— Fale comigo. Por favor.

O corpo dela inteiro tremeu, mas ela permaneceu do jeito que estava.

Ao longe, ele escutou vozes. Humanos. Muito longe para se preocupar, mas eles precisavam mover-se para outro lugar. A maioria dos demônios era invisível para os humanos a menos que o demônio quisesse ser visto. Mas lobisomens e demônios humanóides como sua espécie eram claros como o dia.

— Eu vou afastar-me. Sem movimentos repentinos. — Ele se desvencilhou dela e foi para o lado, onde ele sentou nos calcanhares e plantou suas mãos nas coxas, tentando parecer menos ameaçador quanto era possível. Já que agora ele estava nu, suas roupas despedaçadas no chão, ele imaginou que parecia tão não ameaçador quanto ele podia. Ele arriscou uma olhada para as suas extremidades e sentiu uma pontada em seu estômago mesmo ele sabendo o que esperar. Vislumbrando a transparência que agora espalhava-se de suas mãos para os seus pulsos, dos seus pés para os seus tornozelos.



Imediatamente, Runa jogou as quatro patas e pulou em cima dele, mostrando seus enormes dentes. Droga, ela era grande. E linda. Sua pele cor de caramelo brilhava na luz da lua e seus olhos cintilavam como âmbar.

— Volte para mim. — Sua voz era suplicante e rouca, porque tudo estava em risco agora. Ela poderia matá-lo ou deixá-lo, mas de qualquer jeito, ele morreria.

Por um momento, o ar ficou parado. Runa fez um suave barulho e então a transformação começou, acendendo a esperança. Sabendo que ela estava autoconsciente sobre isso, ele desviou o olhar até que os barulhos arrepiantes de músculos e tendões estourando de volta para o lugar chegavam ao fim. Quando ele olhou novamente, ela estava de pé lá no ar da noite, tão nua quanto ele.

— Nós temos que ir para um lugar seguro — ele disse suavemente, sabendo o quão patético isso soava.

— Seguro? — Ela riu amargamente. — Com você? Isso é uma piada, não é? Por que você incomodou-se em me salvar de Roag quando você poderia ter deixado-o fazer o trabalho para você?

— Eu sei o que você ouviu, mas eu juro-te, eu não vou te matar.

— Você vai deixar isso para um de seus irmãos?

— Eles não vão tocar em você. Eu não vou os deixar te machucar, Runa.

Ela enroscou os braços ao redor de si mesma e tremeu. — Mas você iria fazer isso.

— Sim — ele disse de uma vez e agora mesmo ele faria de tudo para consertar isso, mas eles tinham passado disso há tempos.

— Você deve estar muito desesperado para sair da ligação. Eu não percebi que você me odiava tanto.

Deuses, ele desejou que isso fosse verdade e irritava-o que ele não pudesse juntar disciplina o suficiente para fazer isso acontecer. — Esse é o problema. — Ele murmurou. — Eu não te odeio o bastante.

— Você está falando sério? — Ela olhou de boca aberta para ele, fazendo-o sentir-se com quatro centímetros de altura. — Você está, não é? Você quer me odiar? Que tipo de idiota quer odiar alguém?



Ela balançou a cabeça como se tentasse fazer com que as palavras dele fizessem sentido.

— Olha — Ele parou com o som de passos se aproximando. Instantaneamente, ele ficou de pé e cobriu Runa dos intrusos, que ele esperava que fosse pelo menos um de seus irmãos. Um que fosse não seria bom.

— Quem é? — Runa sussurrou.

— Só fique atrás de mim.

Dois demônios surgiram da folhagem e o coração de Shade congelou. Eles eram de espécies diferentes — um era Nightlash e o outro um Seminus pré'genesis, cuja dermoire revelava que eles dividiam um tatatara-progenitor. Ambos usavam um uniforme de Carceris, demônios que capturavam e prendiam outros demônios acusados de violar a lei demoníaca.

O Nightlash deu um passo para frente. — Shade, filho de Khane, você é acusado de matar um warg para interferir com os Primeiros Direitos. Como você se declara?

Runa perdeu o ar. — Você matou o Luc?

— Por mais que eu gostaria de levar o crédito, — Shade disse — não fui eu.

O Seminus inclinou a cabeça. — Isso será um assunto a ser determinado pelo Judicia. Sua resposta foi anotada. Você será levado em nossa custódia.

O inferno que ele iria. O Judicia chegaria ao fundo do assunto, mas ele não poderia se dar ao luxo de ficar trancado até que descobrissem que ele era inocente. Não com Roag mirando Runa. Ele não deixaria sua companheira desprotegida.

Ele sorriu. — Claro. Dê-me um momento para dizer adeus. — Antes que os Carcereiros pudessem recusar, ele virou-se para Runa, que estava olhando para ele com um misto de confusão e raiva residual. Raiva que ele podia sentir na rigidez tensão de seu corpo. — Você vai correr. — Ele sussurrou contra o ouvido dela. — Vá para o Harrowgate. Eu estarei logo atrás de você. Se eu não me juntar a você em dois minutos, ou ache Eidolon ou use o portal para chegar ao hospital. Entendeu?

— Não, eu não entendi.

— Só faça isso — Uma mão se fechou em seu braço, o Nightlash. Shade atacou, um punho fechado no rosto feio. — Corra, Runa!





Naturalmente, Runa fez o contrário. Ela atacou o Seminus, pegando-o de surpresa enquanto ele tentava ajudar o Nightlash. Shade havia se esquecido de quão bem ela lutava, mas ele não tinha tempo para admirar os seus movimentos. Ele havia treinado com o Wraith por décadas, mas o Nightlash era maior e mais forte e levou preciosos momentos para conseguir a vantagem.

Shade deu um soco duplo rápido no abdômen e então ele se abaixou, virou e com um giro das pernas, pegou o Nightlash nos joelhos.

O demônio atingiu o chão e rolou para uma vala. Pulando de pé, Shade cravou sua mão no nariz do Seminus. Quando o demônio foi para trás, segurando o seu rosto, Shade agarrou a mão de Runa e eles se lançaram para o Harrowgate. Uma vez lá, eles mergulharam para dentro e ele digitou o mapa para levá-los para a Costa Rica.

Eles saíram e atingiram o chão correndo. Uma vez que eles chegaram à caverna, ele enfiou Runa para dentro.

— Merda. — Ele grunhiu, enquanto a pedra deslizava para o seu lugar. — Eu estou tão fodido. — E pelado. O que normalmente combinava, mas ele imaginou que Runa não gostaria da associação. Além disso, ele precisava cobrir as partes de seu corpo que estavam sumindo. Ele seguiu para o quarto, Runa no seu encalço.

— O que foi aquilo? — Ela perguntou.

Ele jogou um roupão para ela. — Que parte?

— Tudo aquilo. — Ela disse, se vestindo. — Mas agora mesmo eu estou me perguntando se eles podem nos achar.

— Eles têm meios de nos achar pelo Harrowgate. — Ele se enfiou em um jeans. — Uma vez que eles saírem do portal, localizar a minha toca não será fácil. Mesmo se eles conseguirem, entrar será difícil. Mas se esconder aqui é a nossa melhor opção e Roag não sabe sobre esse lugar, então ele não pode os ajudar.

— Quem eram eles? Algum tipo de demônios policiais?

— Algo assim. — Ele fuçou em seu guarda-roupa, procurando por uma camiseta e luvas.

— E o Judicia?

Droga. Onde diabos estavam suas luvas de pilotar?



— Shade? O Judicia?

Ele xingou e andou até o seu guarda-roupa. Sem luvas. — Eles eram demônios que faziam justiça. Eidolon serviu como um demônio da Justiça por um tempo, então eu sei o que esperar. Eles vão descobrir, mas eu não posso me dar ao luxo de perder tempo em uma cela enquanto eu espero.

Ela fez uma careta. — Sem... hum... mim, você não iria sofrer em uma cela?

Ele balançou a cabeça. — Elas são especialmente feitas para reprimir as necessidades das espécies. Enquanto aprisionados, vampiros não precisam se alimentar, incubus não precisam de sexo... Coisas assim. — Sim, esses demônios da Justiça lógicos e conscientes pensaram em tudo. — Você acha que fui eu?

— O quê? Que matou Luc? — Ela balançou a cabeça. — Eu sei que não foi você. Eu estava perto o suficiente para escutar-te o tempo inteiro que eu estava no hospital.

— Deve ter sido Roag. — Ele beliscou a ponta do nariz, apesar de que nada iria diminuir a dor de cabeça que estava começando a pulsar em suas têmporas. — Ele deve ter matado-o, se transformado nele e me entregado para o Wraith. Ele está ficando mais ousado.

Shade pegou o telefone via satélite, saindo da caverna para obter uma recepção decente e ligou para o celular de E. Seu irmão atendeu no segundo toque.

— Shade?

— Sim.

— Você está bem? Seguro?

— Por enquanto. O Carceris está atrás de mim.

— Eu sei. Você não fez nenhum favor a si mesmo ao fugir.

— Eu não podia deixar Runa desprotegida. A menos que você e o Wraith tenham pego Roag?

— O bastardo escapou. E parece que ele conseguiu invadir o almoxarifado do hospital.

Shade xingou. Roag podia ter roubado materiais potencialmente perigosos. — Mano, nós temos que aumentar a nossa procura por ele. E eu acho que você precisa levar Tay para algum lugar seguro.





— Já tratei disso. Ela ficará no quartel general do Aegis. Quando nós precisarmos ficar juntos, ela virá para o hospital, com Kynan a acompanhando. O que está acontecendo com Runa?

Ela seguiu-o para fora e apesar de ela estar de pé calmamente na entrada da caverna com os braços cruzados em cima do peito, não havia nada de calmo sobre as chamas que queimavam em seus olhos. Ainda com raiva sobre a coisa toda sobre matá-la, ele pensou.

— Ela está bem por enquanto.

— Sim? — A voz de E. ficou baixa para um quase sussurro que Shade teve que se esforçar para ouvir. — Bem, algo está acontecendo com você. O Wraith está preocupado e eu estou tendo um pouco de trabalho para manter ele contido.

— Você está dizendo que ele vai se autodestruir?

— Improvável como soa, eu acho que ele está tentando se manter equilibrado. Principalmente por que ele está à beira de ir caçar você. Ele acha que você precisa de ajuda.

Aquela dor de cabeça estava começando a bater no seu crânio. — Merda. Eu não quero que ele saiba sobre este lugar.

— O que significa que é melhor você se acalmar. A menos...

— Nem vem.

— O Maluncoeur, certo? Você está se apaixonando pela Runa.

Shade deu uma respiração áspera. — Eu não posso falar sobre isso. — Falar sobre isso, dizer em voz alta, faria isso se tornar real e, se isso já não fosse ruim o suficiente, o momento que ele realmente fizesse se tornar real, seria o momento que ele desapareceria para sempre.

Os xingamentos de E. empolavam as ondas de ar. — Eu não deixarei a maldição te dominar.

— Não há nada que você possa fazer. Isso é meu assunto.

Ele fodeu tudo, mais de uma vez, começando com o dia que ele foi amaldiçoado. Todos estes anos que pensou no Wraith como sendo o fodido da família, mas Shade havia deixado o seu irmãozinho comendo poeira.



Capítulo Dezessete

Runa retornou ao quarto e afundou na cama de Shade enquanto ele terminava de conversar com seu irmão e se perguntou o que ela iria fazer agora. Shade disse que não fazia tempo que ele havia planejado matá-la, mas ela não tinha certeza do que acreditar nesse momento. Em todo caso, ele havia planejado assassiná-la e o fato a deixara gelada.

Deus, era uma tola por confiar nele novamente.

Shade entrou no quarto e permaneceu lá, com o telefone na mão. Uma mão que parecia estar sumindo até ficar transparente. Sua mão ficou inteiramente invisível e ele soltou o telefone.

— Droga — Ele falou e olhou para o telefone, sem preocupar-se em pegá-lo do chão.

— O que está acontecendo, Shade?

— Não quero falar sobre isso.

Ela ficou de pé.

— Quer saber? Não dou a mínima para o que você quer. Você deve-me.

Talvez fosse a imaginação dela, mas ele pareceu estar envergonhado.

— Não posso.

— Você pode me dizer por que você queria-me morta? Isso está na sua listinha de coisas que você pode falar? Sair da ligação era o único motivo pelo qual você ia matar-me, ou há outro motivo? — Quando ele não respondeu, o controle do temperamento dela rompeu. Ela bateu nele, um tapa forte que deixou a mão dela dormente e uma marca vermelha no rosto dele. — Deus, como você e seus irmãos devem ter rido de mim. Você deve ter pensado que eu era tão patética, tão desesperada, para jurar ficar com você mesmo sem ter uma ligação com você.

Sombras escuras nadavam no fundo negro dos olhos dele novamente.





— Eu nunca ri de você. — Ele disse bravamente. — Eu nunca te achei patética.

Ela riu, o som borbulhando dela como lama.

— Você deveria. Até eu estou enojada comigo mesma — balançando a cabeça, ela olhou em volta. — E você sabe qual é a pior parte disso? Mesmo sabendo o que você era, eu apaixonei-me por você. De novo.

— Eu não queria isso, Runa. Eu deixei claro desde o começo.

— Oh, você fez isso e mais. — Ácido gotejava da voz dela. — Mesmo. Eu não devia te culpar. Você tentou fazer com que eu te odiasse. Eu simplesmente estava muito desesperada por amor para entender isso. Então, de verdade, isso é culpa minha. Espero que sua culpa seja suavizada.

Ela estava seriamente confusa. Tão confusa quanto sua mãe tinha ficado para continuar com o pai abusador, bêbado, enganador. Claramente, Runa havia herdado aqueles genes vis. Claro, seu pai eventualmente ficava sóbrio e parava de trair, mas então Runa estava muito amarga para ver. Ou para se importar.

Se ela pudesse canalizar um pouco dessa amargura e raiva e direcionar em Shade. Ela desviou o olhar, com medo que sua fraqueza genética fizesse-a cair nos braços dele. As ferramentas de dor e prazer nas paredes brilhavam na luz fraca, piscando para ela. Rindo para ela.

Quantas fêmeas elas tocaram? Quantas fêmeas Shade trouxe às lágrimas e orgasmos com as ferramentas?

Oh, sim, havia amargura, jorrando e quase entupindo a garganta dela. Ela mal podia falar, mas conseguiu soltar rispidamente:

— Quero que isso acabe, Shade. Tudo o que sinto por você. Tudo que fez-me parecer minha mãe — Ela tirou o roupão e espreitou para o pelourinho, uma tábua de madeira de dois metros e meio de altura com algemas de couro macio penduradas no topo. — Faça isso. — Faça como você fez com todas as outras fêmeas. E não fraqueje desta vez.

— Não vou fazer isso com você, Runa — A voz dele falhou e ela quase sentiu pena dele. — Não de novo.

— Por que não? Por que você pode fazer isso com outras, mas não comigo?

— Elas não queriam isso pelo mesmo motivo que você.





— Elas queriam isso porque elas tinham algum tipo de escuridão nelas. E talvez porque elas gostassem de dor. Porque dor excitava-as. Bem, talvez me excite também — Ela disse baixinho. — Na verdade, eu sei que sim, pois te amar dói. E eu ainda volto por mais.

— Pare de dizer isso — Ele andou para trás e tropeçou no telefone. — Pare de dizer que me ama.

— Então faça isso parar. Machuque-me. Faça-me sentir por fora o que eu sinto por dentro.

— Runa — Ele resmungou. — Não faça isso. Por favor, não faça isso.

Ela apertou a testa contra o poste e fechou os olhos, respirando fundo.

— Você vai fazer isso, Shade. Você deve-me e dane-se você, você vai fazer isso.



O estômago de Shade virou. Virou do avesso e de cabeça para baixo. Ele realmente devia a Runa, mas o que ela estava pedindo estava além da sua capacidade. E ainda, diferente da última vez, quando ela acreditava que ele não a machucaria, agora ela acreditava que ele faria. E ela queria.

A última vez, ela esteve curiosa, mas desta vez, ela precisava disso a um nível que ele não entendia e sua ligação obrigou-o a dar a ela. Era sombria a compulsão, sedutora do jeito que o pecado era e ele cedeu com um arrepio.

— Segure o mastro com as duas mãos. — Ele odiou a forma com que sua voz tremeu. — Se eu tenho que fazer isso, não vou te prender com as algemas.

Por um momento ele pensou que ela argumentaria, pois ele rapidamente estava percebendo que a coluna de Runa não era o único osso que não cooperava em seu corpo. Mas então, ela fez como foi-lhe dito, segurando o mastro tão forte que suas articulações ficaram brancas.

Pela primeira vez, ele desejou ter o dom de Wraith. Como ele amaria entrar na cabeça dela e fazê-la pensar que ele já dera o que ela queria.

Seu intestino se agitou enquanto seu corpo ficava mais firme pelo jeito que ela expunha-se para ele, sua forma pequena abraçada na madeira, seu cabelo caindo em ondas selvagens no meio



das costas. Gentilmente, ele puxou o cabelo dela por cima do ombro. Ela ofegou, um som quieto de desejo. Deus, ela queria isso. Ele soltou um assobio em resposta, seu próprio desejo crescendo, não importasse o quanto ele tentasse conter.

Talvez ele pudesse distraí-la, dar a ela a ilusão de prazer e sofrimento... Pesadamente no prazer.

Ele permitiu-se relaxar, esperar que seu plano funcionasse. Ela não era idiota, sua Runa e ele teria que ser convincente.

— Ombros para trás — Ele vociferou e ela estremeceu de surpresa. Mas ela obedeceu. Legal. Como recompensa, ele roçou os dedos em sua bunda alta e redonda. Vagarosamente, ele circulou, deixando sua mão trilhar em volta de sua cintura, os dedos simplesmente roçando os montes dela. Quando ela tomou fôlego, ele sorriu.

— Humanos são mais vulneráveis quando estão nus.

— E os demônios?

— Alguns são. Mas eu não, — Ele arrancou sua vestimenta restritiva. — eu sou mais poderoso quando estou nu — Ele parou na frente dela quando passou pela segunda vez. — Chega de falar. Você não vai falar até que eu dê permissão. — Com a expressão enfurecida de Runa, ele adivinhou que ela não esperava aquilo. — Qual o problema, lobinha? Você achou que isso seria completamente físico? — Ele pôs a boca junto do ouvido dela. — O que eu faço com as fêmeas toma lugar tanto na mente quanto no corpo.

Ele inspirou, sentindo o cheiro inebriante e misto de irritação e desejo.

— Não é isso que eu quero — Ela retorquiu.

Bom. Talvez ela desistisse dessa insanidade. Ele esperava que isso acontecesse antes que ele fosse longe demais. Agora ainda podia pensar, mas quanto mais ela queria algo mais enevoada a mente dele ficava, até ele ser um pouco mais que um animal agindo em instinto. Instinto e os desejos dela.

— O que eu falei sobre falar fora de hora? — Ele deu um tapa no traseiro dela forte o suficiente para deixar uma bela marca de mão rosa. Ele esfregou o lugar que estapeara, acariciou a pele quente até ela começar a gemer e retirou a mão.





Droga, mas ele amava tocá-la, acariciá-la. Amava ouvir os pequenos sons que ela fazia quando era despertada. Ele baixou a mão, encontrando um ritmo fácil que fez a respiração dela ficar mais rápida.

O pau dele ficou como aço e ele teve que cerrar os dentes contra o desejo de tomá-la desse jeito.

— Sua palavra de segurança é sombra. Diga. Lembre-se.

— S-sombra — Ela sussurrou, arqueando na mão dele.

— Bom. Isso é muito bom.

Isso ia ser mais fácil do que ele pensava. Ele sorriu enquanto olhava os brinquedos na parede e escolheu o bastão, uma vara envolta em couro com uma aba de couro macio na ponta. Usado corretamente, deixava uma dor aguda, agradável e gentil. Usado em conjunto com uma recompensa, dava ótimos orgasmos disfarçados de punição.

Ele bateu a aba contra sua mão e ela pulou com o som de couro na pele.

— Você vai me contar o que comanda esse seu desejo, não é?

Os olhos dela arregalaram-se de surpresa.

— O quê?

— Olhe para baixo — Ele disse ríspidamente e deu uma pancada entre as coxas dela.

Ela projetou o olhar para o chão.

— Não vou te dizer nada. Não assim.

— É assim que funciona, Runa.

— Não sou idiota — Ela murmurou, ainda olhando para o chão. — Eu conto-te, o que livra-me da culpa, não é? — O olhar dela subiu rápido, lançando-se no dele. — Mas você tem que arrancar de mim.

Ele engoliu. Suando. Em pânico.



— Pensou que podia me enganar? Pensou que eu cederia depois de uma batidinha? Como se eu nunca tivesse apanhado antes? Ora, vá se danar, Shade. Dane-se se você acha que eu sou fraca — Ela virou-se, arrancando o bastão da mão dele. — Pegue algo sério. Aquilo.

Ele seguiu o olhar dela até o chicote. Bólis borbulhou na garganta dele. Ele pegou o bastão.

— Não.

Runa não disse nada. Simplesmente desgastá-lo com sua força de vontade. O que era muito mais forte que a dele. Que tolo da parte dele pensar que ela era fraca. Ele nunca encontrou alguém mais forte.

Concentre-se. Blefe.

— Primeiro, — Ele disse, tendo certeza de que sua voz tinha força. — você vai me contar quem bateu em você — Ele teve um pressentimento de que sabia, depois de um breve comentário sobre o pai, mas ele queria obter o máximo dela sem machucá-la e o espancamento fora uma revelação inesperada.

Quando ela não disse nada, agora ela decidiu ficar quieta, ele deslizou o bastão por dentro de sua perna. Ele fez pequenos círculos lentos do lado de dentro da coxa até ela começar a tremer. Ele podia sentir o cheiro da antecipação, mas será porque ela estava esperando por prazer ou punição, ele não sabia.

— Meu pai, OK? Foi o bastardo do meu pai.

Ele deslizou a aba de couro para cima até roçar levemente sua genitália. Até onde a recompensa foi, era pequena, mas seu gemido de libertação fez parecer bem maior.

— Abra mais suas pernas... Oh, sim, aí — Ele continuava acariciando-a, carícias de pena sobre seu cerne. — E o que você fez para merecer isso?

Ela contorceu-se, mas seus pés continuaram plantados no lugar.

— Nada.

— Então por que ele fez isso?

— Ele era... alcoólatra.



Isso estava indo bem. Ela parecia ter esquecido o chicote. Ele aumentou a pressa, deixando o couro macio escorregar entre as nádegas, assim cada carícia beijava seu clitóris.

— Fúrias de álcool, então — Uma visão repentina e alarmante dela debaixo dos punhos do pai surgiu no cérebro de Shade. Durante sessões como essa, lembranças de vez em quando pulavam em sua cabeça, mas isso era algo que ele sentia na alma. Ele queria matar aquele homem pelo que tinha feito a Runa.

E agora fazia sentido, por que ela o encorajava a usar violência contra ela. Ela tinha odiado mesmo o pai e estava esperando que o mesmo tratamento fosse ajudá-la a odiar Shade. Ela tinha que saber que isso não funcionaria, tinha que saber que isso iria chegar à raiz de sua dor, mas sua mente lógica não a tinha trazido para o lugar onde ela pudesse admitir isso.

— Onde ele está? — Ele grunhiu, antes que pudesse conter-se.

— Morto. — A dor em sua voz o fez se atrapalhar com o bastão e o deixou cair no chão fazendo barulho. — Ele foi embora quando eu era uma adolescente. Não o vi novamente até ele estar em seu leito de morte.

— Por que... Por que te incomoda ele estar morto, se você odiava-o?

Ela virou a cabeça para que pudesse olhar para ele.

— Eu não o odiava quando ele morreu e se você quiser mais, você sabe como conseguir — Ele olhou para o chicote.

— Você não precisa daquilo — Ele disse, numa última tentativa desesperada de fazê-la mudar de ideia, mas ela balançou a cabeça.

— Você sabe que não é verdade.

Infelizmente, ela estava certa e ele odiou isso. Ele odiou-se. Com passos pesados, ele foi até a parede e retirou o chicote do gancho. Era como chumbo em sua mão, que, naturalmente, ficou sólida, e ele jurou por tudo que fosse sagrado e não sagrado que ele iria destruir o chicote depois daquela noite. Ele destruiria tudo na sala.

Respirando profundamente, ele virou-se para ela.

— Onde sua mãe estava quando seu pai abusava de você?



Os olhos dela soltaram faíscas. Havia uma história nisso, mas era uma história que ela não estava pronta para dividir. Não sem sedução.

Ele andou até ela e usou o chicote, enrolado como uma corda, contra a parte traseira das coxas. Não forte o bastante para machucar, mas forte o bastante para fazê-la ganhar, surpresa.

— Conte-me.

— No trabalho. Ela nunca soube.

— Tem certeza disso? — Ele perguntou suavemente, pois ele cresceu com uma mãe que sabia sempre que um dos filhos espirrava, mesmo se ela estivesse a quilômetros de distância e ele suspeitava que mães humanas não fossem diferentes.

— Ela não sabia — Disse Runa entredentes.

— Você está mentindo — Ele bateu nela com o chicote novamente, um pouco mais forte.

— Não — Sua voz continha um tremor, pois agora eles estavam chegando ao ponto. Seus medos estavam sobressaindo-se.

— Ela sabia, mas você nunca foi capaz de admitir a si mesma.

— Não!

Uma onda de necessidade atingiu-o tão forte que ele deu um passo para trás. Ela não iria mais fundo em seus medos se ele não fosse mais duro com ela. O chicote vibrou na mão dele com a força da necessidade dela e seu braço se levantava não importava o quão urgentemente ele sussurrasse “não” repetidamente.

O chicote desceu nas costas nuas dela, levemente, mas deixou uma faixa cor-de-rosa que imediatamente começou a inchar e virar um vergão. Runa não soltou um som, mas ele sim. No fundo da garganta, ele gritou.

— Sua mãe sabia. E ela não fez nada para te proteger. Admita, Runa. Admita ou você nunca vai superar isso.

Um soluço escapou dela.

— Ela... Não consigo.





— Você consegue e você vai — O braço dele subiu novamente. A ponta do chicote deixou outra marca nas costas dela e uma cicatriz muito, muito maior na alma dele.

— Sim, — Ela sussurrou. — ela sabia. Ela tinha que saber. Mas ela não fazia nada — Uma lágrima desceu em sua bochecha e ele ansiava por secá-la. — Por que ela não fez nada? Ele machucou-me. Ele traía-a. Ele gastava todo o dinheiro em uísque, mesmo quando isso significava que teríamos que passar fome.

Tão emocionais quanto as lembranças eram, tão bom para ela quanto era por para fora, havia muito mais que ela precisava libertar. Ele conseguia sentir as trevas nela e ele não conseguia soltar o chicote. Ele não tinha mais o controle de seus atos, seu corpo reagindo somente aos desejos dela. Isso passara do ponto sem volta e agora o único jeito de parar a sessão era ela falar a palavra de segurança.

O braço dele se levantou.

— Runa, diga a palavra — Náusea rolou sua barriga. Por favor, por favor, diga.

— Nós... — Ela engoliu em seco — Nós não terminamos.

Cacete.

Ele não conseguia conter-se e este golpe atingiu perto da omoplata dela. Ele tentou pedir desculpas, mas as palavras não vinham. Ele nunca pediu desculpas antes, esta era sua natureza, o tipo de demônio que ele era. Ele não conseguia lutar contra o instinto de purificar almas mais do que ele conseguia lutar contra sua necessidade de respirar. Mas isso o estava matando.

— De onde vem a culpa, Runa? A escuridão? — A voz dele era forte, mesmo que por dentro ele estivesse tremendo. — Eu sinto isso em você. Eu sempre senti isso em você.

Ela balançou a cabeça.

— Conte-me! — Ele vociferou.

— Eu odiava-o. — Ela gritou. — E eu a odiava por não tê-lo largado.

Ele não conseguia afastar o olhar das cordas poderosas e magras dos músculos nas costas de Runa enquanto tremiam, não de medo ou dor, mas de fúria. — Todos odeiam os pais em algum momento.



— Não como eu. Eu queria que ela largasse-o. Eu era ruim, fiz coisas para enlouquecê-lo para que ela visse que ele precisava ir embora.

— Você era uma criança...

— Pare! — Ela gritou. — Era mais, muito mais.

Um desejo instantâneo de reconfortá-la oprimiu-o. Ele alcançou-a, mas afastou a mão com um assobio.

Sua mão estava invisível. Tinha sumido até o cotovelo. O terror espremeu o ar para fora de seus pulmões. Ele olhou para a outra mão. E ele percebeu que a mão que segurava o chicote estava sólida como a pedra que os cercava.

Os músculos em seu braço tensionaram enquanto o braço começava a subir para a posição de ataque outra vez. Ele sabia que era melhor tentar parar, mas ele tinha que tentar. Ele era recompensado com uma sensação como bisturis deslizando sob sua pele.

O chicote desceu e Runa gemeu de sofrimento e prazer. O campo de visão de Shade começou a estreitar-se e ficar enevoado enquanto seu subconsciente assumia o controle do trabalho que ele sabia que não era forte o suficiente para lidar.

— O que mais? — Ele ouviu sua voz, totalmente estranha.

— Mamãe finalmente deu a ele um ultimato e ele ficou sóbrio. Transformou-se num modelo de marido e pai. Mas era tarde demais — Ela fez um som abafado de angústia.

Shade aproximou-se, seu corpo todo tremendo enquanto ele roçava os lábios sobre a marca cor-de-rosa que ele deixara na pele maravilhosa de Runa.

— Por que era tarde demais?

Por favor, Runa, fale. Não quero ter que fazer isso novamente.

— Porque eu já o odiava. — Ela gemeu. — Eu tinha dezesseis anos. Eu o peguei com outra mulher.

A pulsação de Shade aumentou. Estavam num precipício agora e ele podia sentir a culpa e a escuridão crescerem, mantendo-a no aperto dele, mas não pronta para ser banida.

— O que você fez?



— Arik implorou para eu não contar, mas eu contei. contei e adorei saber que estava partindo o coração da minha mãe... Oh, Deus, eu gostei!

A força da culpa dela rompeu-o.

— Você conseguiu separar seus pais? — Ela concordou com a cabeça.

— Minha mãe... Ela matou-se. Mas foi em vão, Shade.

O sangue dele gelou.

— Por quê?

O cabelo dela caiu por cima dos ombros caídos e o modo com que ela permanecia em pé estava além de sua compreensão.

— Ele estava morrendo. E... E ele disse-me que quando eu vi-o com a mulher, ele estava terminando as coisas. Minha mãe... Oh, Deus, Shade.

— O que foi?

Runa soluçou.

— Ela não precisava saber sobre a mulher. Já tinha acabado e foi só por um tempo. Se eu não tivesse contado...

— Runa, você não pode se culpar — As palavras eram falhas, provavelmente as mesmas que ela ouvira de seu irmão durante anos e elas não funcionaram até agora.

Só uma coisa funcionaria e seu sangue se acalmou quando ela pediu.

— Mais, Shade. Por favor, mais!

— Não posso — E ainda, o chicote em sua mão sussurrava coisas negras. O cabo queimou em sua mão como se criasse raízes que entravam em sua pele e tocava a parte mais cruel do que o fazia um demônio.

— Machuque-me — Ela sussurrou. — Pare de segurar-se. Faça-me pagar.

Sua mão se fechou em volta do cabo do chicote. Sua marca em volta do pescoço pulsou, lembrando a ele que a fêmea, sua companheira, estava pedindo algo. O instinto obrigou-o a responder mesmo que sua mente gritasse em protesto.



Seu braço ergueu. Não. Não! Suor descia nas têmporas com o esforço que ele fazia para soltar o chicote. Ele fez barulho no chão. Cerrando os dentes, ele suportou a agonia que surgiu por resistir à sua natureza.

Preciso. Resistir.

Mas seus pés começaram a mexer-se, rigidamente, estranhamente, levando-o para a parede. Ele observava horrorizado enquanto sua mão pegava um mangual do gancho, um com tiras de couro trançado que pendiam como dreadlocks do cabo. Na ponta de cada tira havia uma pequena e afiada espora feita de osso.

— Rápido, Shade — A voz de Runa era um ímã, atraindo-o para ela.

Novamente, seu braço levantou-se. Sua mente gritava e seus órgãos tinham câibra enquanto ele descia o mangual o mais forte que podia.

Em seu próprio peito.

A dor rasgou-o. Doce agonia paralisante.

Runa ofegou.

— O que você está fazendo? Pare!

— Não... posso — De alguma forma, a dor aliviava seu próprio fardo, sua própria culpa sobre as falhas do passado e ao mesmo tempo, ele alegrava-se por ser capaz de poupar Runa. — Vou suportar essa dor por você. — Ele jurou. — Se algum de nós tem que sangrar, serei eu. Serei sempre eu — Não havia nada que ele não faria por ela, ele sabia disso agora.

— Não — Ela gritou, indo até ele, mas ele prendeu os pulsos dela nas algemas sobre sua cabeça. — Oh, Shade — Lágrimas desciam no rosto dela. — Eu amo-te. Sei que não é o que você quer e eu sinto muito. Mas não posso evitar.

Uma onda de calor fluiu dela como uma brisa, a marca da liberdade. O ar em volta dela ficou mais leve. Ela gritou de êxtase, fechou os lábios ao mesmo tempo em que a libertação física e mental tomava-a. Era disso que as fêmeas que ele levava ali estavam atrás, o orgasmo mais intenso de suas vidas, aquele que, de alguma forma, duraria para sempre. Nada era melhor do que uma alma livre de culpa, arrependimento e ódio.



E ainda mais, ele não conseguia soltar o mangual. A escuridão e culpa dela tinham sumido, mas a dele permanecia e ele não fazia ideia de como se livrar disso.





Capítulo Dezoito

Wraith irrompeu do Harrowgate para uma selva sufocante. Rastrear Shade não tinha sido fácil, não até a agonia de seu irmão alcançá-lo, atacando de forma selvagem a mente de Wraith, até que achar Shade tornou-se tão importante quanto respirar. Ele seguiu o rastro de Shade principalmente por instinto e com um senso de urgência.

Ele não era o único rastreando Shade.

Eidolon tinha usado seus contatos Judicia ao saber que o Carceris tinha estabelecido a sua caçada infernal perdida e sem dúvida Roag tinha se juntado a caçada também. Wraith estudou o terreno e satisfeito que ainda não tinha ido por este caminho, ele removeu ligeiramente o caminho desgastado conduzindo longe do portão.

O calor da selva abraçou Wraith enquanto atirava-se por entre a vegetação, seus sentidos sintonizados com Shade. Adiante. Seu irmão estava na frente e estava ferido.

Wraith irrompeu das árvores e em uma pequena clareira onde uma cachoeira jorrava de um penhasco acima. Ele poderia ter tomado um momento para admirar a vista, mas ele sentiu-se como se alguém estivesse apertando seus pulmões e seu coração em uma polpa e estava cada vez mais difícil respirar.

Shade.

Wraith moveu-se cuidadosamente ao redor da cachoeira, para uma seção de rochas que pareciam se entrelaçar muito bem. Ele vasculhou a área, procurando por entradas, porque embora nada indicasse que isto era nada mais do que apenas um tranquilo oasis no meio da selva, ele podia sentir Shade e seu irmão estava próximo.

Isso tinha de ser uma caverna de alguma espécie, mas ele não podia encontrar a entrada. Tinha de haver outra maneira.





Ele olhou para o rio de água fluindo mais brilhante, pedras pretas. Por trás do véu de spray, intervalos sombrios insinuavam uma espécie de caverna.

Ele começou a subir. As pedras eram lisas e ásperas, mas ele não deu a mínima que estava rasgando suas mãos, seus jeans, sua muito legal camiseta do Hard-Rock Café Bucarest. Bem, ele praticamente não deu a mínima. A camiseta, dada a ele por um garçom mestiço romeno, que ele tinha fodido para conseguir, considerou algumas memórias quentes.

Quinze metros acima e encharcado até os ossos dos borrifos de água, ele quase perdeu o equilíbrio e despencou para o chão, mas ele se agarrou em algum tipo de videira espinhosa que doeu como o inferno. Estremecendo, ele retirou sua mão e mudou-se para trás da cachoeira.

Consegui, bebê.

Acerca de três metros acima dele, ele viu uma lisa, larga tábua que parecia se estender profundamente na rocha. Cuidadosamente, ele escalou-a e levantou-se. O desafio era poder passar pela inacreditável força da água sem ser jogado na piscina ou nas pedras abaixo, mas finalmente, ele o fez. Por um segundo ele estava deitado de costas sobre uma pedra lisa, reunindo sua respiração, mas a agonia de Shade, como um picador de gelo em seu peito, encorajou-o para seus pés.

Ele moveu-se mais profundamente nos túneis arqueados, os quais eram lisos e limpos, definitivamente não naturais. E havia uma toalha jogada sobre um pedaço de pedra, como se alguém tivesse usado a cachoeira como um chuveiro. Enquanto sua visão aguçou para se acomodar a escuridão, ele ouviu soluços.

Oh, merda.

Wraith inclinou-se para as paredes da caverna em uma tentativa desesperada de encontrar um caminho interno e, quando encontrou a entrada, ele quase tropeçou em seus próprios pés em sua pressa. Quando ele entrou em uma cozinha estranhamente moderna, a esquisitice registrou-se, mas apenas por um piscar de olhos.

Os sons de sofrimento desviaram todos os seus sentidos e a única coisa que ele poderia pensar era em chegar até seu irmão.

Ele esbarrou através da cozinha, batendo em um saleiro na mesa enquanto passava. — Shade! — Ele passou por um canto um pouco rápido demais e bateu o ombro na entrada da porta.





E então congelou. Cada músculo bloqueou. Seu coração derrapou para um parar de fumar. Seus pulmões viraram cimentos.

Shade estava em uma espécie de câmara de tortura, segurando um mangual enquanto Runa esforçava-se para libertar-se das algemas em torno de seus pulsos. Ela estava soluçando, implorando para Shade largar a arma.

Um cortante choque frio percorreu Wraith e ele balançou. Então, tão rapidamente quanto tinha chegado, o choque fugiu, preenchendo seu vazio com uma quente fúria abrasadora.

Wraith lançou-se para seu irmão e levou-o ao chão, esmurrando-o até perceber que Shade não estava lutando de volta.

— Que porra você está fazendo? — Ele gritou, mas Shade apenas olhava, seus olhos vidrados e sem foco. Náuseas giraram no estômago de Wraith. Pela aparência do calabouço, Shade sabia o que estava fazendo a muitas fêmeas. E ferindo a si mesmo também? Por quê?

— Você matou-as? — Ele sussurrou. — Shade, você torturou-as e matou-as? — Sua respiração vinha em jorros, queimando seus pulmões. A memória da sua própria tortura nas mãos dos vampiros passou por seu cérebro em um nojento, quadro de movimentos rápidos.

— Não. — Shade disse, seus olhos arregalados. — Não, nunca. Deus, Wraith. Como você pode pensar isso? — Ele olhou para Runa. — Tenho que libertá-la...

— Você não chegará perto dela. — Wraith segurou friamente Shade duro o suficiente para derrubá-lo.

O cheiro forte de sangue suspendia pesado no ar. Como vampiro, ele achou o cheiro persuasivo, sedutor, mesmo que seu lado não vampiro estivesse enojado pela forma que tinha sido derramado. Tremendo de uma maneira que ele não fazia desde, bem, ele não conseguia se lembrar quando já tinha fodido sua cabeça assim, ele foi para Runa.

Ela ainda estava sobre seus pés, suas mãos agarrando o poste para manter-se em pé. Como ela encontrou força para não deslizar no chão era um mistério e ele encontrou-se admirando sua força enquanto soltava as algemas e despregava seus dedos longe da madeira.

— Ei, — Ele disse gentilmente. — está tudo bem. Você está bem.

— Sh... Shade?





— Ele não pode machucá-la agora.

— Ele n-não...

Talvez ainda não. Wraith não tem a formação médica ou as técnicas de seus irmãos, mas ele conhecia o choque quando via. Runa desabou em seus braços e ele levou-a para a cama estabelecida na parede. Quão agradável que Shade era capaz de dormir em seu quarto de horrores.

Cristo, se ele não tivesse conhecido seu irmão depois de tudo? Ele balançou sua cabeça, porque ele conhecia Shade. Sabia que ele havia crescido em um lar amoroso com suas irmãs que ele adorava. Sabia a comida e bebida favorita de Shade, tacos de peixe e Fresca, mas não, graças a Deus, a mesma refeição. Sabia que Shade amava filmes, mas geralmente gostava de vê-los sozinho, porque gostava especialmente de comédias românticas.

Esse Shade não combinava com quem mantinha uma câmara de tortura. E por que diabos Wraith não tinha sido capaz de ver o segredo doente de Shade quando tropeçou através de sua mente?

Droga.

Deitada de bruços, Runa gemeu no travesseiro. Com uma mão tremendo, Wraith cobriu-a com um cobertor, cuidadosamente para não tocá-la nos pulsos, que tinham sido esfolados enquanto ele lutava em seus vínculos. Ele olhou para Shade ainda nocauteado no chão. E agora?

Eidolon. Ele tinha que chamar E. Ele saberia o que fazer. Ele sempre sabe.

Wraith manuseou desajeitadamente no bolso de seu jeans, até que encontrou seu celular. Sem sinal. Chocado, aqui, no meio da BF América Central.

Mas mesmo na BF América Central, Shade teria uma maneira de manter contato com o mundo exterior. Shade não gostava de isolar-se por muito tempo. Por mais que ele tentasse agir todo eu-não-preciso-de-ninguém, Shade era, no fundo, uma criatura social. Uma sádica criatura social.

Droga.

Wraith fez uma rápida varredura na caverna, finalmente encontrou um telefone satélite e discou. No momento em que seu irmão respondeu, a calma exterior de Wraith desmoronou como um primeiro feitiço de um feiticeiro aprendiz.





— E. temos problemas. Oh homem, oh homem...

— Calma. — A voz de Eidolon era quase inaudível sobre o estático. — O que há de errado?

— Shade. É Shade. Estou em sua câmara de tortura.

Silêncio encheu as ondas de ar. — Merda.

— Você sabia? — Wraith percebeu que estava praticamente gritando e baixou a voz. — Você sabia disso?

— Falaremos sobre isso mais tarde. Diga-me o que está acontecendo. Onde está Shade?

Wraith engoliu em seco. — Está aqui. Está machucado. E sua fêmea... Apenas se apresse.

— Estarei lá.

Wraith afundou-se na cama ao lado de Runa e colocou uma mão na parte de trás de seu pescoço. Fechando seus olhos, ele se concentrou em alimentá-la com imagens reconfortantes. Felizmente ela gostava de praia. Pinã colada¹³. Areia quente. Qualquer coisa que a daria alguns minutos de paz para ajudá-la a curar o inferno que acabara de passar.

Foi só depois que ele percebeu que ao invés de matá-la, como deveria ter feito para tirar Shade das garras de Maluncoeur, ele tinha ajudado-a.

Talvez porque no fundo, ele acreditava que seu irmão já tinha ido longe demais para ajudar.



Eidolon deixou Reaver encarregado do departamento de emergência e foi direto para a caverna de Shade. Que Wraith soubesse sobre isso não era bom, mas quando viu Runa deitada na cama e Shade inconsciente no chão, ele soube que era muito pior do que não bom.

— Eu tenho-o — Ele disse a Wraith, que levantou-se e deixou Eidolon tomar seu lugar.

¹³ Bebida





— Depressa. — A voz de Wraith era um emaranhado de preocupação, dor e medo. Wraith, quem geralmente não dava a mínima para ninguém. Eidolon nunca descobriria seu irmão.

Eidolon alcançou Runa, mas hesitou, sua mão pairando sobre sua coluna. A única coisa inteligente seria matá-la. Agora, enquanto Shade estava inconsciente do que estava acontecendo e enquanto ela também estava fora de si. Ele poderia fazê-lo rapidamente, humanamente.

Humanamente. Que piada. Os humanos gostavam de fingir que eram superiores, sobre todos os outros, mas quão superiores eram pessoas que apedrejavam mulheres à morte por trair seus maridos? Ou quem fazia os animais lutarem por diversão? Claro, os demônios não eram melhores, mas pelo menos não se escondiam por trás de dogmas religiosos e tradição cultural para desculpar suas brutalidades. Demônios praticamente só tinham a desculpa de que eram demônios.

— E.?

A voz de Wraith puxou-o para fora de seus pensamentos. Eidolon nunca tinha sido apaixonado por seres humanos e sua arrogância, que constantemente enlouquecia Tayla, porque ela gostava de lembrá-lo que nunca conheceu alguém tão arrogante como ele.

— Eu não acho que você deveria fazer isso. — Disse Wraith calmamente. — Ela já sofreu o suficiente nas mãos de Shade. — Ele olhou para o chão, mas se ele estava olhando para esconder seu constrangimento por ter sido pego mostrando misericórdia ou olhando para Shade, Eidolon não sabia.

— Vamos perdê-lo se eu não fizer.

— Vamos perdê-lo de qualquer maneira. Olhe para ele. A maldição já está ativa.

Um instante, uma dor abrasadora cortou através dele. Wraith estava certo. Ficou claro que Shade estava apaixonado por Runa. Matá-la agora poderia apenas acelerar a maldição. Tudo o que ele tinha que fazer era olhar para Kynan para descobrir isso. Imediatamente após a morte de Lori, seu amor por ela tinha sido provavelmente mais forte do que nunca, amarrado a sua miséria sobre ambos, seu assassinato e sua traição.

Mudando para o modo de médico, ele realizou um exame rápido, ficou aliviado ao ver que Runa estava sofrendo de exaustão mais do que qualquer outra coisa. Ele lançou um olhar a Shade, cujas múltiplas feridas cobriam seu peito, estômago e ombros, e depois revisou seu pensamento. Shade definitivamente não tinha agüentado.



E concentrou-se até que o formigamento quente do seu dom de cura escorreu pelo seu braço direito e, em seguida, ele colocou a mão sobre o ombro de Runa. Instantaneamente, as listras rosas-claras em suas costas e as esfoladuras em seus pulsos curaram. Atrás dele, ouviu Shade lutando para chegar a Runa, mas Wraith colocou-se sobre seu irmão, segurando-o no chão.

— Deixe-me levantar — Shade rosnou. Ele grunhiu de dor e Eidolon avaliou que Wraith tinha aplicado um pouco de pressão.

— E., merda. — Wraith murmurou. — Você terminou com ela?

Eidolon franziu o cenho. Os lábios de Shade estavam puxados para trás em um rosnado doloroso, ele estava alcançando o martelo no chão. Droga. Eidolon agarrou a mão de Runa.

— Runa. — Ela rolou para o outro lado, seus olhos vidrados piscando enquanto tornava-se ciente dos seus arredores. — Shade lhe deu uma palavra segura. Você precisa dizê-la.

— O quê? — Ela puxou o cobertor sobre os seios.

— A palavra segura. Qual é? Ele precisa ser liberado.

Ela empalideceu. — Sombra, — Ela sussurrou. — sombra.

Shade curvou-se no chão, um alívio cruel em sua expressão. — Eu sinto muito, Runa. — Ele falou em voz estridente. — Sinto muitíssimo.

— O que aconteceu Shade? — Eidolon perguntou. — Por que você está ferido?

— Que diabos está acontecendo? — Wraith exigiu.

Não havia mais sentido em mentir ou fazer rodeios. Eidolon se afastou da cama para ajoelhar-se ao lado de Shade e canalizar ondas de cura para ele. — Não é tão ruim quanto você pensa, Wraith.

Wraith saltou sobre seus pés e fez um gesto amplo com sua mão. — Você quer mudar sua história, mano? Porque estou pensando que isto (ele agarrou um par de algemas da parede) é exatamente o que penso. Nosso irmão é um cãozinho doente. — Ele riu amargamente. — E eu pensei que Roag era um doente.

Runa saltou da cama tão rápido que quase se chocou com Eidolon. Ela foi direto para o rosto de Wraith. Pulou nua. — Não se atreva comparar Roag com Shade. Você não tem nenhuma ideia do que está falando. Diga mais uma palavra e eu derrubo você.





Em todos esses anos que Eidolon tinha conhecido Wraith, ele nunca tinha visto seu irmão mudo.

Runa tinha acabado de fazer o impossível.



Runa girou para longe de Wraith e se ajoelhou no chão ao lado de Shade, que estava pálido e abalado e muito dele estava desvanecendo-se e nocauteado. O que ele tinha feito por ela, como ele tinha de alguma forma combatido o desejo dela de punição e transformou-o em si mesmo, bem, era um sacrifício além da compreensão.

— Sinto muito, — Ele murmurou. — sinto muito.

Ela passou a mão em sua bochecha, sentindo o áspero raspar de sua barba crescendo. — Não. Não sinta. Sou a única que sente. O que você fez por mim...

— Eu faria novamente.

Seus olhos picaram. — Eu sei que faria. — Ela puxou o edredom da cama e embrulhou ambos no mesmo. — Pode sentir isso? Sou livre.

A culpa sobre a morte de sua mãe tinha ido embora, como sua raiva por Shade. De repente, nada mais importava apenas o vínculo que compartilhavam. Ela não podia ser fisicamente marcada, mas não fez a conexão menos poderosa.

Ele engoliu em seco. Uma, duas vezes. — A escuridão em você se foi. Mas eu ainda não posso. Deus, Runa. O que eu fiz para você. Eu nunca fui capaz de proteger as mulheres em minha vida. Eu sempre as machuco. Eu machuquei-te.

— Shh.

Ela pressionou seus dedos contra os lábios dele e ele puxou-a para seu colo e segurou-a com tanta força que ela teve que lutar para respirar. O som de seus batimentos cardíacos veio-lhe em um soco rápido como o fogo, quase abafando as vozes de seus irmãos, enquanto Eidolon tentava



explicar o dom de Shade para a liberação do sexo feminino, independente de qualquer perturbação. Dentre as palavras de raiva de Wraith, ela adivinhou que não estava indo bem.

Gentilmente, ela afastou-se, mas permaneceu no colo de Shade. — Você precisa dizer-me o que está acontecendo com o ato de desaparecimento. — Ela olhou significativamente em seu braço esquerdo, que tremulou em vários estágios de transparência. Ela sentiu que ele começou a tremer embaixo dela e seu coração quase quebrou. Seja qual fosse o problema, já era ruim.

— Lembra-se quando você perguntou sobre Maluncoer? — Quando ela assentiu, ele continuou. — É uma maldição. Uma maldição que eu trouxe sobre mim mesmo.

— Como?

Ele estendeu o braço para acariciar seu cabelo, mas quando seu cabelo passou direto por sua mão, deixando para trás apenas um sussurro pelo ar, ele deixou cair o braço. — Você sabe quanto levou-me para deixar de ficar irritado com o mago que me amaldiçoou? Quanto tempo eu culpei-o e não a mim? — Ele balançou a cabeça. — Eu tinha vinte anos. Minha mãe saiu para caçar, deixou-me para cuidar de minhas irmãs. Mas enquanto ela estava fora, entrei na minha primeira mudança.

Ela concordou, lembrando o que ele tinha dito e o que ela tinha lido sobre o processo de maturação dos demônios Seminus. — Você precisa de sexo sem parar durante dias para passar por isso.

— Sim. Eu saí vagando por fêmeas, tomando o que precisava. E quando eu digo tomar, quero dizer isso. — Ele soltou um longo suspiro e olhou para o teto. — Eu nunca tinha tido relações sexuais antes da mudança me atingir e, em seguida, quando eu fiz, era insano, rápido e violento. Eu só precisava gozar para atravessar a mudança, sabe? Então, quando acabou, eu queria porque queria. Não porque precisava. Isso faz sentido?

Na verdade não, mas ela assentiu, percebeu que seus irmãos tinham se movido para fora da entrada para dar-lhes um pouco de privacidade e ela perguntou-se, quanto dessa história eles sabiam e quanto era novo?

— Então, ao invés de voltar para a caverna para proteger minhas irmãs, eu apanhei esta jovem humana. Nós fomos para sua casa. — Seu olhar desviou-se para as ferramentas na parede. — Foi quando eu descobri que tinha herdado a habilidade Umber para sentir as coisas femininas sepultadas profundamente nelas e que quanto ela precisasse estar livre, eu podia ajudar nisso.



— Então, você...

— Sim, eu fiz. E enquanto estava fazendo isso, seu marido chegou em casa. Não foi bonito. Lutamos. Eu matei-o. — Shade estremeceu. — Mas antes dele morrer, amaldiçoou-me. Amaldiçoou-me de nunca conhecer o amor, porque se eu fizesse, eu desapareceria.

— Você pode morrer?

— Pior.

Ela ouviu com terror enquanto ele descreveu o que aconteceria com ele. — Oh, meu Deus. — Ela colocou sua mão na boca. — É por isso que você queria me odiar. Você não queria...

— Apaixonei-me por você, — Ele resmungou. — mas é muito t...

— Shade, — Eidolon estreitou na sala. — Não diga isso. Não diga nada mais.

Ela assistiu com horror como o corpo inteiro de Shadeu tremeu e ela tinha um mau pressentimento que se ele realmente disse que estava apaixonado por ela, tudo estaria acabado. Não era de se admirar que seus irmãos quisessem livrar-se dela. E embora ainda machucasse que Shade tinha considerado isso, ela entendeu.

— Foi logo depois que você descobriu suas irmãs, não foi? — Wraith perguntou e Runa reconheceu a tentativa de manter Shade longe do assunto dos sentimentos por ela.

— Sim. — A voz de Shade quebrou, junto com seu coração. — Voltei para a caverna onde havia deixado-as. Elas estavam mortas. Todas menos Skulk. Se eu não tivesse pegado a jovem, talvez elas estivessem vivas.

Raiva rolou fora de Shade em ondas, junto com uma tristeza tão grossa, que ela poderia praticamente saborear. — É por isso que você pensa que não pode proteger as mulheres?

— Não eram apenas elas. Minha mãe também. E então havia Skulk...

— Pare com isso. — Ela disse baixinho. — Eu me culpei pela morte da minha mãe por tanto tempo, então percebi que sou uma terrível hipócrita, mas nada disso foi sua culpa. Você fez o seu melhor. E Shade você protegeu-me. Você tirou-me do calabouço de Roag. Você salvou-me dele justo hoje. E tirou-me daquele lugar escuro, cheio de culpa sobre meu passado. Nunca me senti melhor. Apenas temos que encontrar uma maneira de curá-lo desta estúpida maldição.





— Não há cura. — Eidolon disse. — Não agora que ele apai... Ah... Sim, enfim, não há cura. Isso pode ser transferido, mas apenas para um ente querido.

Runa sentiu sua esperança escorrer. Em seguida, a raiva apressou-se e, infernos se não, ela não ia perdê-lo agora. Tinha que haver uma cura.

— Onde está o telefone?

Shade franziu a testa. — Por quê?

— Vou chamar Arik. Talvez o Exército possa encontrar algo que vocês tenham perdido.

Wraith bufou. — O Exército dos Estados Unidos? Eles não conseguiram encontrar seus paus com prostitutas...

— Wraith, — Eidolon disse gentilmente. — precisamos pegar qualquer ajuda que pudermos conseguir.

Wraith não disse nada, mas trouxe o telefone. Ela agradeceu e voltou-se para Shade. — Apenas mantenha firme, tudo bem?

— Eu irei — Por amor a Runa, ele sorriu tranquilizador, mas ele tinha desistido há muito tempo.

Deus, ela queria abraçá-lo, segurá-lo, fazer amor com ele até que tudo isso fosse esquecido, mas ela precisava manter distância. Ela não queria acelerar a maldição. E definitivamente não queria que ele visse que ela estava à beira de um ataque de nervos.

Ela vestiu-se rapidamente em um jeans e uma regata e, em seguida, deixou os três rapazes no quarto para ligar para Arik da sala de TV. Ela esperava que ele tivesse aprendido alguma coisa sobre Maluncoeur. Andando pela sala, ela discou.

Arik respondeu, mas ela mal conseguia ouvi-lo.

— É Runa.

Ele respondeu, mas ela não podia entendê-lo sobre a estática. Ela mudou-se para a cozinha, onde a recepção foi melhor, mas que fez a ligação final de Arik pior. Finalmente, ela saiu da porta escondida da caverna. Melhor. Não ótima, mas ela não podia se arriscar indo muito longe da entrada.





— Como está isso? Pode me ouvir agora?

— Como em um comercial — Arik disse, sua respiração dura e rápida.

— Interrompi algo?

— Apenas meu treino.

O usual. Se ele não estava no escritório, ele estava na academia. — Olha, tenho algo para você. O Maluncoeur eu pedi para você investigar? É uma maldição.

— Eu sei. Mas isso é tudo que sei.

— Aparentemente, pode ser transferido para um ente querido, mas tem de haver outra forma de livrar-se disso.

— Não há muita informação para eu ir em frente.

— Faça o que for preciso. Você tem que descobrir mais e rápido. Está matando Shade. É uma espécie de maldição de vingança que faz com que a vítima desapareça se ele apaixonar-se.

— O que você está dizendo?

As lágrimas que tinham ameaçado mais cedo caíram. — Eu amo-o.

— Filho da... Ele é um demônio, Runa!

— E eu sou uma lobisomem. Ninguém é perfeito.

— Não é tempo de humor, irmã. — Ela ouviu um baque que soou suspeitosamente como um soco contra a parede. — Isso é inaceitável. Estou mandando uma equipe para você.

— Você não está, — Ela retrucou, em seguida suavizou sua voz, porque aborrecendo Arik apenas traria seu lado hiperprotetor e controlador. — e não quero o Exército mexendo com o hospital.

— Isso não é seu apelo. Eles curam demônios lá. Nossos inimigos.

Seu sangue gelou. — Parece que talvez seja o que estou me tornando.

A maldição de Arik queimou sua orelha. — Discutiremos isso mais tarde.

— Não há nada para discutir. Eu amo Shade.



— Você não pode ter as duas coisas. Os militares expulsam pessoas por surtar dormindo se há um perigo que pode vazar segredos. Você acha que R-XR vai deixá-la trabalhar para eles e depois ir para casa com um demônio, porra?

— Aquela porra de demônio salvou sua vida.

Sem dúvida, Arik não apreciou o lembrete. — Isso não muda os fatos de que não vai muito bem com o comando.

— Se eles não conseguem lidar com isso, é problema deles.

— Então você está pronta para desistir de seu emprego, sua vida, por Shade?

O ano passado veio a ela em uma corrida, todas as pesquisas interessantes e as emocionantes missões. Todos apertando e cutucando os experimentos. A solidão. Shade segurando-a apertado. — Não estou desistindo de nada.

Houve muitos xingamentos, seguido de um longo silêncio. — Kynam fez contato. — Arik disse finalmente, mas seu tom dizia que a conversa sobre Shade não tinha acabado. — Disse que você conversou com ele.

— Ele irá ajudá-lo? Trair o hospital?

— Ele não está jogando bola agora, mas virá.

Ela duvidava disso, não depois de ver a expressão no rosto de Kynan. Ela golpeou algum inseto enorme zumbindo em volta de seu rosto. — Olha, preciso ir, mas ligarei mais tarde para ver se você descobriu algo.

— Não gosto disso.

O inseto a bombardeou e ela golpeou novamente, esquivando-se longe, enquanto falava. — Você deixou isto claro. Basta fazer o Maluncoeur uma prioridade. — Quando ele não respondeu, ela teve uma súbita suspeita de que ele não faria nada para ajudar. — Lembra-se do vínculo que mencionei? Se Shade morrer, eu morro também.

— Oh, Jesus.

Ela nem se sentiu culpada por mentir. — Sim. Então, consiga a informação.

— Eu irei, — Ele respirou. — e Runa?



— O quê?

— Eu amo você.

Ela sorriu fracamente, porque tão louca como ele a fez, ele sempre cobriu suas costas. — Amo você também.

Ela desligou e um estúpido inseto, uma coisa laranja com uma envergadura de asa de morcego, pousou em seu pescoço. Ela gritou, saltou ao redor e, Jesus, ela era uma covarde. A criatura zuniu longe em uma rajada de asas e ela suspirou aliviada. Tendo crescido na cidade, ela não era forte sobre a natureza e isto era tão natural como veio.

Os cheiros, os sons, ela franziu a testa, tornando-se consciente do silêncio na floresta. A última vez que isso aconteceu, Shade tinha vindo até ela de lugar nenhum, seus olhos vermelhos brilhantes enquanto o s'genesis devastava-o.

— Runa.

Ela girou ao redor enquanto Shade emergia da luz, vestido como sempre em couro preto. E ele era sólido. Sem transparência em tudo. Isso não era Shade.

Seu coração arremessou-se contra seu tórax, como se levando a acusação em direção a entrada da caverna. Eram apenas três metros de distância, mas poderia muito bem ter sido a distância entre as traves em um campo de futebol. Ele lançou-se em direção a ela. O não-Shade atirou-se para frente, agarrando-a em torno da garganta e cessando-a com um grito sufocado.

O telefone caiu de seus dedos. Ela agarrou a mão dele, chutou suas pernas, mas ele apenas ficou ali parado, sua mão apertando e ódio queimando em seus olhos.

Suas feições começaram a borrar, semi-apagadas pelas manchas vermelhas nadando em sua visão. A última coisa que viu antes da escuridão a engolir foi o rosto de Roag.



— Pegue minha mão.

Shade encarava Wraith enquanto ele afundava-se ao lado dele. — O quê?



Wraith forçou sua mão na dele. — Agora diga essas palavras: Solumaya. Orentus. Kraktuse.

— Por quê?

— Apenas faça.

Shade empurrou sua mão, ainda sentado no chão, puxou em suas calças. — Diga-me por quê?

— Eu não tive a chance de explicar tudo em seu escritório, principalmente porque você estava esmurando-me...

—Wraith, — E. interrompeu, — o que está acontecendo?

— Eu estava ficando com isso. — Wraith impacientemente empurrou seus longos cabelos do seu rosto. — Procurei uma velha amiga feiticeira. Inimiga, realmente, mas isso está tudo atrás de nós agora. — Eidolon clareou sua garganta e Wraith rolou os olhos. — Sim, sim. Com isso. Então, nós sabemos que o Maluncoeur pode ser transferido para um ente querido, mas não sabemos como. Ela deu-me o caminho.

— As palavras que você acabou de dizer? — Shade perguntou.

— Sim, então coloque-o sobre mim. — Ele estendeu sua mão. — Temos de estar tocando-nos. Ainda bem que você colocou as calças.

Shade apressou-se para trás, desejando que não se sentisse tão abalado, porque ele estaria de pé e fora da porta se pudesse. — Você está louco? Não estou transferindo para você! — Ele recuou, mas Wraith perseguiu-o.

— Sim, mano, você está!

— Foda-se.

— Nunca vou me apaixonar, Shade. A maldição não me afetará. Nunca. Então, faça isso.

Shade sacudiu a cabeça com tanta força que seu cabelo picou seu rosto. — Não farei.

— Droga, Shade. — A voz de Wraith foi puro sussurro. — Você salvou minha vida tantas vezes. Deixe-me fazer isso por você.

— Não. Eu...



Shade rompeu enquanto um sentimento de desconforto concentrava-se em seu peito. Mal formigava sobre sua pele e apertava em volta de seu pescoço como um laço.

— Runa — ele arfou. — Onde ela está? — Ele se forçou para seus pés, agarrando o braço de Eidolon, quando uma onda de tontura quase o mandou para seus joelhos.

— Provavelmente ainda falando com seu irmão — Wraith disse.

Shade xingou, sua cabeça rodando. — Fora. Ela está lá fora. Algo está errado.

O olhar de Eidolon se encontrou com o dele. — O Carceris.

— Talvez um jaguar pegou-a. — Wraith ofereceu, menos solícito, embora pelo menos estava de volta ao seu eu usual.

E fitou Wraith antes de virar para Shade. — Fique aqui. Wraith e eu cuidaremos disso.

— Como o inferno — Shade rosnou. A sensação de asfixia tinha sumido, deixando-o inquieto e incapaz de sentir o humor de Runa. Ele podia sentir sua proximidade, mas mesmo isso estava confuso. Ele se desprende de Eidolon e arrastou sua bunda em direção à saída.

— Shade espere. Não estamos preparados! — Wraith seguiu-o e, atrás dele, Shade ouviu E. amaldiçoar.

Se esses bastardos Carceris tinham ferido Runa para chegar até ele, ele iria matar alguém. Ou vários alguéns.

Ele irrompeu na entrada lateral e preparou-se para um confronto com o Nightlash e o Seminus que tinha visto mais cedo. Sem dúvidas, eles têm cães de caça do inferno também e essas bestas amam uma boa luta. Cães Carceris bem treinados não matariam seus alvos, mas tinham uma pequena queda por eles. Pior, eles estavam sempre com tesão e o que eles fizeram com um demônio quando ele foi abatido foi muito mais do que uma simples transa.

Com Wraith e Eidolon sob seus calcanhares, ele indicou o caminho para o lado sul dos penhascos onde a cachoeira encontrava-se com a poça, sem incomodar-se com discrição. Adiante, na clareira, Runa deitada no chão, seu corpo contorcido ao lado de uma árvore.

— Filho de uma... — Algo golpeou sua cabeça e dor explodiu em seu crânio. Ele virou em direção à fonte, um nojento demônio Drec segurando um porrete.





Wraith golpeou com o chicote. Como ele conseguiu agarrar a coisa durante a fuga era uma questão para mais tarde. Seu irmão manejava como se fosse uma extensão de seu braço e o rosto do Drec abriu-se, enviando sangue e dentes voando.

Mais criaturas emergiram da moita, mas Shade traçou ao redor deles ou moveu com rapidez através deles, todo seu foco em Runa.

Quase lá. Quase...

A enorme criatura de quatro asas caiu na frente dele. Um demônio que ele nunca tinha visto antes, uma besta preta horrível que cheirava e parecia como carne podre. Sua cabeça era um pouco mais do que uma boca escancarada cheia de fileiras e mais fileiras de dentes afiados.

Nada bom.

Atrás dele, os sons da batalha desenrolavam-se. Ele descobriu que seus irmãos estavam lidando com o pior dos castigos, mas ele não podia olhar para trás. A coisa veloz estava entre ele e Runa e nada iria ficar entres eles novamente.

Shade caiu, varreu sua perna para pegar a criatura em um dos seus tornozelos esqueléticos. Ele caiu no chão, mas estava em pé em um instante. Ele bateu forte, esmagando seu punho no intestino da coisa. A esponjosa, carne úmida sugou sua mão no corpo do demônio até o cotovelo. Fogos do inferno, aquilo era desagradável.

Shade girou longe, trazendo seu pé entre as pernas da coisa. Ele gritou e bateu uma pesada asa para baixo sobre os ombros de Shade. Ele abaixou-se, levando apenas um golpe de esguelha, mas uma explosão de dor e o cheiro de sangue lhe disseram que o golpe tinha sido danoso o suficiente. Outra besta pousou ao seu lado, suas asas agitando as árvores, criando um turbilhão de videiras e folhas. Algo atingiu suas costas, o choque do impacto atordoando-o.

Que diabos estava acontecendo? Isto não era uma operação Carceris, não a menos que mudaram seus métodos nos últimos anos.

— Khoyesh!

A palavra, falada em Sheoulic, a linguagem universal demoníaca, significando retirada, que poderia ter sido um alívio se não tivesse sido pronunciada em um rosnado profundo e danificado de Roag.



Os monstros alados pretos recuaram. Roag saiu de trás de uma das coisas, uma mal consciente Runa em seus braços. Ele usava uma espécie de cinta em sua mão. Terrível, Freddy Kruger, como extensões dando-lhe dedos afiados onde seus próprios deveriam estar.

— Fiquem onde estão, — Roag disse, trazendo as lâminas na garganta de Runa, — ou ela morre.

— Confie em mim, irmão, você não quer fazer isto.

Roag ergueu suas sobrancelhas, sombrias, coisas doentias que não tinham completamente crescido após o incêndio. — Você não está em posição de fazer ameaças. — Ele acenou para Wraith e E., que estavam à beira de serem esmagados. — Diga para eles pararem. — Para enfatizar seu comando, ele cortou a bochecha de Runa com a lâmina. Ela gemeu, mas através de sua ligação, Shade sabia que ela estava fora demais para sentir muita dor.

— Dane-se. — Shade forçou para manter a voz baixa mesmo, quando o que ele queria era gritar.

— Faça. — Outro estalo da lâmina abriu um corte perigosamente perto da jugular de Runa.

O cheiro do sangue de Runa encheu Shade com uma fúria, amarga e afiada. Ele queria mudar a forma para algo terrível e arrancar a porra da cabeça de Roag a mordidas. Mas ele não podia arriscar Runa, mesmo se conseguisse matar Roag, o exército de monstros que tinha trazido com ele, provavelmente levaria a todos eles.

— Wraith, Eidolon, — Ele não tirou os olhos de Runa enquanto gritava para seus irmãos, — para trás.

— Não vai acontecer, irmão. — As palavras de Wraith eram murmúrios sentimentais e Shade suspeitou que seu pequeno irmão estava falando através de lábios separados e uma boca cheia de sangue. O que significava que o gosto estava em sua língua e, entre aquilo e a dor, ele tinha ido pela sede de sangue de vampiro.

Merda.

— Pare-o — Roag advertiu, cavando suas lâminas na delicada pele de Runa entre a garganta e a mandíbula.



O coração de Shade martelou forte e um suor frio escorregou por sua testa. — E., você tem de parar Wraith, agora!

Dividido entre ficar o mais próximo possível de Runa e ajudar E. a derrubar Wraith, Shade hesitou, mas o som de Eidolon sendo atacado por Wraith pesou na balança. Shade disparou em direção a eles. Ele pegou Wraith por trás, conseguindo prender seus braços ao lado, mas apenas por um momento. Wraith tinha vantagem em qualquer dia, mas acrescente a isso a sede de sangue, e ganhar controle sobre ele transformava-se em uma luta feroz.

Eles o empurraram para o chão, mas porra, Wraith estava forte e zangado, e com o modo como seus olhos queimavam vermelhos e suas presas tinham se alongado em adagas, Shade duvidou que Wraith nem mesmo soubesse com quem estava lutando mais.

Eidolon usou seu peso para segurar Wraith ao chão, enquanto Shade canalizou poder para ele, usando seu dom para abrandar o coração e a respiração de Wraith, em seguida atingindo profundamente para cortar o fluxo de adrenalina.

— Alivie irmão. Fique parado. — Shade murmurou, mesmo enquanto olhava sobre seu ombro para ter certeza que Runa estava bem e nenhum dos subordinados de Roag estava indo lançar um ataque surpresa.

Derrubar Wraith foi dolorosamente lento e muito provavelmente inútil. Logo que eles o liberassem, Wraith provavelmente iria atirar nos demônios de Roag.

— Muito bom, muito bom. — Roag disse. — Mas honestamente, não posso acreditar que vocês dois ainda não descobriam que matar Wraith tornaria a vida muito mais fácil.

Eidolon arreganhou seus dentes. — Você sabe o que seria mais fácil, seu merda...

— Não. — Shade agarrou o braço de E. e apertou. — Não posso arriscar Runa.

O vento soprou as folhas nas árvores, trazendo consigo o cheiro de enxofre. Cães do Inferno.

— Onde você conseguiu os rastreadores? — Eidolon aliviou Wraith, que saltou agilmente para seus pés e ficou ali, tremendo com a quantidade de restrição que ele deve ter tomado para não ir à garganta de Roag.



Roag acariciou suas lâminas através do cabelo de Runa e agora fora Shade quem teve de conter-se, especialmente quando os cachos do seu lindo cabelo começaram a flutuar no chão. — O quê, você acha que não tenho meu próprio canil?

Estava na ponta da língua de Shade para dizer que Roag não conseguia controlar sua própria fêmea, muito menos um hellhound, mas com Runa ainda em perigo, Shade manteve sua boca fechada. Dois oficiais Carceris entraram na clareira, prisioneiros pelos subordinados de Roag.

Então foi assim que ele encontrou Shade. Ele havia tomado os Oficiais Carceris como prisioneiros e obrigou-os a usar os cães para rastreá-lo. Filho da puta.

— Shade? — A voz de Runa era tranqüila, mas firme, orgulho inchou nele. Ele não cheirava medo nela, em vez disso, sua força penetrava no ar. — Sinto muito.

— Está tudo bem, lirsha.

Roag bufou. — Você está sumindo. Estou ahando que não está tudo bem.

Um grito lento e profundo retumbou na garganta de Runa. O pulso de Shade entrou em taquicardia com pânico. — Runa, não!

Ela golpeou. Um golpe duplo, um chute na canela de Roag e um soco invertido em seu rosto. Uma onda de choque de energia atingiu Shade, ela estava tentando mudar.

— Vagabunda, — Roag assobiou e enterrou uma de suas lâminas no ombro de Runa. Seu grito cortou o ar. — esta lâmina é de prata sólida. Você não pode mudar.

Um véu carmesim desceu sobre a visão de Shade. Ele saltou para frente, porque iria rasgar a garganta de Roag. Algo perfurou seu pescoço. Um dardo, drogado, sem dúvida. Ele caiu no chão forte o suficiente para tirar o ar de seus pulmões. Determinado a chegar a Runa, ele arrancou o dardo de sua pele. A fúria de Eidolon e Wraith lhe disse que tinham sido vítimas do mesmo destino.

A última coisa que ele ouviu antes de perder a consciência foi o lamento monstruoso de Runa.



Capítulo Dezenove

Kynan ficou de pé no limiar para o apartamento de Gem, com um nó no estômago e com sua mente confusa pela meia dúzia de tiros de coragem líquida que ele tomara antes de vir.

Antes de Lori morrer, ele não fora muito de beber, mas ultimamente ele tem estado muito solitário e procurando muito ansiosamente o tipo de abraço que apenas o Capitão Morgan¹⁴ poderia dar a ele.

Apesar dele normalmente não cair nos braços do Capitão até meio-dia.

Mas essa manhã ele começara mais cedo, depois de ligar para Arik e confirmar que os militares sabiam sobre seu trabalho no HG. Ky deixou claro que ele não trairia Eidolon ou o hospital e Airik pareceu concordar com isso. Eles passaram algum tempo colocando o papo em dia e isso fora aconchegante – muito aconchegante. Seu sensor aranha¹⁵ estava formigando.

A porta abriu e Gem ficou lá, parecendo surpresa e realmente muito gostosa num blusão de moletom com decote V que mergulhava o suficiente para revelar um pouco do sutiã carmesim que havia embaixo. Sua minissaia preta parecia ser feita do mesmo tecido e era tão curta que ele perguntou-se se ela estava usando calcinha que combinava com o sutiã. Estranhamente, ele teve a impressão que essa era a ideia dela de um modelito casual para estar em casa.

— Kynan. Ah, que surpresa.

— Posso entrar?

Ela apertou os olhos para ele como se tentasse descobrir se era uma brincadeira, mas saiu da frente. Seu perfume doce e cítrico chegou até ele enquanto passava por ela e ele balançou-se muito próximo a ela. Era o álcool.

¹⁴ Capitain Morgan – Marca de Rum.

¹⁵ Aquele aviso interno do homem aranha.





Talvez, mas não era a merda do álcool que estava fazendo seu pau levantar em atenção.

Ele entrou na pequena sala de estar e virou-se para ela.

— Você estava arrumando-se para sair?

— Sair? — Ela olhou para suas roupas. — Oh, não. Nada especial, de qualquer forma. Eu estava indo ao supermercado mais tarde. Excitante né?

Seu pau empurrou, porque sim, ele estava excitado. Pequeno desgraçado.

Ele limpou sua garganta. Esfregou sua nuca. Engoliu algumas vezes para dizer o que ele precisava dizer.

— É, veja, Gem. Eu acho que precisamos conversar.

— Eu também acho. — Ela apoiou um lado do quadril na parte de trás do sofá de couro preto, como toda sua mobília. Até seu abajur era preto. Na verdade, tudo em sua sala era ou preto ou branco completamente. Nenhum tom de cinza para Gem, mas isso não era surpresa.

— Talvez nós pudéssemos começar com por que você ainda está torturando-se, — Ela disse bruscamente. — Lori já está morta há um ano.

Ele não esperara por isso e a surpresa rapidamente virou raiva defensiva. — Há um tempo limite para a dor? — Ele rosnou. — Isso é coisa de demônio?

— Por que sempre volta a esse assunto? Eu poderia dizer que acho que nuvens são bonitas e você diria que elas só são bonitas para demônios.

O fato que ela estava certa só o irritou mais. — O que você espera? Eu passei anos lutando contra eles. Perdendo amigos para eles. Perdi minha mulher para eles.

— E apesar disso, aqui está você no apartamento de um demônio.

— Não vou ficar aqui.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Por que você está aqui?

— Para me desculpar. Eu fui um idiota na outra noite. Eu não deveria ter enganado você daquela forma. Eu usei você e isso não é justo. Eu não farei isso novamente.





— Você não me usou. Eu precisava de você, você precisava de mim... Não há nada de errado com isso.

— Nós andamos em mundos diferentes, Gem.

— Oh, sério? Porque eu vejo você andando nos mesmos corredores do hospital que eu. Eu vejo você usando as mesmas roupas cirúrgicas que o demônio caduceu usa.

Xingando, ele apertou os dedos por seu cabelo. — Você acha que eu não sei quão bagunçado isso está?

— Eu acho que você está mergulhando em um mundo que você odeia para poder continuar com a sua raiva. Você não quer esquecer a traição de sua mulher, quer?

— Você não sabe de nada — Ele lançou.

— Você pensa que eu não vejo que não são os demônios que você odeia, mas você mesmo? Que você odeia o fato de estar começando a gostar de alguns de nós? — Ela andou até ele, ficou bem perto do seu rosto de modo que seus seios roçaram o peito dele. — Você odeia o fato de me querer. Está deixando-te louco, não está? Fodendo com a sua cabeça.

— Você sabe o que está fodendo com a minha cabeça? — Ele agarrou a bainha da saia dela e sua voz despencou para um rosnado baixo. — Essas roupas muito pequenas de piranha. Você fica excitada provocando homens? É de humanos que você está atrás? Você gosta de transar com eles e depois rir por conseguir fazer o humano inocente e estúpido foder com um demônio?

Eram perguntas injustas vindas da raiva, frustração e do velho simples desejo. Ele não tinha certeza do que ele esperava conseguir perguntando-as, mas não era um beliscão em seu bíceps.

— Idiota.

Ele piscou. — O quê?

— Você não é de difamar as pessoas, Kynan. — A voz dela estava suave, mas forte e surpreendentemente sem raiva. Depois do que ele disse, ela deveria estar furiosa. — Eu sei que você está ferido e perdido, mas sob tudo isso, você ainda é uma pessoa decente.

— Pare de dizer isso! Uma pessoa decente abandonaria as pessoas com quem ele trabalhou durante anos? Passaria o tempo com demônios? Desejaria levar um demônio à c... — Ele parou de falar antes que falasse demais, mas ela sabia.



— Eu nunca pensaria em você como um covarde, — Ela disse, o que fez o vapor ferver nas veias dele. —mas você é, não é? Você tem tanto medo de sua fraqueza que você não se permite sentir nada. Fazer nada que possa ir contra a montanha da superioridade moral que é a sua base para olhar para qualquer outra pessoa.

Covarde? Ele ainda estava preso naquela palavra, aquela que o levou de volta ao seu tempo no serviço militar, onde até mesmo o cheiro de covardia em alguém era uma marca que ele não poderia sacudir de sua carreira inteira. Ky não podia admitir o medo, quem diabos não teria enquanto encara um demônio Gerunti de 9 metros de altura com mandíbulas e garras de tiranossauro rex enquanto homem. Mas ele não era um covarde.

Exceto por ele estar apenas provando o propósito dela quando ele simplesmente não admitiu, até mesmo para ele, que ele a queria. Ele queria estar sobre ela. Dentro dela. Fazendo-a gritar.

Deus ajude-o, ele queria afundar no corpo de um demônio e limpar o resto de seus problemas. Apenas dar esse último passo para cruzar a linha que separa o bom do mau. Desagradável e agradável. Prazer e dor.

A linha ficou confusa quando ele se permitiu afogar-se nos olhos dela, mas quando ela umedeceu os lábios, a ponta rosa de sua língua dividindo-os em uma varredura lenta e sensual, ele não apenas pisou na linha; ele ultrapassou-a.

Sem aviso, ele agarrou o cabelo da nuca dela e trouxe sua boca até a dela. Ela enrijeceu-se. Selou os lábios e negou a entrada dele. Todos os instintos dele vieram para cima, os impulsos masculinos que exigiam que ele tivesse a fêmea sob ele, os impulsos militares que exigiam a vitória.

Ele trouxe seu corpo rígido contra o exuberante corpo dela. Com o coração apertado, acariciou os lábios dela com a língua numa crescente urgência. Ele segurou a bunda dela e pressionou-a contra sua ereção que crescia rapidamente e com um gemido, ela ficou líquida. Seus lábios divididos e rapidamente tirou vantagem.

Ela tinha um gosto bom, um sabor agradável de frutas doces e enquanto sua língua enrolava-se com a dela, tudo o que podia pensar era prová-la em todos os lugares. Ele queria deitá-la no chão e excitá-la tanto que ela gritaria por mais...

E depois o quê? Eles casariam-se e viveriam para sempre?



Ofegando, Ky desligou-se dela. Seu sangue pulsava em suas veias e seu pênis. — Eu não posso. Isso não pode acontecer.

Os olhos de Gem estavam vidrados, o brilho de apenas um farol tudo o que o fazia macho. — Sim, pode. Somos adultos, Kynan. Não precisamos de permissão. — Sua voz afiada. — Ou isso tem a ver com sua fobia de demônios?

Ele desejou que fosse só a coisa sobre demônios. — Eu não estou pronto para nada legal, Gem. Eu trataria-te com grosseria, com uma desconexão emocional muito grande. — Ele pegou o queixo dela em sua palma e chegou perto. — Não seria nada além de uma transa e você não seria nada mais que um corpo para eu comer. Eu não posso te dar mais nada agora e você não merece isso. Eu não posso te dar o que você quer. Eu nem mesmo sei se um dia poderei. A única coisa que eu sei é que eu não tenho nada para te oferecer a não ser sexo. Ele virou-se, ouviu-a aproximar-se, droga.

— Tudo bem, — ela disse. — Ky, eu desejo-o há muito tempo. Se eu achasse que teria uma chance com você quando Lori estava viva, eu teria tentado agarrar-te e eu não me importaria por você ser casado.

Sua voz, com um toque de tremor, colocou-o a nocaute. — Deus, Gem, você pode conseguir algo melhor que eu. Você precisa encontrar alguém melhor que eu. Você merece muito mais do que eu posso oferecer.

— Uau, quase parece que você me respeita. Um demônio. Quero dizer, sério, um demônio merece ser tratado bem? — Agora seu tom estava amargo. Ele rangeu os dentes porque ela estava certa. Ela era um demônio. Por que ele estava preocupado com seus sentimentos? Sua fragilidade?

Ele virou-se. — Então você quer isso? Você realmente quer que eu transe com você como um animal?

— Sim — Ela sussurrou.

Ele estava sobre ela num instante. Ele virou-a e inclinou-a sobre o braço do sofá. Com uma das mãos ele puxou a saia dela para cima, com a outra ele liberou sua enorme ereção. Deus, a visão de sua bunda empinada e redonda fê-lo ofegar ainda mais e ele levou só um momento para acariciar a pele macia dali. Ela estremeceu e empurrou contra ele de forma imoral. Incapaz de esperar e sem querer atrasar as coisas, ele rasgou sua calcinha (vermelha, como ele imaginara) e embanhou-se em uma carícia poderosa.



Ele sentiu sua barreira muito tarde, ouviu-a chorar de dor que não parara nem mesmo depois que ele congelara.

— Merda. — Fehando seus olhos ele respirou fundo. — Por que você não me contou?

— Porque, — Ela murmurou, cabeça arqueada para que ele não visse seu rosto, — eu tive medo que você não fizesse se você soubesse.

Resmungando, ele saiu dela. — Droga, claro que eu não estaria! — Merda. Merda, merda, merda. Ele já havia ficado mole, então ele colocou as calças novamente e desmoronou na parede antes de seus joelhos cederem. Uma virgem. Ele só tivera uma antes dessa.

Lori.

Ele também era virgem quando a conheceu. Ele tinha acabado de completar 18 anos e estava navegando para um campo de treinamento de novos recrutas. Ela estava na estação MEPS, alistando-se. Foi amor à primeira vista e apesar de ele nunca ter verdadeiramente esperado encontrá-la novamente, eles acabaram na mesma base. Eles namoraram por seis meses e depois se casaram num moinho.

Ele tirou a virgindade dela naquela noite, devagar, gentilmente. Fora uma experiência incrível para os dois.

E agora ele estava tirando a virgindade de Gem, brutalmente e nem mesmo dera a ela um orgasmo como apresentação.

— Merda, Gem, — Ele disse cansado. — por que eu? Por que você esperou tanto tempo e depois abriu mão por mim?

Ela virou-se para ele, abaixando a saia com suas mãos trêmulas. Ela não olhou para ele enquanto dizia, — Eu sou apaixonada por você há anos. Desde que eu te vi pela primeira vez no General Mercy.

Aqueles dias pareciam tão distantes. Ele costumava levar guardiões feridos para um médico de lá, um que sabia sobre a batalha entre a Aegis e os demônios.

— Eu não podia fazer sexo com mais ninguém, — Ela continuou, — mesmo sabendo que eu tinha pouquíssima chance com você. — Ela fungou e secou uma lágrima com as costas de suas



mãos. — Eu só... Eu só queria te dar algo puro. Isso é tudo o que eu tenho. Tinha. Tudo mais em mim está manchado com o sangue demoníaco. Mas eu tinha isso. E sempre fora seu.

Ah, inferno. O peito dele apertou como se um torno invisível tivesse o envolvido. A vergonha fez a sua pele parecer rastejar para fora dele. O que ele deveria responder a isso?

O toque de seu telefone o assustou e ele odiou-se por suas mãos trêmulas enquanto ele tirava o telefone do bolso. — Fale.

— Ky, cara, é o Arik. Eu não posso chegar a Runa e eu tenho algumas informações que podem ser importantes. Você sabe como contactar Shade?

Kynan jurava que Arik engasgou-se com o nome de Shade, o que não seria surpresa se ele soubesse que sua irmã estava acasalando-se com ele. Um demônio. — Eu farei o meu melhor. — Ele desligou. Não olhou para Gem quando disse — Eu tenho que ir.

Ele saiu sem olhar para trás, provando que ele era o covarde que ela dissera que ele era.



Consciência girou em volta de Runa e com isso veio a escuridão tão abundantemente que ela não teve certeza se seus olhos estavam abertos até que piscou várias vezes.

— Runa. Lirsha. Acorde.

A preocupação de Shade cortou caminho pela escuridão. Levantando sua cabeça, ela recuou pela dor da mordida marcando a parte de trás de seu esqueleto. Ela engoliu, uma tentativa ineficaz de reprimir a náusea borbulhando em seu estômago. Onde ela estava?

Luz laranja tremeluziu nos cantos de sua visão quando ela sentou-se no frio chão de pedra, o tinido das correntes fixas em volta de seus tornozelos ecoava em volta dela. Ela deu uma olhada para a luz. Chamas de velas? Não, tochas. Familiar. Ela fungou o ar, absorvendo os odores opressivos de sangue, ferrugem, fezes e terror.

Oh, Deus. Ela estava no calabouço de Roag novamente. Seus estômago embrulhou e ela reclinou-se a tempo de evitar vomitar em seu colo. Seu intestino estarreceu, esvaziando seu





conteúdo em um jato quente. Através de suas orelhas com argolas, ela ouviu Shade repetindo seu nome, a voz dele ficando mais preocupada a cada Segundo que passava.

A memória de sua captura atingiu-a como um trem de carga e ela desejou poder passar novamente para a deliciosa ignorância. Ela fechou os olhos e considerou admitir a derrota para fazer exatamente isso. Ela já havia feito isso antes, uma vez quando seu pai entrou numa bebedeira. Por três dias ela ficara deitada no chão do armário, sua mente levando-a a algum lugar muito mais prazeroso, um lugar onde ela não estava consciente de qualquer coisa que estava acontecendo ao redor dela. Os médicos chamam isso catatonia¹⁶ e eles finalmente tiraram-na dela, mas ela nunca esquecera quão fácil fora chegar lá.

Quão fácil seria voltar para lá agora.

— Runa, querida, fique comigo.

Shade sabia. Sabia o que ela estava pensando, conhecia sua fraqueza. Ele tirara dela a culpa que a atormentara por anos, mas ele não tirara dela a garota que fora. Ela continuava dizendo que mudara no último ano, que ficara mais forte, mas o fato que queria admitir a derrota e desistir provava quão fraca ela ainda era.

— Runa. — A voz de Eidolon, uma fala lenta, profunda e controladora a trouxe para cima da neblina de auto-piedade. — Olhe para mim.

Ainda em suas mãos e joelhos, ela virou a cabeça para ele. Ela pensara que estava em uma cela parecida com uma que ela e Shade compartilharam anteriormente, mas essa era pior.

Eles estavam no calabouço de Roag, mas eles estavam aprisionados na grande sela exterior onde Roag mantinha os instrumentos de tortura. Ela estava acorrentada à parede, enquanto Shade e seus irmãos foram despidos e comprimidos em gaiolas individuais. Shade pressionou-se contra as barras do meio da gaiola como se tentando chegar o mais perto dela possível, seu corpo vasculando na solidez.

— Oh, Shade — Ela sussurrou.

¹⁶ Esquizofrenia com grave perturbação psicomotora que pode envolver estupor, mutismo, negativismo, rigidez, excitação sem sentido e posturas bizarras.



— Ouça-me — Eidolon disse de sua gaiola à esquerda de Shade. Ele estava sentado nas barras traseiras, os braços descansando casualmente em seus joelhos como se ele estivesse deitado em casa em frente à TV. — Quanto mais Shade se preocupa com você, mais sua maldição progride. E se você morrer, o sofrimento dele vai matá-lo. Você precisa aguentar. Ser forte.

— Ela é forte. — Shade disse. Seu olhar negro perfurou-a, com intensidade. — Você é. Você superará isso.

Roag saiu da escada sombria no fundo da sala, seguido por dois demônios musculosos e com cabeça de carneiro. — E isso não seria um bom truque? Sobreviver a isso, eu quero dizer. — Ele arrastou-se adiante num rodopio dramático e flexível de manto preto.

Wraith, que estava de pé no canto de sua gaiola, a cabeça pendurada e o cabelo cobrindo seu rosto com sangue seco, assobiou. Runa arfou. Wraith parecia, bem, um demônio. Sua expressão era uma máscara de raiva, suas presas do tamanho das de um tigre e seus olhos brilhavam como âmbar jogado no fogo. Ele era uma massa de sangue e escoriações, muito pior que Shade e Eidolon e quando Roag aproximou-se, Wraith ficou violento. Ele atacou as barras, dando repetidos golpes nelas como se tentando quebrar todos os ossos de seu corpo para que ele pudesse se espremer entre elas. Shade tentou fazê-lo parar, mas nada funcionou.

— Ele é tão excitável. — Roag disse casualmente. — Por outro lado, eu provavelmente seria, também, se eu tivesse sido mantido numa gaiola e torturado por vinte anos.

— Você nos tem todos juntos agora, — Eidolon repreendeu enquanto ficava de pé. — o que você quer?

Atrás de Roag, os dois demônios desajeitados acenderam fogo na lareira. — Eu tenho uma lista de uma milha de comprimento, irmão. E ela começa e termina com dor. — Roag sorriu. — E isso é algo que você conhece bem, não é, E.?

Wraith tranquilizou-se em sua gaiola, cabeça baixa, ombros pesados, seu olhar perfurando Roag.

— Cale a boca. — Eidolon bateu nas barras de sua gaiola. — Cale a porra da boca.

— O quê? Você não quer que o pobre Wraith saiba o quanto você sofrera por ele?

— E. — O baixo murmúrio de Wraith vibrou nos ossos de Runa. Algo ruim, muito ruim estava para ser revelado.



Roag virou para Wraith. — Era provavelmente muito ruim aprender que Shade sai torturando as fêmeas. Eu imagino que saber o que o Concelho Vampírico faz com Eidolon uma vez por mês não cairia bem para você de forma alguma. Poderia jogar-te completamente sobre a margem. Você nunca fora muito estável.

— Seu idiota, — Eidolon sussurrou. — eu confiei em você. Eu me preocupei com você!

Shade deu de ombros. — Eu nunca confiei. Você sempre foi um bundão.

Roag disse algo em outra língua para seus servos, que pressionaram pás de ferro no fogo que eles acenderam e o sangue de Runa correu tão frio quanto o Hudson no inverno.

— Você terá o seu em um minuto, Shade. — Roag chegou perto da gaiola de Wraith, mas não tão próximo, Runa notou. — Você sabe como o Conselho Vampírico deixou-te em paz? Como você pode matar e matar e eles não fazem porra nenhuma sobre isso? É porque há muito tempo atrás, nosso querido irmão Eidolon voluntariou-se para receber a punição por você.

Wraith ficou tão pálido que Runa pensou que ele iria desmaiar. — Não.

— Seu merda, — Eidolon murmurou. — eu vou desmontar você com minhas próprias mãos.

— Oh, você irá desmontar um de nós, mas isso será depois. — Roag prometeu, sem tirar os olhos de Wraith. — Agora, irmãozinho, você sabe qual a punição dos vampiros por matar mais humanos do que a sua cota de humanos por mês? Você sabe que eles passam horas brutalizando Eidolon? Quando eles terminam, não há uma polegada do corpo dele que não esteja ensanguentada. Essa é a parte engraçada. Tem sido assim há anos. Eu certifiquei-me disso.

Os olhos de Eidolon arregalaram-se. — Você. Você tem se transformado em Wraith e feito a matança.

— Wraith gaba-se o bastante de suas matanças para que você seja torturado sem a minha ajuda, mas realmente, eu gosto de matar humanos.

Wraith começou a tremer e seus olhos ficaram tão assombrados e cheios de dor que Runa pode praticamente sentir seu sofrimento. — Por que, E.? — Ele resmungou. — Por que você não me contou?



Roag riu. — Idiota. Eles não te contaram porque você é um pequeno verme fraco. Eu nunca realmente entendi por que eles não te deixaram morrer naquele depósito.

— Não o ouça, Wraith, — Shade disse, sua voz controladora e fria cujo objetivo era chamar a atenção de Wraith e mantê-la. — E. leva a punição por que você já levou o bastante. Nós não te contamos pela mesma razão.

— Ele não passou por quase nada. — Roag disse. — Nenhum de vocês passou. — Ele estalou os dedos e dois outros demônios que devem ter se arrastado pela escada enquanto Runa estava entretida na conversa trazida por uma fêmea pálida que andava como um zumbi.

Que era, Runa percebeu com horror, porque ela era um zumbi. Jesus, era a fêmea que Runa matara quando ela e Shade escaparam.

— Oh, você é um doente, — Shade disse, enquanto ele olhava para a fêmea. — você a reanimou.

— Sim, e sua companheira será o sacrifício de sangue que eu preciso para trazer meu amor completamente de volta à vida.

Os lábios de Shade arrastaram-se em uma silenciosa reclamação. Em um movimento tão rápido que Runa não percebera até que tinha acabado, ele transformou-se num tipo de demônio magro e comprido e com um braço enorme golpeou as barras até Roag. As garras de Shade pegaram Roag pelo peito e o sangue respingou no rack de Madeira perto dele.

Roag uivou e saltou para trás. Fúria fria e perversa queimou em seus olhos. — Eu vou divertir-me fazendo você sofrer. Eu vou divertir-me fazendo todos vocês sofrerem. — Ele colocou sua mão nas costelas enquanto virava-se para Eidolon. — Eu mencionei a melhor parte disso tudo? Além de matar Runa na frente de Shade e observá-lo decair para sempre? Eu vou remover algumas partes seletas, tirar sua pele e depois fazer você transplantar todos os bons pedaços de Wraith em mim.

A mandíbula de Runa quase tocou o chão. Os olhos de Eidolon ficaram carmesim furioso, brilhando como luzes de natal. Luzes de natal do mal.

— O que faz você pensar que algum dia eu faria algo assim? — A voz de Eidolon soou como se tivesse sido cavada do mais profundo buraco do inferno.





— Porque, querido irmão, se você não fizer, eu vou torturar Tayla de formas que você não pode nem imaginar.

O terror de Eidolon a atingiu numa explosão de frio. — Você não tem Tayla.

— Não ainda. Mas eu terei. Ela será atraída até você pelo seu sofrimento.

Shade sacudiu a cabeça. — Não ouça, E.. Lembre-se como Wraith não podia me sentir enquanto eu estava aqui?

— Eu removi o feitiço de amortecimento. — Roag disse. — Ela virá. E quando ela vier, eu estarei pronto. — Ele aproximou-se silenciosamente do fogo, onde muitos ferros estavam aquecendo. Ele acenou para os dois demônios musculosos e cada um deles pegou um ferro brilhante das brasas. Ele sorriu quando se virou para Shade.

— Hora da diversão, meninos.



Capítulo Vinte

Kynan não teve sorte na sua tentativa de encontrar Shade ou Runa no hospital e não pode localizar Eidolon e Wraith. Quando estava a ponto de voltar a ligar para E. seu celular soou. Olhou a tela e viu que a chamada provinha da casa do cirurgião.

— Eidolon?

— Não. É Tayla. — A voz da guardiã tremia de pânico — Eidolon está sofrendo. Oh, Deus, Kynan, temos que fazer algo.

A adrenalina impulsionou o corpo do ex-agente em uma descarga que foi desde o mais profundo do seu estômago até a parte superior do crânio e teve que lutar com todas as suas forças para falar com sua voz mais calma de profissional da medicina.

— Se acalme Tayla. Fale mais devagar e diga-me o que está acontecendo.

Do outro lado da linha escutou-se um soluço sufocado. Depois, Tayla começou a falar.

— Eidolon ligou-me há algumas horas do hospital. Disse-me que Wraith estava meio louco por algo que havia acontecido e que havia lhe pedido que fosse a casa de Shade. Desde então, não voltei a saber de mais nada dele... — Sua voz quebrou-se com um soluço entrecortado.

Um gelado calafrio percorreu a coluna de Kynan. Se os três irmãos estavam juntos e um deles estava sofrendo, sem dúvida tinham graves problemas. Muito graves.

— Tayla, me escuta. Pode sentir Eidolon, não? Por isso sabe que está sofrendo.

— Sim. Tenho que chegar a ele como seja. Certamente Roag os tem apanhados.

— Pode encontrá-lo? Pode usar o vínculo que compartilham para localizá-lo?

— Sim... Além disso, ele disse algo sobre a masmorra de Roag. Que fica na Irlanda, se não me engano. Vou para lá.





— Não. Não pode ir sozinha. Vou com você.

— Kynan, você não pode viajar através dos portais de deslocamento.

O ex-agente emitia um grunhido de exasperação. Havia esquecido das restrições que tinham os humanos. Apenas os que tinham a alma escura ou estavam inconscientes podiam atravessá-los, de forma que teriam que deixá-lo fora de combate se quisesse acompanhar Tayla. A ideia de ir sozinha produzia-lhe calafrios. Se o humano em questão despertava no meio de uma das viagens morria imediatamente.

— Podemos superar esse impedimento — Kynan murmurou — Vá ao hospital e espere-me ali.

— Precisamos da Gem.

— Ligarei para ela.

— Não responde ao celular. A última vez que falei com ela estava alterada porque um imbecil lhe havia feito algo... Foi ao Vamp. Pode passar por ali e buscá-la?

Merda. O Vamp. O clube gótico do Inferno. E Kynan sabia perfeitamente quem era o imbecil do qual falava Tayla.

— Escuta, não lhe ocorra fazer nada estúpido e ir sozinha atrás de Eidolon. Espera até que cheguemos ao hospital. Entendido?

— Sim. Vá depressa, Kynan.

O ex-agente desligou e conduziu-se diretamente ao Vamp, um clube escuro, ruidoso e cheio de pervertidos. Pela música que soava, ele imaginou que aquela era a noite dedicada ao death metal. Avançou entre a multidão, apertando os dentes para suportar o roçar de carne contra carne. A metade dos que ali estavam presentes usava muita roupa e a outra metade tudo ao contrário. Gem, sem dúvidas, estaria entre esses últimos e o mero pensamento fez que fechasse com força os punhos por causa de uma fúria possessiva que não tinha o direito de sentir.

Varreu o local com o olhar e, ao vislumbrar uma mecha negra e azul movendo-se ao compasso da música, saiu disparado nessa direção. Viu Gem antes que ela o visse e, embora um cúme incompreensível cravou-se como fortes garras em suas entranhas ao observar como um





enorme vampiro sujeitava-a enquanto dançavam, não pode fazer outra coisa a não ser parar e contemplá-la absorto.

Usava umas botas negras com saltos de quinze centímetros que realçavam suas longas e estilizadas pernas e deixavam ver as tatuagens de rosas com hastes largas que chegavam até a parte interna da coxa. O conjunto completava com uma micro saia, também negra, e um corsé vermelho que se agarrava aos seus peitos e que, através de uma corrente, conectava-se ao colar de pontos que se ajustava ao seu elegante pescoço. Kynan nunca fora atraído pelo estilo gótico, mas nela resultava-lhe irresistível e surpreendeu-se desejando ser o homem que sujeitava a jovem, em vez do perdedor com o qual estava dançando.

Um perdedor que certamente ia dar-lhe o que ele não havia podido lhe dar. Um perdedor que a levaria para casa e faria amor com ela suavemente, sem fúria. Que lhe proporcionaria um orgasmo enquanto movia-se dentro dela, beijava-a e acariciava sua pele suave.

No entanto, para Kynan custava muito imaginar que um tipo que ia pintado com base branca e lápis de olho preto, fosse um amante decente. E por outro lado, não queria imaginar Gem com outro.

De repente, como se a jovem houvesse percebido a presença de Kynan, virou-se para ele. No primeiro momento os olhos femininos brilharam com surpresa, mas depois se estreitaram e lançaram-lhe um olhar de desafio.

Afastou de um empurrão o vampiro com o qual estava dançando e, sem deixar de olhar-lhe, abriu caminho a cotoveladas até o lugar em que Kynan encontrava-se. O ex-agente sentiu como se houvesse mergulhado em algum tipo de feitiço que o obrigava a permanecer imóvel enquanto a jovem aproximava-se dele até que ficaram frente a frente, com seus seios roçando o tórax. Depois, Gem agarrou-o pelo colarinho e puxou-o, empoleirando-se em uma das suas coxas. Sem dúvidas deve ter percebido como a ereção de Kynan ardia sobre seu ventre, do mesmo modo que ele sentiu o calor que o centro de Gem irradiava sobre sua coxa.

Estava claro que ela queria pagar-lhe na mesma moeda. E embora Kynan tivesse gostado de deixá-la conseguir seu objetivo (o excitar até um ponto sem retorno e que depois partisse sem que ele tivesse gozado) havia vidas em jogo e tinham que agir antes do possível. Ainda assim, Ky permitiu-se o luxo de perder uns segundos. Pegou-a pelos esbeltos quadris e moveu-se contra ela, criando sua própria versão do atrevido baile que a jovem havia dividido com o vampiro. E pela forma que Gem começou a gemer, ele diria que havia superado ao outro tipo com distância.



O desejo e a paixão arderam nos olhos da jovem e, embora Kynan soubesse que não deveria fazê-lo, reclamou sua boca com absoluta urgência e ferocidade. O beijo deixou-o sem ar e quase se esqueceu da razão que o havia levado a esse lugar. Por sorte, conseguiu recobrar a postura a tempo e obrigou-se a afastar-se dela.

— Não vim aqui para isso — Gritou por cima da música estrondosa.

Gem separou-se dele e colocou as mãos nos quadris.

— Estou certa disso — Ironizou — Não acredito que me queira foder em um clube lotado de gente, quando nem sequer atreveu-se a fazê-lo em privado.

Ele merecia o golpe baixo.

— Tayla precisa de nós.

Sem perder nem um segundo mais, agarrou sua mão e tirou-a arrastada do local. Mas quando chegaram à rua, Gem soltou-se de um puxão, fazendo que se detesse em seco.

— Do que está falando?

Kynan voltou a pegá-la pela mão e afastou-a da fila de gente que estava esperando para entrar na Vamp.

— Os três irmãos Seminus estão desaparecidos. E também Runa. Tayla disse que E. está sofrendo algum tipo de dor.

— Roag?

— É o mais provável. Temos que encontrá-los.

Seu celular começou a tocar e Kynan tirou-o do bolso enquanto ele e Gem iam correndo para seu Mustang. O nome de Arik apareceu na tela que identificava as chamadas.

— Fala.

— Encontrou minha irmã?

— Acredito saber onde se encontra, embora ainda não tenhamos como encontrá-la.

Arik xingou baixinho.



— Vou para Nova York, mas há algo que preciso que diga no caso de que a encontre antes de mim.

Kynan escutou atentamente Arik e, embora não entendeu nada do que lhe disse, prometeu transmitir a mensagem palavra por palavra quando encontrasse Runa.

Se é que conseguisse sobreviver a essa noite.



Shade estava esperando na jaula que Roag voltasse e continuasse com sua diversão.

Diversão. Sim, apunhalar e bater nele e em Eidolon com atizadores em brasas era muito divertido. Fazia já várias horas que Roag havia levado seus ajudantes e sua namorada com ele, assim Shade, seus irmãos e Runa podiam usufruir de paz por um momento.

Eidolon havia sentado no canto da jaula em que estava preso e tentava esconder a dor que sentia da melhor forma possível. Não queria que Tayla pudesse perceber e que terminasse apresentando-se ali, mas Shade temia que já fosse muito tarde.

O paramédico franziu a testa e esfregou uma área da coxa onde o atizador havia especialmente incrustado, embora, como a maior parte das feridas que havia infligido, o calor as havia cauterizado, assim apenas algumas seguiam sangrando.

Por outro lado, apesar de que Roag o havia ameaçado de deixar seus ajudantes violarem Runa, aquilo ainda não havia acontecido, graças aos deuses, e não haviam colocado um dedo em cima de Wraith, embora o meio vampiro fosse precisamente o que mais havia sofrido. Havia fiado completamente louco enquanto queimavam, apunhalavam e batiam em seus irmãos, jogando-se uma vez e outra contra as grades da sua jaula até que não era mais que uma sangrenta massa de carne. Nesse momento estava imóvel, como se tratasse de uma estátua, com o olhar cravado na escada pela qual Roag havia desaparecido. Seus olhos refletiam uma promessa de morte. Morte e um pouco de loucura que indicava que agora estava em um lugar de sua mente que ninguém deveria conhecer.





Não havia pronunciado uma só palavra durante horas, sem importar o que Shade houvesse dito ou feito para tirar-lhe do estado em que ele estava mergulhando e o paramédico começou a perguntar-se se seu irmão chegaria a recuperar-se daquela experiência.

Sempre que saíssem dali com vida, claro.

Shade estremeceu-se ao lembrar os planos que Roag tinha para todos eles. Morrer era uma coisa, mas esfolar Wraith e extrair partes do seu corpo enquanto estava com vida e depois obrigar E. a transplantá-los em Roag era... Deus... Foda.

Olhou sua companheira e sacudiu ruidosamente as grades da sua jaula, esperando chamar a atenção de Runa e fazer com que desaparecesse a ferocidade que queimava em seus olhos.

— Carinho? Está bem?

A jovem havia ficado tão louca quanto Wraith quando Roag e seus ajudantes divertiram-se com eles e tinha os tornozelos em carne viva e sangrando pela força com a qual havia tirado os grilhões aos quais estava acorrentada.

— Matarei-o. — A voz de Runa estava rouca de tanto gritar, mas nem por isso suas palavras soaram menos firmes.

Shade estava convencido de que, se apresentasse a oportunidade para a jovem, não duvidaria em acabar com Roag com suas próprias mãos.

O peito de Shade encheu-se de orgulho. Respirou fundo e o sangue correu a seu coração. O amor invadiu seu coração de uma forma tão quente, tão maravilhosamente intensa, que os olhos ameaçaram rasgar-se em lágrimas.

— Shade. Merda. — Eidolon colocou-se de pé com um salto.

Runa proferiu um lastimoso gemido.

— Oh, não. Shade, não.

O paramédico olhou para baixo e sentiu que o mundo caía aos seus pés. Quase não podia ver o corpo. Estava desvanecendo por completo e, ao passo que ia, ficariam apenas alguns minutos de existência.





Kynan, Gem e Tay estavam de pé de frente ao portal de deslocamento do setor de emergências. Tayla havia passado algumas horas de incalculável valor inspecionando os arredores dos portais que havia na Irlanda, mas uma vez que encontrou o que buscava e neutralizou o demônio que o cuidava, retornou imediatamente ao hospital para levar com ela a Ky e Gem.

Gem ainda não havia dirigido a palavra ao ex-agente desde que saíram do Vamp.

— Colocou-se em contato com alguma célula irlandesa da Aegis para que nos ajudem? — A doutora perguntou a sua irmã.

— Haveria gostado — Tay respondeu — Mas não acredito que fossem capazes de ocupar-se somente de Roag e seus demônios e deixar o resto.

Ky fez um gesto de assentimento.

— Estou de acordo. Por muita ajuda que nos prestaram, teríamos que lhes dar muitas explicações, sobre tudo se você quiser transformar-se. Além do mais, já temos reforços.

Os demônios que os rodeavam assentiram em silêncio. A maior parte dos membros do pessoal que estava de serviço havia se oferecido de voluntário para resgatar E. e seus irmãos, o que dizia muito da sua lealdade, tendo em conta o perigoso que Roag era.

Tayla sorriu enquanto recolhia seu cabelo avermelhado em um rabo de cavalo.

— Quem teria imaginado, hein?

A companheira de Eidolon havia colocado a vestimenta de couro vermelho que usava apenas para lutar. Muitos demônios eram incapazes de visualizar essa cor, o que fazia que fosse o tom ideal para passar despercebida, inclusive mais que o preto.

— Sim. Demorei a dar-me conta, mas nem todos os demônios merecem morrer. — Kynan olhou de soslaio para Gem e logo voltou a fixar a vista em Tayla — Está pronta?

— Pronta e bem disposta.

Tayla estendeu a mão e Kynan deu-lhe uma das seringas que havia preparado e cujo conteúdo deixaria-o fora de combate por uns cinco minutos, Tempo suficiente para atravessar o portal. Havia sido generoso com a dose, já que, sendo humano, despertar no meio do trajeto seria sua morte. E se houvesse chegado sua hora, preferia morrer lutando contra Roag que dentro do portal.





— Ouçam, — Tayla disse, então, dirigindo-se a todos ali presentes — uma vez que saíamos do portal, eu estarei no comando. Estou certa de que Roag espera somente por mim, assim deixarei que me capturem. Vocês vão atrás quando me levarem para dentro do castelo, ataquem enquanto estão ocupados comigo. Entendido?

Os murmúrios de assentimento do grupo que os acompanhava elevaram-se acima dos tênues sons do hospital. O certo é que ninguém gostava da ideia de Tayla atuar como isca, mas não ficava outra opção se quisessem salvar aos três irmãos Seminus.

Gem preparou-se mentalmente para a luta e pendurou no ombro uma mochila cheia de armas. Tay usava várias delas escondidas por todo o corpo, como Roag certamente esperaria. E Ky ia sobrecarregado pelo excesso de peso, embora voltar a usar suas armas junto com um kit médico, resultou-lhe reconfortante.

Antes que Tayla pudesse dar-lhe a injeção, Ky agarrou-lhe pelo pulso.

— Se não recuperar a consciência em quatro minutos depois que tivermos chegado à Irlanda, que Gem me injete o episol que há no kit.

O ex-agente sabia que estava correndo um enorme risco ao usar o estimulante a base de epinefrina que Eidolon havia criado para usar com pacientes híbridos, metade humanos, metade demônios, mas precisava estar de pé o quanto antes possível.

Abasi, um enorme metamorfo leão, colocou-se atrás de Ky enquanto Tay injetava-lhe o conteúdo da seringa no braço. No mesmo momento, a visão do ex-agente ficou negra e apenas estava consciente de como Abasi fazia cargo dele



Capítulo Vinte e Um

Shade estava quase perdido para ela. Runa não conseguia tirar os olhos dele, não conseguia segurar as lágrimas de derramarem-se pelo seu rosto. Eidolon disse para Shade não olhar para ela, porque isso parecia fazer sua transparência pior, mas ele continuou roubando olhares de qualquer maneira. A dor nos olhos dele chegou a ela e, Deus, ela queria gritar até que perdesse sua voz e sua mente.

— Está na ho-ra. — A voz cantada de Roag enviou um arrepio na espinha de Runa. Ele guiou sua namorada zumbi para o calabouço e sentou-a em uma das mesas de autópsia que ele tinha montado depois de torturar Shade e Eidolon. — E eu tenho um presente para você.

Os sons de luta e de correntes vieram de dentro da escada e, enquanto Runa observava, três demônios arrastaram uma fêmea humanóide sangrenta para o calabouço. A devastação no rosto de Eidolon disse que esta era Tayla.

Ela deve ter sido extremamente forte, porque os três demônios, embora tivessem o dobro do tamanho dela, estavam lutando para mantê-la sob controle.

— Estou tão feliz que você pode juntar-se a nós, disse Roag. — Levou bastante tempo. Eu estava começando a pensar que você não se importava.

— Se você tocar em um fio de cabelo da cabeça dela, você não vai conseguir o que quer de mim, — Eidolon jurou e Roag bufou.

— Você vai mudar de ideia quando meus lacaios estiverem estuprando-a. Ele apontou para a esquina, onde uma coisa imensa com presas salientes em sua boca encarava-a, com um olhar de puro mal, e luxúria, em seus olhos. — Ele vai primeiro. — Roag caminhou até Runa e lançou-a a partir de seus vínculos. — Claro, eu não quero que essa se sinta deixada de lado.

A sensação de queimação ardeu no ombro dela e através dos pontos em sua visão ela viu o porquê. Roag tinha a empalado com algo que se assemelhava a uma agulha de tricô de prata,





obviamente, para evitar que ela mudasse de forma. Isso também a deixou muito fraca para lutar e ela odiava como estava tão mole que ele arrastou-a para o lado de sua namorada zumbi.

Apertando o pulso de Runa em uma mesa de pedra maciça, Roag saiu afora para pegar uma espada arredondada para fora da parede. Sorrindo, ele testou a borda.

— Isso vai doer, Runa. Não tem que doer, mas onde está a diversão nisso? — Ele lambeu a lâmina, provou quase amorosamente antes de falar novamente. — Veja, minha querida Sheryen necessita do seu sangue, mas ela também precisa do seu coração. Enquanto ele ainda está batendo, é claro. — Roag carinhosamente acariciou a bochecha de Sheryen.

Ele voltou seu olhar para Runa e, nesse momento, Roag englobava tudo o que ela cresceu acreditando sobre demônios. Uma loucura maléfica queimava em seus olhos, um profundo ódio por tudo de bom, um amor por tudo que era profano e errado.

— Mestre! — Uma coisa verde com chifres tropeçou para fora da escada, segurando uma parte sangrenta de um braço. — Nós estamos sob ataque!

De cima, o som de metal contra metal e punhos em carne juntou-se a gritos de dor. O inferno começou como um flash de luz e quase cegou Runa e, em seguida, de pé, onde Tayla tinha estado, tinha uma espécie de criatura. Algo que se assemelhava a Tayla, mas era maior, com asas de morcego e pele escamosa.

Sem mencionar dentes enormes e garras. As correntes segurando a besta desintegraram-se, e saltaram para Roag.

Por um momento, parecia que a coisa-Tayla ia acabar com todo mundo, mas como os lacaios de Roag se juntaram, Tayla começou a levar uma surra. Roag, sangrando por uma ferida aberta no ombro, rosnou quando trouxe sua espada para baixo com ambas as mãos. Tayla gritou e voltou a sua forma humana, a lâmina enterrada em seu abdômen.

Eidolon soltou um grito de lamento que ecoou pela masmorra. Um frio projetou-se acompanhado do som de suas angústias, ambos continuando por muito tempo depois que eles deveriam ter desaparecido.

A batalha aproximava-se, mas Runa não podia olhar para longe da vista da companheira de Eidolon contorcendo-se de dor no chão.

— Veja o que está acontecendo lá em cima! — Roag latiu para um de seus demônios.



O macho que estava esperando sua vez com Tayla gruniu, literalmente, para a escada onde dezenas de demônios esparramaram-se. Runa observava impotente como Kynan, Gem e uma variedade de demônios, alguns vestindo avental hospitalar, envolvidos em um sangrento, combate à violência. Quando Gem levou uma pancada na cabeça e caiu no chão, Kynan chicoteou uma pistola de sua jaqueta de couro e abriu um buraco do tamanho de punhos no peito do demônio que havia atingido Gem.

Ainda assim, mesmo com impressionante arsenal de armas de Kynan, os lacaios de Roag ganharam o lado superior e foram lentamente, mas seguramente batendo os mocinhos. Roag estava na margem, pairando protetoramente sobre Sheryen.

O tempo diminuiu de velocidade e Runa sentiu um soco no estômago cada vez que um demônio amigável caía. O seu pulso batia em seus ouvidos, abafando os gritos de dor e o ruído de metal contra metal. Nas gaiolas, Shade e seus irmãos atiravam-se contra as barras e chutavam as portas.

— Runa!

Ela mal ouviu a voz, que estava muito envolvida em uma espiral de desespero. Roag estava vencendo. Ela estava indo para uma morte horrível e Shade ia sofrer por uma eternidade.

— Runa! A maldição... — Kynan virou uma arma de aparência estranha, uma dupla lâmina curvada no que se parecia um S, em um dos demônios com quem ele estava lutando, cortando um sulco profundo em um lado da criatura. Ele tentava ir a sua direção, uma concentração feroz em sua expressão.

Mas o que ele pretendia dizer a ela teria que esperar, porque a dor de uma lâmina afiada chegou a seu peito e Roag pairava sobre ela, o mal no seu olhar.

— Sem mais conversa fiada, ele rosnou. — É hora de tomar seu coração.



— Não! — Shade bateu todo o seu corpo contra a porta de sua jaula, terror e adrenalina alimentando a sua força.



A porta cedeu, mas ainda estava inteira. As gaiolas foram feitas para conter o mais forte dos demônios e os espaços entre as barras eram demasiadamente estreitas para espremer através não importava para que espécie ele mudasse.

Roag olhou para cima, de onde pairava sobre Runa e deu um sorriso de gelar os ossos para Shade.

Kynan deixou de lado um Darquethoth, chegando perto o suficiente de Runa para afastar Roag. A cabeça de Roag saltou para trás e sangue saltou de seu nariz enrugado. O Darquethoth saltou nas costas de Kynan, mas o homem mostrou os dentes e investiu para frente. Shade prendeu a respiração, rezando para qualquer deus que pudesse ouvir para deixar Kynan ajudar Runa.

Mas o Darquethoth apreendeu Kynan pelo braço e o arrastou à distância. Ele gritou para Runa, suas palavras abafadas, mas o que ele disse fez os olhos dela arregalarem. Com um último, esforço monumental, Kynan saltou, braço estendido, a lâmina descendo tão perto do pulso de Runa que Shade esperava ver a mão dela separada de seu braço.

Em vez disso, a corrente caiu e ela estava livre. A vara de prata em seu ombro aleijado, mas ela rolou para o lado, pegando Roag com as pernas. Rosnando, ela chutou Roag propulsivamente para Shade.

Os deuses tinham respondido e ele não iria decepcionar. Ele agarrou o braço de Roag enquanto seu irmão batia na porta da gaiola. As barras eram estreitas e seu corpo estava enfraquecendo; ele tinha poucas chances contra Roag, mas caramba, ele ia ferrar seu irmão mais velho, tanto quanto ele podia.

— Família! A voz de Runa cortou através de sons de luta enquanto ele jogava Roag contra a gaiola tão forte que o crânio de Roag rachou contra uma barra. — Sua maldição! Arik!

Runa não fazia nenhum sentido. — O quê?

Ele podia ouvir as suas respirações grossas e ásperas de aflito quando ela esforçou seus pés para fora do altar que Roag a tinha colocado. — Ele encontrou outra tradução para a sua maldição. Amado... Ou da família.

Ele tinha conversado sobre isso com Wraith. Ele poderia livrar-se da Maluncoeur somente se ele transferisse-a para um amado...

Família. Ou... família...



Ossos do inferno poderia ser verdade? Ele não teve tempo para pensar mais. Ele tinha de segurar Roag e até mesmo quando seu irmão começou a escorregar de suas mãos, ele pronunciou as palavras que Wraith queria tanto que ele dissesse.

— Solumaya. Orentus. Kraktuse!

Nada aconteceu. Porra.

E então, o ar entre Shade e Roag começou a vibrar. Lentamente, o corpo de Shade ficou duro, e partes de Roag brilharam tão leitoso-transparentes que, através dele, Shade podia ver o tropeço de Runa. Sim! Entusiasmo renovou a sua força e ele segurou firme em Roag, que não pareceu perceber que ele agora carregava a maldição de Shade.

Runa pegou a chave do cinto de Roag e saltou para trás quando ele batia violentamente para chegar até ela. Um dos lacaios de Roag lançou-se em Runa, mas Gem agarrou a criatura em torno da garganta e bateu-a no chão.

— Solte Eidolon — Shade gritou para Runa. Ele estava segurando Roag muito perto da porta de sua própria gaiola. Ele não podia correr o risco dela machucar-se.

Uma vez livre, Eidolon colocou Roag no chão com um murro no rosto e, em seguida, correu para Tayla enquanto Runa destrancava a gaiola de Shade. Ele explodiu. Lacaios de Roag avançaram e Roag recuperou o equilíbrio. Em um único movimento suave, Shade apoiado contra a gaiola puxou a barra de prata em Runa para fora de seu ombro, seu grito estrangulado rasgando-o.

— Sinto muito — Ele respirou. Seus dedos encontraram a ferida e ele desejou ter o dom de cura de Eidolon, mas tudo o que podia fazer no instante que eles tinham era estimular a liberação de endorfina para aliviar sua dor.

— Está tudo bem. — Ela disse. — Atrás de você!

Girando, ele atolou a palma na garganta de Roag. Ele adoraria transformar o filho da puta em uma pasta, mas eles precisavam das habilidades de luta de Wraith. Ele lançou seu mais novo irmão e ficou para trás. Com um rosnado, Wraith rasgou através da equipe de Roag como uma faca através de papel seda.

Um enorme corpo bateu em Shade de lado. Apanhado desprevenido, ele bateu no muro e de repente estava lutando por sua vida. O demônio era forte, muito mais forte que Shade. Ele agarrou



sua garganta com as mãos humanóides e usou as suas asas para ajudar a regular-se como se ele tentasse sufocar a vida de Shade para fora.

Um anjo caído. Deuses, o que Roag estava fazendo com a porra de um anjo caído em seu castelo?

O anjo zombou das tentativas de luta de Shade. E então, tudo o que ele viu foi presas e sangue. Runa, em sua forma warg, tinha rasgado uma das asas do anjo fora de seu corpo.

O anjo correu e quando Runa fez menção de ir atrás, Shade agarrou-a pela nuca. — Calma garota. Eles são quase impossíveis de matar. Deixe-o ir.

O grito agonizante de Roag transpassou o som da batalha. Ele estava olhando com horror para suas mãos. Ah, sim, Roag tinha descoberto a maldição. Seu olhar fixo sobre Eidolon, que estava inclinado sobre Tayla, sua dermoire brilhando enquanto ele curava sua companheira.

Roag iria transferir a maldição para E.

Shade arrancou um machado de batalha fora da parede. Em dois passos, ele estava em distância de ataque.

De Sheryen.

Roag alcançou Eidolon. Shade balançou. — Isto é por Skulk, seu filho da puta.

A cabeça de Sheryen estava separada de seu corpo com um suave sussurro. Roag olhou ao redor, no momento em que ia para frente ao encontro de Eidolon.

— Sher! — Roag gritou e, pela primeira vez, Shade viu dor genuína nos olhos do irmão. Roag continuou gritando e, gradualmente, sua voz e seu corpo, transformaram-se em nada.

— E isso, — Shade disse baixinho, — foi por todos nós.

Estava acabado. Sem Roag, seus lacaios não mais se mantiveram unidos. Alguns perderam sua coragem e tornaram-se presas fáceis para Gem, Kynan e os funcionários do hospital, e o resto fugiu.

Wraith, provavelmente mais do que louco com sede de sangue e a necessidade de vingança, perseguiu-os, desaparecendo na escada em caracol.



Runa mudou e Shade puxou seu corpo nu para perto dele. — Você está bem? Eu vou chamar E. para curar seus ferimentos.

— Eu posso esperar. Outros precisam de ajuda mais do que eu.

Shade olhou E. — Como ela está?

Tayla levantou-se. Quando muitos demônios mudavam, eles mantinham as suas roupas e Tayla é uma dessas espécies de sorte. — Eu estou bem. Melhor impossível.

Eidolon parecia relutante em sair do lado de Tayla tanto quanto Shade para deixar Runa, mas vários membros do pessoal do hospital que tinham vindo para o resgate estavam em péssimo estado. Ainda assim, Shade teve tempo de beijar Runa, um prolongado, quente encontro de suas bocas que prometia mais, mais tarde. Ele lhe devia muito e ele passaria o resto de sua vida compensando a ela o que ele, e Roag, tinham feito.

Entrando no modo de médico, ele afastou-se dela. Algumas das lesões foram graves o suficiente para que Shade tivesse que mergulhar no kit de primeiros socorros que Kynan havia trazido. Felizmente, desde que todos, exceto Runa, eram médicos de alguma especialidade, a triagem foi rápida, embora tenham perdido um médico assistente, um mutante leão que estava na equipe de funcionários por quase dez anos. Quando Shade e Eidolon tinham feito tudo o que podiam, ambos estavam esgotados.

Alguém tinha invadido as salas do castelo e pego algumas das túnicas que os lacaios de Roag usavam, assim Runa e Shade vestiram-nas enquanto Eidolon usava o resto de sua energia para curar Runa, Gem e Kynan, e quando ele terminou, Shade fez com que ele sentasse-se em um tamborete de madeira, antes que ele caísse. Tayla subiu em seu colo e envolveu-se em torno dele.

— Peguei todos os bastardos. — Wraith tropeçou fora da escada, uma massa de sangue e feridas abertas. — E Solice. — Ele cambaleou e caiu no chão de pedra com uma rachadura na rótula. — Aquela puta.

— Merda.

Shade disparou para ele. Ele e E. chegaram ao seu irmão, ao mesmo tempo, cada um segurando um ombro para segurá-lo e ambos enviando ondas do seu poder para ele. A energia de Eidolon começou a juntar as lesões grandes, mas o processo foi lento... E. foi drenado. Praguejando baixinho, Shade sondou por lesões internas. Felizmente, os órgãos de Wraith estavam intactos, mas





ele estava perigosamente com pouco sangue. Sua cabeça pendia de modo que o queixo tocava o seu peito e seus cabelos longos escondiam o seu rosto, e Shade perguntava-se se Wraith estaria muito fraco para levantar.

— Ele precisa alimentar-se, disse Shade, chegando a seus pés. — Agora.

Estendido na palha no chão e no silêncio. Gem adiantou.

— Eu faço isso.

Um redemoinho de desejo erótico virou-se como uma brisa de Wraith e E. levantou uma sobrancelha.

— Está preparada para isso? Porque você vai estar debaixo dele com ele dentro de você em cerca de cinco segundos depois dele começar a alimentar-se.

Ela engoliu em seco, mas concordou. — Não é como se eu fosse virgem ou algo do tipo. — Parecia ter algum subtexto ali, mas Shade não sabia o que era.

— Não. — Kynan avançou e ajoelhou-se na frente de Wraith. — Eu faço. Ele já se alimentou de mim antes.

E. levantou-se e atirou a Shade um olhar de surpresa que combinava com a surpresa de Shade. Quando Wraith tinha tomado o sangue de Kynan? E por quê? Ele não podia imaginar Kynan permitindo, mas Gem, não parecia surpresa. Talvez... nah. Os demônios Seminus não faziam sexo com homens — eles só podiam atingir o orgasmo com uma fêmea. Apesar de que um Sem poderia foder com um macho, enquanto uma mulher estivesse presente. Então tinham Gem, Ky e Wraith...

Shade sacudiu a cabeça, com necessidade de limpá-la. Sua mente estava levando a lugares que não queria ir.

— Será que ele ainda precisa de sexo? — Runa perguntou e Shade assentiu.

— Melhor ter os dois ao mesmo tempo, mas se ele pode receber sangue agora, podemos encontrar-lhe uma fêmea no hospital.

Eles afastaram-se enquanto Kynan arregaçava as mangas e oferecera a Wraith seu pulso. As narinas de Wraith alargaram-se e, antes que Shade pudesse gritar um aviso, Wraith afundou suas presas na garganta do ser humano. Kynan bateu, convulsionado uma vez e depois relaxou.

— Aposto que ele não se voluntaria para fazer isso de novo — murmurou Shade.





Depois de alguns minutos, Gem ajoelhou-se ao lado de Wraith, que rosnou para ela, seus olhos dourados vendo-a como uma ameaça à sua comida.

— Calma, — ela disse suavemente, enquanto tomava o pulso de Kynan. — Wraith, você precisa parar.

Wraith puxou Kynan mais perto, levando muito tempo, puxando profundamente, como se tentando ingerir tanto quanto possível antes que sua refeição fosse tirada.

Shade sentiu o pulso de Kynan sobre o outro lado do pescoço. Foi rápido, muito rápido e fraco. Ele sondou com o seu poder e, sim, o ser humano estava com muito pouco sangue para o conforto.

— Para, mano. Agora.

Wraith sugou mais. Eidolon agarrou o ombro de Wraith e puxou-o de volta.

— Porra, você está matando-o. — E. bateu nas costas da cabeça de Wraith. — Você vai matar Kynan. Wraith!

O ouro nos olhos de Wraith sumiu, substituído pelo azul elétrico. Ele desengatou suas presas, piscando, pois ele saiu de sua sede de sangue. Kynan caiu no chão tão pálido, quanto inconsciente.

— Choque hipovolêmico. — Shade pegou a cabeça de Kynan, antes de atingir o chão. — Nós precisamos levá-lo para o hospital. Ele empurrou seus braços sob o corpo flácido de Ky, mas Wraith o bloqueou com a mão em torno do pulso de Shade.

— Vou levá-lo. — A determinação na voz Wraith não deu nenhum espaço para discussão. Seu irmão precisava fazer isso.

— Tudo bem, — disse Shade, — mas apresse-se.



Capítulo Vinte e Dois

Kynan estava deitado inconsciente na cama de hospital, preso a uma intravenosa de B-positivo. Shade estava silenciosamente no pé da cama de Ky, Runa ao seu lado. Wraith estava sentado perto do anteparo, cabeça nas mãos parecendo como se ele tivesse passado algumas vezes no abismo de escravos de Neethul

— Ele vai ficar bem, cara — Shade colocou a mão no ombro de Wraith, agora coberto, como o resto deles, com uniforme e o seu irmão olhou para cima, círculos escuros rodeando seus olhos vermelhos.

— Foi isso que a Gem disse.

— Ela não mentiria.

Wraith assentiu. — Eu só vou esperar até que ele acorde.

— E então?

— Há algo que eu preciso fazer.

Shade sabia mais do que dar sermão no Wraith sobre beber de drogados ou meter-se em brigas e depois da pequena revelação de Roag sobre E. ser torturado quando Wraith superava sua cota mensal de mortes, Shade tinha um pressentimento que Wraith seria cuidadoso de agora em diante. Pelo menos, ele seria cuidadoso para não matar. Cuidadoso com a sua vida? Isso era outra questão.

Shade apertou a mão de Runa e eles deslizaram silenciosamente para o corredor, onde E. estava esperando. Tay e Gem estavam falando algumas portas abaixo, dando a elas um pouco de privacidade.

— Como ele está? — E. perguntou.

— Ky ou Wraith?





— Ambos.

— Ky está melhor. Wraith... — Shade balançou sua cabeça. — Eu não sei.

— Estou feliz que o tormento de Roag será eterno — Eidolon murmurou.

— Você e eu, mano.

E. olhou distraidamente para o quarto e então virou-se novamente para Shade. — Eu tenho boas notícias. Primeiro, Luc está vivo.

— Como?

— Luc, sabe, o sire da Runa?

Uma onda de possessividade fez Shade apertar sua mandíbula, mas Runa acariciou seus dedos com o seu polegar, fazendo-o acalmar-se. — Sim, você poderia não ter mencionado esta parte. — O negócio de sire parecia um osso preso em sua garganta. — Então como ele pode estar vivo?

— Um dos nossos novos paramédicos encontrou-o. Ele ressucitou-o, colocou-o no suporte à vida e depois disso foi um jogo de espera. Eu acabei de vê-lo. Ele está fora do coma e irritado como um inferno. Diz que uma coisa queimada disfarçado como você tentou matá-lo. Também diz que nós apenas adiamos o inevitável ao salvá-lo.

— O garoto precisa de um ajuste na atitude. — Shade estreitou seus olhos para E. — Espera... Quando você descobriu que ele havia sobrevivido?

— Depois que nós perdemos Roag no parque e você voltou para a caverna com a Runa. Eu quis te contar, mas...

— Roag nos pegou. — Shade respirou fundo e perguntou a Runa a questão que ele realmente não queria saber a resposta. — Você pode sentir Luc?

Ela sorriu. — Eu não consigo sentir nada.

Eidolon limpou sua garganta e Shade sabia que havia algum palavreado de médico vindo a seguir. — A morte dele, mesmo sendo breve, deve ter cortado a conexão, como o que aconteceu quando Roag quase morreu. Eu tenho uma teoria sobre isso...



— Qual é a outra boa notícia? — Shade o cortou, porque realmente, ele não dava a mínima e não iria olhar os dentes de um cavalo dado. Não que ele faria isso de fato, de qualquer forma, porque o negócio cuspiu fogo.

E não titubeou. — Obrigado pela informação sobre os experimentos militares feitos com Runa, eu fui capaz de estreitar o meu enfoque.

— Você está dizendo que tem uma cura?

Eidolon assentiu. — Estou perto. Eu fui capaz de isolar as proteínas que causaram a sua infecção. Eu devo ter uma vacina pronta em umas duas semanas. Um mês, no máximo.

Sim. Shade queria gritar para os céus. Queria agarrar a Runa e rodá-la até que ambos estivessem zonzos. — E quanto a Runa?

Ela tocou o ombro de Shade e as suas esperanças e medos foram transmitidos para ele em uma onda de eletricidade. A expressão de Eidolon trouxe ambos de volta a terra.

— Você não pode curá-la. — Shade murmurou. — Por que não?

— A mordida de um Warg altera o DNA humano. — Eidolon explicou. — O que seja que os militares fizeram com ela afetou a maneira que os genes dela sintetizam as proteínas. Estas proteínas permitem que ela transforme-se por vontade própria e elas também podem infectar-te — sem alterar o seu DNA. Eu posso destruir as proteínas em vocês dois e vai curar você... mas tudo o que eu posso fazer por ela é acabar com a habilidade dela de transformar-se por vontade própria.

Runa soltou uma longa respiração. — E eu ainda teria pêlos durante a lua cheia.

— Sim. — Eidolon disse. — Sinto muito.

Ela balançou a cabeça. — Está tudo bem. Estou ficando acostumada a ser um lobisomem. Foi útil umas duas vezes. E ei, só pela estimativa de vida quadruplicada já vale a pena.

Deuses, isso era algo que ele não havia considerado. Se ela tornasse-se humana novamente, ele perderia-a muito cedo. Ele não conseguiria lidar com isso. Quebrar a ligação não o mataria fisicamente, mas um coração quebrado mataria.

Ela apertou o ombro de Shade. — Cure-se. Você já tem o bastante para lidar sem ser um lobisomem ainda por cima.





Ele não a merecia, mas cara, ele era tão sortudo por tê-la. Ele odiava Roag com cada fibra de seu ser, mas o bastardo havia dado Runa para ele. Não pareceu como um presente na época, mas agora ele nunca se arrependeria da ligação que possuía com ela, mesmo se não fosse recíproco.

Ela sabia o que ele estava pensando. — Eu não vou para nenhum lugar, — Ela disse. — com marcações ou sem, você é meu. Eu amo-te, Shade.

Ele atraiu-a com força para ele. — Mas com a ligação sendo apenas de um lado, você ainda não pode me sentir. Se eu precisar de você, se eu estiver machucado...

— Eu nunca estarei longe de você. Nós daremos um jeito.

— Droga, eu amo-te.

Ela suspirou, um doce e suave som que ele nunca se cansaria de ouvir. — Concorde com a vacina.

— Não tenho certeza se eu quero agora.

Eidolon afastou-se para dar uma chance para eles conversarem.

— Não rejeite isso, — Ela disse. — esta é sua chance de ser livre.

— Talvez eu não queira ser. — Ele traçou com seu dedo ao longo do queixo dela, apreciando a forma como os seus olhos cor champanhe escureciam-se para um turbilhão suave de caramelo. — Talvez eu goste do que nós fazemos um com o outro durante a lua cheia. O que nós fazemos um com o outro quando nós acordamos e a lua ainda está nos agitando.

— Nós ainda teremos isso. Você pode transformar-se em um warg a qualquer momento que você quiser.

— Shade. — Eidolon aproximou-se novamente, trazendo Tay com ele. — Há algo para considerar. A sua prole.

— O que têm eles? Runa não é mais humana, então eles serão completamente Seminus.

— Sim, mas eles também serão wargs.

— Runa não nasceu um warg, então isso não deve acontecer. — Humanos que eram transformados em lobisomens davam a luz a bebês humanos normais, a menos que a concepção





acontecesse enquanto a mãe estivesse na forma de besta, mas aqueles nascidos como lobisomens normalmente davam a luz a lobisomens sem importar como os jovens eram concebidos.

— Eu acho que os experimentos possam ter estragado isso. Se nós curarmos a licanthropia em você, eu posso usar os seus anticorpos para criar uma imunização para os seus filhos. Mesmo aqueles que foram concebidos na forma de besta durante o período de cio.

Shade soltou uma respiração. Ele não queria a cura para si mesmo, mas ele não desejava a licanthropia para a sua prole. Sem companheiros, as noites de lua cheia poderiam ser perigosas para eles e qualquer fêmea que estivesse no caminho deles. — Tudo bem. Faça.

Runa alcançou o seu rosto com ambas as mãos e trouxe sua boca para baixo com força contra a dela. — Eu amo-te — Ela disse, contra os seus lábios. Sua voz era profunda e rouca que o iluminava de uma forma que somente ela poderia. — e você sabe como eu vou mostrar-te isso?

Ele afastou-se um pouco. — Como?

— Você sabe aquela coisa que você nunca me deixou fazer quando nós estávamos namorando? — Seu olhar tremulou para a protuberância em crescimento na calça dele e ele tomou uma respiração irregular.

A imagem dela de joelhos, tomando-o em sua boca... Droga. — Eu não podia deixar você fazer isso. — Ele resmungou. — Meu sêmem é um afrodisíaco. Eu não teria sido capaz de explicar-te por que você ficaria louca de luxúria depois.

Seu sorriso astuto cortou suas palavras e a sua respiração. Quase parando seu coração, também. — Não que eu precisasse de um afrodisíaco com você, mas isso soa interessante. — Ela lambeu seus lábios, a pequena provocadora, e foi isso. Ele estava perdido, além do ponto de retorno.

Ele agarrou a mão dela e virou-se para E. — Estou saindo daqui. Ligue-me se precisar de mim, mas não ligue logo.

E abriu sua boca, mas Tayla andou até eles e lançou-lhe um olhar de cala-boca. Muito bem, caçadora. Ele começou a ir em direção ao Harrowgate, perguntando-se quais das suas duas casas ele levaria a Runa, mas droga, tanto o apartamento dele quanto sua caverna eram uma boa caminhada do ponto de saída. De novo, Runa sabia o que ele estava pensando e o apertou próximo a ela.

— Você acha que há alguma sala de exame disponível?



Divertimento, e uma quantidade nada pequena de luxúria, borbulharam por ele. — Nós precisaríamos dela por horas...

— Dias — ela disse, com um sorriso malcriado.

Suas entranhas liquefizeram-se e o seu lado de fora ficou mais duro do que pedra. — Oh, sim. Vamos.

Eidolon assistiu Shade levar Runa embora, o estado de luxúria deles óbvio para os seus sentidos de incubus. Seu próprio corpo despertou para a vida, então quando Tayla colocou seus braços ao redor dele e sussurrou, — Você acha que há mais de uma sala de exames aberta? — ele não hesitou.

Ele deslizou um olhar a Wraith no caminho ao passar pelo quarto de Kynan e rezou para que Wraith, também, encontrasse a paz que ele desesperadamente precisava.

Mas Eidolon não conseguiu espantar a sensação que no caso de Wraith, as rezas passaram sem serem ouvidas.



O sinal sonoro irritante dos equipamentos hospitalares perfurou a escuridão profunda dos sonhos de Kynan e puxaram-no de volta para a vida real. Onde um demônio estava estacionado ao lado de sua cama.

— Wraith? — Kynan piscou, tentando tirar a areia de seus olhos. Ele sentiu como se estivesse dormindo há dias. Talvez estivesse. E por que infernos ele estava no hospital?

Como um paciente?

Wraith sentou para frente na sua cadeira, colocando seus antebraços em seus joelhos espalhados. — E aí, amigo.

— Amigo? — Kynan piscou novamente. Ele não estava no HS. Ele estava no Além da Imaginação.





— Como... O que aconteceu? — No momento em que as palavras passaram pelos seus lábios, ele lembrou-se da batalha no castelo irlandês. Mas ele havia apenas sofrido ferimentos menores e Eidolon havia curado-os. — Como eu cheguei aqui?

Wraith esfregou a parte de trás de seu pescoço e olhou para os seus pés. — Sim, ah... Isso é meio que minha culpa.

Isso estava ficando cada vez mais estranho. Wraith nunca estava desconfortável, e até onde Kynan sabia, o demônio nunca havia se arrependido de coisa alguma em sua vida. Mas ele estava definitivamente fazendo o discurso do eu-fiz-besteira.

— O que você quer dizer, sua culpa? O que você fez?

— Não muito, na verdade. Só praticamente drenei todo o seu sangue.

Fazendo uma careta, Kynan procurou em sua memória. Depois da batalha, eles fizeram uma triagem e trataram os feridos. Wraith havia ido atrás dos fugitivos. Ele havia retornado, sangrando e ferido... e precisando desesperadamente de sangue. Sim, estava voltando. Incluindo como Gem havia se voluntariado para ser a doadora de Wraith e Kynan havia cortado isso rapidamente. E não era como se ele não tivesse alimentado o Wraith antes.

Somente da primeira vez havia sido sobre a necessidade de Ky de conectar-se com Lori de alguma forma. Para entender nem que fosse um pouco do que havia passado pela cabeça dela na noite em que havia estado nos braços de Wraith. Mas na segunda vez que Wraith provou o seu sangue tinha sido para mantê-lo longe de Gem.

E também para ajudar o demônio, porque mesmo Ky estando puto com Wraith por causa do que havia feito para ele na sala de E, também estava grato. Wraith havia ajudado-o a encontrar paz em seus sentimentos por Lori e, mesmo que pelo resto de sua vida ele ainda estivesse fodido, pelo menos esta parte estava curada.

— Que mais?

A cabeça de Wraith levantou-se rapidamente. — O que você quer dizer, que mais?

— Quero dizer, por que a cara azeda?

— E quase te enfiei na sepultura, seu homem estúpido!



Ah, agora aí estava o Wraith que todos conheciam e amavam. — Bom ver que a culpa não afetou sua total falta de tato.

— Bom ver que você quase morrer não afetou o fato que você é um cuzão — Wraith atirou de volta.

Kynan sorriu. — Agora que as amabilidades estão fora do caminho, por que você não me conta o que eu perdi enquanto eu estava apagado?

Rapidamente, o incômodo no quarto dissipou-se. A tensão nos ombros de Wraith, a vergonha de ele ter sido pego importando-se com alguém, desapareceu.

— Gem mal deixou o seu lado — Wraith disse, de volta para o seu eu pretensioso.

Kynan soltou uma longa respiração. — Ela é uma médica.

Wraith fungou. — Ela quer brincar de médica.

— Deixe quieto, homem.

— Cara. — Os olhos de Wraith penetraram-se nos dele. — Você precisa dar uns pegas nela.

— Não é tão simples.

— Por que não?

— Falou o incubus.

Wraith revirou seus olhos. — Vocês humanos são tão malditamente controlados por sua moral. É sexo. O seu corpo foi feito para o prazer. Por que não aproveitar?

— Moral não é o meu problema. — Kynan não sabia que infernos era o seu problema.

— Então o quê? Não me venha dizer que você não está afim dela, merda.

— Bem, dá. Olhe para ela.

Wraith balançou as sobrancelhas. — Eu olho.

— Isso não é uma aprovação gritante. Se respira, você olha.

— Como o E. gosta de falar, respirar é opcional.





Suspirando, Kynan jogou sua cabeça para trás e encarou as pesadas correntes penduradas no teto negro. Em algum lugar no hospital, algo guinchou. — Eu não sei, cara. Lori realmente fodeu com a minha cabeça.

— Você fez as pazes com isso agora.

O lembrete que Wraith havia invadido sua mente irritava um pouco, mas ele estava certo. — Não é isso. Eu não sei se eu posso confiar em alguém dessa maneira novamente.

— Então quem disse que você tem que assumir algo sério com Gem? Vê o que eu falo sobre vocês humanos? Você nunca vagabundeou quando você era mais novo?

— Eu era bem novo quando eu conheci Lori.

— E você não a traía?

Kynan fungou. — Não. Sou burro, né?

— Para mim parece que é hora de você parar de esconder-se embaixo do uniforme e divertir-se um pouco.

Wraith estava chamando a atenção dele. Wraith, que Kynan pensou ser tão egoísta que não notava nada mais ao redor dele. O cara era bem mais observador que Ky, e provavelmente seus irmãos, davam crédito.

Wraith ficou de pé. — Olha, cara. Eu sei que sua esposa aprontou com você. Mas você está dando para ela mais poder do que ela merece. Jogue fora essa bagagem e continue com sua vida.

— Isso não é um pouco hipócrita?

— Porra, pode apostar. — Wraith fechou uma mão com força no ombro de Ky. — Mas eu estou prestes a praticar o que eu acabei de pregar. — Vejo você por aí, cara.

Wraith saiu da sala, golpeando suas botas no chão de pedra com pesadas batidas sinistras. Kynan teve o pressentimento repentino que seja o que for que o demônio iria aprontar teria conseqüências que repercutiriam pelo hospital como uma onda sísmica sem fim.

Sabendo que ele não poderia fazer nada sobre isso, Kynan balançou os pés por cima da beirada da cama e arrancou sua intravenosa de suas mãos. Ele não podia acreditar que iria aceitar o conselho de Wraith, mas o cara tinha razão. Kynan havia passado muito tempo afogando-se no trabalho e no álcool, e no processo perdeu-se. Era hora de lidar com seus demônios.



Gem estava servindo-se de uma xícara de café quando alguém bateu na porta de seu apartamento. — Entra!

Botas martelaram no chão e ela virou-se. Kynan estava de pé na entrada da cozinha, preenchendo-a, possuindo-a, fazendo sua respiração parar. — É o seguinte, — Ele disse, sem nem dizer um olá. — eu passei a minha vida inteira fazendo o bem, discernindo o bem do mal, lutando contra o mal. Eu queria salvar o maldito mundo. E então de repente, o mal não era tão mal e as pessoas que eu pensei serem boas eram más. Eu perdi-me por um tempo, Gem, e eu preciso me achar novamente. Eu fui de matar demônios para salvá-los e... a querer fazer sexo com eles. — Seus olhos escureceram-se perigosamente e sua respiração ficou presa. — Mas eu preciso reencontrar-me. Descobrir onde eu encaixo-me nesse mundo louco.

A xícara em sua mão tremeu. Ela abaixou-a antes que derramasse. — Então o que você está dizendo.

— Eu vou voltar para O Aegis.

Seu coração ficou pesado. — Você está... nos deixando?

Ele fechou a distância entre eles em meia dúzia de passos, parando a apenas centímetros dela. Tão perto que o seu calor engolia-a e o seu cheiro áspero e masculino lavou-a em uma onda de fome sensual pelo seu sangue. — Infernos, não. Escute-me. Não é seguro para mim estar trabalhando no Hospital do Submundo. Eu tenho quase certeza que os militares estão vigiando-me e eu não vou colocar o hospital em risco. Eu estarei trabalhando para O Aegis, mas eu não vou para lugar algum. Eu tenho amigos aqui. E, Shade, Wraith. Tayla. — Suas mãos subiram para o seu rosto. — Você.

Seu coração pulsou dolorosamente contra suas costelas. — Amigos. É por isso que você está aqui? Para me dizer que somos amigos?

— Eu não quero ser teu amigo. — Ele assistiu-lhe com aqueles pacientes olhos azuis dele. — Eu quero que sejamos amantes.

Oh, sim, sim, sim! Excitação e alegria borbulharam nela. Isso devia ser um sonho.





Kynan traçou seu lábio inferior com o seu polegar. — Eu imagino que se a Tayla pode servir no Aegis sendo um meio-demônio e sendo a companheira de um demônio, eu posso namorar um demônio.

— Você... Você está falando sério.

Um canto de sua boca ergueu em um sorriso enquanto ele inclinava sua cabeça em um aceno lento.

— Sim.

Os olhos de Kynan escureceram-se com vontade e ela perguntou-se se seu próprio olhar havia se tornado quente. Ele deslizou suas mãos pelos braços dela, deixando uma trilha de arrepios em sua pele. Quando ele alcançou seus ombros, ele ancorou-a no lugar. Lentamente, tão lentamente ela queria ranger os dentes, ele baixou sua boca na dela.

Alguém bateu na porta. — Ignore — ele murmurou contra seus lábios.

— Eu planejo fazer isso.

A porta explodiu para dentro. Kynan virou-se, enfiando-a atrás dele. A próxima coisa que ela ouviu era o som de armas automáticas sendo trazidas à tona.



Merda. Kynan suspeitava que o R-XR estava vigiando-o, mas ele não havia esperado que eles fossem revelar-se. Imaginou que eles ficariam escondidos e observariam seus movimentos, seus contatos. Se eles soubessem sobre o lado demônio de Gem... Ele virou-se para trás, enfiando-a ainda mais atrás dele e enfrentou o ex-líder da equipe operativa da Força Delta. Seu cabelo, cortado severamente curto, era tão escuro quanto sua expressão.

— Abaixе a merda das suas armas, Arik.

Arik deu um breve aceno e seus homens, todos vestidos em vestimentas militares negras, ficaram parados. — Nós precisamos conversar.

— Então fale.



— Confie em mim. Nós queremos fazer isso em particular. — Arik seguiu para a sala e Kynan não teve outra escolha a não ser segui-lo.

— Fique aqui. — Ele disse para Gem. — Eu vou cuidar disso. Não se preocupe.

— Não vou. — Ela sorriu para ele e então fez uma careta para Arik pela abertura. — Eles vão pagar pela minha porta.

— Eu vou avisá-los. — Ele apertou a mão dela e então foi juntar-se a Arik, apesar de manter Gem a vista. Ele enfrentou o outro homem, fazendo o seu melhor para manter seu humor controlado.

— Que merda é essa? — Lá se foi o controle.

— Eu sinto muito que nós tivemos que fazer desse jeito, — Arik disse. — mas você disse que não entraria.

— Isso é porque eu não estava com humor para ser torturado por informação.

— Você não seria torturado, mas isso aqui não é sobre isso. O fato que você está trabalhando em um hospital de demônios é, hã, perturbador, e nós poderíamos usar a informação, mas não foi por isso que Runa foi mandada para encontrar-te.

— Eu estou começando a perder minha paciência, então vá ao ponto.

Arik olhou para a cozinha e abaixou sua voz. — Nós precisamos que você venha para o R-XR.

— Não significa não, cara.

— “Não” é para quando você tem uma escolha.

Kynan apertou seus punhos. — Me diga por que eu deveria ir sem brigar.

Arik não ficou tenso, não fez nada para provocar. — Você sabe que cada membro militar atacado por um demônio é testado pelo R-XR.

Sim, ele sabia. Ele havia passado por uma bateria de exames antes que os militares o liberassem para O Aegis. — E?



- Nova tecnologia tornou-se disponível e nós fizemos alguns exames antigos novamente.
- Arik olhou para baixo antes de olhar novamente para cima, diretamente para os olhos de Kynan.
- Algo apareceu no seu. Um gene suspeito.

O estômago de Kynan mergulhou para os seus pés. — Não diga que é um gene de demônio, Arik. Não. Diga. Isso.

— Aí está, Ky. Nós achamos que é outra coisa.

— O quê? Metamorfo?

Arik balançou sua cabeça. — Tem um código divino. Eu não sei o termo técnico chique para ele. Eu sou apenas músculo.

— Droga, cuspa logo.

— Anjo caído, Kynan. Nós achamos que em algum lugar empoleirado na sua árvore genealógica, há um anjo caído.

A cabeça de Kynan nadou em negação. — Anjos caídos são demônios.

— Nem sempre. Isso era provavelmente um anjo que não havia entrado ainda no Sheoul. Caído, mas não um demônio exatamente.

Kynan pensou sobre o Reaver, o anjo caído residente do HS. Ele estava naquele meio termo, apesar de Kynan não ter ideia do porquê. O cara nunca falava sobre isso. Até onde Kynan sabia, ninguém conhecia a história do Reaver... Como ele caiu e por que ele não havia entrado no Sheoul.

Isso era muito inacreditável e tinha que ser um erro. Tinha que ser. Mas mesmo ele querendo muito lutar contra a informação, ele também tinha que permanecer calmo. Os exames poderiam estar errados, mas se eles não estivessem, ele precisava saber o que os resultados significavam.

- O que R-XR quer comigo? — Ele perguntou, sua voz mais rouca do que ele teria gostado.
- De verdade.

— Nós precisamos fazer mais exames. Fazer algumas pesquisas.

— Cutucar e picar, você quer dizer.

Arik não negou. — Nada como isso já foi visto antes.



Sim e Kynan não havia nascido ontem. O R-XR não mandava equipes armadas para pegar alguém que eles queriam fazer exames. — O que mais?

Uma veia na testa de Arik pulsou e Kynan sabia que este era o Às de Arik, a carta que ele havia recebido para jogar somente se ele absolutamente tivesse que fazê-lo.

— Jesus, não é alguma profecia estúpida, é? Porque elas nunca fazem sentido, nunca acontecem do jeito que elas têm que acontecer...

Ele encontrou o olhar de Kynan com olhos solenes. — É mais do que uma profecia, Ky. Nós estamos falando sobre um cadeado de proporções bíblicas. E você pode ser a chave.

— A chave para o quê?

— O final do mundo. — Arik disse severamente. — Armageddon.

O abalo da confissão de Arik balançou Kynan até os ossos. Sua cabeça foi para trás e ele ficou de pé lá em silêncio por um momento, muito chocado e apavorado para falar, mover-se, ou respirar. Finalmente, quando seus pulmões começaram a queimar, ele sugou um pouco de ar e controlou-se. — Dê-me um segundo — Suas pernas estavam bambas enquanto carregava-as para a cozinha.

Gem encontrou-o, seus olhos marejados e seu queixo trêmulo. Ela sabia. — Você está indo embora.

— Sim. — Não havia maneira de suavizar o golpe. Apesar de que ele não esperava que o golpe doesse nele tanto assim. Justo quando estava arrumando sua vida, justo quando uma ferida havia finalmente curado, ele havia sido derrubado novamente para a estaca zero, porque mesmo não estando preparado para acreditar em Arik, isso não podia ser ignorado. — Eu sinto muito, Gem.

Ele beijou-a, colocando tudo o que ele tinha no beijo. E então foi embora.



Capítulo Vinte e Três

Havia quase um mês desde a última lua cheia, que tinha sido a primeira mudança de Shade em um lobisomem e a décima segunda de Runa. Hoje à noite o passado de Shade iria morrer; a vacina de Eidolon estava pronta para uso após a lua tornar-se completamente cheia. Mas poderia ser sua décima terceira mudança e enquanto muitas pessoas acreditavam que treze era um mau presságio, Runa sempre sentira o oposto. Treze era o seu número da sorte, então ela não conseguia entender por que sentia-se tão instável ultimamente.

Até mesmo Shade tinha se comportado estranhamente nos últimos dias, havia sido extra-atencioso e ficado colado nela. Se não fosse o fato de que ele tinha sido chamado para o hospital por algum tipo de emergência, não teria deixado-a fora de sua vista. Shade queria que ela fosse com ele, mas com a lua cheia há apenas algumas horas, ela precisava preparar-se.

Sorrindo, aproximou-se de sua casa. Seu covil. Shade vendeu seu apartamento na cidade e agora eles passavam a maior parte do seu tempo na casa dela, embora, às vezes, quando Runa estava sentindo-se muito alegre, eles passavam seus dias de folga em sua caverna.

Shade queria abandonar a caverna, mas ela convenceu-o a ficar. Com um pouco de redecoreação (o que significava livrar-se da maioria, mas não todos, os seus brinquedos) o lugar havia tornado-se totalmente caseiro. Ela ainda o surpreendeu em pesquisar sua prática Umber e depois encher a caverna com arte Umber e tapetes de tecido. Quando ele viu que ela tinha feito, ele estava muito chocado para falar, mas havia segurado em seus braços e abraçou-a como se nunca fosse deixá-la ir.

O que estaria tudo bem para ela.

Seu celular tocou enquanto subia os degraus de madeira velha. O toque único para seu irmão cantava impaciente enquanto ela depositava as sacolas de supermercado na varanda e cavava no bolso de sua jaqueta.





— Ei, Arik, você está em casa? — Ele veio para uma visita na semana passada e havia partido esta manhã de volta à base.

— Sim. Saí do avião cerca de quinze minutos atrás. — O retinir e o zumbido de um carrossel de bagagens obrigou-o a levantar a voz. — Talvez você pudesse me morder ou algo assim, para eu poder usar o Harrowgates. Muito mais rápido que os aviões.

Ela riu. Ela aprendeu a usá-los, embora ainda preferia sentir a boa e velha sensação de um volante nas mãos. Na verdade, quase sempre dirigia para o trabalho... no Hospital do Submundo.

Alguns dias depois da batalha na masmorra, Runa e Arik tinha falado a respeito. Após encontrar Shade, ele estava disposto a manter seu segredo da R-XR se ela quisesse continuar trabalhando lá, mas a idéia a tinha deixado inquieta. Ela não poderia colocar a carreira de Arik em perigo, se a verdade fosse revelada e, além disso, ela encontrou algo ainda melhor para fazer com seu tempo.

Ela abordou Eidolon com a ideia de assumir a gestão do refeitório do hospital. O desafio de suprir as necessidades de dezenas de espécies a excitou e, onde ela tinha tido uma abordagem conservadora com a sua cafeteria, agora ela sentia-se livre para assumir os riscos. Claro, ela não iria correr pelomundo para farejar metamorfos e bestas, mas Shade poderia levá-la em qualquer lugar que quera quando sentisse o desejo de viajar.

— Arik, iria matá-lo ficar preso três noites por mês.

— Talvez. — Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. — Foi bom vê-la tão feliz irmã.

— Estou muito feliz. — Disse ela. — Eu sei que você tinha suas dúvidas sobre Shade, mas você não precisa se preocupar.

— Eu não estou preocupado. Ele é obviamente dedicado a você. O que não muda o fato de que ele é um demônio, mas salvou minha vida

— E a minha — Disse ela baixinho.

— É por isso que eu estou dando a ele o benefício da dúvida.

— E Kynan? O Exército está dando a ele benefício da dúvida? — Ela ainda não sabia o que estava acontecendo com essa situação. Kynan tinha sido levado para a sede da R-XR, onde havia



sido submetido a uma bateria de testes. Ele não falaria e nem iria o seu irmão, mas Ky dera-lhe uma mensagem para transmitir a Gem.

Diga a ela para não esperar.

— Eu não posso falar sobre Kynan. Você sabe disso. — Arik pausou. — Ali está a minha bagagem. Preciso ir. Amo você.

— Eu também.

Ela desligou e, por qualquer motivo, ela olhou para baixo, para a rua. Um homem estava parado na esquina, seu olhar quente focado nela. Um formigamento deslizou sobre sua pele. Por que ela não tinha ideia, mas quando ele desviou o olhar, ela seguiu-o para onde outro homem passeava pela calçada em direção a ela. Ele era tão leve quanto o outro homem era sombrio, mas algo os unia.

Algo familiar.

Seu pulso começou a acelerar.

Os homens entreolharam-se, ambos medindo a distância entre eles e ela. Seus olhos brilhavam com a fome e a mudança iminente e ela deu um suspiro assustado. Eles eram Wargs.

Seu corpo inundou-se com calor e líquida excitação. Oh, Deus. Foi por isso que ela estava tão instável ultimamente. Ela estava entrando em seu primeiro cio reprodutivo anual.

Ela precisava ligar para o Shade, e agora. Antes do instinto vencer sua mente e fazer com que ela faça alguma besteira, como tomar um dos lobisomens em sua gaiola para acasalar. Wargs fêmeas no cio esperavam que os machos lutassem, e então se acasalavam com o vencedor. Se ela ficasse grávida durante o ciclo da lua, o emparelhamento se tornaria permanente, assim era como os wargs formavam ligações similares aos dos demônios Seminus, e o companheiro era para toda a vida.

Os homens reuniram-se em um acidente de punhos. Eles estavam movidos pelo instinto, assim como ela, e embora eles tivessem iniciado a luta em forma humana, eles iriam terminá-la nas formas de suas bestas. O que poderia se transformar em um desastre no meio de um bairro residencial.



— Vá, — ela murmurou para si mesma, porque sua parte mais sombria e primitiva queria assistir e torcer por uma vitória, mas seu lado humano ainda sabia que tinha que sair de lá.

Shade, apresse-se ... Ele tinha sentido sua fome repentina e estava, sem dúvida, a caminho agora.

Não importa que tipo de emergência tinha solicitado sua viagem à UG, o instinto lhe traria para casa.

Ela olhou para o céu, para escuridão crescente, embora não precisasse.

Seu corpo lhe disse que a Lua estaria cheia em questão de minutos.

Rapidamente, ela deixou a casa e correu para o porão. A sala inacabada era grande, e o isolamento acústico permitia tanto barulho quanto dois lobisomens pudessem fazer.

Ela escorregou para dentro da gaiola no centro da sala, que ela e Shade tinham alargado e deixado confortável para ambos. Ela fechou a porta e girou a fechadura de combinação.

O barulho de vidro deixou seu pulso na sobremarcha, e depois os homens estavam no porão com ela, lançando-se um ao outro. *Vamos lá, Shade.* Ela cavou seu telefone no bolso e discou para Shade.

— Eu estou quase lá, baby, — ele disse, sem um Olá e com o pânico pingando de sua voz. Ele desligou antes que ela pudesse dizer uma palavra.

Amaldiçoando, ela ligou para Tayla. Ela havia chegado a conhecer a companheira de Eidolon ao longo das duas últimas semanas, e agora, ela era sua melhor esperança para manter os wargs que estavam fora da gaiola de correrem por aí furiosamente.

— O que houve Runa?

— Eu não tenho tempo para explicar. Eu tenho um problema. Wargs no meu porão. Se eles saem de casa ...

— Merda. Ok, eu vou reunir uma equipe e contê-los.

— Não os mate.

— Eu sei. Vamos ter cuidado.



Runa desligou, perguntando-se, se mesmo após ser ligada a um demônio, ela ainda se sentia estranha por Tayla garantir a segurança de criaturas como lobisomens, em vez de matá-los. Certo, Runa queria matar Luc pelo o que ele fez com ela, mas estava grata que não o tinha. Ele não era o cara mais simpático do planeta, mas tinha, a seu modo ríspido, pedido desculpas por atacá-la.

O pedido de desculpas não era necessário. Ela era mais forte, mais resistente, e seu tempo mais longo lhe daria tempo de sobra com Shade. Se a cura se tornasse disponível, ela rejeitaria.

Ela olhou para os homens que estavam destruindo o porão. Ela ficaria feliz de injetar neles a cura, no entanto.

O rugido do Shade sacudiu toda a casa. Seu aroma inundou o porão quando ele voou escada abaixo e saltou para o centro da batalha. Ele ainda usava roupa de hospital, mas usava com as botas de combate como de costume, e que causava aos rivais um mundo de dor, e ele conseguiu chutar tão altos quanto suas cabeças.

— Mantenha-se na jaula! — Ele gritou com ela, quando ela alcançou o bloqueio.

— Mas você poderia simplesmente deslizar para dentro -

— Eu preciso ganhar desses.

Seu coração inchou. Após um ano sendo um metamorfo, ela compreendeu instintivamente a sua determinação. As lutas atingiram o seu lado humano barbaramente, mas a parte dela que era do sexo feminino e warg apreciava da emoção crua de ser o prêmio em uma velha batalha pela posse.

Se o entusiasmo de Shade fosse qualquer indicação, ele se sentia da mesma maneira. Ele precisava lutar por ela. Queria lutar por ela. Ele tinha se ligado a ela como um demônio Seminus, mas ele era obrigado a fazer o mesmo como um Warg.

Um arrepio tanto de entusiasmo feminino como de medo eriçou sua pele. Se ele perdesse ...

A bota de Shade pegou o homem de cabelos escuros bem no peito, arremessando-o contra uma prateleira de produtos enlatados. Quando o outro homem caiu no chão, inconsciente, Runa soltou um suspiro aliviado. Um abaixo, um para ir.



Testosterona e fúria transformaram o ar quando o loiro lançou-se em Shade, fazendo com que os dois batessem no corrimão da escada. O loiro golpeou com tudo o queixo do Shade, que jogou sua cabeça para trás bruscamente com força suficiente para deixar seus olhos vidrados.

— Shade! — Ela sacudiu a gaiola, tentando desastradamente a combinação do fecho, enquanto o loiro aproveitava o estado atordoado de Shade e puxava um canivete suíço do bolso do jeans.

Em um rápido movimento circular, o homem girou a lâmina. Shade se afastou no último momento. A lâmina desferiu um rude golpe no ombro, fatiando sua roupa de hospital e deixando uma fina linha vermelha.

— Filho da puta, — Shade rosnou. Ele girou, esmagando uma série de golpes no torso do outro homem e o rosto com seus punhos e pés. A faca voou para fora da mão do loiro, mas em cerca de dez segundos, seria inútil de qualquer maneira ...

A contração dolorosa de pele de Runa a pegou de surpresa. A mudança estava em todos eles.

— Depressa Shade!

Com as mãos trêmulas e já começando a alongar, ela tirou suas roupas. Shade pegou o loiro com um braço peludo e bateu-o no chão, em seguida, deu um pontapé rapidamente. O loiro chutou seu tornozelo, trazendo Shade para o chão junto com ele. Ambos eram mais bestas do que homens agora, e suas mandíbulas e garras trouxeram um novo elemento de perigo - e emoção - para a batalha.

A mente de Runa começou a ficar vaga, seus pensamentos seqüestrados por seu crescente desejo, seu corpo tomado pelo cheiro de batalha no ar. A porta. Ela precisava abrir a porta antes que não fosse nada além de um animal.

Ela se atrapalhou com o fecho, e quando a porta clicou aberta, dor rasgou através dela. Seus ossos racharam e suas articulações esticaram-se, e através do rugido de sangue correndo em suas orelhas, ela ouviu os gemidos de agonia dos machos também. Esta era a pior parte de ser um lobisomem, lidar com a dolorosa transformação.

Mesmo com toda a miséria, Shade, de alguma forma, manteve a sua determinação em vencer a batalha.



Ele encostou na testa do outro warg e bateu sua cabeça no chão de concreto. O estalo ecoou no porão e, pelo tempo que tinha desaparecido, Shade estava lá, pulando pela porta da gaiola. Ele bateu, fechando-a e, embora ele não tenha trancado, ela não se importou. A transformação a tinha tomado completamente.

E então, havia o cio reprodutivo.

Shade parou diante dela com as duas pernas em preto-peludo, uma criatura enorme e bonita, que estava tão completamente excitado quanto ela. Ele investiu contra ela, e ela se esquivou para o lado. Por mais que quisesse, ele tinha mais um teste para passar.

Ele tinha que vencê-la também.

Seu rugido erótico varreu-a como uma carícia muscular profunda, aquecendo-a, preparando-a para ele. Agora ela era pouco mais que uma massa furiosa de hormônios, e, lá no fundo, seu ventre contraiu-se e seu sexo cerrou-se. Ainda assim, quando ele a alcançou, ela reduziu-o com suas garras.

Em um instante, ele estava em cima dela. Ela rosnou, agarrando-o com os dentes, mas ele fechou suas mandíbulas em sua nuca e segurou-a no lugar. Com uma última explosão de energia, ela se jogou para o lado, deslocando-o momentaneamente uma vez que caiu para o lado da gaiola.

Sua vitória foi de curta duração, e em um borrão de pêlos e dentes, ele tinha-a onde queria mais uma vez, e em uma suave e poderosa pulsação, preencheu-a.

Êxtase explodiu através de seu corpo, muito mais do que uma embriaguez sexual. Com ou sem uma ligação Seminus, esse era seu verdadeiro parceiro.

O uivo de Shade se juntou ao dela, uma festa na noite.



Shade acordou nu, espancado, exausto e todo bobo com Runa, que se mexeu quando se esticou. Estremecendo com a pontada de dores musculares e nas articulações, acariciou-lhe o braço.



Seus olhos ainda estavam fechados, principalmente porque ele planejava voltar a dormir por uma semana.

As três últimas noites e dias tinham sido as mais desgastantes de sua vida. Não que ele estivesse reclamando. Ele e Runa tinham acasalado constantemente em ambas as suas formas warg e verdadeiras, fazendo pausas durante o dia apenas para comer. Alguém, provavelmente Tayla ou Eidolon, havia deixado carne na primeira noite, ele não se lembrava deles chegando para tirar os homens com quem ele lutou e para bloquear a porta da gaiola para que ele e Runa não escapassem, mas estava muito feliz por não se lembrar. Sem dúvida, eles aprenderam um bando de hábitos de acasalamento de lobisomens.

E. nunca iria deixá-lo se livrar disso.

Sob a sua mão, a pele sedosa de Runa aqueceu-se. Não apenas aqueceu-se, mas queimou sua mão. Ele lutou para abrir os olhos. Sua visão estava embaçada, e tendo a juba de Runa em seu rosto não ajudava. Gemendo, ele empurrou-se sobre um cotovelo.

— Mmm. — Runa bocejou. — O que você está fazendo?

— Eu- — Ele congelou. Sua respiração presa como um soco em sua garganta. Seu braço esquerdo ... santo inferno.

Runa lhe lançou um olhar preocupado sobre o ombro. — O que há de errado?

Ele não conseguia desviar seu olhar para longe do seu braço. — Você está marcada. Você tem a minha marca de companheira.

— Sério? — Enquanto ela se contorcia para sentar-se, seu sorriso bateu-lhe no coração.

— Oh, uau. É real, não é? — Sua mão desceu sobre a sua, e ela torceu seus dedos juntos enquanto traçava os padrões em sua pele. — Estamos ligados.

— Sim. — Uma emoção intensa o fez soar como se tivesse engolido um caminhão de vidro moído. — Você é minha agora.

Sua mão se acalmou, e seu olhar fixou-se no dele. — Eu sempre fui. Você simplesmente não podia vê-lo.

— Eu sinto muito



Ela pressionou os dedos em seus lábios. —Você não podia vê-lo porque sua vida estava no caminho.

Ele beijou sua mão, o mais carinhosamente que pôde, deixando seus lábios se prolongarem. — Você merecia muito mais do que eu lhe dei.

— Sim, — disse ela de forma inteligente, —Eu merecia. Mas, assim como você, eu não podia vê-lo. —Ela alcançou-o e alisou as partes elevadas dos seus dedos sobre a sua marca pessoal no topo da sua *dermoire*. — Um olho cego.

— Eu sempre me perguntei por que esse era o meu símbolo. E. tem um conjunto de balanças, mas ele nasceu um demônio Justiça, de modo que fazia sentido. Wraith tem uma ampulheta ... nós sempre brincamos que é porque ele é impaciente e nunca é pontual. Mas a minha ... nunca fez sentido.

— Está aberta agora.

— O que você quer dizer?

— A sua marca. É um olho aberto agora. Não mais cego.

Os olhos de Shade ardiam. — As balanças de Eidolon estavam desequilibradas até ele se ligar à Tayla.

Ele engoliu em seco, tentando não fazer nada tão emotivo como chorar. — Ele não descobriu a mudança por dias.

— Então, ele está equilibrado agora ... e você não está mais cego.

— Nunca mais.

Ela rolou, enganchando-se sobre sua perna, e guiou-o para dentro dela. Depois das últimas três noites, ele não pensou que poderia ficar excitado novamente, não por semanas, pelo menos, mas tê-la nua e aquecida esfregando-se contra seu corpo desencadeou sensações que não podia negar.

O toque de um telefone celular interrompeu seus pensamentos inadequados.

— Eu não vou responder, ele murmurou.

— Você precisa. É toque de seu irmão.



Shade acomodou Runa debaixo dele e deixou o correio eletrônico atender. Eidolon ia ter que esperar.



A mensagem de Eidolon no correio de voz acabou por ser urgente e então Shade e Runa tomaram banho, comeram rapidamente um café da manhã - ele fez panquecas para ela, porque nada melhor do que comer carboidratos após três noites de carne crua - e acelerou para o UG em sua Harley. Eles descobriram Eidolon em seu escritório, carrancudo com uma pilha de papéis sobre sua mesa.

— Eu finalmente consegui de volta o relatório de inventário do almoxarifado, — ele disse, sem ao menos um Olá.

— Nós temos um problema.

Shade se sentou e puxou Runa para seu colo. — Então Roag definitivamente fugiu com alguma coisa? — Quando E acenou com a cabeça, Shade amaldiçoou. Seu irmão tinha ido embora para sempre e mesmo assim ainda estava causando problemas. Eles deviam saber que ele tinha irrompido dentro do almoxarifado em algum lugar do tempo em que ele tentou matar Luc, mas não sabiam o quê, exatamente, ele tinha roubado.

— O que ele pegou?

— Entre outras coisas, o Olho de Eth e a necrotoxina mordlair.

Olho de Eth era uma esfera de cristal usado para adivinhação, mas o outro ... o nome me lembrou algo, mas só vagamente. — E isto é?

— Um veneno para o qual não há cura.

Shade levantou uma sobrancelha. — E você tinha isto ... Por quê?

— Porque eu descobri que, em quantidades microscópicas, pode curar Leceplic Pox em Trillahs.





Anéis do inferno¹⁷. — Eu estou supondo que Roag não foi atrás disto para partir em alguma missão demonitária para salvar Trillaahs de uma doença que atinge um a cada cem mil anos.

— Você acha?

A mão quente de Runa deslizou de suas costas para o seu pescoço, onde ela massageava os músculos que estavam começando a ficar nervosos. — Bem, o bastardo está, para todos os intentos e propósitos, morto. Ele não pode ferir ninguém com isto.

— Eu espero que você esteja certo, — E. disse, e depois revirou os olhos com o ronco animado do Shade.

— Sim, eu sou paranóico.

— Não me diga.

E deu-lhe um olhar vazio.

— Você precisa transar.

Os olhos de Eidolon se iluminaram, e Shade sabia que seu irmão tinha Tayla em sua cabeça. Shade deu um beijo no pescoço de Runa, porque ele sabia exatamente o que era ter uma mulher, sexy e linda em sua cabeça. E em seu colo. E em sua-

— Com o que E está paranóico agora?

Shade olhava para cima para ver Wraith de pé na porta, um ombro preparado contra o batente, braços cruzados e... *Putá merda*. Esta era a primeira vez que eles viam Wraith em um mês, o que não era incomum.

Mas ele ostentava uma *dermoire* facial.

Ele passou pelo *s'genesis*.

Um ano mais cedo.

O silêncio esticou-se, e a mão de Runa pousou no pescoço do Shade.

¹⁷ Bem pode ser isso mesmo, no sentido literal da frase. Ou achei na net, que realmente são anéis, que algumas pessoas possuem em troca de suas almas, cada anel tem uma poder diferente.



— Filho da puta, — Shade murmurou.

E recostou-se na cadeira, braços sobre o peito, uma expressão séria no rosto. — Há algo que você queira nos dizer?

Wraith deu de ombros, como se tudo isso fosse uma grande piada. — A feiticeira que me deu o feitiço de transferência para a maldição do Shade, ela ajudou com a s'genesis junto. Por um preço, claro.

Pelo sorriso maroto no rosto de Wraith, Shade podia adivinhar que preço tinha sido. Ele queria perguntar por que Wraith tinha feito isso, mas ele sabia. Como um Seminus, não sendo ligado a ninguém e capaz de fazer aquilo que sua espécie tinha nascido para fazer, ele tinha poucos cuidados ou preocupações com alguém – impregnando fêmeas. Wraith viveu no inferno nos últimos 99 anos, e enquanto A Mudança não iria apagar o seu passado, isto iria fazê-lo parecer distante. Sem tempo para pensar sobre isto e com a sua mente completamente cheia de nenhum outro pensamento que não seja onde encontrar outra fêmea, Wraith era, de certa forma, livre.

Inferno, Shade estava chocado que Wraith tinha sequer se preocupado em passar pelo hospital.

— Por que sua marca é no rosto, em vez de no pescoço? — Os dedos de Runa passearam pela garganta do Shade, e ele quase começou a ronronar.

— Porque ele é um macho sem quaisquer ligações.

— E isso vai ficar deste jeito, — Wraith disse, deslocando seu olhar para Runa, que tirou o seu casaco. — Ei, ela tem a marca de companheira!

E balançou a cabeça ao redor. — Como?

— Legal, né? — Shade trouxe a mão marcada de Runa aos seus lábios. — Não faço idéia como isto aconteceu. Ou por quê. Nós acordamos hoje de manhã, e lá estava ela.

— A noite passada foi de lua cheia, — Wraith meditou, e depois era a vez dele franzir a testa enquanto olhava para Runa. — Você estava na temporada¹⁸?

¹⁸ ele se refere ao cio reprodutivo





Runa mudou para cerca de oito tons de vermelho. Shade acariciou seu braço, traçando as novas marcas, e respondeu por ela. — Yeah. E eu tenho as fodidas cicatrizes para provar isso. Por quê?

Wraith balançou a cabeça. — Luc me disse alguma coisa uma vez. Ele disse que wargs só se acasalam durante a temporada de cio da fêmea, e, em seguida, apenas se ela ficar grávida.

A respiração do Shade ficou presa. — Isso deve ter tornado completa a nossa união.

— Você quer dizer ... — A voz de Runa era um sussurro.

— Vamos ver. — A mão do Shade tremia quando ele agarrou a mão dela na sua.

Sua *dermoire* brilhou, e o calor se espalhou pelo seu braço quando o seu poder entrou em seu corpo. Ele viajou através de sua corrente sanguínea, até chegar a seu ventre. Ele prendeu a respiração quando sondou e descobriu o que estava procurando. Um óvulo fecundado.

— Shade?

Ele teve que engolir o nó na garganta antes que pudesse falar. — Wraith está certo. Oh, cara, vamos ser pais. — Ele fez uma pausa, seu poder passando por outro ovulo. E mais outro. — Três deles. Nós vamos ter três bebês.

Pela expressão atordoada no rosto de Runa, ele não poderia dizer se ela estava feliz ou não, mas ele estava sorrindo como um idiota. Filhos. Ele ia ter três deles.

— Parabéns, mano, — Wraith, disse, batendo-lhe nas costas em seu caminho para fora da porta.

— Melhor você do que eu.

Com isso, Wraith se foi. Eidolon começou a se levantar, sua preocupação com a nova condição de Wraith vinha em ondas. Wraith era uma granada sem o pino pronta para explodir.

Mas na porta, seu irmão fez uma pausa. — Estou feliz por você, cara. Só não me peça para ser babá. — Eidolon sorriu, e saiu.

Shade respirou fundo e moldou o rosto de Runa em suas mãos. — Você está bem com isso? Com tudo o que aconteceu com você por causa de mim?



Um sorriso lento iluminou seu rosto radiante. — Estou mais que bem, Shade. Pela primeira vez na minha vida, estou viva. E você me deu isso. — Ela arrastou um dedo por sua *dermoire*.

— Acho que você ainda está amaldiçoado. Amaldiçoado a ficar comigo.

— Eu posso viver com isso, — ele resmungou, seus olhos ardendo novamente. Runa trouxe o melhor dele quando tinha acreditado que não havia um melhor em si mesmo.

Ser amaldiçoado a amar Runa era a melhor maldição de todas.

Fim...

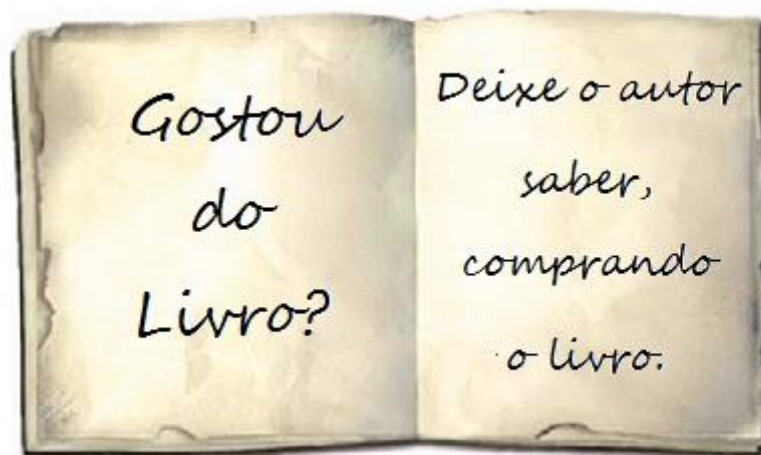
A série Demonica continua em : *Passion Unleashed*



AFTER DARK



Larissa Ione, uma veterana das Forças Aéreas, tem sido meteorologista, técnica em emergências médicas e treinadora de cães, mas nunca perdeu a esperança de se dedicar a sua autêntica paixão, a escrita. Felizmente, hoje em dia dedica-se em corpo e alma a suas novelas, o que é uma bênção tendo em conta a carreira militar de seu marido. Vive de um lado a outro com seu esposo, um guardacostas dos Estados Unidos, seu filho e, como amante dos animais que é, uns quantos mascotes. Ainda que sempre considerou que seu autêntico lar se encontra na costa do Pacífico Noroeste.





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

❧ *All Creatures of the night get together After dark* ❧

